



Universidade do Porto

FPCEUP Faculdade de Psicologia
e de Ciências da Educação

**CIDADE EDUCADORA, UM DESAFIO PARA A ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL:
Novas Perspectivas de Organização e Intervenção Municipal**

SANDRA MANUELA MARTINS IGREJA

Maio de 2007

Título da Dissertação:

**CIDADE EDUCADORA, UM DESAFIO PARA A ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL:
Novas Perspectivas de Organização e Intervenção Municipal**

Dissertação apresentada na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação, Especialização em Educação e Expressões Artísticas.

Autora: Sandra Manuela Martins Igreja
Orientadora: Professora Doutora Manuela Terrasêca

Maio de 2007

RESUMO DA DISSERTAÇÃO

O presente estudo: *Cidade Educadora, um desafio para a Animação Sociocultural: Novas Perspectivas de Organização e Intervenção Municipal*, surge influenciado pela realidade envolvente que, cada vez mais, aponta para a necessidade de se pôr em prática novos conceitos de Educação. Este trabalho assume-se num contexto educativo muito vasto, no qual a educação se constitui como base de toda a evolução humana, destacando-se a relação dialéctica educação e desenvolvimento local. Deste modo, os conceitos que marcam as questões orientadoras desta dissertação são especialmente: cidade educadora; animação sociocultural; educação; educação ao longo da vida; expressões artísticas; animação comunitária; comunidade; participação.

A dissertação divide-se em três partes. A primeira parte corresponde ao Quadro Conceptual, a segunda parte ao Quadro Empírico e a terceira parte integra um percurso relacional, no qual se evidenciam as principais considerações para o tema de estudo. Desenvolve-se em torno do Movimento Cidades Educadoras, interpretando os seus princípios de actuação, organização e evolução do movimento, destaca o seu significado como espaço territorial para a educação do indivíduo e da comunidade. Com base na dialéctica educação - território a cidade surge como recurso educativo, que pode ser descoberta e que pode ser “ensinada aos cidadãos”, como um “Sistema Formativo Integrado”. Com esta abordagem traduz-se, simultaneamente, os desafios que o Movimento Cidades Educadoras lança para a expansão dos processos de animação sociocultural, compreendendo a presença e desenvolvimento desta metodologia de intervenção na dinâmica inerente às cidades educadoras e o seu papel como prática que tem por finalidade estimular a iniciativa e participação das comunidades, no processo do seu próprio desenvolvimento e na dinâmica global onde estão integradas.

No âmbito da investigação e, nomeadamente, no decurso do trabalho empírico, analisa-se a *capacidade educadora* de um município em concreto, o Município de Barcelos, mediante a participação dos responsáveis de um conjunto de instituições e de indivíduos da comunidade em geral. Sustentam-se, deste modo, as condições que os actores deste processo identificam como existentes, e as que entendem ser necessárias alcançar para que Barcelos se constitua Cidade Educadora.

ABSTRACT

The present study: *Educating City, a challenge for the Sociocultural Animation: New Perspectives of Organization and Municipal Intervention*, appears influenced by the involving reality that increasingly points out the necessity of putting in practice new concepts of Education. This work is assumed in a very vast educative context, in which the education constitutes a base of all the human evolution, with focus on the relation between education and local development. This way, the key words of this study are especially: educating city; sociocultural animation; education; education throughout life; artistic expressions; community animation; community; participation.

This study is divided into three parts. The first part corresponds to the theoretic section, the second part to the experimental section and the third part integrates an active relation between the previous two sections, where the main considerations for the subject in study are in evidence. It develops around the Educating Cities Movement, interpreting the ideology, organization and evolution of the movement, and detaches the meaning as territorial space for the education of the individual and the community. On the basis of the relation education-territory, the city appears as an educative resource that can be discovered and that can “be taught to the society” as an “Integrated Formative System”. This study simultaneously expresses the challenges that the Educating Cities Movement made to the expansion of the processes of sociocultural animation, understanding the presence and development of this methodology of intervention in the intrinsic dynamics from the Educating Cities and their roll as practice with the purpose of stimulating the initiative and participation of the communities, in the process of its self development and in the global dynamics where they are integrated.

Throughout the investigation and, especially, in the continuation of the empirical work, the educating capacity from a city, the Barcelos city, is analyzed with the participation of managers from several institutions and individuals from the community in general. This way, there are explained the conditions that the players of this process identify as existing, and the ones that they understand to be necessary to achieve, so that Barcelos becomes an Educating City.

RÉSUMÉ

Cette étude: *La Ville Educatrice, un défi pour l'Animation Socioculturelle: Les nouvelles perspectives de l'organisation et de l'intervention municipale*, est influencée par la réalité qui nous entoure et que, chaque fois plus, montre la nécessité de mettre en marche de nouveaux concepts pratiques d'éducation. Ce travail est assumé dans un contexte éducatif très vaste, dans lequel l'éducation se constitue comme la base de toute l'évolution humaine, particularisant la relation dialectique: éducation et développement local. De cette façon, les concepts qui marquent les questions d'orientation de cette dissertation sont particulièrement: la ville éducatrice; l'animation socioculturelle; l'éducation; l'éducation au long de la vie; les expressions artistiques; l'animation communautaire; la communauté et la participation.

L'étude se divise en trois parties. La première partie correspond au Cadre Conceptuel, la seconde partie au Cadre Empirique et la troisième partie intègre un passage de relation, dans lequel les principales considérations pour le sujet de l'étude sont mises en évidence. Elle se développe autour du Mouvement Villes Éducatrices, interprétant ses principes d'actuation, l'organisation et l'évolution du mouvement et démontre sa signification en tant qu'espace territorial pour l'éducation de l'individu et de la communauté. Par l'action "éducation - territoire", la ville apparaît comme une ressource éducative, qui peut être découverte et être "enseignée aux citoyens", comme un "Système Formateur Intégré". De cette façon, on exprime, simultanément, les défis que le Mouvement Villes Educatrices proposent pour l'expansion des processus de l'animation socioculturelle, en contenant la présence et le développement de cette méthodologie d'intervention dans la dynamique inhérente aux Villes Éducatrices et son papier tant que pratique, qui a pour but stimuler l'initiative et la participation des communautés, dans le processus de développement et dans la dynamique globale où elles sont intégrées.

Au long de l'investigation et, principalement, dans la partie empirique, on analyse la capacité éducatrice d'une ville, en particulier la ville de Barcelos, selon la participation des dirigeants d'un ensemble d'établissements et d'individus de la communauté en général. On soutient, de cette façon, les conditions que les acteurs de ce processus identifient comme existantes, et celles qu'ils considèrent être nécessaires à fin que Barcelos soit constituée Ville Éducatrice.

AGRADECIMENTOS

À Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, promotora do Mestrado em Ciências da Educação, Especialização em Educação e Expressões Artísticas, e em especial aos seus coordenadores, Professora Doutora Manuela Terrasêca, Professora Doutora Natércia Pacheco, Professor Doutor Rui Trindade, pela pertinência desta área de especialização e pela possibilidade que tive de a realizar e aprofundar.

À Professora Doutora Manuela Terrasêca, orientadora deste trabalho, pela disponibilidade sempre demonstrada, pelo rigor e oportunidade dos seus comentários críticos, por me ter concedido liberdade para trabalhar de acordo com o ritmo possível e por me ter incitado sempre, a minha consideração e estima.

Ao Professor Doutor Avelino Bento pela forma como me despertou, no longínquo ano de 1994, para as questões da Animação e Intervenção Sociocultural, pelo contributo para a minha formação académica. O reencontro neste Mestrado foi de grande satisfação, uma palavra de agradecimento pela amizade e incentivo sempre demonstrados.

Ao Dr. Fernando Reis, Presidente da Câmara Municipal de Barcelos, por ter encontrado disponibilidade para participar neste estudo, concedendo-me uma entrevista sobre o Movimento Cidades Educadoras e sobre a instituição que representa, no contexto deste movimento. Agradeço também pelas diversas oportunidades de intervenção educativa e sociocultural que me tem permitido, no município de Barcelos, que vêm conferir um outro sentido a este trabalho.

À Dr.^a Sandra Cordeiro, exemplo de ânimo e confiança, pela amizade e apoio sempre demonstrados, pela energia positiva que sempre consegue transmitir. Companheira de um percurso, iniciado em 1993 em torno da Animação Sociocultural, que se tem vindo a solidificar pelos fortes laços de afecto existentes.

À Dr.^a Joana Garrido Fernandes, Vereadora da Cultura, Juventude, Turismo e Artesanato, na Câmara Municipal de Barcelos, pelo apoio e disponibilidade para

participar no meu estudo, através da entrevista concedida sobre o Movimento Cidades Educadoras e sobre as áreas que representa, no contexto deste movimento. Pela deferência demonstrada e pela forma humana e saudavelmente exigente que deposita nas relações com as pessoas e nas acções que promove.

Ao Dr. Carlos Alberto Cardoso, Presidente da Empresa Municipal de Educação e Cultura de Barcelos, pela entrevista dada sobre o Movimento Cidades Educadoras e sobre a instituição que representa, no contexto deste movimento. Pela disponibilidade, pela atitude receptiva e encorajadora que sempre manifesta.

À minha cunhada, Natália Silva, uma especial palavra de agradecimento pela disponibilidade e solidariedade, pelo incentivo manifestado em todos os momentos e em todas as circunstâncias, pela preocupação demonstrada na evolução do meu trabalho académico. Por ter sido sempre uma amiga.

Ao Dr. Manuel Reis, Presidente do Círculo Católico de Operários de Barcelos, exemplo de honestidade e rigor, agradeço a entrevista concedida sobre o Movimento Cidades Educadoras e sobre a instituição que representa, no contexto deste movimento. Agradeço também os preciosos contributos informais, “recolhidos” nas várias conversas, especialmente na forma como interpreta e valoriza as relações sociais, o papel da família, o voluntariado, a inter-ajuda e, fundamentalmente, o que é ser um agente educativo e sociocultural.

À Dr.^a Flora Gomes, grande amiga, pelo incitamento e pela preocupação demonstrada na evolução do meu trabalho académico.

À Dr.^a Patrícia Sousa, Chefe do Agrupamento de Escuteiros 1204, pela disponibilidade para participar neste estudo, nomeadamente através da entrevista concedida sobre o Movimento Cidades Educadoras e sobre o agrupamento que representa, no contexto deste movimento.

Ao Dr. Afonso Inácio, Director do Centro de Saúde de Barcelos/ Barcelinhos, pela colaboração sempre manifestada e pela disponibilidade para participar neste estudo, nomeadamente através da entrevista concedida sobre o Movimento

Cidades Educadoras e sobre a instituição que representa, no contexto deste movimento. O meu reconhecimento pela oportunidade do seu sentido crítico.

Ao Professor Fernando Loureiro pela informação disponibilizada e pelo interesse demonstrado pela evolução deste trabalho.

Ao Dr. Mário Constantino Lopes, Administrador da Empresa Municipal de Desportos de Barcelos, pelo incentivo inicial concedido e pela disponibilidade manifestada para participar neste estudo, nomeadamente através da entrevista concedida sobre o Movimento Cidades Educadoras e sobre a instituição que representa, no contexto deste movimento.

À Dr.^a Ângela Loureiro, amiga e colega de trabalho, distinta colaboradora do Gabinete da Juventude da Câmara Municipal de Barcelos, pela disponibilidade sempre presente em todos os momentos e circunstâncias.

Ao Dr. Augusto Vilas Boas, Presidente da Junta de Freguesia de Góios, pela entrevista concedida sobre o Movimento Cidades Educadoras e sobre a instituição que representa, no contexto deste movimento.

Ao Dr. Manuel Lourenço, Presidente do Conselho Executivo da Escola Secundária Alcides de Faria, pela entrevista concedida sobre o Movimento Cidades Educadoras e sobre o estabelecimento de ensino que representa, no contexto deste movimento.

À Dr.^a Ana Paula Brito pela informação concedida.

Ao Departamento de Educação e Juventude da Câmara Municipal de Lisboa, pela informação disponibilizada.

Ao Domingos pela indispensável raiz dos afectos.

Ao meu filho, Afonso,
que fez com que a minha vida se transformasse num sonho.

ABREVIATURAS

ASC-	Animação Sociocultural.
AICE-	Associação Internacional das Cidades Educadoras.
ANASC-	Associação Nacional de Animadores Socioculturais.
ANMP-	Associação Nacional de Municípios Portugueses.
BIDCE-	Banco Internacional de Documentos das Cidades Educadoras.
CMB-	Câmara Municipal de Barcelos.
CE-	Cidade Educadora.
EIA's-	Equipas de Intervenção Artística.
EMEC-	Empresa Municipal de Educação e Cultura de Barcelos.
S/P-	Sem página.
UNESCO-	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura.

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO	15
-------------------------	-----------

1ª Parte – QUADRO CONCEPTUAL

Capítulo I O Movimento Cidades Educadoras	20
--------------------------------------------------------	-----------

1.1. Aproximação aos conceitos: Cidade Educativa e Cidade Educadora	21
1. 1.1. Novas possibilidades de acção local.....	21
1. 2. Emergência do Movimento Cidades Educadoras	29
1.2.1. A cidade e a sua capacidade educadora	29
1.2.2. O município como agente regulador	31
1.3. Associação Internacional das Cidades Educadoras – Um Projecto Relacional	34
1. 4. Cidade Educadora – Contextos de Intervenção em Portugal.....	41

Capítulo II Animação Sociocultural e Educação	45
------------------------------------------------------------	-----------

2. 1. Animação Sociocultural - Um Modelo de Intervenção.....	46
2.2. Animação Sociocultural e Educação: uma Educação com Ligação à Vida	51
2.2.1. Animação Socioeducativa	53
2.2.2. A Educação de Adultos e a Educação Permanente no contexto da Animação Sociocultural	54
2.3. Educação e Expressões Artísticas: um Percorso de Aprendizagens	60
2.4. Animação Comunitária - Lógica de Participação, Cidadania e Desenvolvimento Local	73

2ª Parte – QUADRO METODOLÓGICO

Capítulo III Metodologia Integradora na Recolha de Informações	82
-----------------------------------------------------------------------------	-----------

3.1. O Campo Metodológico como Sistema	83
----------------------------------------------	----

Capítulo IV Trabalho Empírico - Recolha de Informações	92
---------------------------------------------------------------------	-----------

4.1. A Entrevista	93
-------------------------	----

4.2.	O Questionário	95
4.3.	Outras Formas de Recolha de Dados	97
Capítulo V Tratamento das Informações Recolhidas		99
5.1.	A Análise de Conteúdo	100
5.2.	Análise de Conteúdo das Entrevistas.....	102
5.2.1.	Percurso e actividade das instituições inquiridas	107
5.2.2.	Conhecimento do Movimento Cidades Educadoras: Cidades identificadas no movimento e traços de caracterização do movimento.....	110
5.2.3.	As instituições face à integração de Barcelos no Movimento Cidades Educadoras	112
5.2.4.	Principais áreas de intervenção municipal e benefícios para a comunidade com a criação da Cidade Educadora	115
5.2.5.	Dinâmicas a desenvolver com a implementação do Movimento Cidades Educadoras em Barcelos	117
5.2.6.	Forma de intervenção e animação sociocultural considerada mais correcta	120
5.3.	Apresentação do espaço onde foi administrado o questionário	124
5.3.1.	Contextualização do grupo inquirido	126
5.4.	Análise dos Questionários	129
5.4.1.	Identificação dos inquiridos: Localidade, Género, Idade/ grupo etário, Grau de escolaridade.....	129
5.4.2.	Conhecimento do Movimento Cidades Educadoras	131
5.4.3.	Traços de caracterização do Movimento Cidades Educadoras.....	133
5.4.4.	Considerações sobre a viabilidade da integração de Barcelos no Movimento Cidades Educadoras	134
5.4.5.	Princípios considerados fundamentais para que Barcelos alcance o título Cidade Educadora	136
5.4.6.	Possíveis resultados com a integração de Barcelos no Movimento Cidades Educadoras	137
5.4.7.	Actividades educativas e socioculturais identificadas na freguesia e no concelho e instituições responsáveis	139
5.4.8.	Outras propostas de actividade para o desenvolvimento e melhoria da qualidade de vida da comunidade	142

3ª Parte – DO QUADRO CONCEPTUAL AO QUADRO METODOLÓGICO

Capítulo VI Principais Considerações para o Tema em Estudo	145
6.1. Percurso pelo Quadro Conceptual e Quadro Metodológico, Principais considerações para o tema de estudo	146
6.1.1. A importância da educação das crianças e dos jovens e da educação ao longo da vida, numa perspectiva de educação permanente	146
6.1.2. A necessidade de valorização do património	150
6.1.3. A participação integrada como forma de desenvolvimento	155
CONCLUSÃO	159
BIBLIOGRAFIA	164

ÍNDICE DOS ANEXOS

1. Informação referente ao Movimento Cidades Educadoras	
1.1. Documentos referentes ao Movimento Cidades Educadoras	176
1.1.1. Carta das Cidades Educadoras	176
1.1.2. Estatutos da AICE	184
1.1.3. Regimento de Coordenação da Rede Portuguesa das Cidades Educadoras	194
1.2. Quadro 1- Países e Cidades aderentes ao Movimento Cidades Educadoras	198
2. Entrevista	201
2.1. Guião da entrevista	201
2.2. Entrevistas Realizadas	202
2.2.1. Entrevista com Afonso Inácio, Director do Centro de Saúde de Barcelos/ Barcelinhos	202
2.2.2. Entrevista com Carlos Alberto Cardoso, Presidente da Empresa Municipal de Educação e Cultura de Barcelos	207
2.2.3. Entrevista com Manuel Reis, Presidente do Círculo Católico de Operários de Barcelos	214
2.2.4. Entrevista com Augusto Vilas Boas, Presidente da Junta de	

Freguesia de Góios	217
2.2.5. Entrevista com Patrícia Sousa, Chefe do Agrupamento de Escuteiros 1204	220
2.2.6. Entrevista com Mário Constantino Lopes, Administrador da Empresa Municipal de Desportos de Barcelos	228
2.2.7. Entrevista com Manuel Lourenço, Presidente do Conselho Executivo da Escola Secundária Alcaides de Faria	231
2.2.8. Entrevista com Fernando Reis, Presidente da Câmara Municipal de Barcelos	234
2.2.9. Entrevista com Joana Garrido Fernandes, Vereadora dos Pelouros: Juventude, Cultura, Turismo e Artesanato	236
3. Análise de Conteúdo das Entrevistas	240
4. Relatório de Actividades do Gabinete da Juventude da Câmara Municipal de Barcelos, ano 2006	269
5. Gráfico 5. Registos de entrada no Gabinete da Juventude da Câmara Municipal de Barcelos	291
6. Questionários	292
6.1. Guião do Questionário	292
6.2. Gráficos de Análise dos Questionários	294
6.2.1. Gráfico 1.1. Identificação da população inquirida: localidade	294
6.2.2. Gráfico 1.2. Identificação da população inquirida: género	295
6.2.3. Gráfico 1.3. Identificação da população inquirida: idade/ grupo etário	296
6.2.4. Gráfico 1.4. Identificação da população inquirida: grau de escolaridade	297
6.2.5. Gráfico 2.1. Conhecimento do Movimento CE: já ouviu falar no Movimento Cidades Educadoras?	298
6.2.6. Gráfico 2.3. Conhecimento do Movimento CE: o que consideram ser o Movimento CE.	299
6.2.7. Gráfico 3.1. a) Considerações sobre a viabilidade da integração de Barcelos no Movimento CE: motivos apresentados pelos inquiridos	300

6.2.8. Gráfico 3.1.b)	
Considerações sobre a viabilidade da integração de Barcelos no	
Movimento CE: motivos apresentados pelos inquiridos que	
consideram viável a integração de Barcelos no Movimento CE	301
6.2.9. Gráfico 3.2.	
Considerações sobre a viabilidade da integração de Barcelos no	
Movimento CE: princípios considerados fundamentais para que	
Barcelos alcance o título CE	302
6.2.10. Gráfico 3.3.	
Considerações sobre a viabilidade da integração de Barcelos no	
Movimento CE: possíveis resultados com a integração de	
Barcelos no Movimento CE	303
6.2.11. Gráfico 4.1. a)	
Actividades educativas e socioculturais identificadas na	
freguesia: instituições responsáveis pelas actividades identificadas	304
6.2.12. Gráfico 4.1. b) Actividades educativas e socioculturais	
identificadas na freguesia: actividades desportivas identificadas	
na freguesia	305
6.2.13. Gráfico 4.2. b) Actividades educativas e socioculturais identificadas	
no concelho: actividades desportivas identificadas no concelho	306
6.2.14. Gráfico 4.2. a)	
Actividades educativas e socioculturais identificadas no	
concelho: instituições responsáveis pelas actividades identificadas	307
6.2.15. Gráfico 4.3. Outras propostas de actividade para o desenvolvimento	
e melhoria da qualidade de vida da comunidade	308

INTRODUÇÃO

O ser humano distingue-se pela cultura que é capaz de criar e desenvolver. A contínua criação e desenvolvimento cultural pressupõem uma enorme capacidade de aprendizagem, a possibilidade de a transmitir e, deste modo, a criação de novas formas de estar e de actuar sobre a realidade. Reflectindo sobre esta presença pode-se verificar que o factor educação está na base da evolução humana.

A complexidade do mundo contemporâneo é tal que o que aprendemos é parcelar, superficial, insuficiente; a incerteza instala-se trazendo consigo a insegurança e a angústia. Estas realidades apontam para a necessidade de novos conceitos de educação, para uma “educação com ligação à vida”, para uma “educação ao longo da vida”.

O Movimento Cidades Educadoras e tudo o que lhe é inerente têm-me despertado especial interesse, facto que faz com que o constitua como base de investigação, percebendo os princípios de actuação, organização, dinâmica e alternativas que apresenta para a dinâmica da comunidade. Com esta abordagem procurarei traduzir os desafios que lança para a expansão dos processos de animação sociocultural e de desenvolvimento local. No âmbito da investigação e, nomeadamente, no decurso do trabalho empírico, pretendo estudar a *capacidade educadora* de uma cidade em concreto, dando conta da sua estrutura organizativa, sustentando as condições que contempla e as necessárias para que se constitua como Cidade Educadora, tendo como suporte aquilo que os actores locais consideram. É com base nestes aspectos que surge o tema que se pretende construir nesta dissertação “*Cidade Educadora – Um Desafio para a Animação Sociocultural: Novas Perspectivas de Organização e Intervenção Municipal*”. Este tema assume-se num contexto educativo muito vasto, tendo como objectivo central o estudo da relação dialéctica educação e desenvolvimento local.

A investigação em torno do Movimento Cidades Educadoras e da metodologia de acção da Animação Sociocultural prende-se também com a vontade de participar no desenvolvimento da reflexão teórica nestes domínios. Com efeito, o percurso académico e profissional que tenho vindo a desenvolver está especialmente ligado ao campo da Animação Sociocultural, o que me tem permitido uma percepção teórica e prática da amplitude dos processos educativos,

evidenciando a forma como ultrapassam o espaço da educação formal e se estendem à vida da pessoa. Um percurso com o qual tenho identificado cada vez mais a importância da convivência, da relação, da humanização das relações; factores que se opõem aquilo que as designadas sociedades desenvolvidas nos exibem, frieza e distância das pessoas e das comunidades. Reconhece-se, assim, a importância e a necessidade de metodologias de intervenção que estimulem a iniciativa e a participação activa das populações, no processo do seu próprio desenvolvimento e na dinâmica global do meio onde estão integradas.

É neste contexto que fui construindo o tema da dissertação, afigurando-se a necessidade de corresponder a um estudo que permitisse aprofundar conceitos fundamentais no processo educativo e, por conseguinte, no próprio desenvolvimento das comunidades. Conceitos estes que se relacionam também com a minha área de actividade profissional e que traduzem inquietações que emergem no âmbito da mesma, podendo constituir, assim, uma mais valia no desempenho profissional e no crescimento enquanto profissional de animação sociocultural.

Os conceitos que se pretendem desenvolver e que marcam as questões orientadoras desta investigação, aquilo a que Bruyne, Herman e Schoutheete (1991) designam por *quadro de referência*, são os seguintes: cidade educadora; animação sociocultural; educação; educação ao longo da vida; expressões artísticas; animação comunitária; comunidade; participação.

A dissertação desenvolve-se em três partes. A primeira parte corresponde ao Quadro Conceptual, e contempla dois capítulos essenciais na construção deste percurso: “O Movimento Cidades Educadoras” e “Animação Sociocultural e Educação”. Estes capítulos pretendem a concretização de um quadro que considera e eleva o indivíduo, no qual se saliente a importância da sua participação nos desafios que a educação hodierna exige. Desenvolve-se em torno do Movimento Cidades Educadoras, interpretando os seus princípios de actuação, organização e evolução do movimento, destacando o seu significado como espaço territorial para a educação do indivíduo e da comunidade.

Com base na dialéctica educação – território, a cidade surge como recurso educativo, que pode ser descoberta e que pode ser “ensinada aos cidadãos”, como um “Sistema Formativo Integrado”. Com esta abordagem procura-se traduzir, simultaneamente, os desafios que o Movimento Cidades Educadoras

lança para a expansão dos processos de animação sociocultural, compreendendo a presença e desenvolvimento desta metodologia de intervenção na dinâmica inerente às cidades educadoras e o seu papel como prática, que tem por finalidade estimular a iniciativa e participação das comunidades.

A segunda parte diz respeito ao Quadro Metodológico e integra três capítulos que envolvem mais directamente o trabalho empírico, sendo estes: “Metodologia Integradora na Recolha de Informações”, “Trabalho Empírico - Recolha de Informações” e “Tratamento das Informações Recolhidas”. Mediante um percurso metodológico definido, procura-se uma hermenêutica que permita a compreensão, a construção de uma análise activa, crítica, que leve à interpretação dos textos e dos actores participantes neste estudo.

No âmbito do trabalho empírico analisa-se a *capacidade educadora* de um município em concreto, o Município de Barcelos, mediante a participação dos responsáveis de um conjunto de instituições e de indivíduos da comunidade em geral. Sustentam-se, deste modo, as condições que os actores deste processo identificam como existentes, e as que entendem ser necessárias alcançar para que Barcelos se constitua como Cidade Educadora.

Na terceira parte pretende-se realizar um percurso relacional com base nos conteúdos desenvolvidos nos quadros conceptual e metodológico, evidenciando as principais considerações para o tema de estudo. Procurar de forma fidedigna fazer emergir o sentido proveniente dos textos e de toda a análise interpretativa das entrevistas, questionários e contacto directo com os actores, através de um processo activo e crítico, procurando os sentidos mediante a pluralidade resultante das análises efectuadas. É, enfim, o momento da confrontação de todas as informações e interpretações, como forma de permitir a construção de um registo final que traduza ideias especialmente significativas para o estudo que se pretende construir.

No desenvolvimento deste trabalho serão considerados e integrados os saberes adquiridos nas diferentes disciplinas que fizeram parte do ano curricular do Mestrado em Ciências da Educação, especialização em Educação e Expressões Artísticas, fundamentando e contextualizando um tema que se assume no âmbito da educação, nos seus diferentes níveis. Neste contexto, também o domínio das Expressões Artísticas assume a sua presença e

importância enquanto reflexo da dinâmica artística da comunidade. Dinâmica que, no trabalho com a comunidade, deve ser identificada e incentivada, na medida em que se intenta o desenvolvimento local e a valorização dos indivíduos, caminhando no sentido da animação e educação sociocultural.

Face aos muitos problemas existentes na sociedade, revela-se cada vez mais a validade e a imprescindibilidade de metodologias de intervenção que promovam uma cidadania activa, a participação e a interacção, a vida em comunidade. Existem problemas no seio das comunidades que só podem ser superados pela acção solidária de laços comunitários. Identifica-se, assim, o valor que assumem pedagogias de vivência e de convivência, princípios de actuação que levem o ser humano a descobrir-se como tal, tendo em vista o fomento de uma participação comprometida com o desenvolvimento e a autonomia das pessoas.

1.ª PARTE

QUADRO CONCEPTUAL

CAPÍTULO I

O MOVIMENTO CIDADES EDUCADORAS

“Aquilo de que temos necessidade é, pois, de novas redes pelas quais sejam aumentadas e multiplicadas as oportunidades de aprender e de ensinar”

(Ivan Illich, 1971)

1.1 APROXIMAÇÃO AOS CONCEITOS:

CIDADE EDUCATIVA E CIDADE EDUCADORA

1.1.1. Novas possibilidades de acção local

Nos últimos anos tem-se assistido ao reforço da importância da educação e formação das comunidades, respeitando ritmos e progressos vários, como aspecto basilar de desenvolvimento sustentável. Afirmar-se que o grande desafio do século XXI é a educação de cada indivíduo, de forma a que este seja cada vez mais capaz de exprimir, afirmar e desenvolver o seu próprio potencial humano. Potencial preenchido de individualidade, construtividade e sentido de responsabilidade, assim como sentido de comunidade. Verifica-se a realização de actividades, quer a partir da escola para a comunidade em geral, quer das diversas instituições socioculturais para a comunidade educativa: a recente criação de Conselhos Municipais de Educação, Conselhos Municipais de Juventude e das várias dinâmicas organizacionais que lhes são inerentes, as Cartas Educativas; são situações que evidenciam outra dimensão da relação da cidade e da educação, do papel da escola, do município, das várias instituições e da própria comunidade.

Teixeira Lopes (1998) no seu estudo *A Cidade e a Cultura* aprofunda de forma muito completa a dimensão educativa e sociocultural da cidade. No âmbito da abordagem que desenvolve e com base em Kevin Lynch refere-se à legibilidade da cidade, considerando-a uma característica que certas cidades possuem e que as identifica, a imagem que se faz de uma cidade tem importância decisiva no estabelecimento de trocas e laços pessoais, solidificando ou não as vivências e práticas do dia a dia. Concretiza, assim, que qualquer pessoa participa num processo de permanente construção dos espaços urbanos, “os elementos móveis de uma cidade, especialmente as pessoas e as suas actividades, são tão

importantes como as suas partes físicas e imóveis. Não somos apenas observadores deste espectáculo, mas sim uma parte activa dele, participando com os outros num mesmo palco” (Kevin Lynch, cit. in Teixeira Lopes, 1998: 95). Deste modo, se a imagem que se tem de uma cidade é familiar, clara e coerente, características fundamentais da legibilidade, então a vivência urbana será mais intensa e proporcionará a multiplicação de espaços públicos e de encontro, de identidade social. Pelo contrário, se uma cidade é de difícil legibilidade tenderá à fragmentação, desorganização e isolamento das pessoas, “desta forma, o espaço urbano molda e deixa-se moldar de acordo com os desejos individuais e torna-se uma cidade suave... espelho de várias imagens em que alternada e/ou simultaneamente nos revemos” (Teixeira Lopes, 1998: 96). A cidade assume-se, assim, como espaço de confrontação de estilos, formas de estar e agir, como elemento central na definição de identidades, onde se realça a importância do pensamento relacional, a coexistência plural de manifestações culturais, a intensificação das redes de relações sociais, em vez de um modelo de estrutura baseado em grupos sociais delimitados.

Nesta análise interessa reflectir nas expressões “Cidade Educativa e “Cidade Educadora”. Vários autores debruçam-se sobre os seus contextos e fundamentos. Machado (2005) na análise que desenvolve “Cidade Educadora e coordenação local da educação” aborda as duas expressões e interrelaciona-as. “A expressão cidade educativa torna-se conhecida a partir do Relatório de Edgar Faure et al. (1977 |1972|) elaborado para a UNESCO e que tem por título «Aprender a Ser»” (Machado, 2005: 242). Neste documento destacam-se, no seu último capítulo intitulado “Para uma Cidade Educativa”, as estratégias do futuro da educação, com base em 21 princípios. O autor refere que, apesar do relatório não falar directamente da “cidade”, transmite-nos os aspectos educacionais que a mesma engloba, a complexidade que é inerente ao fenómeno educativo e os diversos recursos e meios existentes na cidade, os quais constituem estímulos de formação e aprendizagem. “O Relatório de Faure aponta para um tipo de educação onde o acto de ensinar se diminui ante o acto de aprender e o indivíduo é cada vez menos objecto e cada vez mais pessoa, sujeito da sua própria educação, e onde a escola não pode ter a veleidade de sozinha querer assumir todas as funções educativas da sociedade.... Aquele Relatório evidencia o imenso potencial educativo da “cidade” - pela intensidade das trocas educativas que nela se operam

e pela escola de civismo e de solidariedade que constitui - e aponta para uma Cidade Educativa” (Machado, 2005:242). Perspectiva-se, assim, uma educação na qual o indivíduo assume grande responsabilidade, como cidadão que é, sendo contudo necessário que à sua disposição estejam os meios para se desenvolver, formar, cultivar.

O Relatório de Faure apresenta vinte e um princípios, que devem estar na base das estratégias do futuro da educação os quais, neste contexto, importa referir e compreender:

- 1º Educação permanente como pedra angular da Cidade Educativa;
- 2º Redistribuição do ensino no tempo e no espaço;
- 3º Diversidade de caminhos e de meios na educação de cada um;
- 4º Facilidade de mobilidade horizontal e vertical e multiplicidade das possibilidades de escolha dos alunos;
- 5º Educação das crianças em idade pré-escolar;
- 6º Universalidade efectiva da educação elementar;
- 7º Alcance do conceito de ensino geral;
- 8º Preparação para o trabalho e para a vida activa;
- 9º Funções educativas das empresas;
- 10º Expansão do ensino superior;
- 11º Acesso ao ensino e às funções profissionais pelo mérito;
- 12º Educação de adultos como resultado normal do processo educativo;
- 13º Alfabetização apenas como “momento” e “elemento” da educação de adultos;
- 14º Autodidaxia;
- 15º Efeito acelerador e multiplicador das novas técnicas de reprodução e de comunicação;
- 16º Acolhimento das tecnologias educativas;
- 17º Adaptação da profissão de ensinar à natureza dos modernos sistemas de educação;
- 18º Critérios e bases da profissão de professor;
- 19º Associação à educação de, cada vez mais, outros grupos profissionais;
- 20º Adaptação do ensino ao aluno;
- 21º Formas de participação dos educandos na administração educacional.

Machado salienta que estes princípios devem orientar as reformas globais da educação no sentido de uma cidade educativa. Correspondendo a estes princípios, a educação “constitui um conjunto ordenado, é universalizada e contínua, é total e criativa do ponto de vista das pessoas e, por isso, individualizada e autodirigida, e é o suporte e o animador da cultura (Faure, cit. in Machado, 2005: 244). O autor refere também que a cidade educativa é uma “ideia-força” que transmite a necessidade de intervenção, com vista a otimizar a dimensão educativa presente na cidade. Neste contexto, a ideia de democracia cultural regista aqui também a sua presença, “a cidade educativa pressupõe uma política global para a cidade, em que esta se organiza na perspectiva de uma democracia cultural, onde o lazer se afirma como um valor, funda uma nova moral da felicidade e desempenha as suas funções de passatempo, divertimento e desenvolvimento da personalidade” (Machado, 2005:245). Neste sentido, interessa compreender os conceitos “democracia cultural” e “democratização da cultura”, Trilla (1998) começa por assinalar a este propósito a diferença que existe entre, considerar os indivíduos e as comunidades como meros receptores da cultura, o que classifica como “difusão cultural”, e a capacitação dos indivíduos como agentes activos de cultura, referindo-se neste domínio à “animação sociocultural”. Paralelamente a estas duas classificações, (difusão cultural e animação sociocultural), Trilla (1998:16) apresenta os termos “democratização da cultura” e “democracia cultural”, mediante os quais compreende que a democratização da cultura se refere a “um conceito patrimonialista da cultura. A cultura é considerada como algo já estabelecido que é preciso levar à população”. Deste modo, a cultura desenvolve-se à margem dos seus receptores. A democracia cultural expressa uma orientação distinta. Trilla, considerando os estudos que têm sido desenvolvidos, refere que a animação sociocultural implica a aceitação da democracia cultural, na medida em que procura que cada indivíduo não seja apenas beneficiário da cultura adquirida mas um participante activo, agente de cultura, “a animação sociocultural será, assim, o instrumento da democracia cultural mais do que apenas a democratização da cultura. Não é um meio para a difundir a cultura, mas uma forma de catalizar a potencialidade das comunidades para a gerar” (Ibidem:17). É a participação activa e as potencialidades dos indivíduos e das comunidades que se procura compreender e

valorizar, promovendo uma cidadania democrática, o respeito pela pluralidade das diferentes manifestações culturais.

O meio, a comunidade local e todo o seu sistema de relações afirmam a diversidade e complexidade de aprendizagens possíveis para o cidadão. Trilla (1998:249,250) salienta que “o determinante educativo é dado pela comunidade local e o que a envolve, na qual os elementos físicos e sociais (paisagem, urbanismo, património artístico, costumes, escolas e instituições culturais, indústria, serviços...) constituem os elementos socioeducativos. Na comunidade local existe todo um sistema de relações político-sociais, económicas e culturais que realiza uma acção socializadora e educadora por meio da vinculação espaço-temporal e das inter-relações pessoais.” Concebe-se, assim, o meio como envolvente, agente e conteúdo da educação, afirma o carácter aberto e dinâmico do espaço.

A optimização da dimensão e potencialidades educativas da cidade têm vindo a ser debatidas e referidas por vários autores, destacando-se a necessidade de responsabilização e consciencialização das instituições e dos cidadãos em geral. Machado (2005:245) compreende que “a expressão cidade educadora surge na linha da cidade educativa popularizada a partir do *Relatório Faure* e apresenta uma pluralidade de sentidos e de usos.” Apoiado nos estudos de Trilla escreve que cidade educadora “mais que uma categoria científica é uma ideia. (...) Trata-se de uma ideia extraordinariamente genérica, produtiva e heurística que incorpora conteúdos descritivos e, simultaneamente, desiderativos, projectivos e utópicos... Na sua polissemia, o conceito de cidade educadora foi incorporando uma pluralidade de conteúdos” (Trilla, cit. in Machado, 2005: 245, 246). Trilla agrupa esta pluralidade nas significações mais relevantes através de dez “teses” nas quais se verifica uma proximidade conceptual entre as duas expressões que aqui desenvolvemos: “cidade educativa” e “cidade educadora”. No sentido de melhor identificar esta proximidade enunciam-se as dez “teses” referidas pelo autor:

“1. O conceito de cidade educadora concebe o meio urbano, à vez, como contexto, agente e conteúdo da educação.

2. O conceito de cidade educadora conota muito adequadamente a complexidade do fenómeno educativo.

3. O conceito de cidade educadora refere um meio que produz relações e efeitos educativos intencionais e também ocasionais.

4. O conceito de cidade educadora acolhe e inter-relaciona processos educativos formais, não formais e informais.

5. O conceito de cidade educadora afirma a condição sistémica do educativo e requer equacionamentos integradores.

6. O conceito de cidade educadora afirma o carácter aberto, dinâmico e evolutivo da mesma.

7. O conceito de cidade educadora pretende abarcar todas as dimensões da ideia de educação integral.

8. O conceito de cidade educadora reconhece-se no conceito de educação permanente.

9. O conceito de cidade educadora refere à vez realidades e utopias.

10. O conceito de cidade educadora adverte que a cidade não é igualmente educativa para toda a cidadania e remete para os princípios da igualdade de oportunidades e o direito à diferença” (Ibidem:246).

A proximidade conceptual entre as duas expressões, “cidade educativa” e “cidade educadora” é alimentada, quer pelas perspectivas teóricas que procuram contribuir para aprofundar cada uma das expressões, quer pelo uso indiferenciado de uma e de outra (Machado, 2005). No entanto, o autor salienta que, perspectivando a componente interventora na cidade, “a ideia de cidade educadora assume especial significado. ...É esse conceito de cidade que dá unidade ao sistema, social, cultural em que os homens vivem e interagem e que serve de paradigma para ajuizar em que medida a cidade educa ou deseduca os cidadãos, isto é, se aproxima ou afasta do conceito de cidade idealizada” (Ibidem: 247).

É, deste modo, visível uma ideia abrangente de cidade educadora, que não se limita à educação que parte apenas do recurso pedagógico das escolas, de um agente educativo determinado, mas que pretende que a própria cidade se constitua como agente cultural e educativo, facto que lhe confere responsabilidades, assim como aos seus habitantes. Teixeira Lopes (1998) na relação que desenvolve entre cidade e cultura, concretiza que “cultura de cidade” só é possível quando se enriquecem os modos de vida quotidianos e os canais de comunicação, concluindo que se trata de um esforço de cidadania. Trilla (cit. in

Machado, 2005:247) concretiza também que “se fosse possível medir o grau de educabilidade de uma cidade – isto é, a sua capacidade ou potência educativa -, deveriam tomar-se como indicadores não só a quantidade e qualidade das escolas que contém mas também o resto das instituições e meios que geram formação, e, sobretudo, deveriam analisar-se como interactuam e são capazes de harmonizar-se todos estes agentes”.

A Cidade Educadora pode, pois, ter expressões diversas. Porto (cit. in Caballo Villar, 2001:27) refere que se fala de «Cidade Educadora» e não de «Rural Educador», não só porque no meio urbano se desenvolve a vida de mais de metade da população europeia mas porque “as grandes cidades estão certamente inscritas em áreas determinadas do território, porém com tendência a estruturar a geografia socioeconómica dos países e dos continentes, formando sistemas interdependentes e determinando em grande medida o dinamismo global. Assim as políticas e estratégias dos poderes locais adquirem necessariamente uma dimensão nacional e internacional”. Neste contexto, a cidade, os seus recursos e peculiaridades, definem a vida de espaços que inclui muito mais do que o território da própria cidade. Puig (Ibidem:28) considera a este propósito que a cidade “é o lugar – em definitivo – da estratégia: do possível. Da elaboração do projecto global como ponto de encontro de distintos níveis de intervenção pluriprofissional e interdisciplinar. O lugar do pequeno projecto. Do projecto em colaboração. Do projecto coordenado.” É assim a partir do pequeno projecto, em efectiva colaboração e coordenação que chegamos à compreensão da Cidade Educadora, através da qual se pretende o desenvolvimento integral dos indivíduos e comunidades com uma melhoria global do território.

A Cidade Educadora tem necessidade de se relacionar com outras cidades, de reflectir de forma colectiva, de participar em projectos e acções concretas, de encontrar em conjunto elementos de avaliação dos diferentes projectos e actividades, Trilla (Ibidem: 20) reforça que “a cidade educadora concebe o meio como envolvente, agente e conteúdo da educação; assume a complexidade do processo formativo; procura propostas integradoras; afirma o carácter aberto, dinâmico e evolutivo do mesmo espaço territorial e acolhe – ou quando menos o pretende – todas as dimensões dos conceitos de educação integral e de educação permanente”.

A Cidade Educadora é uma ideia viva, que progressivamente tem vindo a ser desenvolvida, no âmbito da qual vários acontecimentos permitem referir uma progressiva maturação e assunção deste quadro teórico na prática local de diferentes cidades. Neste contexto, em 1990, realiza-se em Barcelona o 1º Congresso Internacional de Cidades Educadoras, dando início ao Movimento Cidades Educadoras. No primeiro Congresso é redigida a Declaração de Barcelona, Carta das Cidades Educadoras, na qual se concebe que todos os cidadãos e todas as instituições locais são solidariamente responsáveis pela educação de todos, crianças, jovens e adultos, num processo que está orientado para o desenvolvimento das potencialidades e condições do território e deste modo para a realização e satisfação dos seus habitantes.

1.2. EMERGÊNCIA DO MOVIMENTO CIDADES EDUCADORAS

1.2.1. A cidade e a sua capacidade educadora

Várias perspectivas e necessidades perfilaram o Movimento Cidade Educadora “como um quadro teórico de referência para a génese das acções orientadas a entender o território como espaço educativo, que necessitam de uma Administração Relacional” (Caballo Villar, 2001: 14). O Movimento Cidades Educadoras tem a sua génese em Barcelona, em 1990, com a realização do I Congresso Internacional de Cidades Educadoras, no qual é redigida a Declaração de Barcelona, Carta das Cidades Educadoras, altura em que um grupo de cidades representadas pelos governos locais definiu um propósito comum, trabalhar conjuntamente em projectos e actividades no sentido da melhoria da qualidade de vida dos habitantes, através da sua implicação activa, para a evolução da própria cidade.

Em 1994 formaliza-se a Associação Internacional das Cidades Educadoras (AICE), no âmbito do 3º Congresso, realizado em Itália, na cidade de Bolonha. A Carta das Cidades Educadoras tem sido sujeita a reflexões e consequentemente a alterações, em Bolonha, em 1994, e mais recentemente em Génova, em 2004, constituindo esta última carta a versão mais actual¹. O propósito base desta carta relaciona-se com a ideia de que a cidade é, por si só, geradora de educação para os seus habitantes, mediante os importantes elementos que comporta, no sentido da formação integral das pessoas. No entanto, conforme se lê na Carta das Cidades Educadoras, a cidade só será educadora se reconhecer, exercer e desenvolver, paralelamente às suas funções tradicionais, uma função educadora, se assumir uma intencionalidade e uma responsabilidade e se o seu objectivo for a promoção e o desenvolvimento de todos os seus habitantes, começando pelas crianças e jovens, “se na cidade encontramos meninos e meninas que jogam, que passeiam sozinhos, significa que a cidade está sã; se na cidade não vemos crianças significa que a cidade está doente” (Tonucci, cit. in Caballo Villar, 2001: 26). Esta referência destaca-nos a procura de uma cidade que deixe de ser um lugar de passagem entre a escola e a casa e possa ser «conquistada» pelos

¹ Anexo 1.1.1. Carta das Cidades Educadoras

meninos e meninas e na qual se considere as necessidades de relação e convivência de todos os cidadãos.

O Movimento Cidades Educadoras está assente em 20 princípios, que exprimem o compromisso assumido pelas cidades que o subscrevem com todos os valores e princípios que nela se manifestam. A Carta das Cidades Educadoras define-se como aberta à sua própria reforma e adequada aos aspectos que a rápida evolução social exigirá no futuro. Este documento traduz a procura de uma estrutura integral e integradora, onde devem participar todos os agentes educadores, perseguindo a concretização das diversas possibilidades educativas da cidade. Caballo Villar (2001) destaca, no seu estudo sobre a Cidade Educadora, que é necessário um projecto amplo, integrador e consensual, que resulte do diálogo e da capacidade de escuta e negociação entre todos os cidadãos e agentes educativos; “é a comunidade local a primeira responsável da definição de um projecto educativo integral em que devem participar a escola com a família, instituições locais e associações como principais agentes educativos, juntamente com a estrutura produtiva pública e privada, assumindo cada um deles um papel bem definido: perseguindo a concretização das possibilidades educativas da cidade, marcando as opções do seu projecto educativo numa estrutura integradora, na qual a acção educativa mantém uma estreita relação com a cultura, resultando ambas as duas inseparáveis no Plano Estratégico de desenvolvimento sustentável de um território” (Caballo Villar, 2001: 30).

A Carta das Cidades Educadoras refere que será educadora uma cidade que exerça a função educadora com a mesma intencionalidade que exerce “as suas funções tradicionais (económica, social, política, de prestação de serviços), tendo em vista a formação, promoção e o desenvolvimento de todos os seus habitantes”. Para a prossecução destes propósitos a mesma Carta salienta a necessidade de colaboração e troca de experiências dos diferentes agentes: “as cidades educadoras, com suas instituições educativas formais, suas intervenções não formais (de uma intencionalidade educadora para além da educação formal) e informais (não intencionais ou planificadas), deverão colaborar, bilateral ou multilateralmente, tornando realidade a troca de experiências”. A participação dos cidadãos, o diálogo entre a sociedade civil e as estruturas organizativas, a cooperação público e privado são realidades relacionais que necessitam ser desenvolvidas e concretizadas.

A interpretação da cidade como meio educativo envolvente conduz à relação entre cidade e educação, à forma como a cidade educa enquanto complexo contexto físico e social, isto é, à cidade como agente educativo (Machado, 2004). A Cidade e a Educação evidenciam dinâmicas complexas que requerem respostas coerentes, sem serem redutoras da riqueza humana. A cidade como espaço construído pelo ser humano, o qual de certa forma se afasta da natureza, cria uma segunda natureza emergente com a qual é necessário aprender a viver. A vivência na cidade é, só por si, um acto contínuo de adaptação/aprendizagem. O acompanhamento deste processo, no início de um novo milénio, constitui um desafio às sociedades contemporâneas. A Cidade Educadora constitui um modelo organizativo, a partir do qual, as cidades podem configurar a organização local da oferta educativa “porque não só define a própria organização como permite clarificar o papel dos agentes e instituições, recursos e equipamentos que confluem na experiência e convivência social” (Caballo Villar, 2001: 15,16). É preciso educar para a liberdade, desenvolver os impulsos criadores, no sentido da evolução cultural. É importante reflectir na componente da criatividade no âmbito educativo. Os estudos de Bertrand e Valois (1994) destacam a necessidade de criar modelos educativos e socioculturais capazes de gerir a dimensão de globalidade das novas sociedades, fazendo entender que o social, o cultural, o educativo, o científico e o ambiental não estão separados. Hoje, nada está separado entre si e é este carácter sistémico que faz com que a educação esteja cada vez mais a interagir com o social, o cultural, o artístico, o científico, os valores, o meio ambiente.

1.2.2. O município como agente regulador

A determinação educativa, presente no Movimento Cidades Educadoras, é dada pela comunidade local e meio envolvente, no qual os elementos físicos e sociais (paisagem, urbanismo, património artístico, costumes, escolas e instituições culturais, indústria, serviços...) constituem os elementos sócio-educativos. Na comunidade local, seja grande, média ou pequena, existe todo um sistema de relações político-sociais, económicas e culturais que realizam uma acção de socialização e educação, por meio da vinculação espácio-temporal e das

inter-relações pessoais. É neste sistema local onde se pode compreender a gestão local da realidade cultural. O município adquire, no contexto das Cidades Educadoras, uma posição de agente regulador na concretização de uma estratégia global, onde estão presentes vários elementos como “Sistema Formativo Integrado, associativismo, desenvolvimento cultural, políticas sócio-culturais, participação, acesso a recursos, sociedade civil, animação sociocultural, coordenação, descentralização, organização e intervenção comunitária, trabalho em rede, etc. Neste enquadramento, os concelhos (municípios) desempenham um papel fundamental como entidades e organismos aos quais a cidadania outorga capacidade para se responsabilizarem pela coordenação e adequação dos recursos culturais de um determinado território” (Caballo Villar, 2001: 14, 15). A autora salienta que os municípios constituem-se como os principais transmissores da essência da Cidade Educadora, têm capacidade para desenvolverem uma acção territorial integrada, relacional, de comunicação e de participação.

Machado (2004:2) reforça também o sentido hegemónico do município, a sua centralidade, quer no âmbito organizacional, promoção e oferta de programas e serviços, quer em termos de apoio às iniciativas da sociedade civil, de forma a conseguir-se uma política local que afirme um projecto educativo global para a cidade, “aos municípios são atribuídas responsabilidades e tarefas específicas com vista a potenciar a possibilidade e realização educativa da cidade e clarificar o papel dos diferentes agentes na rentabilização dessas potencialidades”. O município é um espaço territorial propício ao desenvolvimento de políticas sociais, educativas e culturais, na medida em que é a referência imediata de prestação de serviços públicos e ao mesmo tempo o que melhor permite alcançar uma maior participação dos cidadãos. Contudo, é necessário ter em atenção que a própria actividade municipal não está isenta de tensões e vaivéns políticos. Deste modo, o desenvolvimento, a continuidade e a avaliação, assim como a promoção de projectos de animação sociocultural de âmbito local, pelas instituições, estão por vezes determinados pela gestão destas questões institucionais. Como sugere Trilla (1998) a complexidade da dinâmica cultural oferece diferentes interpretações de acordo com as diversas orientações políticas, pela qual se opte (elitismo cultural, democratização da cultura, democracia cultural...), não tendo que existir, defender ou acontecer um modelo puro e exclusivo. O que é evidente é que o acesso dos diferentes grupos sociais à cultura pressupõe a satisfação da dupla

perspectiva da oferta e da procura. A oferta relaciona-se com o conjunto dos recursos culturais, de actividades dirigidas à difusão da cultura e à acessibilidade dos bens e serviços culturais. A procura tem a ver com a diversidade de comportamentos da população, que podem ser interpretados segundo a denominação de participação cultural. Os jovens e os residentes em espaços urbanos são os que dispõem de maiores oportunidades, acesso e aceitação das diferentes manifestações culturais. Os adultos com baixo nível cultural, assim como os que vivem em contextos mais rurais, são os que têm mais problemas para aceder aos referidos bens. Estas considerações posicionam-nos num contexto, que nos permite compreender que não é suficiente a alteração e/ou disponibilização de infra-estruturas culturais, se não são acompanhadas de um esforço na formação e educação das pessoas, que tornem a cultura uma realidade mais viva e activa, da qual todos possam aproximar-se, participar e promover o seu espaço vital.

É, neste contexto, que o Movimento Cidades Educadoras encontra o seu lugar, posição e força como modelo relacional e organizativo, capaz de promover a coordenação entre diferentes organismos, assumindo-se como agente no desenvolvimento humano dos habitantes da cidade e, deste modo, no desenvolvimento da própria cidade. Caballo Villar (2001) reforça a ideia da “cidade relacional” como forma de aproveitamento das diversas potencialidades de uma cidade, desde as suas possibilidades estéticas, ambientais, criação, comunicação, através da participação dos diferentes agentes; “uma cidade que, por contar com suficiente coesão e equilíbrio social, permite o enriquecimento das relações dos habitantes entre si e com o seu meio” (Caballo Villar, 2001:19).

1.3. ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DAS CIDADES EDUCADORAS – UM PROJECTO RELACIONAL

O projecto educativo que se concebe na Carta das Cidades Educadoras, e conforme se pode ler no seu preâmbulo, “acentua a responsabilidade dos governos locais no sentido do desenvolvimento de todas as potencialidades educativas que a cidade contém, incorporando no seu projecto político os princípios da cidade educadora”. No percurso das reformas educativas, em Portugal, podem-se identificar sinais de dinâmica descentralizadora, como exemplo podemos considerar o Decreto-Lei nº 115 – A/98E, que potencia esta ideia ao propor aos municípios a criação de “Conselhos Locais de Educação”, que permitem a participação dos diversos agentes e parceiros sociais e que têm como objectivo a articulação da política educativa com outras políticas sociais. O sistema educativo pode assim tornar-se parte integrante de planos de desenvolvimento das comunidades locais. Caballo Villar (2001: 13) escreve que “a co-responsabilidade entre diferentes instâncias sociais (de carácter associativo, empresarial, cultural...) e as Administrações- especialmente a Local, assumindo a função de estruturar as iniciativas de múltiplos agentes – converte-se numa alternativa necessária, simultaneamente sólida e de futuro”. A autora salienta que a democracia implica uma interacção comunicativa, relacional, será assim no domínio da comunidade local que ela poderá encontrar as condições para uma plena viabilização. Neste contexto, compreende a Cidade Educadora como modelo organizativo que permite a coordenação das diferentes entidades e instituições e o aproveitamento dos recursos existentes.

As cidades aderentes à Associação Internacional das Cidades Educadoras (AICE)² subscrevem a Carta das Cidades Educadoras e comprometem-se a respeitar os seus princípios, com base em diversas preocupações:

- reflectir e aplicar na sua vivência os princípios difundidos na Carta das Cidades Educadoras: a troca e partilha de projectos educadores - “O seu objectivo permanente será o de aprender, trocar, partilhar e, por consequência, enriquecer a vida dos seus habitantes” (Carta das Cidades Educadoras, 2004, preâmbulo);

- conceber a Educação não apenas na vertente formal/escolar, mas encarar a Educação como transversal a todos os sectores da cidade – “Qualquer que seja o

² Anexo 1.1.2. Estatutos da Associação Internacional das Cidades Educadoras

alcance destas competências, elas deverão prever uma política educativa ampla, com carácter transversal e inovador, compreendendo todas as modalidades de educação, formal, não formal e informal...” (Carta das Cidades Educadoras, 2004, Princípio nº 5);

- encorajar o diálogo entre gerações – “Estes projectos, deverão ser orientados para a realização de iniciativas e acções cívicas, cujo valor consistirá precisamente no carácter intergeracional e na exploração das respectivas capacidades e valores próprios de cada idade” (Carta das Cidades Educadoras, 2004, Princípio nº 3);

- promover o equilíbrio e a harmonia entre identidade e diversidade – “A diversidade é inerente às cidades actuais e prevê-se que aumentará ainda mais no futuro” (Carta das Cidades Educadoras, 2004, preâmbulo).

Neste contexto de relação e intercâmbio, a AICE constitui-se como estrutura que permite desenvolver a proximidade e inter-relação, impulsionar a colaboração e acções concretas entre cidades, aprofundando o discurso das Cidades Educadoras, conforme sustentam os seus objectivos³:

- promover o cumprimento dos princípios da Carta das Cidades Educadoras;
- impulsionar a colaboração e acções concretas entre as cidades;
- participar e cooperar activamente em projectos e intercâmbios de experiências com grupos e instituições com interesses comuns;
- aprofundar o discurso de Cidade Educadora e promover os seus principais propósitos;
- influenciar o processo de tomada de decisões dos governos e das instituições internacionais em questões de interesse para as Cidades Educadoras;
- dialogar e colaborar com diferentes organismos nacionais e internacionais.

A AICE é constituída por cidades de vários países, representadas pelas suas autarquias, da qual fazem parte municípios de trinta e cinco países de todo o mundo⁴. O município de Lisboa é membro fundador da AICE e faz parte do seu Comité Executivo⁵. O Comité Executivo da AICE tem como principais funções

³ Os objectivos que aqui se apresentam têm como base a análise dos estatutos da AICE e a consulta do endereço on-line da AICE: www.edicities.bcn.es.

⁴ Anexo 1.2.1. Quadro 1- Países e Cidades aderentes ao Movimento Cidades Educadoras.

⁵ Além de Lisboa fazem parte do Comité Executivo os seguintes municípios: Barcelona (Espanha), Lyon (França), Rennes (França), Munique (Alemanha), Génova (Itália), Budapeste (Húngria), Rosário (Argentina), Adelaide (Austrália), Tampere (Finlândia), Donostia-San-Sebastian (Espanha), S. Paulo (Brasil) e Lomé (Togo). Esta composição do Comité Executivo da AICE é provisória até à data de realização da Assembleia-

reflectir, debater e difundir as grandes questões teórico-práticas que se colocam no âmbito das Cidades Educadoras, bem como a gestão e representação da AICE. Tem, ainda, como função a escolha, através de candidatura, das cidades proponentes à organização dos Congressos Internacionais, que têm lugar de dois em dois anos.

O intercâmbio de experiências, metodologias e ideias é o motor de desenvolvimento da AICE que cria, promove e organiza diversas acções: Congressos Internacionais; Banco Internacional de Documentos; Redes Territoriais; Redes Temáticas. Acções que afirmam a sua importância e significado no desenvolvimento e interpretação do Movimento Cidades Educadoras como projecto relacional.

A AICE co-organiza Congressos Internacionais, de dois em dois anos, de acordo com as candidaturas de municípios associados de todo o mundo. A organização dos Congressos Internacionais da AICE está, assim, reservada às cidades que fazem parte do movimento e as quais podem participar na definição do local de realização, mediante a apresentação de propostas. Os congressos constituem-se como espaços de intercâmbio de experiências e boas práticas, estabelecimento de relações de colaboração entre cidades, sendo ainda uma oportunidade para aprofundar a construção do discurso em torno de Cidades Educadoras. Até 2006 foram realizados nove Congressos, com diferentes temáticas, conforme se pode verificar no *Quadro 2*.

Geral Extraordinária que se realizará em Lisboa, em Novembro de 2007, tendo como objectivo principal a alteração de Estatutos no que concerne à Presidência da AICE.

CONGRESSOS INTERNACIONAIS DA AICE

1º	1990	Barcelona	<i>A Cidade Educadora para Crianças e Jovens</i>
2º	1992	Gotemburgo	<i>A Educação Permanente</i>
3º	1994	Bolonha	<i>O Multiculturalismo: Reconhecer-se para uma Nova Geografia das Identidades</i>
4º	1996	Chicago	<i>As Artes e as Humanidades como Agentes de Intercâmbio Social</i>
5º	1999	Jerusalém	<i>Levar o Legado e a História ao Futuro</i>
6º	2000	Lisboa	<i>A Cidade, Espaço Educativo no Novo Milénio</i>
7º	2002	Tampere	<i>O Futuro da Educação. O Papel da Cidade num Mundo Globalizado.</i>
8º	2004	Génova	<i>Outra Cidade é Possível. O Futuro da Cidade como Projecto Colectivo.</i>
9º	2006	Lyon	<i>O Lugar das Pessoas na Cidade</i>

O 10º Congresso Internacional das Cidades Educadoras será realizado na Cidade de S. Paulo, em 2008, com o tema "Construção de Cidadania em Cidades Multiculturais".

Quadro 2- Congressos Internacionais da AICE,

Fonte: adaptação própria.

O Banco Internacional de Documentos das Cidades Educadoras (BIDCE) corresponde a outra das principais acções promovidas pela AICE. Constitui uma base de dados que integra experiências de vários municípios de todo o mundo, a qual vai sendo “alimentada” por experiências das cidades membro. O BIDCE promove uma grande dinâmica de partilha e inter-relação, afirmando-se como uma base de dados abrangente, onde é possível o acesso a diferentes conteúdos informativos, desde experiências, onde se inserem actividades e projectos das diversas cidades associadas; documentos, contemplando informação recomendada e de apoio ao desenvolvimento do conceito Cidade Educadora (livros, artigos de revista, dossiers, conclusões de jornadas, congressos, seminários); boas práticas, informação que se relaciona com a difusão de experiências inovadoras que podem ser uma referência para outras cidades. As experiências para publicação no BIDCE são seleccionadas mediante vários critérios⁶.

⁶ Os critérios de selecção das experiências para o BIDCE são os seguintes: cumprimento dos princípios da Carta das Cidades Educadoras; estarem associadas a diferentes âmbitos de actuação (urbanismo, social, saúde, desporto, meio ambiente, cultura, etc.) e dirigidas a faixas etárias diferentes, promovidas tanto pela

Com o objectivo de fomentar um trabalho inerente aos Princípios da Carta das Cidades Educadoras a AICE organiza-se em Redes Territoriais. No decurso desta Carta podemos ler que o município “oferecerá, igualmente espaços de formação e de debate, incluindo os intercâmbios entre cidades, para que todos os seus habitantes possam assumir plenamente as inovações que aquelas geram” (Carta das Cidades Educadoras, 13º princípio). As Redes Territoriais assumem-se como espaços de diálogo e intercâmbio entre cidades geograficamente mais próximas e com realidades comuns⁷.

No âmbito desta forma de actuação a AICE dinamiza ainda Redes Temáticas, relacionadas com preocupações actuais, como forma de sensibilização e estímulo para o desenvolvimento das Cidades Educadoras. As Redes Temáticas constituem um meio de promover o intercâmbio de ideias e boas práticas, contribuindo para o trabalho em comum e de colaboração entre cidades da AICE. Cada Rede Temática é coordenada por uma cidade a nível internacional e a nível nacional e os temas podem ser propostos pelo Comité Executivo ou por um grupo de Cidades.

Numa perspectiva de relação e interpretação dos princípios inerentes ao Movimento Cidades Educadoras importa identificar as Redes Temáticas existentes: “Combate ao Insucesso Escolar”; “Transição Escola - Trabalho”; “Educação para os Valores”; “Tecnologias da Informação e Comunicação”; “Rede de Primeira Infância”. Além destas e, no início do ano 2007, a AICE propõe também dois importantes temas: “O espaço dos e das jovens nas Cidades Educadoras” e “As Cidades Educadoras actuam contra a aceleração da mudança climática”⁸. Identifica-se, assim, a capacidade da cidade se relacionar com o seu

administração pública como por outras instituições da cidade; terem um carácter inovador e criativo; serem concretas, podendo estar integradas num programa geral; veicular a informação necessária e básica para que outras cidades de todo o mundo possam compreender. Para tal, a redacção e o vocabulário deverão ser compreensíveis internacionalmente (evitar regionalismos); completar devidamente a ficha de introdução de experiências; manter a informação actualizada. (Informação fornecida pelo Município de Lisboa, 2007 “Divulgação”. O Município de Lisboa é membro fundador da AICE e responsável também pelo início da Rede Territorial Portuguesa das Cidades Educadoras.)

⁷ Nesta lógica de intervenção estão actualmente em funcionamento várias Redes Territoriais: Espanhola, Italiana, Francesa, Portuguesa, Brasileira, América Latina, Caraíbas e Delegação Centro Europeia. Neste momento encontra-se também em construção a Rede Territorial Ásia-Pacífico, promovida pela cidade de Adelaide, da Austrália, a qual tem vindo a realizar vários encontros entre cidades daquela região do globo. O último Seminário Internacional de Educação realizou-se em Julho de 2006, tendo por tema “Trabalhar Juntos para Criar Cidades de Aprender do Futuro”. (Dados de Março de 2007, fornecidos pelo Departamento de Educação e Juventude do Município de Lisboa.)

⁸ A AICE propõe o desenvolvimento do tema “O espaço dos e das jovens nas Cidades Educadoras” nos primeiros quatro meses de 2007. Na base deste tema está o facto de se verificar um progressivo

meio envolvente, como agente educativo permanente. Verifica-se a prioridade que confere ao trabalho com as crianças e com os jovens, evidenciando, contudo, a preocupação com a formação ao longo da vida, “investindo” na educação para os valores de cada pessoa. Reconhece-se, ainda, a vontade de permitir o acesso às tecnologias de informação e comunicação, no sentido de promover o desenvolvimento de uma verdadeira sociedade do conhecimento.

Neste âmbito de actuação, Portugal tem em curso alguns projectos que se enquadram nas temáticas referidas, como se poderá compreender no próximo ponto de análise, que desenvolve uma reflexão em torno do Movimento Cidades Educadoras em Portugal.

Numa perspectiva de melhor evidenciar os conteúdos que têm vindo a ser referidos, no âmbito da importância e dinamismo do Movimento Cidades Educadoras, apresentam-se as razões invocadas pela AICE para a sua existência e, assim, as vantagens em as cidades aderirem a esta Associação⁹:

- formar parte activa de um conjunto de cidades com uma filosofia comum que permite formular projectos conjuntos conforme os princípios da Carta das Cidades Educadoras;
- mostrar a cidade, os seus programas, experiências e outras possibilidades através do Banco Internacional de Documentos e de outros meios de comunicação;
- contactar directamente com outras cidades;
- fazer parte de uma Assembleia-geral e contribuir para o desenvolvimento e funcionamento da Associação;
- eleger e ser eleita para os postos de representação e outras responsabilidades;

distanciamento dos jovens da política, entendendo-se que é necessário incentivar a um novo tipo de cidadania, que torne possível uma democracia mais participativa. A proposta de desenvolvimento desta temática prende-se com o incentivo à apresentação de experiências que promovam a abertura de canais de relação entre as autarquias e a juventude; o associativismo juvenil e a formação para uma cidadania participativa; a participação dos jovens nos órgãos de tomada de decisão local; a gestão participativa dos tempos e espaços dos jovens na cidade; o voluntariado como forma de participação solidária com a comunidade. No que se refere ao tema “As Cidades Educadoras actuam contra a aceleração da mudança climática”, a AICE propõe o seu desenvolvimento no período de Maio a Agosto de 2007, tendo por objectivo alertar e promover a tomada de consciência e acção conjunta para acções como a reciclagem, redução do consumo de electricidade, de água, etc.

Fonte: <http://www.edicities.bcn.es>, 20-02-2007.

⁹ As vantagens que aqui se apresentam têm como base a análise dos estatutos da AICE, a consulta do endereço on-line da AICE: www.edicities.bcn.es e outros documentos on-line, com informação acerca do movimento Cidades Educadoras, referidos na bibliografia, nas fontes on-line.

- participar nos Congressos Internacionais e apresentar propostas quanto à sua organização;
- fazer parte das redes territoriais e temáticas;
- ter acesso à informação de programas e iniciativas e, por sua vez, a recursos, provenientes de organismos internacionais: UNESCO, União Europeia, etc;
- dispor de uma página web própria no portal da AICE.

Mediante esta análise, que se desenvolve em torno da AICE como projecto relacional, podem-se interpretar os objectivos, dinâmicas e vantagens inerentes à AICE, pode-se identificar a existência de um espaço de actuação, que se pauta pelo envolvimento e participação activa, afirmando a educação como um dos direitos fundamentais. A Cidade Educadora assume-se numa comunidade que coloca no centro das suas preocupações a promoção dos seus cidadãos, através de uma política educativa ampla, com carácter transversal, compreendendo a educação formal, não formal e informal, a educação ao longo da vida.

1.4. CIDADE EDUCADORA – CONTEXTOS DE INTERVENÇÃO EM PORTUGAL

Na prossecução da Cidade Educadora e de um projecto educativo comum, “a cidade torna-se, não apenas o projecto urbanístico concretizado, mas também o lugar de concretização do projecto que comporta uma ideia de cidade e se abre à possibilidade de diversidade de projectos parcelares, à globalidade e à integração da diversidade, ao desenvolvimento dos indivíduos e ao desenvolvimento do território” (Machado, 2005: 254). Esta ideia de cidade, que vai ao encontro de um “Sistema Formativo Integrado” (Caballo Villar, 2001) perfila um projecto educativo integral, no qual devem participar todos os agentes territoriais, procurando a concretização das diversas possibilidades educativas da cidade. Estas considerações parecem emergir na forma de reflexão e actuação do Movimento Cidades Educadoras em Portugal. No *Regimento de Coordenação da Rede Portuguesa das Cidades Educadoras*¹⁰ podemos verificar que, a Rede Territorial Portuguesa dos Municípios Educadores, constitui uma instância de reflexão e debate sobre os Princípios da Carta das Cidades Educadoras e de coordenação e fomento de actividades promotoras dos princípios, procurando que se valorizem e articulem as diferentes intervenções, a nível municipal, nacional e internacional.

O Município de Lisboa é membro fundador da AICE, participante no 1º Congresso Internacional, realizado em Barcelona em 1990, a partir do qual “tem procurado trabalhar esta grande temática da Cidade Educadora, quer ao nível interno, mobilizando vários serviços da Câmara Municipal de Lisboa e outros da cidade de Lisboa, ao nível nacional, trabalhando em rede com outros municípios do país, quer ao nível internacional, trabalhando com municípios de todo o mundo” (Município de Lisboa, 2007).¹¹ Portugal participou nos Congressos Internacionais realizados e assumiu a organização de um, em Novembro de 2000. O Congresso foi realizado na cidade de Lisboa, congregou 802 participantes de 50 países de todo o mundo, num total de 215 cidades. Os temas desenvolvidos foram elaborados e disponibilizados a todos os participantes e constam também no Banco Internacional de Documentos das Cidades Educadoras.

¹⁰ Anexo 1.1.3. Regimento de Coordenação da Rede Portuguesa das Cidades Educadoras.

¹¹ Município de Lisboa, Departamento de Educação e Juventude (2007) “Lisboa, membro activo do movimento das Cidades Educadoras”.

No âmbito do trabalho que tem vindo a ser desenvolvido em Portugal, no domínio das Cidades Educadoras, destaca-se a criação de uma Rede Territorial Portuguesa das Cidades Educadoras, a qual procura “trabalhar coordenadamente a nível nacional numa reflexão teórico-prática sobre a importância da urbe/município como Educador(a)” (Ibidem). Esta Rede é actualmente constituída por 24 municípios¹² de vários pontos do país: Almada, Amadora, Barreiro, Braga, Cascais, Chaves, Esposende, Évora, Grândola, Leiria, Lisboa, Loures, Odivelas, Oliveira de Azeméis, Palmela, Portimão, Porto, Santa Maria da Feira, Santarém, São João da Madeira, Sever do Vouga, Sintra, Torres Novas e Vila Real.

A Rede Territorial Portuguesa das Cidades Educadoras foi iniciada pelo Município de Lisboa, através da Rede Metropolitana dos Municípios Educadores, e coordenada até ao primeiro trimestre de 2005. A Comissão Coordenadora da Rede Territorial Portuguesa passou, posteriormente, a ser composta por sete municípios: Lisboa, Barreiro, Grândola, Oliveira de Azeméis, Porto, Santa Maria da Feira e Vila Real. Na reunião da Rede Territorial Portuguesa das Cidades Educadoras, realizada a 23 de Novembro de 2006, em Lisboa, foi alterado o Regimento da Comissão de Coordenação da Rede Portuguesa das Cidades Educadoras, no que concerne ao número de membros que integram esta Comissão, passando a ser composta pelos municípios de: Barreiro, Grândola, Oliveira de Azeméis, Porto e Vila Real¹³. A Comissão elaborou um Regimento de Coordenação da Rede Portuguesa das Cidades Educadoras que define as actividades da Rede Territorial Portuguesa. Neste contexto destaca-se a dinamização dos Encontros da Rede Territorial Portuguesa (o 1º Encontro Nacional realizou-se em Maio de 2006), a dinamização das Redes Temáticas e a criação do Boletim da Rede Territorial Portuguesa, tendo sido editados três números deste Boletim.¹⁴

O Boletim da Rede Portuguesa das Cidades Educadoras constitui um veículo de divulgação recentemente criado, através do qual se pretende reforçar a troca e partilha de experiências entre as cidades membros da Rede Portuguesa¹⁵. Para

¹² Dados de Março de 2007, fornecidos pelo Departamento de Educação e Juventude do Município de Lisboa.

¹³ Lisboa fica como membro do Comité Executivo da AICE e Santa Maria da Feira como município organizador do 2º Congresso Nacional das Cidades Educadoras. O 2º Congresso será realizado nos dias 25 e 26 de Outubro de 2007, em Santa Maria da Feira.

¹⁴ Dados de Março de 2007.

¹⁵ O Boletim da Rede Portuguesa das CE é coordenado pelos Municípios do Barreiro, Lisboa e Grândola.

além de um espaço de divulgação das mais variadas práticas educadoras das cidades membros, o Boletim contempla outras rubricas: Encontro Nacional, Encontros Periódicos da Rede, Redes Temáticas, Comissão Coordenadora e Artigos de Opinião.

Com a formação e desenvolvimento da Rede procura-se a promoção, troca e partilha de boas práticas educativas, pretendendo imprimir a consciencialização e transversalidade da cidade e num trabalho em rede a afirmação de municípios educadores. O desenvolvimento e crescimento desta estrutura são visíveis nas expressões de alguns participantes no Boletim da Rede Territorial Portuguesa das Cidades Educadoras (2006, nº3); Albino Martins, Vice-Presidente do Município de Oliveira de Azeméis salienta que “em boa hora, Portugal marcou presença no movimento, criando a sua própria Rede Nacional que está em notória expansão... Tem sido um trabalho árduo, este a que a Comissão Coordenadora da Rede se abalançou para projectar devidamente o movimento no nosso país. Conscientes de que temos ainda muito para andar, a Rede Territorial Portuguesa das Cidades Educadoras está em consolidação crescente e cada vez a mais municípios vai passando a mensagem de que todos temos a dar e a receber seja na aprendizagem dos princípios ou na sempre enriquecedora troca de experiências.” Neste sentido, o mesmo representante continua salientando alguns exemplos que podem ser considerados para uma postura educadora e mediante os quais algumas cidades assinaram a Declaração de Barcelona, formando a Associação Internacional das Cidades Educadoras. Também Fernando Campos, Representante da ANMP, felicita o Município de Vila Real pelo 1º Congresso Nacional da Rede Portuguesa das Cidades Educadoras, realça a existência de tarefas que não dependem exclusivamente do poder local, refere que os municípios podem fazer muito mais pela educação do que o estabelecido por lei, salientando que é necessário alargar o leque de intervenção e ver o papel que cabe a cada actor social.

No âmbito da organização do Movimento Cidades Educadoras adquirem especial importância as ferramentas e formas de comunicação e relação, quer para as cidades que compõem esta “aldeia global”, quer para todos quantos pretendam conhecer ou integrar-se neste movimento, é assim valorizada a forma como funciona a página web da AICE. Todas as cidades membro da AICE podem

solicitar a sua própria página e nesta veicularem as iniciativas da sua cidade¹⁶. Neste contexto, encontra-se também on-line um espaço da Rede Territorial Portuguesa, com o objectivo de divulgar as mais diversas práticas educativas das cidades membros.

Conforme o referido anteriormente, a AICE propõe o desenvolvimento de Redes Temáticas, relacionadas com preocupações actuais, através das quais se procura o intercâmbio de ideias e boas práticas, contribuindo para uma maior harmonia entre as cidades da AICE. No âmbito dos temas apresentados no início do ano 2007 (*O espaço dos e das jovens nas Cidades Educadoras* e *As Cidades Educadoras actuam contra a aceleração da mudança climática*) e mediante a informação que é possível analisar no portal da AICE¹⁷ verifica-se que as Cidades Educadoras portuguesas têm em curso diversas experiências que se enquadram nestes contextos de actuação¹⁸.

Para avançar na concretização da Cidade Educadora como projecto de desenvolvimento integrado e consensual no território é imprescindível apostar “no diálogo e na concertação entre os diferentes agentes sociais no respeitante aos temas educativos que afectam a comunidade”, na procura e encontro das diferentes possibilidades educativas da cidade, constituindo um “Plano Estratégico de desenvolvimento sustentável de um território” (Caballo Villar, 2001:30).

¹⁶ Aquando da adesão da cidade de Lisboa à AICE, em 1990, o Município de Lisboa, através do seu Departamento de Educação e Juventude, iniciou um processo de recolha de projectos educativos desenvolvidos na cidade, que pudessem proporcionar aos cidadãos de Lisboa “a aprendizagem permanente de novas linguagens, oportunidades de conhecer o mundo, o enriquecimento individual e a partilha de forma solidária” (Carta das Cidades Educadoras). Esta base de dados foi recentemente alargada às restantes cidades que integram a Rede Portuguesa das Cidades Educadoras. (Informação fornecida pelo Município de Lisboa, 2007)

¹⁷ Dados disponíveis em Fevereiro de 2007 no endereço on-line da AICE- <http://www.edicities.bcn.es>

¹⁸ Alguns exemplos de experiências desenvolvidas no âmbito dos temas propostos:

- Centros de Informação Juvenil, no município de Cascais, que têm por objectivo dar resposta a necessidades informativas, estando também em desenvolvimento uma rede local de informação jovem com um centro por freguesia.
- A Associação Juvenil Rota Jovem é outra das experiências do mesmo município, que se traduz numa plataforma de desenvolvimento dos jovens e dos seus projectos. Este grupo procura sensibilizar os jovens portugueses para a participação activa na comunidade, desenvolvimento de projectos na área do meio ambiente e participação activa na comunidade.
- “O Sítio J”, em curso na cidade de Évora, uma acção que inclui todas as entidades que trabalham com jovens e que promovem iniciativas que têm como objectivo o desenvolvimento saudável e integral. “O Sítio J” pretende que os jovens conheçam e identifiquem os seus recursos e necessidades, dando ênfase ao aumento do exercício da sua cidadania, assim como na criação de serviços para o desenvolvimento integral.

CAPÍTULO II

ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL E EDUCAÇÃO

2.1. ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL – UM MODELO DE INTERVENÇÃO

A animação sociocultural contempla várias e distintas definições, dada a grande variedade de actividades e intervenções que aqui se podem integrar e diferenciar, “torna-se difícil poder eleger uma definição de animação sociocultural satisfatória para os diversos autores e grupos preocupados com esta temática, as intenções para delimitar o conteúdo e significado têm sido numerosos, se bem que, hoje em dia, se assume como um conceito polissémico, multiforme e ambíguo” (Sánchez, 1999:31). A animação sociocultural, em Portugal, só a partir do 25 de Abril de 1974, tomou proporções de uma filosofia de intervenção. Não somos, com efeito, ainda muito férteis na reflexão e produção teóricas, contudo, temos vindo a percorrer esse caminho. Se em tempos tínhamos a França exclusivamente como modelo, hoje temo-la como referência, conjuntamente com a maioria dos países da União Europeia, especialmente a Espanha (Bento, 2003).

A noção de animação sociocultural apresenta-se como uma criação frente à atonia social. Grande parte das definições expressa um projecto pedagógico de consciencialização, de participação e de criatividade social. Podemos considerar algumas definições apresentadas por vários autores que têm vindo a debruçar-se sobre esta área. Segundo Quintana (cit. in Ander-Egg, 1999: 70) “a animação é um novo tipo de intervenção social, que tende a favorecer e desenvolver a comunicação, a socialização e a criatividade, através dos meios e uma linguagem que estimula a fantasia e o prazer de participar”. Por sua vez, H. de Varine (Ibidem: 71) considera que “a animação sociocultural promove a tomada de consciência participativa e criadora das comunidades no processo da sua própria organização e luta”. J.P. Imhof (Ibidem: 73) define a animação como “uma descoberta, uma tomada de consciência, uma forma de relação sujeito-objecto e de sujeito-sujeito; uma acção relacional; uma forma de criatividade, de iniciativa e de responsabilidade.” A Fundação para o Desenvolvimento Cultural considera que “a animação implica três processos conjuntos: um processo que crie as condições para que todo o grupo ou todo o indivíduo se revele a si mesmo; um processo que ponha em relação os grupos de pessoas entre si, ou com as obras e os criadores, ou com os centros de decisão; um processo de criatividade, pela interrogação dos indivíduos e dos grupos com o seu meio, expressão, iniciativa e responsabilidade” (Ibidem: 76).

Se por um lado, a participação é um dos objectivos fundamentais da animação sociocultural, por outro, o objectivo principal é a mudança nos indivíduos. Segundo Varine (cit. in Bento, 2003:118) “só com um conjunto de esforços é que a animação sociocultural poderá estimular a participação activa nas actividades culturais e no movimento geral de inovação da expressão individual e colectiva”. Neste sentido, é importante perceber qual o papel ou a função do animador sociocultural. Há, com efeito, um consenso generalizado de que o animador sociocultural é um trabalhador social. Contudo, é também difícil ir ao encontro de uma definição específica, por um lado devido ao carácter polissémico dos termos animação e animador; por outro, pelo facto de muitos animadores socioculturais serem identificados nas suas funções por outro tipo de qualitativo: director, dirigente, responsável, assistente, etc. Para Edouard Limbos (1974) a função do animador está, preferencialmente, assente na correcta percepção dos valores e objectivos do grupo. Este autor insiste no espírito de equipa, cujo animador deve suscitar a criatividade, a expressão e a identidade.

A figura do animador sociocultural é uma peça fundamental em qualquer processo de animação sociocultural. A capacidade de escuta e de observação enriquecerá a sua experiência cultural e humana a partir da cultura local e regional, e também porque a partir das suas qualificações técnicas, culturais e humanas, o animador terá oportunidade de reorganizar e inovar o movimento associativo local e regional, de apelar à participação colectiva, individual ou por sectores e, ainda, de criar condições para a criação, produção e fruição culturais.

Neste contexto, será que a animação sociocultural, como forma de intervenção e processo transformador do social mediante a participação cidadã, pode desenvolver-se através da concretização de uma cidade educadora?

Quando nos debruçamos sobre o espaço de intervenção da animação sociocultural, pensa-se em que contexto territorial e cultural a intervenção terá lugar. Nos estudos desenvolvidos por Bento (2003) lê-se que “com o binómio território e cultura caracteriza-se o objecto da animação sociocultural e especificam-se as suas formas de intervenção... Acreditamos na manutenção da diversidade cultural e nos mosaicos culturais (local, regional, nacional e universal)” (Bento, 2003:105). O território e a cultura estão, assim, em constante dialéctica e fundamentam os parâmetros da animação sociocultural. O autor compreende ainda que, se existe essa dialéctica local e regional, num meio específico,

“também é verdade que outras dialécticas se devem estabelecer, numa interacção constante com o país e com o mundo”. Destaca-se, deste modo, toda uma dimensão de abertura ao meio envolvente, como forma de enriquecimento de determinado território e cultura e “quando se fala de território e de cultura, estamos implicitamente a falar de comunidade, de um espaço e de um tempo perfeitamente definidos, em que a animação sociocultural irá ter lugar” (Bento, 2003: 106, 108).

A animação sociocultural como função social no meio tem uma concepção ampla. Compreende a vida quotidiana (vida do bairro, festas, intercâmbios, animação nos diferentes serviços sociais, educativos, sanitários); a realidade sócio-económica e política (defesa de interesses e desenvolvimento sócio-económico da região); o tempo de ócio como animação ocupacional do ócio e animação cultural (contacto com criadores e obras culturais). A animação sociocultural precisa de partir tanto de uma teoria local com o fim sócio-educativo, como de uma gestão mais específica da realidade cultural, cujo objectivo é contactar criticamente com a cultura, considerando uma diversidade tanto de valores cívicos como das riquezas culturais que podem ser partilhadas. É necessário que o projecto de animação sociocultural seja suficientemente amplo, cuja base contemple: actividades culturais de qualidade dirigidas à população em geral; ofertas específicas para o público que não está motivado; apoio à promoção de grupos culturais emergentes (exposições de artistas locais, grupos de teatro, música, edições...), promoção de espaços para o desenvolvimento da criatividade e recuperação de tradições culturais populares, que em muitos municípios estão a desaparecer. Realidades que têm como objectivo o desenvolvimento da comunidade, a fim de contribuir para uma maior participação social, através da acção sócio-educativa, sócio-cultural e sócio-económica.

Podemos considerar a animação sociocultural como uma lógica de intervenção, como um percurso que conduz, a quem intervém, a observar primeiro o duplo movimento do desenvolvimento cultural: no primeiro momento, a criação, a pesquisa, a evolução das formas e das linguagens artísticas e suas capacidades de transformar as práticas sociais; no segundo momento, as práticas culturais da população, desiguais, ricas e diversificadas. Quanto maior for o envolvimento entre todos os sujeitos, maiores e melhores respostas surgirão, capazes de contribuírem para um desenvolvimento sociocultural mais harmonioso, que

responda aos anseios e às necessidades das próprias populações. A Animação Sociocultural é uma metodologia de intervenção, onde adquire especial significado não só o que se faz, mas a forma como se faz, a atitude com que se empreendem as acções, no sentido de promover práticas e actividades destinadas a gerar os processos de participação cultural, junto das pessoas e dos grupos.

A sociedade exige uma mudança no acto de educar, é preciso que cada um tome consciência do seu papel, é preciso que o professor se disponha a encaminhar o aluno para ver, comparar, reflectir, ponderar, avaliar; é preciso educar também para a aproximação e cooperação; “a Escola tem um papel importante: o de fornecer à comunidade os meios para conhecer o seu meio ambiente” (Alberto Carneiro, Elvira Leite e Manuela Malpique, 1983:69). A Animação Sociocultural favorece e desenvolve a comunicação, a socialização e a criatividade, faz participar, desperta o espírito pioneiro num clima de liberdade, faz com que cada um tome o seu destino nas mãos.

No domínio da Animação e Intervenção Sociocultural interessa também compreender os seus diferentes âmbitos de actuação. Para abordar os âmbitos da Animação Sociocultural será necessário ter presente a perspectiva tridimensional referente às suas estratégias de intervenção (Lopes, 2006):

- Dimensão etária: infantil, juvenil, adultos e terceira idade;
- Espaço de intervenção: animação urbana, animação rural;
- Diferentes áreas temáticas, ligadas aos sectores de áreas temáticas como sejam: a educação, a comunidade, o teatro, os tempos livres, a saúde, o ambiente, o turismo, o trabalho...

É a partir destes possíveis âmbitos de actuação que surge um amplo conjunto de termos compostos, para designar as várias formas concretas de actuação: Animação Socioeducativa, Animação Cultural, Animação Comunitária, Animação Teatral, Animação Musical, Animação Rural, Animação Turística, Animação Infantil, Animação Juvenil, Animação na Terceira Idade, Animação Desportiva, Animação de Bibliotecas, etc. Outras terminologias poderão ser formadas, relacionadas com potenciais novos âmbitos de Animação, a sua emergência é determinada por uma dinâmica social em constante mudança.

No âmbito deste estudo, e para uma maior coerência de raciocínio em torno dos conceitos em desenvolvimento, propõe-se de seguida uma análise que se direcciona essencialmente para três áreas: Animação e Educação; Educação e

Expressões Artísticas e Animação Comunitária, tendo presente que os âmbitos educativo, social e cultural se interrelacionam em termos de prática de animação e intervenção sociocultural.

2.2. ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL E EDUCAÇÃO: UMA EDUCAÇÃO COM LIGAÇÃO À VIDA

A Animação Sociocultural abarca uma realidade muito diversa e daí as suas múltiplas definições e caracterizações. No domínio da educação, considera-se significativo desenvolver uma análise que permita a relação de alguns conceitos que surgem no âmbito de actuação da animação sociocultural: a educação permanente, a educação de adultos, a educação não formal, a educação popular, a educação para o ócio e para o tempo livre (Fermoso, cit. in Trilla, 1998).

Procurando uma identificação das três formas de caracterização da educação, Ventosa considera que:

Educação Formal corresponde ao “sector da educação que pertence ao sistema educativo de um país pelo qual, tem um carácter regrado, isto é, com uma estruturação de objectivos, conteúdos, requisitos e sanções oficiais de títulos ou diplomas. Exemplo: Educação Primária, Obrigatória, Bacharelato, Universidade...”

Educação Não Formal diz respeito “aquele tipo de educação que, ainda que sistemática e estruturada, não entra no sistema educativo, permanecendo à margem, portanto, da regulamentação e do reconhecimento oficial que aquele impõe e outorga. Exemplo: Educação do tempo livre, academias, ateliers...”

Educação Informal corresponde a “todos aqueles processos que, sem ter uma intencionalidade educativa explícita, influem nas condutas, valores e conhecimentos das pessoas de uma maneira assistemática. Exemplo: Os meios de comunicação de massas, a publicidade, os amigos, etc.” (Ventosa, 1999:52).

Numa sociedade que se apresenta progressivamente mais complexa, com problemáticas diversas e novas necessidades, as orientações educativas abrem uma nova relação e sentido entre educação, cultura e sociedade. Propõe-se um alcance social mais amplo em que a pessoa passe a ser sujeito da sua própria educação. Tem-se verificado a procura de uma evolução qualitativa no domínio da educação formal contudo, e não menos importante, é o desenvolvimento da educação não formal e informal. É no âmbito da educação não formal que a Animação Sociocultural se enquadra; no entanto, podem também estabelecer-se relações positivas de colaboração entre a educação formal e a animação sociocultural (Sánchez, 1999:32). As relações entre a educação e a animação sociocultural têm sido estudadas a diferentes níveis por vários autores. Grande

parte dos autores são da opinião que esta metodologia de intervenção incorpora sempre componentes educativas, Caride afirma que “a Animação Sociocultural projecta-se com uma finalidade eminentemente educativa, tornando-se explícita nos seus objectivos de liberdade, participação, democracia cultural, inovação social, transformação social, identidade cultural, criatividade colectiva e desenvolvimento autónomo e integrado” (cit. in Sánchez, 1999:32).

Neste contexto, interessa identificar infra-estruturas que estão relacionadas e implicadas nestes processos educativos, sendo de referir as seguintes (Ventosa, 1999):

- Centros de Educação Permanente e de Educação de Adultos

Nestes Centros existem programas de capacitação com propostas de animação, através das quais se procura inter-relacionar os conteúdos com os interesses e necessidades dos participantes, assim como com projectos de desenvolvimento sócio-económico, potenciando a motivação e processos comunicacionais de participação nos centros e de inserção no meio.

- Animação em Espaços de Aprendizagem

Com o propósito de atingir uma educação integral e participativa a animação sociocultural também actua em escolas e outros espaços de aprendizagem tendo em atenção os interesses dos alunos, a abertura ao meio quotidiano, procurando um processo educativo globalizador, onde possa estar presente a expressão, a participação activa, a convivência, actividades extra-lectivas em geral, associações de pais.

- Centros Juvenis de Ócio e Tempo Livre

Embora se tratem de espaços, tradicionalmente, dedicados à infância e à adolescência surgem agora numa perspectiva de funcionamento democrático e de inclusão, dirigidos a todas as idades, permitindo assim a convivência inter-geracional e também um trabalho de animação externa ao próprio centro.

Paralelamente a estes espaços de actuação, e considerando as diferentes perspectivas de estudiosos de animação sociocultural, são frequentemente referidos alguns conceitos relacionados com animação sociocultural e educação, sendo especialmente utilizados os seguintes: Animação Socioeducativa; Animação Sociocultural e Educação de Adultos; Animação Sociocultural e Educação Permanente. Pelo significado que estes termos assumem no âmbito deste estudo procederei a uma análise mais específica em torno dos mesmos.

2.2.1. Animação Socioeducativa

A Animação Socioeducativa corresponde a um âmbito com grande tradição na história da Animação Sociocultural. Lopes (2006) refere-nos que surge no fim dos anos sessenta, num contexto de educação não formal, com tendência a uma educação global e permanente de carácter lúdico, criativo e participativo. Historicamente surge-nos ainda como uma acção voltada para a acção em colónias de férias, campos de férias, acampamentos e outras actividades de ar livre destinadas essencialmente à infância e adolescência. Progressivamente, no âmbito da Animação Socioeducativa abrem-se novos espaços e hipóteses de trabalho que têm a ver com a sua ligação “a uma inovadora tecnologia educativa que articula, cruza e partilha saberes referentes aos diferentes espaços educativos, formal, não formal e informal, a partir da utilização de diferentes técnicas, nomeadamente: teatro, expressão dramática, expressão musical, expressão plástica e jogos. Só assim, a Animação Socioeducativa poderá contribuir para elevar o sucesso da educação formal, permitindo uma motivação adicional para o estudo de matérias normalmente consideradas pouco atractivas” (Lopes, 2006:389).

O que esperamos e exigimos da educação é hoje bastante diferente. Se o papel da educação na vida social deve ser alterado são muitas as mudanças que devem acontecer, especialmente nas instituições educativas. “Quem deverá ensinar? Só a escola... ou há que alargar o trabalho formativo a outros âmbitos sociais e a outro tipo de organizações...?” (Majó, cit. in Gómez-Granell e Vila et al, 2001:61). O mesmo autor reforça a necessidade de se perceber que “o processo educativo não deve estar centrado em quem ensina mas deve ser construído em torno de quem aprende”. Salienta-se, deste modo, que o fundamental é o processo de aprendizagem, para o qual é necessário que o indivíduo tenha à sua disposição ferramentas, serviços e instituições que permitam aceder ao conhecimento.

Identificou-se no ponto anterior que aprender deverá ser uma actividade permanente no entanto, para que este objectivo aconteça será necessário que todas as instituições, com as quais as pessoas se relacionam ao longo da vida, cumpram a sua função educativa, “por muito que o trabalho de aprendizagem se personalize, creio que a aprendizagem continuará a realizar-se num contexto

colectivo, isto é, no seio de uma comunidade de aprendizagem... Esta comunidade pode ser urbana ou rural, concentrada ou dispersa, mas tenderá a ficar unida pelo uso intensivo de recursos educativos e culturais que permitam uma rápida inter conexão entre escolas, universidades, bibliotecas, museus, serviços especializados, empresas, e meios de informação” (Ibidem: 2001:62, 63). Neste sentido, é necessário que se crie uma estrutura que permita criar sinergias entre as várias instituições, eliminando barreiras no acesso ao conhecimento, “as autoridades locais têm uma tarefa importante a realizar, não tanto na criação ou apoio de instituições educativas – apesar de que cada vez estarão mais próximas do âmbito local- como especialmente no desenvolvimento de redes organizativas que ponham em comum os recursos e facilitem o seu acesso” (Ibidem: 2001:63).

Deste modo, procura-se uma educação que problematiza, que questiona, uma educação que procura a interacção e promove a partilha, com base em valores de participação activa e de estímulos criativos e não uma intervenção em que o educador e o educando não interagem, aparecem desligados e distantes um do outro. A educação que aqui se defende supera estas questões, envolve uma metodologia de acção que se identifica com a animação sociocultural. No âmbito da Animação Socioeducativa, torna-se importante ligar a escola à comunidade, a diferentes níveis. Lopes (2006) aponta as seguintes possibilidades: ligar a Animação Socioeducativa à animação de museus; de bibliotecas; à educação para a saúde; à dinamização de acções de sensibilização e informação, em diferentes espaços; levar a Animação Socioeducativa ao hospital; relacioná-la com a animação terapêutica. Contribui-se, assim, para a formação e aprendizagem contínua e participada dos indivíduos e, por conseguinte, para o desenvolvimento integrado das comunidades.

2.2.2. A Educação de Adultos e a Educação Permanente no contexto da Animação Sociocultural

A animação sociocultural tem ampliado o seu campo de destinatários, objectivos e actividades. A infância e a juventude são grupos sobre os quais é necessário trabalhar e incrementar programas próprios. No plano dos “mais adultos”, verifica-se também um crescimento de propostas de actuação, quer em termos nacionais quer internacionais.

O termo educação de adultos apresenta-se polissémico, compreende um conjunto amplo e distinto de modalidades e situações educativas. As sucessivas conferências mundiais impulsionadas pela UNESCO atribuem destaque a diferentes aspectos da educação de adultos. A concepção clássica de educação de adultos debruçava-se sobre a alfabetização. As actuais formas de interpretação da educação de adultos procuram o desenvolvimento cultural da comunidade, a educação básica deixa de ter o habitual protagonismo e adoptam-se novas formas e actividades, que ultrapassam os limites da alfabetização, entre as quais se destacam além da educação básica de adultos e a formação ocupacional, a animação sociocultural. A educação de adultos é, assim, entendida no seu sentido mais amplo, como sendo a totalidade dos processos formativos que estão presentes ao longo da vida. Nóvoa (in Canário, 1999) compreende neste contexto que “formar-se” não é algo que se possa fazer num lugar à parte, mas é antes um processo que se confunde com a própria vida dos adultos. Sánchez reconhece que “actualmente, a educação de adultos, consciente das novas necessidades do adulto, deve assumir como objectivos básicos: fomentar o desenvolvimento das capacidades instrumentais dos grupos sociais mais desfavorecidos; potenciar o desenvolvimento das capacidades de expressão, participação e actuação diferenciada no meio social e estimular o desenvolvimento intelectual e afectivo que permita a aprendizagem autónoma e a actualização pessoal e profissional; desenvolver a capacidade de aprender: aprender a pensar, aprender a actuar e a criar” (Sánchez, 1999: 34).

A educação de adultos é assumida por Canário (1999) como um campo diverso de práticas educativas. Este autor identifica quatro pólos que permitem balizar o “território” das práticas sociais da educação de adultos. Estes pólos correspondem à “Alfabetização, à Formação Profissional, ao Desenvolvimento Local e à Animação Sociocultural”. No primeiro pólo adquire uma relevância marcante o conjunto de actividades educativas orientadas para a alfabetização, corresponde a uma oferta educativa de segunda oportunidade dirigida a adultos. “A alfabetização e a educação básica de adultos têm vindo a estruturar-se, nomeadamente no caso português, através da concentração de recursos num sistema de ensino recorrente, susceptível de permitir àqueles que nunca puderam frequentar a escola e àqueles cujo percurso foi marcado pelo insucesso e/ou pelo

abandono precoce, a possibilidade de iniciar, reiniciar ou aprofundar estudos, em particular ao nível da educação básica” (Canário, 1999:49).

No que se refere ao segundo pólo, Formação Profissional, igualmente importante e que tende a ser, nos dias de hoje, o pólo dominante, corresponde aos processos de formação profissional contínua, entendida como requisito prévio, está orientada para a qualificação e requalificação da mão-de-obra. Esta perspectiva de formação profissional contínua está ligada aquilo que constituiu a base da educação de adultos e ao conceito de educação permanente.

O terceiro pólo refere-se aos processos de intervenção orientados para o desenvolvimento local, no qual adquire forte valorização a participação directa dos interessados, a dinâmica e interesse da comunidade, assumindo responsabilidades no desenvolvimento e melhoria das suas próprias condições de vida.

O quarto pólo, de emergência mais recente, corresponde à animação sociocultural. Canário (1999) compreende que a animação sociocultural não se circunscreve à “ocupação de tempos livres” mas tem vindo a assumir-se como uma estratégia de intervenção social e educativa ao serviço de projectos de desenvolvimento, em contextos socialmente mais necessitados. Refere que o grande contributo que animação sociocultural induziu na reflexão e acção educativas consistiu em evidenciar “a dimensão quantitativa e qualitativa dos fenómenos educativos não formalizados e/ou não deliberados. Esta contribuição para a visibilidade desta parte imersa do icebergue educativo é essencial para o questionamento da hegemonia e onnipresença da forma escolar, abrindo o caminho a uma autêntica revolução copernicana no modo de pensar a educação” (Ibidem: 16). O autor identifica também que o desenvolvimento da educação de adultos, como campo de práticas educativas e também de reflexão e de investigação, contribuiu, no quadro das Ciências da Educação, “para uma reequação das relações entre acção, formação e investigação, favorecendo um contraponto crítico em relação ao experimentalismo de raiz positivista que marcou as Ciências da Educação até aos anos sessenta” (Ibidem: 19). O desenvolvimento da educação de adultos contribuiu, por um lado, para a “dominância da forma escolar”, por outro lado, contribuiu para o fim do “monopólio educativo” da instituição escolar. Reconhece-se, assim, o carácter educativo das diversas experiências que podem ser vividas em contextos sociais, “a acção e

práticas educativas ocorrem e são reconhecidas no exercício do trabalho, nas actividades lúdicas em ambiente privado ou público, na intervenção social” (Ibidem: 16).

Trilla (1998) refere também, neste contexto, que a função da educação de adultos deve ter um carácter mais amplo do que a formação básica, refere que este âmbito educativo deve estar orientado para o trabalho, para o desenvolvimento pessoal e formação, para o exercício de direitos e responsabilidades cívicas; salienta que “a própria União Europeia por meio de um estudo comparado sobre a educação de pessoas adultas solicita que a educação de pessoas adultas não deve cingir-se de forma exclusiva ao «sector educativo» mas também tem que estar relacionada com o amplo conjunto de realidades sociais (saúde, economia, cultura, etc.). A função da educação de adultos deve ter um carácter mais amplo que a formação básica...” (Trilla, 1998: 246).

Deste modo, e no que concerne à animação sociocultural com pessoas adultas partilho da mesma ideia do autor, compreendendo que o importante não é a cultura como consumo mas a cultura como participação. É, assim, fundamental que a educação favoreça novas dinâmicas e ofereça novas possibilidades tanto de acesso ao «mercado cultural» como de desenvolvimento de uma política cultural de base, de criação cultural, de expressão e de participação. É fundamental realizar iniciativas que promovam o desenvolvimento comunitário no próprio meio social, é necessário vincular os projectos de animação sociocultural a espaços determinados, sendo de referir que a “finalidade fundamental da educação de adultos e da animação sociocultural não é, por tanto, a simples aquisição de conhecimentos, títulos ou noções, mas a de favorecer a participação do maior número possível de cidadãos nos processos de organização e desenvolvimento da comunidade” (Marchioni, 2002: 61, 63).

O meio é um excelente recurso educativo para a educação de adultos, sendo por isso fundamental o seu conhecimento para uma adequada transformação do indivíduo, é de igual modo importante conhecer as possibilidades pessoais de cada sujeito, criar espaços abertos para a relação e diálogo, atribuir um sentido crítico e simultaneamente lúdico à vida. Mais importante do que fornecer conhecimento será despertar a capacidade de observação, de atenção e de crítica (Petrus, cit. in Sánchez, 1999). São múltiplas as referências que se podem encontrar sobre educação de adultos mas “todas tendem a facilitar ao individuo a

sua inserção plenamente activa, crítica e responsável no meio social ao qual pertence.... Numa sociedade cada vez mais complexa e dinâmica, o ser humano precisa estar em contínua formação ao longo de toda a sua vida, se quer manter-se activo e integrado no seu meio” (Ventosa, 1999:47). A este propósito e reforçando estas considerações, Canário evidencia uma posição que vai ao encontro desta forma de actuação, “a educação, entendida como um processo permanente e difuso em toda a vida social, tem um papel central a desempenhar na pesquisa e construção dessa saída colectiva, na construção de valores de solidariedade como suporte da nossa vida colectiva, na recriação de novas formas de articular o aprender, o viver e o trabalhar. Só assim poderemos passar de uma educação ainda centrada no «aprender a ter», para a concretização da divisa educativa, cara aos fundadores da educação permanente, de «aprender a ser»” (Canário, 1997:7).

A ligação da educação à animação e da animação à educação assume-se como uma necessidade. No âmbito do V Congresso Internacional de Animação Sociocultural¹⁹ constata-se que uma das principais conclusões se refere à necessidade de ligar a animação à educação e a educação à animação. Lopes refere que a história da Animação Sociocultural em Portugal regista vários exemplos de uma contínua metodologia de intervenção no domínio da educação de adultos, sustenta a ideia que “a Animação Sociocultural envolve um eficaz dispositivo tecnológico e metodológico para pôr em prática princípios norteadores de Educação Permanente e de Educação de Adultos, através da via de aprendizagens diversas como a educação para o trabalho, a educação para os valores, a educação para a saúde, a educação para a prevenção de acidentes laborais, a educação para o viver no respeito pelo outro, educar para comunicar, agir e participar” (Lopes, 2006:328). Este autor considera também que a Educação de Adultos, a Educação Permanente e a Animação Sociocultural constituem três conceitos que se interrelacionam, no âmbito dos quais a Animação Sociocultural se assume como um dispositivo tecnológico e metodológico eficaz. Um programa de Animação Sociocultural para adultos integra princípios que procuram “elevar o

¹⁹ O V Congresso Internacional de Animação Sociocultural foi organizado pela ANASC, foi realizado na cidade de Coimbra, de 11 a 14 de Novembro de 1999, contou com a presença de 570 congressistas e dos seguintes especialistas: Ezequiel Ander-Egg (Argentina), Victor Ventosa (Espanha), Merino Fernandez (Espanha), José Lopez Herrerias (Espanha), Sindo Froufe Quintas (Espanha), Américo Peres (Portugal), Brígida Grandos (Peru), António Silva (Portugal), António Cabral (Portugal), Carlos Fragateiro (Portugal), Luísa Coll (Dinamarca) e Salazar Ascénio (Chile).

ser humano e torná-lo protagonista e portador de autonomia plena” (Ibidem: 328). Partilho desta opinião e com base nas palavras de Trilla reforço estas dimensões referindo que “o modelo de «cidade educadora» e o espaço administrativo municipal como instância política mais próxima do cidadão são instrumentos adequados para as acções e projectos de animação sociocultural com as pessoas adultas” (Trilla, 1998:253). Entende-se a educação numa perspectiva global, na qual as três modalidades, educação formal, não formal e informal se apresentam como complementares. Ou seja, individualmente, nenhuma consegue responder às necessidades formativas dos indivíduos. Neste sentido e conforme salienta Gelpi (cit. in Cavaco, 2003:130) “a educação será permanente, não se conhecerão mais lugares, nem tempos privilegiados, cada um será educando e educador, não haverá fronteiras entre a educação formal e não formal, a educação inicial e permanente”.

2.3. EDUCAÇÃO E EXPRESSÕES ARTÍSTICAS:

UM PERCURSO DE APRENDIZAGENS

A relação arte e meio ambiente, a educação no e para o meio ambiente deve ser reconhecida, percebendo a importância do envolvente na nossa formação; “quando se fala em educação no meio ambiente e para o meio ambiente, têm-se em vista duas finalidades principais: a primeira é dar a possibilidade de estabelecer uma ligação entre as coisas que conhece e aquelas com que se encontra. A segunda é sensibilizar o indivíduo para a qualidade do ambiente, tornando-o agente de mudança nas interações com ele” (Carneiro, Leite e Malpique, 1983: 65). A sensibilização para a qualidade do ambiente é mais do que entender simplesmente os valores estéticos do património cultural, “a qualidade do ambiente engloba, naturalmente, as relações do homem com o seu meio” (Ibidem: 66). Esta referência transporta-nos para os “caminhos da natureza”, no contexto dos quais interessa considerar os itinerários urbanos que nasceram nas escolas e remontam a 1972, em Inglaterra; são hoje considerados como um dos meios mais favoráveis para o conhecimento do meio urbano, permitem a aquisição da noção de qualidade do ambiente e o encontro, que desta forma é promovido, com as coisas e as pessoas, gerando o espaço criativo que permite a aprendizagem. Conforme concluem os autores Carneiro, Leite e Malpique (1983: 69) “Os itinerários urbanos destinados às escolas conseguiram, realmente, salientar, junto dos alunos, a complexidade das questões urbanas e a relação entre o ambiente social e o ambiente físico”, é preciso, pois, aproveitar os percursos urbanos (bairro, rua ...) e provocar a reflexão, pensar-se com base na realidade, por exemplo: o que é necessário para que o bairro tenha todas as condições para servir bem? Significa, portanto, introduzir algo de interessante para observar, relacionar com o envolvente. Nérici (1989: 34) escreve que “é preciso tornar o educando consciente da realidade social em que vive, de maneira positiva, a fim de predispor-lo a cooperar na solução de suas deficiências, com a aspiração de melhorá-la, visando o bem comum de todos os seus membros”.

A questão do espaço é determinante. Tudo o que o ser humano é e faz está ligado à experiência do espaço, a consciencialização do corpo, a percepção do espaço e tempo de acção são conteúdos basilares nas actividades artísticas. Leite (2005) salienta também que as relações espaciais definem-se e compreendem-se

pela exploração de vivências de lugares, com os pés, mãos, com o movimento do corpo. A nossa sensibilidade estética é preciosa, observa-se, ouve-se, reconhece-se pelo odor, pelo paladar, pela visão, pelo tacto, contudo não devemos esquecer que a percepção visual não é única, todos os sentidos são fundamentais. As sensações tácteis, cinestésicas, são relevantes para a formação da imagem. Nérici (1989) lembra também o importante lugar que ocupa o desenvolvimento do espírito criador, como meio de encontrar novas formas de organização social, de educação.

Enquanto agentes educadores devemos reconhecer as possibilidades criativas que existem em cada um de nós. A escola deve “propiciar um ensino de busca, de pesquisa no campo intelectual; e uma prática o mais livre possível no campo das artes, como forma de desenvolver o espírito criativo. Não esquecer que são inimigos da criatividade o conformismo, a informação repetida, a falta de tempo para pensar, o excesso de pressa, o exagerado controle sobre os indivíduos, exercido pela imprensa, pelo cinema e pela TV” (Nérici, 1989: 28). É, assim, preciso proporcionar experiências autênticas aos alunos, num ambiente permissivo, onde se possam expressar livremente. Urge que a educação hodierna faça com que o homem não se limite a aceitar teses, mas que promova a liberdade de pensar. “(...) Este desiderato, no entanto, só pode ser concretizado com o desenvolvimento do espírito criativo”; o qual se impõe “...para que o homem possa conservar a sua individualidade e a sua responsabilidade pessoal...” (Ibidem: 30).

É necessário que todos, de acordo com a liberdade pessoal, assumam uma atitude de tolerância com os outros. Tolerância e espírito crítico completam-se, no sentido em que permitem respeitar as manifestações de liberdade individual. Neste sentido, o autor salienta que “é preciso urgentemente pensar na formação do autêntico cidadão, aquele que age conscientemente quanto às consequências dos seus actos e que coloca o interesse colectivo acima do interesse puramente individual e prejudicial ao colectivo.” Salienta-se, assim, a necessidade de um melhor conhecimento da realidade, para que se atinja o objectivo máximo que é o respeito crescente pelo homem, à medida que se conhece a realidade, o que implica também torná-lo cada vez mais consciente das suas limitações. “...tem por fim humanizá-lo, torná-lo mais solidário e cooperador com os seus semelhantes, em vez de dominador dos seus semelhantes” (Ibidem: 34).

A educação visa assim o respeito pelo ser humano, a sua humanização, sendo para o efeito necessário recorrer à utilização de todos os recursos e práticas disponíveis. Tratam-se de questões que se assumem, cada vez mais, actuais. É imprescindível e árdua a tarefa da educação hodierna. A sociedade exige uma mudança no acto de educar, é preciso que cada um tome consciência do seu papel, é preciso que o professor se disponha a encaminhar o aluno para ver, comparar, reflectir, ponderar, avaliar; é preciso educar também para a aproximação e cooperação.

No contexto do que tem vindo a ser referido salienta-se uma abordagem à educação e suas implicações na formação do indivíduo, que passa pela preocupação e implicação das diversas instituições neste importante acto que é educar. A educação artística, os projectos de formação e dinamização de públicos, que acontecem nos diferentes contextos socioculturais, assumem especial significado na prossecução destes objectivos; conforme refere Brederode Santos (2003: 16) “os projectos de arte e de cultura participativos encorajam a integração social e o desenvolvimento democrático dado que permitem uma contínua negociação de valores e de interesses em conflito. Podem dar voz a muitos que se sentem excluídos das decisões políticas e sociais e por isso esses projectos podem funcionar, como um parlamento alternativo.”

Com efeito, no século XX, a cultura e a educação artística deixaram de ser um divertimento facultativo das elites para serem encaradas como uma componente essencial da qualidade de vida. Uma sólida educação artística pode ajudar a preparar as gerações futuras para os desafios da globalização, a qual exige um pensamento complexo. É, neste sentido, fundamental que as entidades públicas e nomeadamente as autarquias encetem iniciativas, no âmbito de adequadas políticas educativas e culturais, tornando acessíveis a todos a cultura e as artes.

A educação cultural e artística, como factor de desenvolvimento sociocultural, está intimamente ligada ao conceito de política cultural de uma instituição. Infelizmente a tradição pedagógica portuguesa não tem concedido o destaque necessário ao ensino das artes e, conseqüentemente, à formação para o ensino das mesmas; “a tradição pedagógica portuguesa, salvo raras excepções, tem relegado para um plano secundário ou de «enriquecimento/ complemento

curricular» o domínio da educação artística e da educação físico-motora” (Brederode Santos, 2003: 13).

Desenvolveram-se, em Portugal, um conjunto limitado de iniciativas no sentido de impulsionar o ensino artístico no país. Os tempos da ditadura, não só política mas também cultural, restringiram a educação artística, remetendo-a para entidades privadas ou para iniciativas isoladas. Por esta altura, a arte, o sentido crítico, a liberdade de pensar, eram considerados subversivos. Entre alguns acontecimentos que foram surgindo no contexto artístico, de referir que em 1956 cria-se, em Portugal, a Fundação Calouste Gulbenkian, instituição com fins caritativos, artísticos, educacionais e científicos. Por conseguinte, no mesmo ano, a nível internacional, Herbert Read publica “A Educação pela Arte”. Em termos mais próximos, nos anos 60 é criada, no Porto, a Cooperativa Ludus, dedicada à pesquisa e inovação artísticas, sob o impulso de conhecidos artistas e pedagogos: Alberto Carneiro, Fernanda Flores, Jorge Pereira, Manuela Malpique, Elvira Leite. Em 1997 surge o Projecto de Investigação em Desenvolvimento Estético, da responsabilidade da Fundação Gulbenkian, o qual pretende uma atitude integradora e ampla com implicações em diversos campos: pedagógico, cultural, estético, social e político. De referir ainda as EIA's- Equipas de Intervenção Artística, criadas pelo Ministério da Educação para apoiar a integração das Expressões Artísticas no 1º ciclo. Estas equipas exerceram uma influência relevante contudo, terminada a sua actuação, não deixaram as raízes necessárias. Factos que, de algum modo, nos têm vindo a demonstrar a ausência de atribuição da devida importância ao ensino artístico no nosso país, nomeadamente pelos departamentos oficiais.

No entanto, embora em número restrito, têm acontecido algumas experiências marcantes no contexto artístico. Boaventura Sousa Santos faz referência a um projecto desenvolvido em Belgais (Castelo Branco), impulsionado por Maria João Pires, cuja designação *Centro para o Estudo das Artes de Belgais*, como um local onde se constrói uma nova ideia de país, à margem de um país oficial e dos interessados que o constituem. O mesmo autor salienta ainda que a excelência desta iniciativa consiste em que, sendo nossa é, também um património universal e confere a Portugal uma competitividade internacional. A força de Belgais está em que, necessitando do apoio do Estado, nunca tal apoio poderá comprometer a sua autonomia. Ainda relativamente a este Centro,

Frédéric Sounac, no panfleto publicado com as Sonatas ao Luar de Beethoven, descreve “um lugar com génio: não uma localização, mas um espaço significativo... A literatura, as artes plásticas ou manuais, o teatro, a dança e mesmo a agricultura, colaboram no descobrimento de um saber estético, para o qual a música oferece, sem dúvida, um acesso privilegiado” (cit. in Vasconcelos, 2003:129). Com efeito, quantas mais formas de linguagem se introduzirem mais rica será a educação, “mas que melhor aprendizagem do que aquela que se faz quando a podemos vivenciar plenamente, numa partilha com os outros?” (Carneiro, Leite e Malpique, 1983:76, 77).

É preciso provocar o gosto pelo conhecimento, a educação artística valoriza importantes formas de inteligência, ligadas ao sensível, à acção e à prática. A arte não explica mas implica, valoriza essencialmente a experiência singular, o processo de aprendizagem é mais lento e mais interior, não é mensurável e é dificilmente comparável. Com efeito, a sua avaliação será mais difícil do que a de áreas que envolvem um raciocínio lógico- dedutivo, linear, onde é mais fácil definir o que está “certo” e “errado”.

É neste sentido fundamental o contributo das diferentes instituições que podem colaborar na formação e desenvolvimento do indivíduo, aspectos basilares se pensarmos no contexto de uma Cidade Educadora. O primeiro ponto da Carta das Cidades Educadoras (2004) assim o estabelece “todos os habitantes de uma cidade terão o direito de desfrutar, em condições de liberdade e igualdade, os meios e oportunidades de formação, entretenimento e desenvolvimento pessoal que ela lhes oferece. ...Serão responsáveis, tanto a administração municipal como outras administrações que têm uma influência na cidade, e os seus habitantes deverão igualmente comprometerem-se neste empreendimento, não só ao nível pessoal como através de diferentes associações a que pertençam”.

Estes domínios de intervenção devem ser apoiados pelas instituições que de algum modo procuram zelar pelo enraizamento da população e pelo desenvolvimento educativo e sociocultural. A autarquia tem, assim, um importante papel neste sentido, na medida em que um dos seus objectivos de acção tem a ver com proporcionar condições sociais e culturais, para incentivar e fixar os indivíduos na cidade e no concelho que representa.

É preciso despertar o exercício da espontaneidade, da invenção e criatividade humanas, como elementos fundamentais para a emergência de novas

realidades ou de novos objectos. O saber só por saber não tem validade, é preciso saber para ser e, por isso, as aprendizagens devem emergir de situações reais, de necessidades sentidas, para que sejam significativas para os destinatários.

A educação pela via das expressões assume-se como meio genuíno na formação dos cidadãos, do seu potencial crítico e criativo e, por consequência, libertador. Contudo, é ainda necessário percorrer um longo caminho, que passa pela conjugação de esforços de todos os agentes que intervêm no acto educativo, e acima de tudo que a pretensa compreensão da “educação artística como desenvolvimento de possibilidades de interpretação do mundo e expressão do pensamento e da criatividade” tenha, por parte dos ministérios, correspondência no terreno.

Sabemos que em torno da educação artística encontram-se diversas interpretações, uns entendem-na exclusivamente como a transmissão de diferentes técnicas outros, consideram a arte como um momento de lazer, de auto-expressão, de descontração das "aulas sérias". No âmbito destas abordagens é frequente depararmo-nos quer com a expressão Educação Artística, quer com a designação Educação pela Arte, na medida em que são muitas vezes utilizadas como equivalentes. Contudo, alguns autores conferem-lhe significados próprios, a este propósito Ander- Egg (1999: 34) refere “...na educação artística dá-se prioridade ao produto estético, na educação pela arte prioriza-se a pessoa capaz de desenvolver as suas potencialidades através da expressão e comunicação artística e o acrescentar da sua sensibilidade estética.” Com efeito, encontramos frequentemente as duas designações. No entanto, considero que o verdadeiro interesse das reflexões que se desenvolvem em torno da área artística, não se devem centrar propriamente nesta questão, mas antes na concretização efectiva desta área em termos educativos. Educação Artística é porém a expressão indicada pelo Ministério da Educação, no Currículo Nacional do Ensino Básico- Competências Essenciais.

Hoje falamos muito em educação integral, uma educação que transforme o educando em sujeito do seu próprio desenvolvimento, que o torne crítico, criativo, apto a agir e modificar o mundo cultural e a sociedade em que vive. A educação artística e as experiências que daí poderão advir propõem a educação integral, na medida em que estruturam toda uma reorganização interna, desde o nível cognitivo, implicam o aprofundar de conhecimento; envolvem aspectos sócio-

emocionais, criam-se relações afectivas, reformulam-se mecanismos, estruturam-se outros. Estabelecem-se relações sociais, pois todas as relações têm o seu contexto, a nossa história individual é a síntese da relação que cada um estabelece com a cultura, com o meio social onde está inserido. Podemos falar também de relações de percepção, de relações motoras, na medida em que desenvolvemos actividades concretas, que envolvem a percepção, em todas as suas possibilidades, bem como o movimento.

O educando deveria ser sempre o agente do processo educativo, recorrendo aquilo que tem de mais peculiar, à sua individualidade para se expressar e para se relacionar com o próprio e com os outros. Esta constitui uma das indicações expressas pelo Ministério da Educação, no documento *As artes no currículo do ensino básico*, que é parte integrante do Currículo Nacional do Ensino Básico-Competências Essenciais (2001: 155), “a Arte como forma de apreender o Mundo permite desenvolver o pensamento crítico e criativo e a sensibilidade, explorar e transmitir novos valores, entender as diferenças culturais e constituir-se como expressão de cada cultura”.

Ao desenvolver e conhecer artes espera-se que o indivíduo percorra trajectos de aprendizagem que propiciem conhecimentos específicos sobre sua relação com o mundo. Além disso desenvolvem-se potencialidades como percepção, observação, imaginação e sensibilidade, que podem alicerçar a consciência do seu lugar no mundo e que contribuem também para a apreensão significativa dos conteúdos de outras áreas de ensino. Neste contexto, de salientar o contributo de Bruner (cit. in Fernandes, 2005:13), nomeadamente o princípio do instrumentalismo, no âmbito do qual o autor considera que “a educação tem sempre consequências na vida dos indivíduos, já que afecta a sua capacidade de pensar, de relacionar-se, sentir, falar e agir.”

Aprender artes envolve não apenas uma actividade de produção artística, mas também, a conquista da significação do que fazem, através do desenvolvimento da percepção estética, alimentada pelo contacto com o fenómeno artístico, visto como objecto da cultura através da história e como conjunto organizado de relações formais. Devemos também ter em mente que a concretização do papel comunicativo e social da arte acontece porque além do criador, surge o espectador, aquele que usufruiu e aprecia a obra. No contexto escolar, o aluno é criador mas é também apreciador.

O fazer artístico é um facto humanizador, cultural, que envolve um conjunto de diferentes tipos de conhecimentos, gerando diferentes significados, fazendo com que o criador perceba que é também um agente de transformação. Deste modo, os alunos poderão identificar o fazer artístico não só como uma experiência de arte, como também uma forma de desenvolvimento de potencialidades; como experiência de comunicação e de interacção grupal, sendo assim a educação artística como estrutura formal e como produto cultural. Conforme é referido no documento supracitado *As artes no currículo do ensino básico* (2001: 149) “as artes são elementos indispensáveis no desenvolvimento da expressão pessoal, social e cultural do aluno. São formas de saber que articulam imaginação, razão e emoção. Elas perpassam as vidas das pessoas, trazendo novas perspectivas, formas e densidades ao ambiente e à sociedade em que se vive”.

Tendo em mente as considerações que envolvem a instituição escolar, entre as quais se destaca o colaborar na educação do indivíduo, promovendo o acesso à cultura; de reflectir que o indivíduo só pode aceder completamente à cultura quando se torna capaz de formar uma imagem de si mesmo, de se compreender, de encarar o meio através da sua acção e técnica.

Com efeito, conseguir uma educação integral não pode ser apenas através da instrução. Trata-se de um objectivo que só será possível caminhar na sua concretização por meio de um trabalho integrado das diferentes áreas, através de objectivos comuns que transportem o aluno não apenas a aprender, mas a dar significado ao que aprende. Procura-se, assim, que o aluno se consciencialize e desenvolva a responsabilidade, a auto-educação, para que se torne agente da sua própria educação. O mesmo documento do Currículo Nacional do Ensino Básico - Competências Essenciais (2001: 149) salienta “a vivência artística influencia o modo como se aprende, como se comunica e como se interpretam os significados do quotidiano. Desta forma, contribui para o desenvolvimento de diferentes competências e reflecte-se no modo como se pensa, no que se pensa e no que se produz com o pensamento.” Deste modo, seria mais fácil formar indivíduos críticos, conhecedores da sua importância no processo de transformação do mundo, capazes de analisar a realidade com tranquilidade, objectividade, firmeza e justiça, que é aquilo que tanto se procura e que na realidade não tem prosseguido em harmonia, nem tem seguido percursos sólidos.

O fazer arte e pensar sobre o que se realiza, pode permitir uma aprendizagem contextualizada em relação a valores e meios de produção artísticos das diferentes sociedades, em diferentes épocas. Para o efeito, é importante que o aluno adquira gradualmente autonomia para aprender a procurar a informação desejada, para se tornar um indivíduo investigador e que saiba partilhar o que aprendeu. É preciso que esteja em contacto constante com temas e actividades que o ajudem a compreender criticamente o seu espaço pessoal e o seu papel como cidadão numa sociedade, “as artes permitem participar em desafios colectivos e pessoais que contribuem para a construção da identidade pessoal e social, exprimem e enformam a identidade nacional permitem o entendimento das tradições de outras culturas e são uma área de eleição no âmbito da aprendizagem ao longo da vida” (Currículo Nacional do Ensino Básico - Competências Essenciais, 2001: 149).

É possível, através da arte, desenvolver projectos, onde se privilegie o desenvolvimento de temas socialmente relevantes. É uma oportunidade para ampliar o entendimento e a actuação dos alunos perante os problemas vitais que estão presentes na sociedade, exercitando a responsabilidade como cidadão²⁰.

De algum modo, tem-se vindo a dar uma crescente atenção à integração da educação artística nas escolas e os Ministérios da Educação e da Cultura têm desenvolvido estudos conjuntos para melhorar essa integração. Também ao nível europeu este tema tem estado em discussão²¹.

Considero que o ensino de arte não pode ter uma visão meramente técnica, de transmissão de conceitos, de forma puramente imitativa, como também deve refutar os princípios da livre expressão, do deixar fazer espontâneo, sem intervenção externa.

²⁰ Neste contexto, pode-se abordar por exemplo o tema das diferentes culturas, levando o aluno não só a identificar semelhanças e diferenças culturais, como a reconhecer a importância de criar mecanismos de conservação da própria cultura nos grupos sociais. Permite também problematizar temas como preconceitos, excepionalidade física ou mental, estereótipos culturais, etc.

Em contextos mais actuais, de registar acções, no domínio da educação artística, que têm vindo a ser realizadas recentemente. A “InSEA” é um exemplo que evidencia o interesse por esta área. Trata-se de uma organização internacional que congrega artistas, pedagogos, agentes educativos, em galerias, museus e serviços culturais, animadores socioculturais e outras pessoas com interesses similares pela educação artística, visual e educação pela arte. O seu objectivo fundamental é o desenvolvimento da educação e criatividade através das artes em todos os países e a promoção de valores de tolerância e compreensão entre os povos.

²¹ A Holanda promoveu recentemente uma conferência sobre as políticas de educação artística na comunidade, na qual Portugal esteve representado. Portugal acolheu no final do ano 2006, em Lisboa, a Conferência Mundial de Educação Artística promovida pela UNESCO.

Aprender arte, envolve não apenas uma actividade livre de produção artística, mas também envolve compreender o que se faz e o que os outros fazem, através do desenvolvimento da percepção estética e do conhecimento do contexto histórico, em que é produzida determinada obra. A arte será assim tratada como um objecto de cultura, criada pelo homem no seio de um conjunto de relações. A arte faz parte das formas de conhecimento humano, apresentando especificidades em relação às outras disciplinas. O seu lugar na escola é inquestionável, a proposta de ensino democrático considera a vivência e o conhecimento artístico, um direito de todos.

O aluno deverá ter oportunidade de desenvolver a sua cultura de arte fazendo, conhecendo e apreciando produções artísticas, que são acções que integram o perceber, o pensar, aprender, recordar, imaginar, sentir, expressar e comunicar pessoal, onde poderá interagir e relacionar-se com o ambiente. Poderá ter como fonte de novas informações não só o ambiente escolar, mas pode também ser motivado a apreciar obras de arte a partir de visitas a museus, participação em espectáculos musicais, teatrais, tendo acesso a diversas fontes de informação e comunicação (textos, vídeos, gravações, rádio, Internet, etc.).

De referir, neste contexto, o documento adaptado de David Best (1996, cit in Fernandes, 2005:1) “Perguntaram, um dia, a Dizzie Gillespie se um ensino mais especializado não o teria impedido de desenvolver a criatividade e originalidade do estilo musical que ele assumia ao tocar trompete. - Não, eu diria que não. Um professor ajuda a cortar caminho – respondeu Gillespie. O entrevistador insistiu na questão e perguntou: - Mas um professor não poderia ter limitado o desenvolvimento do seu estilo particular, pelo menos, em certa medida? - Um bom professor, não. - Respondeu o músico.” Compete ao educador/ animador problematizar as situações, desafiar o aluno a solucioná-las, no sentido de desenvolver as suas estruturas mentais e afectivas. Deve criar situações dinâmicas de aprendizagem, apoiado em imagens, músicas, danças, livros, slides, espectáculos, vídeos, para que o aluno se actualize e aumente o seu próprio repertório artístico. O educador/ animador assume assim um papel de instrumentalizador técnico, orientador, destinatário das produções, documentador, promotor de trocas entre os participantes.

A este propósito de referir a perspectiva de Bruner (cit. in Fernandes, 2005:6) na abordagem psicocultural da educação quando, na referência ao princípio do

constrangimento, salienta “do ponto de vista educativo importa reter uma ideia fundamental que diz respeito à necessidade de reconhecer que à educação compete impelir o ser humano a ir além das suas «predisposições naturais», facultando-lhe, para isso, o estojo de ferramentas que a cultura desenvolveu para esse efeito, daí que se defenda competir à educação essa tarefa de: permitir que através do uso dos sistemas simbólicos os seres humanos possam transcender-se, superando as suas «predisposições naturais»; promover e potenciar a capacidade humana de interpretar significados e de construir realidades”.

A educação artística deve basear-se no desenvolvimento da criatividade do educando, ampliando a sua expressividade nas mais diversas linguagens; deve enfatizar o exercício da percepção, da fantasia e da imaginação criadora. Em termos metodológicos o domínio artístico poderia desenvolver-se numa metodologia triangular, onde se contemplasse o fazer artístico (produção), a leitura da obra de arte (crítica e estética) e a contextualização da obra de arte (espaço e tempo).

O acto de apreciar será com certeza desenvolvido através de exercícios de observação da própria produção, através da leitura de obras, assistindo a espectáculos de teatro, de música, de dança, na troca de experiências, nas discussões sobre arte, dos meios de comunicação e do mundo social no qual o indivíduo está inserido. A apreciação estética desenvolve o sentido crítico do aluno. O acto de contextualizar a obra de arte é também importante, deve ser um processo contínuo que focaliza, em determinado momento histórico o registo do sentimento estético e da visão do artista perante os acontecimentos que o envolvem ou envolveram. Percebendo a história da arte, o aluno poderá estabelecer relações mais profundas com a produção, permitindo intervir e reinventar a sua obra. O aluno deverá também relacionar-se com a arte de diversas épocas e estilos, conhecendo os diferentes elementos que entraram na sua composição, construindo um conhecimento teórico-prático sobre o assunto.

Continuamos a viver o equívoco, já antigo, de que a Educação Artística e Tecnológica na formação cultural, estética e vocacional será realizada, no essencial. Manter este equívoco só serve a ocultação e a não realização desse dever social e cultural. É necessário fortalecer e encontrar novos espaços. Enquanto esta ambiguidade se mantiver não haverá uma formação, devidamente actualizada, que corresponda às finalidades do ensino e da formação básica para

todos os indivíduos. As disciplinas curriculares de âmbito artístico e tecnológico, neste quadro de ambiguidade, não realizarão as principais finalidades, que definem os seus papéis no currículo escolar.

A área Artística e Tecnológica é uma área integradora de diferentes saberes. A componente tecnológica não consiste na aprendizagem de um corpo específico de técnicas com tecnologias, mas antes no desenvolvimento de uma compreensão global sobre o processamento das tecnologias no mundo contemporâneo. O desenvolvimento do pensamento criativo requer ambientes emocionais estruturantes, de implicação e motivação dos sujeitos. Os processos operatórios cognitivos mobilizam distintos factores como: a observação, a sensibilização, a imaginação, a percepção, a memória, a capacidade de análise e de síntese e expressão. Parecem ser estas as capacidades necessárias ao desenvolvimento das práticas criativas, no âmbito das disciplinas das áreas Artística e Tecnológica, e em qualquer domínio de conhecimento e da vida humana.

A educação artística é, portanto, um processo de articulação da experiência, de significação da relação do indivíduo com o meio e consigo mesmo. Nesse processo de articulação e ordenação, o potencial criador dialoga com as experiências anteriormente acumuladas pelo sujeito de acção, relacionando o antigo com o novo, através de uma transformação que respeita a especificidade do sujeito e o objecto a ser conhecido, dando-se aí uma aprendizagem por experiência significativa. A imaginação criadora permite conceber situações novas, ideias e articular os sentimentos em imagens, textos, música, teatro, dança e movimento. Esta faculdade de imaginar está na raiz de qualquer processo de conhecimento, seja ele científico, artístico ou técnico. E, além disto, a arte é um conhecimento que permite aproximar indivíduos de culturas diferentes. É uma expressão universal e ao mesmo tempo pessoal, uma criação única, inserida num contexto cultural e histórico.

É preciso despertar o exercício da espontaneidade, da invenção e criatividade humanas, como elementos fundamentais para a emergência de novas realidades ou de novos objectos. É necessário que a escola e as instituições em geral procedam a uma reflexão consciente e prática, na qual se encontre o verdadeiro significado da educação artística, percebendo o seu contributo no desenvolvimento da personalidade; no respeito pelos direitos humanos e

liberdades fundamentais; reflectindo no papel da educação artística nas sociedades contemporâneas, no desenvolvimento dos valores como inclusão social, identidade, diversidade cultural e tolerância.

2.4. ANIMAÇÃO COMUNITÁRIA -

LÓGICA DE PARTICIPAÇÃO, CIDADANIA E DESENVOLVIMENTO LOCAL

A comunidade é o recurso mais valioso para o desenvolvimento de processos de animação sociocultural, “temos que procurar ver a comunidade como o principal recurso existente que necessita de uma acção social para ser realmente utilizável e para poder funcionar... uma comunidade consciente das suas necessidades e dos seus deveres, quando se compromete livremente numa acção de melhoria e de mudança de si mesma, também sabe reivindicar melhor os seus direitos” (Marchioni, 2002: 54). É necessário assumir a comunidade como fundamento da intervenção, esta visão requer a participação e complementaridade de contributos das diferentes instituições e entidades, administrativas, políticas, técnicas. Na concretização da Cidade Educadora a comunidade descobre as suas possibilidades e permite que aconteçam, através de um processo educativo integral.

É necessário alterar comportamentos, concretizar modelos de intervenção social, cultural e educativa; promover a consciencialização e a prática permanente da criatividade. Bertrand e Valois (1994) salientam que o desenvolvimento da pessoa e o da comunidade operam-se um através do outro. Enunciar um novo paradigma sócio-cultural que afirme a cultura e valorize a criatividade, é construir algo de novo, Tajfel afirma, a este propósito, que “não é possível criar qualquer coisa de novo se não existir qualquer coisa de velho a utilizar como critério em relação ao qual institui uma diferença” (cit. in Bento, 2003:138). Independentemente da comparação poder ser passado, presente ou futuro, a originalidade é sempre relativa, o que é fundamental é a eficácia, recorrer a elementos válidos e suficientes para conseguir uma adequada intervenção sociocultural.

A animação sociocultural como pedagogia, mas também tecnologia ao serviço do desenvolvimento sociocultural, assume-se pelo processo de envolvimento com a comunidade, pela existência do animador, pela mediação que faz entre os processos e os produtos artísticos, enfim, pela criação de uma atmosfera de compromisso, assente em cumplicidades, realidades e realizações. A animação sociocultural é uma estratégia mas é sobretudo uma atitude, é simultaneamente objecto e sujeito das dinâmicas socioculturais.

Bento (2003) salienta no seu estudo que a dinâmica sociocultural das regiões e das comunidades deve passar por uma reflexão mais profunda com o meio, por um maior aprofundamento da criatividade e também dos valores e por um maior empenho e participação de quem “recebe a fruição cultural” e de quem “produz a criação cultural”, referências que adquirem grande importância se tivermos presente a necessidade de mudança de paradigmas educacionais e socioculturais nesta fase de início de século, de milénio. De considerar também a definição de ASC apresentada por Bento “a Animação Sociocultural é uma forma de acção sócio-pedagógica que, sem ser única, se caracteriza basicamente pela procura e pela intencionalidade de gerar processos de participação das pessoas em áreas culturais, sociais e educativas que correspondam aos seus próprios interesses e necessidades...” (Bento, 2003:120). Denota-se, assim, a presença do discurso da interacção e da participação activa dos indivíduos.

Na base deste estudo e dos propósitos que têm vindo a ser enunciados podem ser referidos alguns critérios: a mudança cultural respeitando a tradição; alteração de mentalidades, procurando um futuro harmonioso, de relação e de criatividade; construção de saberes e do conhecimento, mostrando-se aberto à inovação; afirmação cultural, valorizando a criatividade de si e para os outros; respeito pelo meio envolvente, comprometendo-se com o equilíbrio ambiental; aumento de capital artístico e cultural, incentivando a produção, a criação e fruição culturais; apelo à participação a partir dos interesses, necessidades mas também da curiosidade e da inovação; consciência do eu na relação com o outro e com os outros. O que tem vindo a ser referido, em torno da importância da afirmação cultural e valorização criativa no âmbito da intervenção sociocultural, assenta nos elementos: comunidade, enquanto sujeito da mudança; animação sociocultural enquanto metodologia e estratégia para essa mudança, desenvolvimento sociocultural da comunidade, enquanto finalidade dessa mudança. Esta realidade, no sentido da afirmação cultural e valorização criativa, é um paradigma de procura permanente, de construção de espaços culturais e criativos, que permitem que a tradição e a inovação sejam o complemento uma da outra.

Conforme tivemos oportunidade de identificar nos conteúdos atrás desenvolvidos, a Educação Permanente engloba um conceito alargado, surge como uma oportunidade que permite acompanhar as mudanças sociais, desenvolver a capacidade crítica, de análise e criação. Sendo o ser humano um

ser activo, que problematiza e pode transformar o real, é importante que o faça de acordo com a sua perspectiva, no pleno uso da sua liberdade. A Educação Permanente tem como principal objectivo munir as pessoas de saberes a nível intelectual e técnico, que permita desenvolver o seu espírito crítico, que as capacite para viverem activamente em sociedade, que permita escolher, com conhecimento de causa, quais os valores pelos quais vale a pena viver e atingir aquele que será o valor mais alto: a felicidade (Vários Autores, 1995). Para que a Educação Permanente se efective, para que a comunidade se sinta motivada, surge a necessidade de sensibilizar as populações para a dinâmica social, cultural e educativa. É neste contexto que a Animação Comunitária encontra o seu mais amplo sentido.

Através dos Vários Autores de *Animação Comunitária* (1995) pode-se compreender, de modo completo e objectivo, o que é e como se desenvolve a Animação Comunitária. Expressa-se como forma de educação não formal, centra-se nos interesses e necessidades das comunidades, respeita os participantes das acções, os seus ritmos, os seus conhecimentos e saberes práticos, tendo por base que cada pessoa só pode realizar o seu ser em liberdade, sem modelos impostos, “encarada como acção eminentemente pedagógica visa despertar a razão que mora em cada ser humano, a tomada de consciência de si, das suas potencialidades, das condições necessárias à actualização dessas mesmas potencialidades e dos mecanismos que impedem e facilitam essa realização” (Basto e Neves, in Vários Autores, 1995: 6). O tipo de educação que se defende em Animação Comunitária é a “educação libertadora”, centrada no sujeito e na sua realidade, visa a tomada de consciência das possibilidades para, em conjunto com os outros, participar na transformação do meio e na criação de cultura.

A educação faz-se de dentro para fora e não de fora para dentro, cada um se educa a si mesmo, cada um é sujeito da sua própria educação através das assimilações que vai fazendo, de acordo com o estado de maturação, e variam de acordo com aquisições já feitas, percurso de vida, projectos, etc. Destaca-se aqui a importância da Animação Comunitária, uma forma de intervenção que se preocupa com o equilíbrio entre o saber e o saber-fazer, que se preocupa acima de tudo com a forma como se desenvolvem as acções, mais do que com as próprias acções.

Com efeito, a comunidade onde o indivíduo está inserido assume um papel fulcral na acção educativa. É assim fundamental que a mesma funcione em harmonia, que todos conheçam o seu papel e a importância que este assume no desenvolvimento local e na formação dos seus habitantes. É a consciencialização de globalidade que deve coexistir em cada um de nós, sendo certo que não é exclusivamente ao nível da sociedade que tudo se organiza, se reequilibra, mas sim ao nível de cada comunidade, onde a afirmação cultural e a valorização criativa adquirem grande significado.

A Animação Comunitária, como forma de acção sócio-pedagógica, deverá incentivar as comunidades à prática cultural, para que a cultura faça parte do quotidiano das pessoas e lhes possibilite pensar e agir de forma mais integrada, esclarecida, voluntária. Que progressivamente lhes permita ser mais cidadãos e desenvolver o sentido de cidadania, assumirem-se cada vez mais como ser livres e responsáveis, em colaboração com outros, tendo consciência que a visão de cada um é, em princípio, tão respeitável como a visão dos demais, mesmo sendo diferente. A diferença enriquece o grupo, abre novas possibilidades, potencia soluções inovadoras. Atitudes fundamentais na construção do mundo, de uma complexidade crescente, exigindo por isso a criação conjunta de estratégias.

A boa relação social é um factor base na integração e desenvolvimento das comunidades. As instituições e essencialmente as autarquias assumem, neste contexto, um papel fundamental na construção de uma realidade que se afigura cada vez mais exigente, o que pressupõe também um trabalho cada vez mais em equipa, correctamente planificado e executado. A sociedade hodierna, cada vez mais, impõe a descontinuidade ao indivíduo, onde domina a competição e o individualismo. O associativismo tende a recuperar o ânimo comunitário que a vida social quotidiana exturque, impulsiona a comunidade e a participação, a animação e intervenção sociocultural adquirem outro sentido. O grupo adquire hoje um novo valor. Por um lado, é uma resposta aos interesses individuais, proporcionando espaços de realização pessoal, de encontro e de relação; por outro lado constitui uma oportunidade privilegiada de participação cívica. Assistimos hoje à emergência de uma nova sociabilidade. Não já aos grandes movimentos de massas, mas aos pequenos grupos com projecto, lugares de experiências, de acção partilhada, com objectivos concretos e concretizáveis no tempo e no espaço.

As associações reflectem a dinâmica da vida das comunidades. Pela associação, a comunidade actualiza os seus valores e potencialidades, Norbeck considera que as associações “constituem uma importante fonte de inspiração e campo fértil para fazer crescer a democracia (...) Nenhuma instituição, na sociedade portuguesa, dá maiores esperanças no que respeita à formação de um novo tipo de educadores e de um novo tipo de educação. Só elas têm a oportunidade única de radicarem as bases da indispensável educação para o desenvolvimento numa tradição democrática portuguesa” (in Vários Autores, 1995:26). A associação é assim a possibilidade de estruturar grupos de pertença no seio da comunidade. Os indivíduos envolvidos numa sociedade de consumo precisam de se rever nos outros, de buscar a sua identificação no confronto com os seus iguais, construir a sua identidade. Contudo, a associação não é simplesmente um grupo, implica um acto de vontade explícita, é um estágio mais avançado de sociabilidade. A associação implica participação e organização, os seus objectivos respondem aos interesses dos seus associados. É preciso, pois, trabalhar no sentido de uma “cultura comunitária entendida como realização plena da democracia cultural (...) uma cultura construída com visões plurais, veículo de divergências e de encontros” (Quintana, J. M., 1986: 28).

O associativismo pode dar resposta a muitas das necessidades sentidas pelas comunidades, constitui portanto um pólo gerador de novas atitudes e comportamentos. As associações são espaços privilegiados de intervenção social, constituem um meio eficaz para combater a indiferença, o individualismo e o isolamento, promovendo a participação dos cidadãos no seu próprio processo de desenvolvimento. A arte de viver deve emergir das comunidades de base. É no viver quotidiano que as relações se tornam significativas e se constrói a consciência colectiva. A promoção de espaços de encontro, experiências e comunicação nas comunidades, são indispensáveis para a criação de aprendizagens colectivas.

Também nestes âmbitos de actuação Correia e Caramelo (2003), no decurso de estudos em torno do “Local” e da “Mediação do Local” enfatizam alguns aspectos que vêm ajudar a compreender a importância e interdependência das questões que aqui se abordam, nos domínios da cidadania, participação e desenvolvimento local. Quer a noção de “local” quer a noção de “mediação” remetem para várias dinâmicas e problemas sociais heterogéneos, “quer a

mediatização da noção de mediação, quer a relevância atribuída ao local têm por pano de fundo uma definição da problemática da cidadania que pressupõe a existência estabilizada de um “bem comum” sendo o exercício da cidadania pensado numa lógica onde se enfatiza fundamentalmente a multiplicação dos dispositivos e das disposições de acesso a esse bem comum” (Correia e Caramelo, 2003: 181). Os mesmos autores consideram que o realce que se atribui à produção de novas formas de sociabilidade “permite reactivar um conceito de cidadania indissociável da questão da produção da própria cidade”, sendo neste sentido “político – cognitivo” que a mediação pode ser pensada como dispositivo de “construção de cidades enquanto espaços de exercício de relações sociais densas e quentes, onde o mediador é um artesão da construção de cidades e das relações que lhe dão vida” (Ibidem:181).

A mediação tem uma expressão local e assume-se como forma de facilitar a comunicação e a relação entre os indivíduos e as suas relações com as instituições. As estratégias para se evitarem discórdias “passam por um envolvimento directo entre os seres, estando o sucesso deste envolvimento dependente da presença, social ou simbólica, de um terceiro como garante do respeito das condições de comunicação. A comunicação é, portanto, um dispositivo de gestão das vontades que, embora imponha exigências específicas, constitui o único garante plausível à expressão incontrolada dos desejos e dos interesses egoístas” (Ibidem:178).

O que torna verdadeiramente democrática a democracia é a participação. Lopes (2006:427) relaciona os conceitos de participação e cidadania, “a participação, para ser real, deve estar comprometida com o desenvolvimento, fruto de uma democracia participativa... Assim, democracia será sinónima de participação e não de delegação; democracia que apela ao sentido crítico do cidadão, permitindo-lhe o exercício de uma cidadania implicada...”. A participação tem de ser vivida de forma completa para o efectivo exercício da cidadania. “Ser cidadão não é uma tarefa cómoda, é muito complicada, as pessoas não nascem cidadãos, fazem-se no tempo e no espaço” (Juan Sáez cit. in Lopes, 2006:430). A cidadania requer arte de viver em comunidade, conforme compreende Caride, ser cidadão é “ser sujeito, ter direitos, gozar as suas liberdades e responsabilidades no seio de uma convivência justa, democrática...” (cit. in Lopes, 2006: 429). O

autor considera ainda que a participação deve ser promovida com base “em novas organizações comunitárias” e salienta os aspectos que estas devem respeitar:

- “estar abertas a todas as pessoas;
- ser flexíveis, para se adaptarem às mudanças necessárias e favorecer as relações interpessoais;
- aceitar as pessoas que querem participar em projectos que superem os limites da esfera dos interesses pessoais;
- incluir todas as outras organizações sociais que querem compartilhar finalidades e que trabalham para que estas reforcem no processo comunitário;
- trabalhar de maneira criativa, estimulando as relações com organizações e associações;
- serem capazes de representar (frente a outros protagonistas) os interesses gerais e solidários do conjunto da população” (Ibidem: 428, 429).

Pretende-se compreender estas considerações à imagem dos princípios concebidos através da Carta das Cidades Educadoras, entre os quais se lê que “as cidades de todos os países, devem agir desde a sua dimensão local, enquanto plataformas de experimentação e consolidação duma plena cidadania democrática e promover uma coexistência pacífica..., estimulando mecanismos representativos e participativos de qualidade”. São necessárias políticas educativas que promovam a participação, que deve ser entendida como um direito de cidadania, o que pressupõe que o indivíduo intervenha na vida da comunidade, esteja informado, dê a sua opinião. A valorização da acção comunicacional assume-se como uma forma de “promoção da democracia participativa como a principal dimensão estruturante da construção do espaço público” (Correia e Caramelo, 2003:182).

Num contexto de relação e análise entre participação e animação sociocultural considera-se a reflexão desenvolvida por Ana Sastre, na qual salienta que “uma das características fundamentais da Animação Sociocultural é o seu carácter participativo, e é tal a sua importância neste tipo de processos que, na sua ausência, não podemos falar de Animação Sociocultural” (cit. in Lopes, 2006:431). Sem a presença contínua do conceito de participação não tem significado falar de animação sociocultural, os seus projectos de intervenção concretizam-se apenas com a implicação activa da população a quem se dirigem. É, assim, fundamental dar a possibilidade às pessoas de agirem, participarem,

aprenderem activamente e, sobretudo, fazer compreender que são elas próprias os agentes de transformação possível nas suas comunidades, criando soluções a partir da valorização dos recursos existentes e, deste modo, da sua própria valorização.

2.ª PARTE

QUADRO METODOLÓGICO

CAPÍTULO III

METODOLOGIA INTEGRADORA NA RECOLHA DE INFORMAÇÕES

3.1. O CAMPO METODOLÓGICO COMO SISTEMA

No desenvolvimento de uma investigação o quadro metodológico assume-se no âmbito da problematização e fundamentação das questões orientadoras. As metodologias a utilizar devem permitir coerência, articulação e diálogo permanente entre o trabalho teórico e a pesquisa empírica. O quadro metodológico assume a procura de lógica dos procedimentos científicos, constitui uma ajuda na explicação, não apenas dos produtos da investigação mas, principalmente, no seu próprio processo. A metodologia tem como principal objectivo convergir para a produção de objectos científicos, “esclarecer a unidade subjacente a uma multiplicidade de procedimentos científicos particulares..., ajuda a desimpedir os caminhos da prática concreta da pesquisa dos obstáculos que esta encontra” (Bruyne, Herman e Schoutheete, 1991: 27). Os mesmos autores referem também que “... as escolhas metodológicas não são colocadas umas após as outras, mas formam sistema, isto é, supõem voltas constantes e interpenetrações recíprocas dos pólos epistemológico, teórico, morfológico e técnico.(...) não configuram momentos separados da pesquisa, mas aspectos particulares de uma mesma realidade de produção de discursos e de práticas científicas... definem um campo metodológico que assegura a cientificidade das práticas de pesquisa” (Ibidem: 31, 35, 36).

Podemos referir que a metodologia constitui a arma do pesquisador. O carácter científico da pesquisa é o resultado de um processo contínuo de ruptura com as pré-noções do senso comum, o qual, e conforme refere Teixeira Lopes (1998:24), “pode ser definido como o pensamento em acção nas rotinas diárias; um pensamento que raramente reflecte nos seus alicerces mais profundos porque está em situação de permanente *performance*”. A ruptura que se refere não corresponde à desvalorização da opinião do senso comum, aliás essa opinião é fundamental, o discurso, as formas de comunicar, de reproduzir e construir a realidade envolvente, assumem importante sentido epistemológico. Pretende-se, contudo, destacar que a realidade social resulta da actividade dos sujeitos, não pode ser predeterminada do exterior, é sempre resultante da percepção, interpretação, que confere um sentido ao mundo da vida. Geertz “acentua, simultaneamente, o carácter activo dos sujeitos na produção dos significados e o papel não menos activo do investigador no deciframento desses significados” (cit.

in Teixeira Lopes, 1998: 35). Destaca-se, assim, a importância do trabalho do investigador, na selecção das estruturas de significação, na sua interpretação, descobrindo e identificando a sua validade, construindo a realidade, “o trabalho do investigador assemelha-se ao de alguém que ouve histórias, recontando-as de acordo com as suas grelhas e instrumentos conceptuais” (Teixeira Lopes, 1998:35).

A pesquisa encontrará a autonomia por meio de métodos específicos e, essencialmente, com a delimitação dos objectos. No âmbito das ciências sociais a teoria assume um lugar de destaque, é essencialmente uma necessidade. A teoria constitui um domínio interno do campo metodológico de pesquisa, pelo que deverá “realizar a ligação entre os contextos da prova e da descoberta... O contexto da prova é aquele no qual levantamos a questão de saber se aceitamos ou rejeitamos as hipóteses e as teorias... O contexto da descoberta é aquele no qual nos perguntamos como encontramos, como construímos nossas hipóteses e nossas teorias” (Bruyne, Herman e Schoutheete, 1991: 108,109). O sistema teórico é hipotético, isto é alguns dos seus elementos são hipóteses, enunciados conjecturais que podem sempre ser contestados pelos factos, assim, toda a teoria científica deve poder ser contestada na sua totalidade pelos factos que ela investiga. A verificação, o teste empírico das teorias é uma exigência primordial.

Mediante estas referências e com base na investigação qualitativa que pretendo construir, considero que estes elementos, apontados por Bruyne, Herman e Schoutheete, se enquadram no contexto e pluralismo metodológico a realizar. O campo de pesquisa, como lugar efectivo do trabalho de pesquisa, é essencial que seja um lugar dinâmico e dialéctico no qual se elabore uma prática científica, no sentido da construção de objectos de conhecimento específicos. No âmbito do campo de pesquisa, os referidos autores falam do “ambiente societal da pesquisa”, uma referência que nos transporta para a influência das questões políticas e sociais na organização social da pesquisa. Considerando o contexto e ambiente que baseia o trabalho empírico, o estudo da realidade educativa e sociocultural de Barcelos, é uma referência que considero importante manter presente.

Ainda no que concerne ao domínio teórico, é necessário ter presente que os sistemas teóricos estão em constante expansão, as definições que se apresentam estão sujeitas a possíveis transformações. É assim necessário “evitar o

fechamento arbitrário das teorias, fechamento que estagnaria a pesquisa num formalismo estéril” (Ibidem: 127). Interessa, neste contexto, registar que se podem distinguir, como faz P. Bourdieu (cit. in Ibidem), três modos de conhecimento dos factos, de abordagem dos dados, conforme a maior ou menor atenção dirigida às condições de possibilidade da investigação, aos pressupostos culturais e metodológicos: ‘fenomenológico’, ‘objectivista’ e ‘praxiológico’. Estas atitudes têm a ver com a forma de pensar a situação de pesquisador perante os dados recolhidos, sendo assim uma adesão mais intimista corresponderá ao ‘fenomenologismo’; uma distinção radical dos mesmos, insere-se no objectivismo; quando se assume uma abordagem própria como parte integrante das observações para melhor controlar o seu aparecimento, falamos de praxiologia.

Deste modo, e reportando de forma mais específica ao estudo que se pretende desenvolver, no qual o contexto relacional traduz importantes significados, considero que é o domínio ‘fenomenológico’ que mais se aproxima dos propósitos da investigação que pretendo realizar. Teixeira Lopes (1998) citando Poujol e Labourie refere-se a uma “cultura-acção”, a cultura não é concebida apenas em forma de objectos, é eminentemente relacional e intersubjectiva, as nossas actuações quotidianas fazem com que seja constantemente actualizada. É, neste contexto, que o autor compreende que a abordagem fenomenológica assenta no carácter intencional da acção, nos actos comunicativos e na constante produção de significado e, deste modo, o fazer quotidiano da sociedade, entendida como “uma realização engenhosa dos actores” (Giddens, cit. in Teixeira Lopes, 1998:22). No entanto, salienta também que é na perspectiva de um racionalismo relacional que poderemos detectar o conjunto da situação, isto é a procura de regularidades que objectivamente enquadram o devir social. Com base na reflexão de Giddens²², Teixeira Lopes salienta, assim, que “compreender o que se faz apenas é possível através do conhecimento, ou seja, ser capaz de descrever aquilo que os outros fazem e vice-versa” (Ibidem:32, 33).

²² “Giddens é bastante claro na afirmação de uma postura anti e pós-positivista. A sua ‘teoria da estruturação’ recupera o primado da análise da acção dos agentes, afirmando as significações subjectivas como uma parte integrante e essencial da realidade social. (...) Giddens aproxima-se claramente da fenomenologia e da etnometodologia, designadamente quando estas correntes defendem que o mundo da realidade quotidiana constitui a realidade primeira ou predominante. (...) Salienta-se a ênfase no carácter dinâmico da estrutura e no facto desta não poder ser considerada como exterior ao indivíduo” (Teixeira Lopes, 1998: 41, 42, 45).

Para aceder ao verdadeiro facto, os dados devem ser pertinentes de acordo com hipóteses teóricas precisas, isto é devem constituir a confirmação dessas hipóteses, verificando os sistemas teóricos nos quais as hipóteses se inserem, “assim os factos científicos são conquistados, construídos, constatados, a sua própria natureza é “instrumentada” pelas técnicas que os colectaram, tornada significativa pelo sistema teórico que os produziu/ acolheu. Os factos remetem a enunciados empíricos que descrevem situações observadas, enquanto as teorias apenas colocam, em sua linguagem hipotética, a possibilidade de tais situações” (Bruyne, Herman e Schoutheete, 1991: 204).

Neste contexto de análise, e antes de concretizar as formas de recolha de dados utilizadas, considero pertinente proceder a uma breve referência à actividade que desenvolvo em termos profissionais, na medida em que corresponde a um contexto que permite uma maior proximidade com os actores desta investigação. Acompanho e coordeno diversos projectos de dinamização cultural e educativa, na Câmara Municipal de Barcelos, nomeadamente a partir do Gabinete da Juventude, dirigidos a diferentes grupos, instituições e entidades, especialmente do concelho de Barcelos. A relação e contactos que daí advêm permitem uma maior proximidade e uma mais completa percepção da realidade envolvente.

Neste sentido, faço especial referência a dois projectos existentes que envolvem um contacto mais permanente com os jovens e com as instituições do concelho. Com estas características salienta-se o projecto sócio-educativo *Agarrate à Vida*²³, que se traduz pelo desenvolvimento de sessões, com base em temáticas de importante valor educativo, para os jovens e população em geral. É uma iniciativa de carácter permanente, uma forma de manter sempre disponível o desenvolvimento de temas, nas diferentes instituições: escolas, juntas de freguesia, associações, grupos de escuteiros, grupos informais de jovens e outros grupos interessados. O Cartão Barcelos Jovem é outro projecto permanente que permite, através da inscrição dos jovens, estruturar um veículo privilegiado de informação. Todos os detentores do Cartão fazem parte de uma importante base

²³ Este projecto contempla as áreas de: Prevenção das Toxicodependências- Tabagismo; Alcoolismo e Drogas não Legais; Educação Sexual- Adolescência e a Descoberta do Corpo, Desenvolvimento da Sexualidade, Gravidez na Adolescência, Métodos Contraceptivos, Infecções Sexualmente Transmissíveis; entre outras abordagens. As sessões realizam-se por meio da deslocação de técnicos à instituição inscrita, no âmbito da qual é desenvolvido o tema escolhido, de forma teórico-prática, com recurso a diferentes materiais. É também disponibilizada informação de apoio a todos os participantes.

de dados, capaz de traduzir os gostos, apetências e preocupações dos jovens do concelho. É um documento identificativo colocado à disposição de todos os jovens, com idades compreendidas entre os 12 e os 25 anos, que tem como objectivo facilitar o acesso a descontos em vários equipamentos e em diversos tipos de bens e serviços. Outros projectos como Barcelos para a Música, Moda Barcelos, Mostra de Arte Jovem, constituem iniciativas culturais e educativas, no âmbito da actividade artística, que permitem desenvolver e identificar dinâmicas, gostos e apetências da população do concelho.

O contacto e relação que este tipo de actividades envolve pode permitir aquilo a que Bogdan e Biklen (1994: 55) chamam de “interacção simbólica”, no âmbito da qual referem que a experiência humana é medida pela interpretação, os seres humanos criam activamente o seu mundo, as pessoas agem “como animais simbólicos que interpretam e definem”. Os significados são construídos através de interacções, a interacção simbólica envolve os instintos, traços de personalidade, normas culturais, etc. Estes elementos podem, assim, constituir os construtos de investigação, para compreender o comportamento. No contexto da teoria da interacção simbólica, de referir também o construto do self, “o self é a definição que as pessoas constroem (através da interacção com os outros) sobre quem são” (Ibidem: 55). Considerações que, no âmbito deste estudo, adquirem especial sentido, na medida em que se pretende compreender a forma de estar e actuar das instituições e da comunidade em geral, numa realidade determinada, interpretando deste modo as suas características e funcionamento.

O trabalho empírico desenvolve-se essencialmente no concelho de Barcelos, é esta realidade que constituiu o espaço de análise, a partir da qual se procura ir ao encontro da percepção do município de Barcelos no quadro que constitui uma Cidade Educadora, analisando as hipóteses de intervenção e possibilidades que a mesma apresenta para a implementação do movimento, assim como os desafios que lança para a expansão dos processos de Animação Sociocultural.

Com estes propósitos, torna-se importante a referência a aspectos que considero significativos no desenvolvimento de uma investigação qualitativa, um dos quais está relacionado com o meio, o ambiente natural, como fonte directa. Tendo em atenção que um dos objectivos é a proximidade, o contacto e relação directa com as pessoas e as instituições locais, a forma de actuação é fulcral. A deslocação ao local, não só constitui uma preocupação com o contexto mas

também permite uma maior compreensão da realidade em análise. O próprio comportamento humano é influenciado pelo contexto em que ocorre, pelo que a deslocação ao local de estudo é significativa.

A investigação qualitativa é descritiva. Os dados são em forma de palavras ou imagens e não de números. Os dados são analisados em toda a sua riqueza de expressão, respeitando a base em que os mesmos foram recolhidos. Algo que me agrada especialmente na abordagem qualitativa é o facto de tudo o que nos envolve ter potencial para análise, tudo pode ser avaliado, nada é trivial. Bogdan e Biklen (1994:50) referem que outra das considerações do investigador qualitativo, tem a ver com o facto de se interessar mais pelo processo, do que simplesmente pelos resultados ou produtos, “o significado é de importância vital na abordagem qualitativa”, referência que adquire especial enquadramento no decurso da análise dos temas que formam este estudo. Através da investigação qualitativa ilumina-se a dinâmica interna das situações, não é uma abordagem neutra, procura-se antes apreender correctamente as diferentes perspectivas, questionam-se os sujeitos de investigação, de modo a proceder a um registo tão rigoroso quanto possível do modo como as pessoas interpretam as suas experiências. A este respeito Psathas (cit. in Ibidem) salienta o modo como os próprios sujeitos estruturam o mundo social em que vivem, estabelecendo-se assim um diálogo constante entre o investigador e os respectivos sujeitos.

De acordo com os estudos efectuados existem diversas formas de investigação qualitativa, contudo, todas partilham o objectivo de compreender os sujeitos com base nos seus *pontos de vista*. De referir contudo que a aplicação desta designação implica estar ciente de questões teóricas e metodológicas, de modo a não distorcer a correcta experiência dos sujeitos.

No âmbito da metodologia qualitativa a *cultura* constitui outro elemento que deve ser considerado pelo investigador. A cultura abarca aquilo que as pessoas fazem, aquilo que sabem e ainda os objectos que desenvolvem e utilizam, a cultura contribui para a interacção, para que as pessoas ajam conjuntamente. Existe, com efeito, uma interacção entre a cultura e os significados que as pessoas atribuem aos acontecimentos. As pessoas têm que ser compreendidas de acordo com as situações, com os contextos em que estão inseridas, este constitui um factor essencial no trabalho de investigação.

De registar, no seguimento do que tem vindo a ser referido, que são as realidades múltiplas, a diversidade de perspectivas, e não uma realidade única, que interessam à investigação qualitativa, o objecto de estudo consiste no modo como as diferentes pessoas envolvidas entendem e experimentam os objectos pretendidos.

No que concerne à interpretação da abordagem qualitativa em termos científicos, Dalton (cit. in Bogdan e Biklen 1994: 64) refere que a característica mais importante dos procedimentos do cientista tem sido “o utilizar a sua mente da melhor forma possível, sem quaisquer restrições”. A este propósito, e voltando novamente a Bruyne, Herman e Schoutheete (1991:19), considera-se que a ciência não pode ser apenas o prolongar da visão espontânea do mundo ou a formulação sofisticada do que nos é suscitado pela percepção, a ciência “só consegue fazer com que captemos aspectos inéditos da realidade na medida em que começa por substituir o campo perceptivo por um domínio de objectos que ela constrói por seus próprios meios (...) É, precisamente, partindo da construção do objecto que se poderá captar o aspecto dinâmico do procedimento científico”. Neste contexto, J. Piaget refere que “a fase científica da pesquisa começa quando, ao dissociar o verificável do que é apenas reflexivo e intuitivo, o pesquisador elabora métodos especiais, adaptados a seu problema, que sejam simultaneamente métodos de abordagem e de verificação” (Ibidem: 34). É neste sentido metodológico que se pretende construir o estudo, no qual considero que a análise de conteúdo poderá conceder importantes vantagens na análise e interpretação das informações e no procedimento científico das mesmas.

O campo do saber pode ser considerado o solo de estruturação dos objectos científicos. É necessário que nós investigadores tenhamos uma atitude de grande seriedade na recolha e tratamento de dados, pois no âmbito das ciências sociais os resultados da investigação estão muito dependentes da nossa compreensão da realidade social, é preciso que a concepção da estrutura social concretize o que efectivamente acontece, seja autêntica, “a realidade visada pelas ciências, seus objectos, deve ser tanto descoberta prospectivamente quanto provada reflexivamente” (Ibidem: 201). Em termos metodológicos a atitude científica, na investigação qualitativa, passa muito por uma mente aberta na abordagem e tratamento de dados. Estes autores salientam que não é tanto o resultado ao qual se chegou, mas antes o processo de interacção que levou a esse resultado. A

epistemologia não deve estar orientada para os resultados, para a ciência já constituída, mas antes para os procedimentos, para a acção, para tudo o que faz da pesquisa uma actividade essencialmente prospectiva, compreendendo-a como acção criadora, como possibilidade não só de novos resultados mas também de novos métodos. O recorrer a teorias e resultados anteriores de investigação pode conceder pistas para dirigir o estudo e permitir contextualizar novos resultados.

Tendo em consideração as características que envolvem o comportamento humano, há que ter em atenção que a generalização de contextos semelhantes pode induzir resultados pouco fiáveis. Estabelecendo uma breve relação com o processo de Animação Sociocultural, de reflectir que no domínio da Animação Sociocultural a generalização de situações não é uma prática correcta. O contexto de actuação pode ser idêntico, a população alvo também, mas merece um diagnóstico próprio, uma abordagem específica, cada indivíduo reage de maneira própria, só o facto de estarmos perante um grupo de pessoas diferente, evidenciam-se comportamentos, reacções distintas, perante propostas de acção idênticas.

Uma das preocupações que deve ser constante na investigação qualitativa tem a ver com os riscos da subjectividade, particularmente quando os dados têm de ser estruturados na mente do investigador, antes de serem transcritos para o papel, “os investigadores qualitativos preocupam-se com os efeitos que a sua subjectividade possa ter nos dados que produzem” (LeCompte, cit. in Bogdan e Biklen, 1994: 67). No sentido de evitar esta situação é importante que se estude objectivamente os estados subjectivos dos seus sujeitos. É neste contexto que se pretende recorrer a métodos específicos no processo de investigação. Teixeira Lopes (1998) salienta que as técnicas de observação assumem aqui uma situação de exclusividade, de forma a poder captar tanto a linguagem verbal, como a não-verbal, tanto a palavra como o gesto, tanto o discurso como o corpo. O contacto com a realidade empírica, a recolha laboriosa, registo e revisão de dados, o reconhecer a complexidade das situações e daí a descrição de várias dimensões, não restringindo o campo de observação, proporcionam uma exposição muito mais detalhada dos acontecimentos do que a mente mais criativa, antes do estudo ser efectuado. De registar ainda que “...o objectivo principal do investigador é o de construir conhecimento e não o de dar opiniões sobre determinado contexto. A utilidade de determinado estudo é a capacidade que tem de gerar teoria, descrição

ou compreensão” (Bogdan e Biklen, 1994: 67). Também Boaventura Sousa Santos (2003) defende com a sua obra “Conhecimento prudente para uma vida decente” que nunca nos podemos desligar desta ideia. Destaca a necessidade de se “descobrir conhecimento”, onde a retórica adquire especial significado enquanto forma de argumentar através de motivos razoáveis, explicando ou procurando resultados. O paradigma deste autor, “conhecimento prudente para uma vida decente”, realça o diálogo, como meio de conseguir a reciprocidade, a construção de comunidades interpretativas que permitam a partilha de conhecimento, que este não fique confinado a uma retórica normativa, cujos métodos científicos traduzem pressupostos e crenças de uma determinada comunidade científica, como se verifica em grande parte nos discursos educativos que integram o Movimento da Educação Nova. Santos compreende que a verdade é o resultado sempre provisório, de uma negociação de uma dada comunidade interpretativa. Nesta comunidade incluiu-se a comunidade científica e elementos do auditório universal, núcleo do movimento de intercâmbio de argumentos. Neste contexto, podemos considerar também a informação que Bruyne, Herman e Schoutheete (1991) nos trazem quando referem que, para se chegar a um verdadeiro conhecimento da realidade social, é necessário captá-la na sua própria produção, na acção, e considerar esta última nela mesma, em sua efectuação, não em seus efeitos.

Como reflexão final desta parte, considero que a abordagem qualitativa acaba por se assumir muito próxima dos princípios que regem a animação e intervenção sociocultural, a sua metodologia de acção, a forma como valoriza as situações, considerando que tudo tem um significado e é motivo de análise. Todas as problemáticas são melhor solucionadas, formuladas e explicitadas quanto mais se determinam. Também o animador sociocultural no contacto com o seu meio de acção, nada pode descurar, tudo é significativo, para que melhor sejam adequados os projectos de intervenção a realidades determinadas. A abordagem qualitativa desenvolve-se com estes propósitos, conforme referem Bogdan e Biklen, exige que o mundo seja interpretado com a ideia de que tudo tem potencial para análise. Esta é, portanto, a forma de trabalho que pretendo afirmar.

No seguimento desta abordagem interessa registar as formas de recolha de dados, aplicadas nesta investigação, e seus resultados.

CAPÍTULO IV

TRABALHO EMPÍRICO – RECOLHA DE INFORMAÇÕES

4.1. A ENTREVISTA

Numa investigação que se pretende qualitativa “os estudos que recorrem à observação participante e à entrevista em profundidade tendem a ser bons exemplos” (Bogdan e Biklen, 1994: 47). O inquérito por entrevista foi utilizado na medida em que se assume um meio, de algum modo flexível, com o qual é possível alcançar uma variedade de informações sobre o tema, bem como a qualidade das mesmas, o recurso à entrevista permite o “aprofundamento de um campo... a exploração de um domínio” (Ghiglione, Matalon, 2001: 66). Constitui uma forma de recolha de informações que considero basilar neste tipo de análise e que, indubitavelmente, depende do meio e das diversas instituições de carácter educativo, social, cultural e económico.

As entrevistas são situações nas quais se estabelece um diálogo entre duas ou mais pessoas, dirigem-se para um propósito conhecido pelo entrevistador e entrevistado, no sentido de conseguir obter informações sobre determinado assunto. A sua importância é relevante no que concerne à promoção e aproveitamento de possibilidades comunicativas, relacionais, para entrar em contacto e conhecer a população alvo e também aprofundar o conhecimento de determinado assunto.

A entrevista que se propõe é de carácter semi-directivo e assume-se como um dos principais procedimentos para a obtenção de informação. Espinoza refere que a entrevista é um “instrumento de investigação para o levantamento do quadro de necessidades ou diagnóstico de uma situação. A entrevista é um método de investigação e descoberta mediante o processo de um hábil interrogatório” (cit. in Quintas e Castaño, 1994:167). Traduz um amplo carácter exploratório pelos aspectos relacionais que permite criar. Clapier-Valladon (1990:150) aponta duas orientações metodológicas indispensáveis “uma atitude quase clínica de escuta e a exploração paralela do contexto social.”

A entrevista é realizada aos responsáveis de algumas instituições do concelho de Barcelos²⁴:

- Fernando Reis, Presidente da Câmara Municipal de Barcelos;
- Joana Garrido Fernandes, Vereadora dos Pelouros da Juventude, Cultura, Turismo e Artesanato, da Câmara Municipal de Barcelos;

²⁴ Anexo 2.2. Entrevistas com os responsáveis de instituições do concelho de Barcelos.

- Afonso Inácio, Director do Centro de Saúde de Barcelos/ Barcelinhos;
- Carlos Alberto Cardoso, Presidente da Empresa Municipal de Educação e Cultura de Barcelos;
- Mário Constantino Lopes, Administrador da Empresa Municipal de Desportos de Barcelos;
- Manuel Reis, Presidente do Círculo Católico de Operários de Barcelos;
- Patrícia Sousa, Chefe do Agrupamento de Escuteiros 1204;
- Augusto Vilas Boas, Presidente da Junta de Freguesia de Góios;
- Manuel Lourenço, Presidente do Conselho Executivo da Escola Secundária Alcaides de Faria.

O conteúdo da entrevista²⁵ orienta-se para a procura de informações fundamentais para este estudo. Inicia com o pedido do percurso e principal actividade da instituição e, sequencialmente, procura identificar o contributo que cada instituição poderá dar, benefícios para a própria instituição e comunidade, com a implementação da Cidade Educadora em Barcelos; procura também identificar os processos de intervenção e animação sociocultural que poderão surgir ou evoluir em cada contexto e, simultaneamente, procura conhecer a opinião sobre a criação da Cidade Educadora no Município de Barcelos.

²⁵ Anexo 2.1. Guião da Entrevista

4.2. O QUESTIONÁRIO

No âmbito do trabalho empírico realizei também um inquérito por questionário. Conforme vários autores têm referido, o questionário é um instrumento generalizado no campo do trabalho social, um dos que mais se usa para a recolha de dados, permite inquirir populações relativamente vastas e a comparação de resultados. Casanova define questionário “como um conjunto de perguntas estruturadas acerca de um tema, que, habitualmente, se aplica por escrito a um determinado número de sujeitos” (cit. in Quintas e Castaño, 1994:164). Os mesmos autores referem que, no campo da animação sociocultural (nos seus múltiplos âmbitos profissionais) o questionário tem como finalidade a obtenção de dados de forma sistemática e ordenada acerca da população. Teixeira Lopes (1998) concretiza que o inquérito é um instrumento útil na contextualização social das práticas culturais, na medida em que permite detectar atitudes, opiniões, relacionando-as com variáveis que traduzem relações e condições objectivas de um espaço social, bem como definir a frequência estatística dos aspectos observados.

A realização do questionário surge com os objectivos de: identificar o conhecimento e o entendimento que a população tem acerca do Movimento Cidades Educadoras; o significado e importância atribuída ao cumprimento dos princípios que regem este movimento; dinâmicas de intervenção existentes ao nível educativo e cultural e outras que entendam necessárias concretizarem-se; identificar ainda a opinião acerca da instituição da Cidade Educadora no Município de Barcelos. Com estes objectivos tornou-se necessário constituir um questionário que permitisse chegar a estas informações, sendo deste modo composto, essencialmente, por perguntas abertas. Clapier-Valladon (1980:150) considera que “a utilização de questões abertas, complementa as questões fechadas, e impõe-se para permitir aos sujeitos uma expressão livre”. Com efeito, o questionário surge com o propósito de alcançar informação credível e rica de significados da comunidade em geral, e para a qual se impõe a necessidade de questões abertas, que propiciem a expressão e verbalização da experiência pessoal.

O questionário²⁶ é realizado a diferentes indivíduos, essencialmente a participantes em acções e projectos do Gabinete da Juventude da Câmara Municipal de Barcelos, traduzindo-se num registo do qual prevalece um maior número de questionários preenchidos por jovens do concelho, mas que inclui também outros grupos etários, participantes em diversas acções, dirigidas não só à população jovem mas também à comunidade em geral.

A problemática que baseia esta investigação corresponde a novas formas de intervenção e organização educativa e sociocultural das comunidades, no âmbito das quais as pessoas e instituições assumem um papel fundamental. Com esta referência pretendo salientar que estas abordagens merecem racionalização de respostas e, com efeito, a aplicação do questionário permite, de alguma forma, incitar à reflexão, concentração em torno de determinado assunto. “... é um método que facilmente incita a racionalizações; uma pessoa controla muito melhor as suas respostas a questões precisas...”. A forma de construção, quer da entrevista, quer do questionário, é crucial no desenvolvimento de um inquérito, “qualquer erro, qualquer inépcia, qualquer ambiguidade, repercutir-se-á na totalidade das operações ulteriores até às conclusões finais” (Ghiglione, Matalon, 2001: 106, 108). É fundamental a interpretação dos resultados, e neste sentido a abordagem qualitativa ajuda na análise dos conteúdos recolhidos, procurando compreender significados autênticos, transmitidos pelos inquiridos.

²⁶ Anexo 6.1. Guião do Questionário

4.3. OUTRAS FORMAS DE RECOLHA DE DADOS

Além das formas de pesquisa enunciadas em relação ao trabalho empírico, de referir que a recolha de dados integra também outros procedimentos, como forma de aprofundar o objecto de estudo e transmitir todos os sentidos emergentes do contacto com os actores participantes.

Deste modo, recorri ainda à análise de documentos oficiais, especialmente, referentes ao Movimento Cidades Educadoras; notas de campo, como forma de registo de situações; recolha fotográfica; recolha e análise de boletins e desdobráveis de apresentação de acções. Com estes elementos procura-se enriquecer o fornecimento de informações do meio e dos actores que se pretende analisar, aprofundando o objecto de estudo, e procura-se fazer com que concedam indicações significativas para a investigação, constituindo aquilo a que Bogdan e Biklen (1994) designam por “instrumento-chave de análise”, assumindo-se como instrumentos importantes para evitar o enviesar de determinadas realidades.

No que se refere à análise de documentos importa referir que, os documentos têm como principal característica a permanência e a objectividade das suas mensagens, variam conforme a sua apresentação escrita ou magnética, traduzem testemunhos impressos onde se relatam fenómenos, sucessos ou temas de interesse, e cumprem duas funções importantes: proporcionam dados concretos e ajudam-nos a projectar as nossas apreciações sobre outros conteúdos ou projectos. Para Ander-Egg “a recompilação documental é um instrumento ou técnica de investigação social cuja finalidade é obter dados e informação a partir de documentos escritos e não escritos, susceptíveis de serem utilizados dentro dos propósitos de uma investigação em concreto” (cit. in Quintas e Castaño 1994:179).

Os dados obtidos com a realização do inquérito por entrevista e do inquérito por questionário são trabalhados e analisados em toda a sua riqueza, respeitando, tanto quanto possível, o contexto em que foram produzidos. Neste sentido, de referir que a escrita constitui um procedimento muito válido. É um fenómeno constante, quer no registo permanente de dados, quer no tratamento, disseminação dos resultados, “a palavra escrita assume particular importância na abordagem qualitativa...” (Bogdan e Biklen, 1994: 49). Também Teixeira Lopes

(1998) refere que é pelo trabalho da escrita que se pode salvar aquilo que vai sendo dito, traduzindo a parcela de conhecimento possível.

A interacção natural, não intrusiva com os sujeitos reduz também os designados “efeitos do observador”. É por isso importante que o investigador promova a forma mais adequada dos sujeitos se comportarem, conforme o modo como normalmente se comportam, evitando sessões formais de perguntas e respostas, é portanto imperioso captar aquilo que é verdadeiramente significativo do ponto de vista do sujeito, que seja efectivamente tratado como “sujeito de investigação”.

Contudo, há que reconhecer que é praticamente impossível eliminar determinadas marcas de subjectividade, por exemplo a forma de construção do questionário, reflecte os objectivos de quem o constrói. É também importante reconhecer este tipo de situações para encontrar a melhor forma de lidar com elas.

Como estudo qualitativo que se intenta desenvolver, a preocupação estará muito voltada para o rigor e abrangência de dados, tendo como objectivo melhor compreender o comportamento humano, é neste sentido que a investigação qualitativa recorre à observação empírica, por considerar “que é em função de instâncias concretas do comportamento humano que se pode reflectir com maior clareza e profundidade sobre a condição humana” (Bogdan e Biklen, 1994: 70).

A síntese de informações a partir de várias fontes e a organização e articulação da bibliografia e informação de apoio constituem procedimentos adoptados, como forma de interrelacionar e facilitar a integração de conteúdos, enriquecendo a investigação.

CAPÍTULO V

TRATAMENTO DAS INFORMAÇÕES RECOLHIDAS

5.1. A ANÁLISE DE CONTEÚDO

“A capacidade da análise de conteúdo dar conta da multidimensionalidade dos fenómenos... tornou-a num dispositivo apto para o tratamento da informação recolhida, permitindo um desvendar crítico, e numa postura de ruptura com a intuição”

Manuela Terrasêca (1996:116).

Tendo consciência que o trabalho metodológico é um trabalho relacional e argumentativo, e tendo como base as diferentes propostas metodológicas, considero a análise de conteúdo uma metodologia qualitativa muito válida, do ponto de vista dos resultados científicos, e considero-a também adequada ao teor desta investigação. Trata-se de um método científico que permite levar à compreensão o significado dos elementos recolhidos; quer aqueles que se encontram objectivamente expressos, quer a informação latente; traduzindo-se numa forma de desmontar o discurso e proceder detalhadamente à análise das informações presentes, “a finalidade da análise de conteúdo será pois efectuar inferências, com base numa lógica explicitada, sobre as mensagens cujas características foram inventariadas e sistematizadas” (Vala, cit. in Terrasêca, 1996:116).

A análise de conteúdo e as técnicas que lhe são inerentes permitem uma abordagem significativa, na medida em que procuram aprofundar a análise daquilo que as instituições e as pessoas pensam acerca do objecto de estudo em questão, percebendo a realidade em que os discursos são produzidos e se, de facto, é reconhecida a importância do Movimento Cidades Educadoras. É o próprio carácter relacional do objecto de estudo que assim o exige. Para o efeito, procuro através da análise de conteúdo extrair informação, por meio da utilização de uma chave de análise que lhe concede credibilidade e permite rigor científico; “uma experiência surpreendente e marcante que, depois de transformados os textos em enunciados, produz unicamente através de procedimentos mecânicos e/ou combinatórios, os dados semânticos, o que quer dizer os domínios da interpretação científica” (Canto-Klein e Ramognino cit in Clapier- Valladon, 1980:154).

Bogdan e Biklen (1994:50) referem que “os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva”, os dados não surgem com o objectivo de confirmar hipóteses definidas previamente, mas antes como elementos que progressivamente vão construindo um quadro que ganha forma por meio da análise das diferentes partes, “o processo de análise dos dados é como um funil...”. Neste contexto, Teixeira Lopes (1998:33) concretiza que a análise “oferece um quadro de inteligibilidade que, ao não se reduzir à consciência dos actores, evita muitos erros próprios de uma confiança cega nos discursos e práticas do senso comum”. Constitui-se, assim, uma forma de trabalho que se coaduna com a abordagem qualitativa que pretendo realizar, através de meios fidedignos de interpretação e construção de resultados, enquadrados no trabalho que as áreas em análise e construção determinam (quer o Movimento Cidades Educadoras, quer os processos de animação sociocultural). Há, contudo, que estar atento e reconhecer a dificuldade que vai entre o fazer-se algo e falar-se sobre esse algo que se fez, a ambiguidade que este tipo de referências abrange. A análise de conteúdo confere também neste sentido rigor na organização das informações, Clapier-Valladon (1980:156) evidencia que a análise de conteúdo “aprofunda a interpretação dos conteúdos manifestos e latentes do corpus a uma exaustividade sintética”, a autora refere ainda que se pode considerar que a análise de conteúdo funciona como um caleidoscópio que sucessivamente nos vai esclarecendo os múltiplos aspectos da realidade.

5.2. ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS

O processo da análise de conteúdo das entrevistas assume-se como um percurso longo, criterioso mas, simultaneamente, dinâmico e agradável de realizar. A base deste trabalho coaduna-se com a metodologia seguida por Terrasêca (1996: 116-128) e o percurso de análise traçado por Clapier-Valladon (1980: 149-160).

Na análise de conteúdo, os aspectos formais de uma entrevista assim como o conteúdo manifesto nas respostas, afirmam-se apenas como um suporte, pouco organizado e elaborado, com um conteúdo latente pessoal que importa descobrir e traduzir, através de uma interpretação relacional e exaustiva.

A primeira fase consiste na leitura pormenorizada das entrevistas. De referir que a transcrição das entrevistas para linguagem escrita assume desde logo, numa fase ainda embrionária deste percurso de análise, um contacto minucioso com os discursos produzidos, permitindo estabelecer uma relação inicial com a informação produzida “mas ainda de um ‘material em bruto’, carregado de bengalas de expressão” (Terrasêca, 1996:121). A leitura e releitura, realizadas de forma atenta e paciente, sem categorias definidas *à priori*, vão procurando criar a maior abertura e familiaridade com a globalidade do corpus de análise. A partir das leituras começa a emergir um texto que traduz as “ideias-força”, as “palavras base”, conforme considera Clapier-Valladon. Estas ideias criam, em termos operacionais, unidades de texto, relações que progressivamente conduzem à interpretação. A relação organizada de “palavras base” vai permitir aquilo a que a autora designa por “análise temática”.

A segunda etapa corresponde à classificação. Com base na proposta da referida autora, elabora-se assim a grelha de análise, estabelecida *à posteriori*, por categoria, que deriva da leitura e “escuta” do corpus e mediante a qual se constitui uma estrutura que permite esclarecer o material disponível. Para este efeito, recorri a unidades de sentido, por considerar que permitem uma melhor compreensão da realidade em construção e se adequam mais à análise qualitativa que pretendo desenvolver, na qual assume forte significado uma interpretação singular da informação disponível; conforme sintetizou Terrasêca (1996:123) “a unidade de classificação deve permitir destacar do texto o conjunto dos elementos que comportem, em si mesmos, um sentido complexo”.

Conforme propõe Clapier-Valladon (1980) a terceira fase é a fase interpretativa. É o momento em que as relações entre palavras, expressões, atitudes, adquirem especial significado. A interacção, a análise relacional assume-se como um trabalho singular, muito próprio do investigador, a autora refere a este propósito que “esta procura das relações permite, de certa maneira, encontrar o nível pessoal de investimento no discurso” (Clapier-Valladon, 1980:158). As próprias contradições, os duplos sentidos, são indicadores de significados. Tendo como suporte as informações conseguidas em contacto com os actores, numa atitude fidedigna com os discursos base, vai-se ao encontro de uma articulação dos discursos produzidos e de uma interpretação pessoal.

Este percurso e procedimentos foram desenvolvidos de forma criteriosa, conseguindo-se chegar a uma estrutura organizada em categorias de análise²⁷, no sentido da compreensão e interpretação da realidade que se quer ir construindo.

O rigor metodológico é um aspecto que tem sido referido e o qual assume grande importância no processo de categorização. Este processo é fundamental na análise de conteúdo, é uma fase em que se reorganiza a informação, em que se dispõe o discurso da forma que se considera mais correcta, com base nas unidades de sentido que vão emergindo; impõe-se, portanto, a necessidade de uma estrutura científica, a definição de uma chave de análise que, se usada por diferentes analistas, permita chegar ao mesmo conjunto de informações, ao mesmo rigor.

De referir ainda que as categorias são construídas à luz de um processo de interacção, de diálogo entre a informação recolhida nas entrevistas e os fundamentos teóricos, tendo em consideração as características que a seguir se apresentam. Terrasêca (1996:124) sintetiza que “as categorias devem ser exaustivas, em número limitado, homogêneas, pertinentes, claramente definidas, objectivas, produtivas e exclusivas.” A autora clarifica ainda quanto às qualidades das categorias que estas devem:

- conter todo o conteúdo classificável, tudo o que é relevante tem que estar no quadro de análise (exaustividade);
- ser em número tal que não ponha em risco a coerência entre si, transformando-se num aglomerado de peças recortadas, cujo elo de ligação é difícil de encontrar (número limitado);

²⁷ Anexo 3. Análise de conteúdo das entrevistas

- assegurar a analogia de sentido dos enunciados classificados, respeito pelo princípio de classificação escolhido mantendo-o ao longo da análise (homogeneidade);

- dizer directamente respeito ao próprio material objecto de classificação, e aos conceitos teóricos que elas reflectem e representam; o que significa dizer respeito quer ao corpus, quer à problemática de estudo (pertinência);

- permitir distinguir de forma nítida e evidente os elementos que as diferenciam mutuamente, restringindo ao máximo a ambiguidade e a possibilidade de interferência da subjectividade de quem analisa (definição clara);

- possuir critérios de diferenciação tão precisos que sejam acessíveis e compreendidos por qualquer outro codificador (objectividade);

- revelar possibilidades de inferência, de produção de novas hipóteses de resultados fiáveis (produtivas);

- permitir que um dado não possa ser incluído em mais do que uma categoria (exclusividade).

Embora Terrasêca (1996) faça referência à exclusividade, como uma das qualidades que caracteriza as categorias, sendo também defendida por diversos autores, considerou no seu estudo²⁸ “não obstante, a possibilidade de classificar uma mesma unidade em mais do que uma categoria, desde que ela contivesse, em si, a atribuição de sentidos classificáveis em, por exemplo, duas categorias”. Esta opção é devidamente fundamentada pela autora, salientando que a não operacionalização desta interpretação levaria a uma perda de sentido das informações e deste modo empobrecimento da análise. De referir, neste contexto, que nos procedimentos de análise e interpretação das informações recolhidas, esta atitude também é considerada e adoptada, tendo como base os significados que determinadas unidades de sentido comportam e que levam à identificação e classificação em duas categorias diferentes. Embora, tendo presente a necessidade e importância do factor exclusividade que, essencialmente, protege da redundância e duplicação de conteúdos na análise, considero fundamental a existência de um processo de “escuta” activa ao longo da interpretação dos discursos produzidos, valorizando todos os sentidos emergentes, respeitando a análise qualitativa que se pretende construir.

²⁸ *Referenciais subjacentes à estruturação das práticas docentes: análise dos discursos dos/as professores/as.*

O processo de categorização foi sendo construído, as categorias foram emergindo das leituras do texto, das notas de campo, num trabalho fortemente relacional e indutivo. Contudo, algumas das categorias são pré-existentes, na medida em que se relacionam com as preocupações que estão na base do próprio estudo e outras, que foram emergindo dos domínios teóricos desenvolvidos até então. De salientar que as categorias pré-existentes diferenciam-se das pré-definidas, enquanto que estas criam uma estrutura rígida, as categorias pré-existentes conferem espaço para aspectos singulares, não “obrigam” a um determinado tipo de resposta, conforme refere Terrasêca (1996:126,127) “não são fixas, nem definitivas”, podem ser “eliminadas ou substituídas por outras” no decurso do longo do processo de categorização.

No sentido de permitir uma percepção mais completa e objectiva do tratamento das informações recolhidas e, nomeadamente, da análise de conteúdo das entrevistas realizadas, apresentam-se de seguida as categorias e subcategorias identificadas, mediante as quais se facilita também a compreensão dos conteúdos que se desenvolvem neste sub capítulo.

Categoria: Percurso e actividade das instituições inquiridas

Descrição: Nesta categoria pretendo inserir as unidades de sentido que traduzam o percurso e principal actividade das nove instituições inquiridas, enunciadas pelos seus responsáveis.

Categoria: Conhecimento do Movimento Cidade Educadora

Subcategoria: Cidades identificadas no movimento

Subcategoria: Traços de caracterização do movimento

Descrição: Nesta categoria pretendo inserir as unidades de sentido que indiquem o conhecimento dos inquiridos acerca do Movimento Cidades Educadoras, incluindo as cidades que identificaram.

Categoria: As instituições face à integração de Barcelos no Movimento Cidade Educadora

Subcategoria: Posição acerca da implementação da Cidade Educadora no Município de Barcelos

Subcategoria: Contributo das instituições para a viabilização da Cidade Educadora em Barcelos

Descrição: Nesta categoria pretendo inserir as unidades de sentido que transmitam a posição dos inquiridos acerca da implementação da Cidade Educadora no Município de Barcelos, assim como as unidades de sentido que apresentem acções, contributos, de cada uma das instituições para a viabilização deste Movimento em Barcelos.

Categoria: Principais áreas de intervenção municipal e benefícios para a comunidade com a criação da Cidade Educadora

Subcategoria: Áreas de intervenção municipal consideradas importantes para a melhoria da qualidade de vida

Subcategoria: Benefícios para a comunidade, na perspectiva da instituição, com a criação da Cidade Educadora em Barcelos

Descrição: Nesta categoria pretendo inserir as unidades de sentido que apresentem acções, cuja concretização ao nível municipal é considerada importante, para o desenvolvimento e melhoria da qualidade de vida dos habitantes e benefícios para a comunidade, com a eventual adesão de Barcelos ao Movimento Cidades Educadoras.

Categoria: Dinâmicas a desenvolver com a implementação do Movimento Cidade Educadora em Barcelos

Subcategoria: Dinâmicas a promover pela instituição com a implementação da Cidade Educadora em Barcelos

Subcategoria: Instituições e parceiros referidos pelos entrevistados

Subcategoria: Principais dificuldades apontadas

Descrição: Nesta categoria pretendo inserir as unidades de sentido que indiquem dinâmicas que poderiam surgir, promovidas pela instituição, com a implementação da Cidade Educadora em Barcelos. Serão inseridas também as unidades de sentido que transmitam o que os inquiridos referiram em termos de entidades e /ou instituições com as quais se poderão estabelecer protocolos, parcerias no âmbito do movimento, assim como as unidades de sentido que façam referência às dificuldades, em diferentes domínios, que foram sendo mencionadas pelos entrevistados.

Categoria: Forma de intervenção e Animação Sociocultural considerada mais correcta

Descrição: Nesta categoria pretendo inserir as unidades de sentido que apresentem a forma de intervenção e animação sociocultural considerada mais correcta pelos inquiridos.

Os pontos de análise que se desenvolvem neste sub capítulo constituem-se, fundamentalmente, a partir das categorias referidas e surgem com base nas informações que emergiram do contacto com os actores participantes nas entrevistas, numa relação activa com os conceitos deste estudo.

Incluem-se também excertos das entrevistas, de modo a clarificar ou fundamentar algumas considerações. Como forma de transmitir as diversas formas de interpretação e expressão dos/as entrevistados/as, conforme o lugar que ocupam e a instituição que representam, procura-se ir ao encontro de unidades de sentido provenientes de contextos educativos e socioculturais distintos. Os excertos das entrevistas serão seguidos da identificação do/a entrevistado/a e da instituição que representa, permitindo associar e compreender a forma como cada responsável se manifesta, no contexto da posição estratégica que ocupa.

No final de cada ponto de análise procede-se à apresentação das principais considerações resultantes das interpretações desenvolvidas.

5.2.1. Percurso e actividade das instituições inquiridas

A dinâmica de uma comunidade é significativamente mais rica e completa quanto mais as instituições se envolverem activamente em projectos consistentes de intervenção social e cultural.

A Carta das Cidades Educadoras (2004) apresenta-nos “a cidade educadora com personalidade própria, integrada no país onde se situa é, por consequência, interdependente do território do qual faz parte. É igualmente uma cidade que se relaciona com o seu meio envolvente, ... O seu objectivo permanente será o de aprender, trocar, partilhar e, por consequência, enriquecer a vida dos seus habitantes”.

O funcionamento de uma cidade e município está dependente de todo um conjunto de estruturas, equipamentos, instituições que, no seu todo, contribuem para uma forma de estar e de intervir na comunidade. Tendo presente estas noções, procurei que a recolha de dados e o trabalho empírico fosse ao encontro de diferentes contextos educativos, sociais e culturais, capazes de traduzir realidades e formas de intervenção diversas. Deste modo e conforme a entrevista realizada pode-se identificar um grupo de instituições, cuja actividade se orienta

para domínios fundamentais da organização e funcionamento da vida em comunidade. Tratam-se de domínios de actuação que se inter-relacionam contudo, serão aqui referidas as áreas que foram sendo evidenciadas, a partir do contacto e registos desenvolvidos junto dos responsáveis de cada uma instituições, como forma de compreender o que consideram ser as principais áreas de actuação das organizações que representam:

- Centro de Saúde de Barcelos/ Barcelinhos: saúde, cuidados primários, prevenção, informação.

- Empresa Municipal de Educação e Cultura de Barcelos: actividade educativa e cultural do concelho.

- Empresa Municipal de Desportos de Barcelos: gestão dos equipamentos desportivos municipais (piscinas, pavilhões e estádio) e promoção da prática desportiva, sobretudo nas camadas mais jovens.

- Círculo Católico de Operários de Barcelos: teatro, música, 3ª idade, convívio.

- Agrupamento de Escuteiros 1204: actividades escutistas, sociais e educativas.

- Junta de Freguesia de Góios: preservação física da freguesia e seu património.

- Escola Secundária Alcaides de Faria: ensino

- Câmara Municipal de Barcelos: tudo o que se assume como responsabilidade das autarquias do Poder Local: acção social, educação, cultura, recreio/ lazer, desporto, urbanismo, transportes, ambiente, saúde, saneamento/ abastecimento de água.

- Pelouros de Cultura, Juventude, Turismo e Artesanato, da CMB: gestão e dinamização de diferentes equipamentos- Museu de Olaria, Biblioteca Municipal, Turismo, Artesanato, Acção Social, Juventude, vários projectos na área da educação, na área social e cultural.

Mediante esta breve apresentação, destaca-se um grupo de instituições fundamentalmente voltadas para as áreas da educação, cultura, intervenção social, nas quais se salienta a preocupação com o aumento da qualidade de vida do indivíduo e da comunidade. Tendo presente os princípios que se caracterizam, na Carta das Cidades Educadoras, essenciais ao impulso educador da cidade,

podemos referir que, para este efeito, é imperioso envolver as diferentes instituições que influenciam a organização e funcionamento da cidade, “serão responsáveis tanto a administração municipal, como outras administrações que têm uma influência na cidade, e os seus habitantes deverão igualmente comprometerem-se neste empreendimento, não só ao nível pessoal como através de diferentes associações a que pertençam” (Carta das Cidades Educadoras, 2004, I- O Direito a uma Cidade Educadora).

A Carta das Cidades Educadoras (proposta definitiva, Novembro de 2004) surge com base em vários documentos: na Declaração Universal dos Direitos do Homem (1948), no Pacto Internacional dos Direitos Económicos, Sociais e Culturais (1966), na Declaração Mundial da Educação para Todos (1990), na Convenção nascida da Cimeira Mundial para a Infância (1990) e na Declaração Universal sobre Diversidade Cultural (2001). A Carta concebe a cidade como um sistema complexo, um agente educativo permanente, que oferece importantes elementos para uma formação integral dos indivíduos. Neste domínio plural e poliédrico, o alcance e impulso do Movimento Cidade Educadora estará muito relacionado com a participação e actividade das diversas instituições, quer as de âmbito educativo formal, quer as intervenções não formais, quer as informais. A este propósito Machado (2004), no âmbito do V.º Congresso Português de Sociologia, refere “perspectivada do lado da acção interventora na cidade, a ideia de cidade educadora comporta um conceito de cidade que dá unidade ao sistema humano, social, cultural em que os homens vivem e interagem e que serve de paradigma para ajuizar a capacidade ou potência educativa da cidade, através da educação formal, da educação informal e da educação não formal”.

Tendo por base o aprofundar dos vários domínios de intervenção, a entrevista foi realizada aos responsáveis de diferentes tipos de instituições, das quais se podem extrair âmbitos distintos de intervenção, quer nos domínios: social, cultural, educativo, económico; quer, se pretendemos uma caracterização diferente, nos domínios de intervenção formal, não formal e informal.

5.2.2. Conhecimento do Movimento Cidades Educadoras:

Cidades identificadas no movimento e

Traços de caracterização do movimento

Abordadas algumas características das instituições que participaram na entrevista realizada, interessa agora verificar qual o conhecimento dos entrevistados acerca do Movimento Cidade Educadora e enunciar também alguns traços de caracterização do mesmo. Das nove entrevistas realizadas, sete dos entrevistados referiram já ter algum conhecimento acerca do movimento. Foi pedida a indicação de algumas cidades tendo sido referidas, essencialmente, a cidade de Barcelona e, no contexto nacional, Braga, Porto e Lisboa.

Procurando identificar aquilo que os inquiridos, que conhecem o Movimento Cidade Educadora, pensam acerca do mesmo, destacam-se considerações muito positivas, nomeadamente em termos de desenvolvimento educacional e cultural, assim como a importância de parcerias e sinergias que seria possível constituir no concelho entre as diversas instituições e áreas de actividade, sendo também considerada a necessidade de uma visão integradora e integrada do território, no sentido de congregar e dar consistência aos projectos. Neste sentido, podemos extrair e considerar algumas citações das entrevistas:

“Eu acho que todo este tipo de movimentos são sempre bem vindos porque facilita... acaba por se aproveitar os vários parceiros que trabalham nesta área e acabamos por ter uma sinergia que acaba por resultar...”.

*(Afonso Inácio,
Director do Centro de Saúde de Barcelos/ Barcelinhos)*

“O Movimento Cidade Educadora é, para mim, todo aquele espaço que potencia ao máximo a sua actividade, no sentido de um maior desenvolvimento cultural, social, ambiental, educacional, etc., dos cidadãos. É tudo aquilo que reflecte esta noção e destaca a necessidade de uma visão integradora e integrada do território, passando por uma real e efectiva conjugação de esforços, através do desenvolvimento de políticas concertadas nos diversos níveis de actuação do Poder Local.”

*(Fernando Reis,
Presidente da Câmara Municipal de Barcelos)*

“É acima de tudo uma grande vantagem em termos educacionais e culturais, em termos de visão do aumento de perspectivas por parte das instituições e das pessoas.”

*(Augusto Vilas Boas,
Presidente da Junta de Freguesia de Góios)*

Verificadas estas considerações podemos também compreendê-las à luz da Carta das Cidades Educadoras, cujos princípios se direccionam para a importância da participação activa das diversas instituições e por conseguinte, de todos os indivíduos na dinâmica e funcionamento da cidade, destacando-se o direito de todos a uma Cidade Educadora, o compromisso da cidade ao serviço integral das pessoas, “todos os habitantes de uma cidade terão o direito de desfrutar, em condições de liberdade e igualdade, os meios e oportunidades de formação, entretenimento e desenvolvimento pessoal que ela lhes oferece. O direito a uma cidade educadora é proposto como uma extensão do direito fundamental de todos os indivíduos à educação” (Carta das Cidades Educadoras, 2004, 1- O Direito a uma Cidade Educadora).

No seguimento da referência à opinião dos entrevistados, que conhecem o Movimento Cidades Educadoras, e além da informação apresentada, salienta-se uma indicação que aponta uma forma de aplicação da Carta das Cidades Educadoras, que se contextualiza no sentido de promover um maior conhecimento da população acerca do movimento.

“Esta responsabilização da construção de uma Europa que começa nas suas cidades eu acho muito, muito interessante é pena penso eu que ... esta carta das cidades educativas não tenha sido trabalhada concelho a concelho eu acho que se devia ter feito um projecto...”.

*(Carlos Alberto Cardoso,
Presidente da Empresa Municipal de Educação e Cultura de Barcelos)*

É interessante e significativo compreender esta indicação à luz dos objectivos e princípios inerentes ao Movimento Cidade Educadora, na medida em que se trata de uma indicação que nos transmite iniciativa, a procura de formas de tornar o documento mais visível e acessível às instituições e às pessoas. É importante a participação cidadã, “a cidade educadora deverá fomentar a participação cidadã com uma perspectiva crítica e co-responsável. Para este efeito, o governo local deverá oferecer a informação necessária e promover, na transversalidade, as orientações e as actividades de formação em valores éticos e cívicos... Deverá estimular, ao mesmo, a participação cidadã no projecto colectivo a partir das instituições e organizações civis e sociais, tendo em conta as iniciativas privadas e outros modos de participação espontânea” (Carta das Cidades Educadoras, 2004, 2- O Compromisso da Cidade).

5.2.3. As instituições face à integração de Barcelos no Movimento Cidades Educadoras

Um dos princípios fundamentais da Carta das Cidades Educadoras reside na visão de que uma Cidade Educadora se afirma quando reconheça, exerça e desenvolva, para além das suas funções tradicionais (económica, social, política e de prestação de serviços) uma função educadora, isto é, quando assumir uma intencionalidade e responsabilidade, cujo objectivo seja a formação, promoção e desenvolvimento de todos os seus habitantes, a começar pelas crianças e pelos jovens. A iniciativa e participação cidadã no projecto colectivo, assim como o desenvolvimento pessoal, social, moral e cultural dos indivíduos estão muito dependentes do funcionamento e relação das instituições e organizações civis e sociais com o meio onde estão inseridas. É uma constatação que é referida e compreendida nas diversas áreas de intervenção educativa, social e cultural. Neste sentido, e no seguimento do trabalho empírico realizado, junto dos diferentes tipos de instituições entrevistadas, procurarei nesta parte, mediante a análise de conteúdo das respostas apresentadas pelos seus responsáveis, abordar dois aspectos essenciais:

- Posição acerca da implementação da Cidade Educadora no Município de Barcelos;
- Contributo das instituições para a viabilização da Cidade Educadora em Barcelos.

Trata-se de dois aspectos que se inter-relacionam. No primeiro ponto pretende-se compreender a posição dos inquiridos, responsáveis pelas diferentes instituições inquiridas, acerca da implementação da Cidade Educadora no Município de Barcelos. No que se refere ao segundo aspecto, e mediante a apresentação prévia de alguns princípios do movimento, procura-se identificar o contributo das instituições para a viabilização do movimento em Barcelos.

No que se refere ao primeiro ponto, e tendo sempre presente que a opinião e dinâmica das pessoas e instituições é fundamental para o funcionamento da vida em comunidade, conforme nos sugerem Basto e Neves (in Vários Autores, 1995:12) “conhecer a opinião que as pessoas têm sobre a sua realidade, questionar essa opinião é imprescindível para fazer surgir não já opinião, mas conhecimento do real. Conhecimento crítico, fundamentado, que busca por detrás

do que há, a razão de tal, o porquê de ser assim e não de outro modo”. Neste sentido, será pertinente referir algumas indicações transmitidas pelos inquiridos sobre a implementação da Cidade Educadora no Município de Barcelos, permitindo também compreender a forma como cada responsável se manifesta, no contexto da posição que ocupa.

“A mim parece-me que Barcelos e dadas as características que já referi, tem tudo para ser uma Cidade Educadora. ...Acho que Barcelos tem condições para adquirir esse título. Com aquilo que se tem para oferecer, com aquilo que dá no seu dia a dia, pelas iniciativas que desenvolve, pelas características deste concelho...”

*(Joana Garrido Fernandes,
Vereadora dos Pelouros: Juventude, Cultura, Turismo e Artesanato)*

“Eu julgo que era muito positivo porque quanto mais não seja obrigava a autarquia a pensar em termos estratégicos, num conjunto de acções a desenvolver no concelho de uma forma integrada e de uma forma coerente, ou seja evitar situações pontuais...”

*(Mário Constantino Lopes,
Administrador da Empresa Municipal de Desportos de Barcelos)*

“Face aos grandes objectivos desse movimento concordo plenamente, acho que Barcelos deveria aderir e se Barcelos aderir a nossa escola também dentro das possibilidades que já aqui enunciei também está pronta a colaborar, está pronta. Acho que é muito importante a adesão de Barcelos a este movimento.”

*(Manuel Lourenço,
Presidente do Conselho Executivo da Escola Secundária Alcaides de Faria)*

“Efectivamente este movimento de cultura, de cidades, se for interpretado desta maneira se se conseguir que realmente haja lugar para a palavra amor, ... sei que quando ela existe, existe uma continuidade de bem-estar que se passa e procura-se sempre fazer ao outro muito ou mais do que aquilo que queríamos que nos fizessem a nós! “

*(Manuel Reis,
Presidente do Círculo Católico de Operários de Barcelos)*

Quanto ao contributo da instituição para a viabilização da Cidade Educadora em Barcelos, também podem ser consideradas algumas unidades de sentido:

“Considero que o Centro de Saúde já contribui. ... Na saúde materna... temos outras por exemplo que têm a ver com os diabéticos,... criamos uma consulta do adolescente, descentralizada que funciona fora do Centro de Saúde. Fazemos a educação sexual... tudo isto faz parte deste tipo de movimento que me está a falar das Cidades Educadoras”.

*(Afonso Inácio,
Director do Centro de Saúde de Barcelos/ Barcelinhos)*

“Pode contribuir muito e aliás eu acho que já contribui de uma forma ou de outra. Pelas duas principais actividades mas principalmente pela primeira actividade eu acho que uma das responsabilidades ... é logo à partida garantir a igualdade de oportunidades a todos aqueles que usufruem dos seus serviços... garantir o acesso à formação de uma forma igual... também é na parte cultural a nossa obrigação de disponibilizar aquilo que temos de bom a nossa riqueza enquanto comunidade...”.

*(Carlos Alberto Cardoso,
Presidente da Empresa Municipal de Educação e Cultura de Barcelos)*

“O próprio método escutista baseia-se um bocadinho em todos esses princípios que fazem, ou que fizeram nascer o movimento para as Cidades Educadoras, ... portanto acho que o escutismo em si, os vários agrupamentos que existem no concelho podem fazer muito pelo concelho, a nível educacional e de formação, já o fazem cada qual na sua terra, cada qual com os seus jovens, ... mas acho que podemos fazer muito mais nesse âmbito,... ou seja transpor ... a um nível mais global do concelho”.

*(Patrícia Sousa,
Chefe do Agrupamento de Escuteiros 1204)*

Tendo por base as indicações que são aqui apresentadas, é possível identificar alguns aspectos conclusivos. De referir, desde já, que nestes dois pontos de análise pode-se verificar grande proximidade de pensamento.

No que se refere à implementação da Cidade Educadora no Município de Barcelos, salientam-se as seguintes considerações:

- **Barcelos deve aderir ao Movimento Cidade Educadora;**
- **Barcelos só teria a ganhar com a integração no movimento;**
- **o município tem um papel importante para a viabilização da Cidade Educadora em Barcelos;**
- **Barcelos tem condições para ser Cidade Educadora;**
- **os princípios da Carta da Cidades Educadoras deverão constituir as linhas orientadoras.**

Em relação ao contributo da instituição para a viabilização da Cidade Educadora em Barcelos, embora se identifique um discurso próprio, conforme o lugar político e estratégico a partir do qual o/a entrevistado/a profere as declarações, é consensual a postura de receptividade, abertura para colaborar e destaca-se também a ideia da já existência de uma atitude de contributo, podendo ser considerados os seguintes aspectos:

- sentido de colaboração, de parceria para estratégias globais de viabilização da Cidade Educadora;
- a ideia da já existência de algum contributo;
- preocupação com a igualdade de oportunidades, qualidade de vida, apostar no património, no apoio à 1ª infância, juventude, 3ª idade.

5.2.4. Principais áreas de intervenção municipal e benefícios para a comunidade com a criação da Cidade Educadora

O desenvolvimento do projecto educativo e cultural da comunidade necessita do impulso inicial da administração local, no entanto, um projecto desta natureza deve converter-se num projecto colectivo, a implicação da comunidade e dos diversos agentes educativos, sociais, culturais, que actuam num determinado território é fundamental para qualquer processo de desenvolvimento.

No âmbito da análise desenvolvida, a partir das entrevistas realizadas aos vários agentes, procurou-se identificar áreas de intervenção municipal consideradas importantes para a melhoria da qualidade de vida, assim como os benefícios para a comunidade com a criação da Cidade Educadora em Barcelos.

A propósito da importância da participação dos vários agentes Gómez-Granell et al., (2001:23) salientam que “aprender a conviver e, em consequência, a conciliar interesses individuais e colectivos desde o diálogo e a participação será fundamental numa sociedade na qual a heterogeneidade estará cada vez mais presente”. A aceitação da multiplicidade de identidades e de formas de actuar deve ser considerada e facilitadora da construção de um futuro melhor. Neste sentido, interessa compreender e valorizar aquilo que os agentes entrevistados referem como áreas de intervenção municipal consideradas importantes e os benefícios para a comunidade com a criação da Cidade Educadora em Barcelos.

“Que realmente haja uma uniformidade dentro da cidade, e que essa mesma continue a trabalhar com os outros departamentos não só para a juventude como para a 3ª idade e para o viver da comunidade, ... todos com a mesma preocupação que é a educação, a comunidade... era preciso chamar as famílias e as pessoas para realmente se juntarem...”.

(Manuel Reis,
Presidente do Círculo Católico de Operários de Barcelos)

“Eu acho que era preciso fazer um papel integrado em termos de preservação ambiental. É um tema que se fala muito mas que depois se faz pequenas acções ... Além disso é fundamental e acho que a Cidade Educadora devia ter um papel fundamental na inter-relação pessoal ... A relação pessoal, as inter-relações pessoais é importantíssimo fomentar e quase que seria obrigatório trabalhar numa primeira fase nesse âmbito para depois tudo o resto vir subjacente a isso...” .

*(Augusto Vilas Boas,
Presidente da Junta de Freguesia de Góios)*

“Poderia-se aproveitar essa dinâmica e esse conceito para por exemplo eleger em cada ciclo ou em cada dois anos duas temáticas importantes que pudessem ser trabalhadas por todos os parceiros de forma a construir algo de novo em cada um dos ciclos, ... seria no fundo arranjar temas aglutinadores que pudessem ser trabalhados de uma forma, tornando o resultado mais consistente...” .

*(Mário Constantino Lopes,
Administrador da Empresa Municipal de Desportos de Barcelos)*

“Acho que se pode trabalhar sobretudo ao nível dos projectos educativos que as escolas do 1º ciclo e jardins-de-infância e mesmo as escolas do 2º ciclo implementam, portanto tentar que essas, que os projectos educativos dessas instituições se viem muito para a preocupação de educar para a cidadania, educar para o ambiente, para as preocupações ecológicas ... acho que é enquanto jovem, enquanto as pessoas se estão a formar, ... logo nos jardins-de-infância que se poderá trabalhar mesmo a educação para a cidadania...” .

*(Manuel Lourenço,
Presidente do Conselho Executivo da Escola Secundária Alcaides de Faria)*

“Podemos pensar na rede social como um ponto de partida para estas questões, porque por exemplo no nosso caso, no âmbito da rede social trabalhamos com muita preocupação por exemplo a questão da educação, a questão da alfabetização,... a questão da melhoria da qualidade de vida da população, educar para a cidadania...” .

*(Joana Garrido Fernandes,
Vereadora dos Pelouros: Juventude, Cultura, Turismo e Artesanato)*

Com base na informação que emergiu das entrevistas, e apesar da variedade de respostas obtidas, podem ser reconhecidas algumas preocupações, formas de pensar e actuar, que se destacam e que denotam proximidade de pensamento, sendo de referir os seguintes aspectos:

- **intervir junto do núcleo família;**
- **apostar em projectos educativos nos Jardins-de-infância e Escolas do ensino básico;**
- **fomentar as inter-relações pessoais e trabalhar em parceria, envolvendo os vários agentes;**
- **realizar projectos na área de cidadania;**

- **promover uma acção integrada de preservação ambiental;**
- **reconhecer e promover o nosso património;**
- **desenvolver e valorizar a alfabetização da população.**

Tendo em consideração estes indicadores e de acordo com o trabalho empírico realizado, torna-se pertinente identificar projectos, que os responsáveis pelas instituições representadas na entrevista, consideram importante serem promovidos, com a implementação do Movimento Cidade Educadora em Barcelos. Dada a importância que este registo comporta para o estudo, corresponde ao próximo ponto de análise.

5.2.5. Dinâmicas a desenvolver com a implementação do Movimento Cidades Educadoras em Barcelos

Mediante a análise que tem vindo a ser realizada, compreender nesta fase os projectos que, na perspectiva dos vários agentes entrevistados, poderiam surgir, promovidos pela instituição que cada um representa com a implementação da Cidade Educadora em Barcelos é de grande importância para este estudo, na medida em que interessa identificar o possível contributo das diversas instituições para uma nova perspectiva de organização e intervenção municipal.

No decurso desta análise serão também referidas as principais dificuldades apontadas pelos entrevistados, assim como instituições e parceiros mencionados. A propósito da criação de sinergias e do trabalho em parceria Gómez-Granell et al. (2001: 29) sintetizam que “...sem a co-responsabilização cidadã... é impossível dar forma ao projecto e muito menos levá-lo à prática. Contribuir para mobilizar a capacidade social de reflexão, criar sinergias e tendências coesivas no âmbito cidadão sobre a problemática educativa, implicando diferentes pessoas e colectivos desde o início do processo, há-de ser um objectivo prioritário de qualquer projecto educativo”.

Interessa, assim, enunciar as unidades de sentido que nos levem à compreensão destes aspectos.

“Alargar um pouco mais, por exemplo, as actividades extra-lectivas que ocorrem no 1.º ciclo...Um dos grandes problemas do nosso concelho ... é efectivamente os problemas familiares dos jovens, ... É preciso fazer um trabalho a esse nível, ao nível das famílias no sentido

de as envolver... nesta luta de ser melhor cidadão... Este trabalho não é só, é preciso um autêntico círculo, mas que ninguém sabe onde acaba, nem onde começa, mas que andamos todos ali à volta...”

*(Carlos Alberto Cardoso,
Presidente da Empresa Municipal de Educação e Cultura de Barcelos)*

“Seria mais para o saber estar em família, renovar os laços de família, os laços de amizade, renovar de vizinhança, de amizade, que neste momento não só em Barcelos mas tenho a impressão em quase todas as cidades são colmeias humanas... que realmente haja uma uniformidade dentro da cidade, e que essa mesma continue a trabalhar com os outros departamentos não só para a juventude como para a 3ª idade e para o viver da comunidade, que participem todas as instituições ... com a mesma preocupação que é a educação, a comunidade...”

*(Manuel Reis,
Presidente do Círculo Católico de Operários de Barcelos)*

“Implementaria e promoveria como já o faz, dinâmicas ou projectos sócio-culturais. Terão de ser dinâmicas ou projectos que deverão reflectir a vida da comunidade, no seu modo de ser e pensar, espelhando sempre uma identidade e uma cultura fortes. Claro que estas dinâmicas ou projectos serão obras colectivas que exigem mobilização constante de todos os intervenientes da comunidade...”

*(Fernando Reis,
Presidente da Câmara Municipal de Barcelos)*

“Nós temos um património cultural importante, temos um património arquitectónico e monumental importante ... temos um rio dos mais importantes do país, portanto nós podíamos desenvolver actividades dentro daquela lógica de parceria... assistimos a actividades pontuais desta associação, daquela escola ou daquele clube, interessantes mas depois não concorrem todas para um objectivo central,... todos os parceiros, juntas de freguesia, empresas municipais, câmara municipal, escolas, seriam sensibilizadas dentro de um projecto comum para trabalharem esta dinâmica ou esta área...”

*(Mário Constantino Lopes,
Administrador da Empresa Municipal de Desportos de Barcelos)*

No seguimento da análise das considerações apresentadas pelos vários agentes, que procuram essencialmente ir ao encontro de projectos que poderiam surgir com a implementação da Cidade Educadora em Barcelos e percebendo também algumas indicações para os viabilizar e principais dificuldades apontadas, torna-se importante sintetizar que os projectos que propõem, as parcerias que indicam e as preocupações que destacam, denotam efectivamente muita proximidade em relação às conclusões obtidas no ponto anterior (o ponto anterior referia-se às principais áreas de intervenção municipal e benefícios para a

comunidade com a criação da Cidade Educadora). Deste modo, podem ser sintetizadas as seguintes considerações:

- **trabalhar fundamentalmente com os Jardins-de-infância e com o ensino básico, alargando as actividades extra-lectivas;**
- **trabalhar o núcleo família;**
- **requalificar e dinamizar a zona ribeirinha;**
- **dinamizar os patrimónios;**
- **criar um gabinete de saúde de apoio aos atletas;**
- **apostar na cidadania e na formação cívica;**
- **promover a inter-relação e o trabalho em parceria;**
- **promover a uniformidade de actuações na cidade e no concelho;**
- **criar uma rede de sinergias mediante a participação de todos os intervenientes;**
- **propor a acção por temas/ áreas de actividade;**
- **promover a responsabilização colectiva no desenvolvimento educativo e cultural.**

A partir destes dois últimos pontos de análise pode-se verificar bastante coerência de raciocínio e de expressão nas respostas dos agentes responsáveis pelas diferentes instituições, assim como alguma proximidade de aspectos conclusivos, os quais assumem significados importantes na interpretação das necessidades de intervenção para o desenvolvimento educativo, social e cultural da população barcelense. Salientam-se vários aspectos em comum, estando muito presente a referência à necessidade de se apostar na cidadania e na formação cívica, a necessidade de um trabalho em parceria, a necessidade de apostar em projectos educativos nos Jardins-de-infância e Escolas do Ensino Básico, a necessidade de trabalhar o núcleo família; Gómez-Granell et al. (2001: 25, 26) referem que “... os interesses e relação entre homem e mulher mudaram assim como a relação com os filhos, as responsabilidades negoceiam-se e discutem-se, a mulher incorpora-se no mercado laboral; mas simultaneamente aumenta a distância entre pais e filhos, a família extensa desaparece e a família distancia-se da comunidade, a televisão ocupa um tempo excessivo na vida das crianças e transmite valores duvidosos. Numa palavra, cresce o desconcerto e a desorientação dos pais sobre como devem educar os seus filhos... É preciso

reconsiderar o papel da família como um lugar decisivo, onde meninos e meninas aprendem os papéis”.

Equacionar todas as dificuldades, todos os recursos e possibilidades de acção, de forma responsável, é fundamental para o desenvolvimento e viabilidade de qualquer projecto de intervenção, “conhecendo a realidade existente, as suas causas, sabendo o que falta, está-se na encruzilhada que aponta para outras realidades. Há que saber escolher sem perder de vista as possibilidades de acção,... Procurar alternativas possíveis, viáveis, caminhando devagar mas seguramente... enfim, desenhando um projecto viável” (Basto e Neves, in Vários Autores, 1995: 12).

Com base nestas considerações e no conteúdo das entrevistas, considero pertinente constituir um próximo ponto de reflexão, mediante o qual se consiga compreender a forma de intervenção e animação sociocultural considerada mais correcta pelos agentes entrevistados.

5.2.6. Forma de Intervenção e Animação Sociocultural considerada mais correcta

Podemos encontrar uma grande variedade de definições de Animação Sociocultural, há no entanto aspectos comuns a partir dos quais podemos considerar que é uma metodologia de intervenção, uma forma de acção sócio-pedagógica que se caracteriza basicamente pela procura de processos de participação das pessoas em áreas culturais, sociais e educativas, conforme os seus próprios interesses e necessidades. Será este o tipo de metodologia mais adequado para intervir junto da comunidade? Será este o tipo de metodologia mais adequado para implementar uma Cidade Educadora em Barcelos?

É importante identificar e compreender a forma de intervenção e animação sociocultural considerada mais correcta pelos agentes entrevistados. Recordando o título desta dissertação: *Cidade Educadora, um desafio para a Animação Sociocultural: Novas Perspectivas de Organização e Intervenção Municipal*; o ponto que aqui se analisa, e que se consubstancia no seguimento dos anteriores, é muito significativo na identificação de formas e metodologias de intervenção, essencialmente, destacadas pelos responsáveis das instituições. Com este

propósito enunciam-se as unidades de sentido que nos podem ajudar a identificar estas considerações.

“A ASC ... é mesmo aquela que tem na sua intervenção, nas pessoas, no sentido de as abrir, à sua expressão e à sua participação activa na comunidade. ...é sempre aquela que mais contribui para o bem estar da comunidade. Agora isto é um trabalho muito exigente, que exige de facto uma ocupação e uma visão de futuro muito muito grande...”.

(Carlos Aberto Cardoso,
Presidente da Empresa Municipal de Educação e Cultura de Barcelos)

“Gosto particularmente do método que lhe falei de aproveitar as coisas típicas do concelho, o folclore, o artesanato, ... aproveitá-las para chamar as pessoas. ...Aqui as pessoas não procuram conhecimento...”.

(Afonso Inácio,
Director do Centro de Saúde de Barcelos/ Barcelinhos)

“O caminho mais correcto é fazer um trabalho de pequenos grupos, acho que o trabalho de grandes massas que não funciona, acaba por se dispersar e acaba por o efeito do trabalho não ser muito conclusivo... Terá que ser um trabalho gradual,...essas alterações culturais são extremamente complexas e difíceis de implementar e não se obtêm resultados a curto prazo”.

(Augusto Vilas Boas,
Presidente da Junta de Freguesia de Góios)

“Acima de tudo ... a proximidade e responsabilidade, ... trabalharmos como um todo ... acho que tem que ser assim para que as coisas funcionem,...”.

(Patrícia Sousa,
Chefe do Agrupamento de Escuteiros 1204)

“Acho que se tem feito alguma coisa bastante mesmo, só que às vezes não há adesão que devia haver por parte da população. ... eu costumo dizer que a cultura é pouco digerível, a cultura não é uma coisa que as pessoas aderem facilmente, portanto por muito que se invista em fazer animação sociocultural, em criar oferta, ofertas culturais, pronto não é fácil ter a adesão...”.

(Manuel Lourenço,
Presidente do Conselho Executivo da Escola Secundária Alcaides de Faria)

“Em termos de animação cultural a forma como chegamos à população, eu acho que aquilo que temos vindo a desenvolver é a forma correcta, nós criamos vários programas de animação para a população, diversificados, de acordo com os interesses, com as idades, com os gostos de cada um, obviamente que temos que fazer uma divulgação, ... temos que arranjar formas de chegar à população, isso não é fácil, criar um hábito na população, ...tudo isto demora sempre algum tempo a consolidar-se, ...”.

(Joana Garrido Fernandes,
Vereadora dos Pelouros: Juventude, Cultura, Turismo e Artesanato)

Tendo como base a interpretação da totalidade das entrevistas e estas unidades de sentido, podemos sintetizar os aspectos que permitem identificar quer a forma de intervenção e animação sociocultural considerada mais correcta, quer o registo de alguns indicadores de dificuldades, que simultaneamente podem emergir desta análise.

Forma de intervenção e animação sociocultural considerada mais correcta:

- aproveitar os patrimónios como incentivo à participação das pessoas;
- envolver as instituições, trabalhar como um todo;
- aproveitar as potencialidades e a criatividade de todos, abarcar toda a pessoa;
- promover a expressão, a proximidade, a responsabilidade, a participação activa da comunidade;
- contribuir para o bem-estar da comunidade;
- trabalho gradual, em pequenos grupos;
- trabalhar por temas, áreas de acção.

Indicadores de dificuldades / problemas identificados:

- as pessoas não procuram conhecimento;
- as alterações culturais são difíceis de implementar e demoram a consolidar-se;
- pouca participação nas actividades;
- a cultura não é de fácil adesão;
- é difícil criar o hábito na população da procura de cultura.

Através desta enunciação pode-se verificar que, além da apresentação das formas de intervenção e animação sociocultural que os diferentes agentes entendem mais correctas, foi emergindo a referência para alguns problemas e dificuldades, visíveis nos processos de intervenção sociocultural, que se concentram essencialmente na participação activa da população. Para a apresentação desta informação optei por recorrer ao termo *indicadores*, sobre este conceito Quintas e Castaño (1994:187) referem que “a elaboração e eleição dos indicadores nos programas de animação é uma tarefa necessária e que nos ajuda

a avaliar as actividades, os objectivos...”. Está muito presente a necessidade de se chegar à população e a consciência de que só assim se poderá consolidar o hábito de procura cultural na comunidade. Ucar (1992: 108) refere que “a animação sociocultural, como uma metodologia de intervenção que trabalha para a participação e auto-organização das pessoas, exige, mais do que outros tipos de intervenção, uma atitude vital e metodológica de abertura e flexibilidade para tudo aquilo que pode ajudar e levar os elementos das comunidades a tomar consciência da sua situação e a lutar por uma melhoria pessoal e comunitária...”. Também Ander-Egg (1989:157) escreve que “as tarefas da animação serão concebidas não tanto como a programação, organização, articulação e realização de um conjunto de serviços, mas estes serão o apoio material ou elemento catalizador... O que se quer destacar é o fundamental, o central e o prioritário, é gerar processos de participação popular; isto é também, criar poder popular.”

5.3. APRESENTAÇÃO DO ESPAÇO ONDE FOI ADMINISTRADO O QUESTIONÁRIO

O questionário foi administrado a diferentes indivíduos da comunidade em geral, essencialmente aqueles que usufruem ou participam nas acções do Gabinete da Juventude da Câmara Municipal de Barcelos, no âmbito das quais se inserem projectos que envolvem a participação de encarregados de educação e também da comunidade em geral. Deste modo, embora o questionário tenha sido preenchido essencialmente por jovens do concelho, incluiu também outros grupos etários, participantes em diversas acções, dirigidas à comunidade, como é exemplo o *Projecto Agarra-te à Vida: Prevenção das Toxicodependências e Educação Sexual*. No entanto, salienta-se a pertinência desta diversidade de grupos etários, na medida em que permite uma mais completa percepção dos principais objectivos da aplicação do questionário, sendo de salientar os seguintes: identificar o conhecimento e o entendimento que a população tem acerca do Movimento Cidades Educadoras; o significado e importância atribuída ao cumprimento dos princípios que regem este movimento; dinâmicas de intervenção ao nível educativo e cultural que existem e outras que entendam necessárias concretizar-se, identificar a opinião acerca da instituição da Cidade Educadora no Município de Barcelos.

Tendo em consideração que o questionário se desenvolveu essencialmente com indivíduos que, de alguma forma, se relacionam com as dinâmicas da Câmara Municipal de Barcelos e nomeadamente com o Gabinete da Juventude considero, nesta fase, pertinente proceder a uma breve apresentação deste espaço de acção municipal e seus principais projectos. O Gabinete da Juventude nasceu em 1999, fui a técnica coordenadora da sua criação e respectiva organização e dinamização, sendo no âmbito da actividade deste gabinete que continuo como coordenadora de vários projectos de índole educativo e sociocultural, dirigidos aos jovens e à comunidade em geral. Sempre procurei incrementar um tipo de actividade e projecto de acção que se assumisse como prática de animação sociocultural. É no contexto desta forma de estar e de intervir junto da comunidade que, entusiasmada pelo Movimento Cidades Educadoras, procuro aprofundar este tema, compreender os desafios que lança para os processos animação sociocultural e também, acreditando nas diversas

potencialidades de Barcelos, criar incentivos para a adesão e instituição do Movimento Cidade Educadora, em Barcelos.

O Gabinete da Juventude da Câmara Municipal de Barcelos é o espaço de acção municipal dedicado aos jovens, através do qual se procura a satisfação, dinamização e participação da juventude procurando, progressivamente, constituir um veículo de valorização e ocupação salutar dos tempos livres. É um espaço onde se pretende corresponder às solicitações dos jovens, quer ao nível de informação sobre os mais variados temas, quer em termos de organização de iniciativas voltadas para a actividade juvenil, sendo destacar as áreas de: música, desporto, moda, educação para a saúde, informática, artes plásticas, expressões diversas etc. Estas acções constituem um meio de expressão e enriquecimento das capacidades dos jovens, uma forma de dinamização e motivação para um contexto social e educativo de grande valor ao nível da formação pessoal.

No âmbito do projecto de trabalho do Gabinete da Juventude destaca-se um programa de actividade que tem como principal objectivo a participação dos jovens do concelho, através da valorização das suas capacidades. Este fundamento vai ao encontro da realização de iniciativas que envolvem activamente os jovens de Barcelos contribuindo, progressivamente, para uma maior adesão da comunidade às actividades levadas a efeito pela Câmara Municipal de Barcelos.

O Gabinete da Juventude funciona de Segunda a Sexta-Feira, em horário contínuo das 9h00 às 18h00. Neste local os jovens podem ter acesso gratuito a equipamento e actividades, sendo de referir as seguintes:

- Computadores com ligação à Internet, processadores de texto e impressão de dados;
- Cartão Barcelos Jovem;
- Informações sobre diversos temas, respondendo a dúvidas e solicitações, ao nível de formação, escolas, tempos livres, emprego, férias, programas nacionais e internacionais para a juventude, entre outros;
- Apoio ao Associativismo Juvenil - o Gabinete da Juventude colabora com Associações, essencialmente de cariz juvenil, no âmbito da organização e desenvolvimento de iniciativas.

A criação do Gabinete da Juventude e consequente dinamização tem como principais objectivos:

- Disponibilizar na autarquia um espaço de acção, especialmente dedicado aos jovens de todo o concelho;
- Criar condições que proporcionem a revelação da juventude;
- Potenciar meios adequados no sentido da valorização dos jovens;
- Facultar o contacto e acesso mais fácil entre os jovens e a autarquia;
- Proporcionar aos jovens o acesso aos meios de comunicação e informação, através da ligação à Internet;
- Desenvolver acções visando corresponder aos interesses da juventude.

No início do ano 2007, os principais projectos e áreas de acção do Gabinete da Juventude são os seguintes: Cartão Barcelos Jovem; Projecto *Agarra-te à Vida: Educação Sexual e Prevenção das Toxicodependências*; Dinamização do Associativismo; Jornadas de Educação para a Saúde; Barcelos para a Música; Moda Barcelos; Programa em Voz Alta; Festa da Juventude; Mostra de Associativismo Juvenil; Mostra de Arte Jovem de Barcelos; Dinamização de algumas datas: Dia do Estudante, Dia Mundial da Juventude, Dia Mundial de Luta Contra as Drogas, Dia Mundial de Luta Contra a SIDA²⁹.

5.3.1. Contextualização do grupo inquirido

O questionário foi aplicado essencialmente a indivíduos que usufruem ou participam nas acções do Gabinete da Juventude da Câmara Municipal de Barcelos, no âmbito das quais, e conforme a apresentação supra-citada, se inserem projectos que não se dirigem apenas aos jovens mas também à comunidade em geral, sendo de referir o *Projecto Agarra-te à Vida: Prevenção das Toxicodependências e Educação Sexual*. Foi com base nesta possibilidade, permitir o alcance de diversos grupos etários, que se definiu a aplicação do questionário a partir da área de actividade do Gabinete da Juventude.

Dos questionários entregues conseguiu-se obter cem questionários preenchidos, no período compreendido entre o mês de Junho e Dezembro de 2006.

²⁹ Anexo 4.

Relatório de Actividades do ano 2006, do Gabinete da Juventude da Câmara Municipal de Barcelos, mediante o qual é possível uma análise mais completa da organização e dinâmica deste espaço de acção municipal.

Na definição do número de questionários necessários para desenvolver a análise foram especialmente considerados três importantes factores: o tipo de questionário aplicado; o facto do questionário constituir uma das formas de recolha de dados, o qual, juntamente com o inquérito por entrevista, a análise de documentos e outros registos que acompanharam o trabalho empírico, permite aprofundar o objecto de estudo; o outro factor a destacar relaciona-se com o principal objectivo deste questionário, identificar o conhecimento e a opinião da população sobre o Movimento Cidade Educadora. Estes factores conciliados com a análise dos registos de indivíduos que se deslocaram ao Gabinete da Juventude, no período de aplicação do inquérito, basearam a definição de um número de questionários considerado o adequado.

De referir ainda que a opção pela análise do registo de entradas no espaço Gabinete da Juventude, tem como base o facto de não existir um registo preciso do número de indivíduos participantes nas acções que acontecem no espaço exterior ao Gabinete da Juventude³⁰. No entanto, pode-se depreender que desta análise resultará um grupo de indivíduos que poderá estar mais informado e ser mais participativo nas acções da CMB, na medida em que se tratam de pessoas que se dirigem por iniciativa própria e por diferentes motivos a este espaço de acção municipal.

Na observância destes aspectos e considerando o período de Junho a Dezembro de 2006, período correspondente à aplicação do questionário, contam-se 6851 registos³¹. Tendo em consideração os dias úteis, dias de funcionamento do Gabinete contabilizam-se 145 dias de actividade, o que resulta numa média diária de 47,4 registos.

No entanto, para se chegar ao número efectivo de indivíduos a considerar nesta análise torna-se necessário observar dois importantes factores:

1- Do total de indivíduos que frequentam o Gabinete da Juventude existe um grupo etário que não corresponde à população que interessa inquirir, nomeadamente os indivíduos com idades compreendidas entre os 10 e os 14 anos.

³⁰ Neste âmbito podemos considerar dinâmicas de rua, festivais, espectáculos, que fazem parte do projecto de actividade deste espaço de acção.

³¹ Anexo 5 Gráfico 5. Registos de entrada no Gabinete da Juventude da Câmara Municipal de Barcelos.

2- Existe um número significativo de indivíduos que se repetem no período de análise.

Neste sentido, e tendo como base o contacto directo e diário com o espaço de acção do Gabinete da Juventude, desde o início da sua actividade (Setembro de 1999) assim como, a leitura e análise dos registos existentes, pode-se referir, em relação ao primeiro factor, que da totalidade de indivíduos indicada durante o período de análise, 50% não corresponde à população que interessaria inquirir por serem excessivamente jovens, com idades entre os 10 e os 14 anos. Deste modo, e em função do número total de registos apresentados, 3426 será o resultado indicativo a considerar com idades adequadas para participar no inquérito por questionário, o que corresponde a uma média diária de 23,62 indivíduos, no período em análise.

No que se refere ao segundo factor, e tendo também como base a leitura e análise dos registos existentes e o acompanhamento diário deste espaço de acção, pode-se referir que 20% será a percentagem de indivíduos que não se repete neste espaço temporal. Assim, de acordo com os valores resultantes da análise do factor anterior e considerando os 20% de indivíduos que não se repetem, resultam 685 indivíduos como possíveis participantes no inquérito, o que representa uma média diária de 4,72.

Deste modo, mediante os cálculos efectuados e com base no período em análise, 145 dias de actividade do Gabinete da Juventude, os cem questionários preenchidos representam 14,6% do total de indivíduos com as características necessárias para participar neste estudo.

5.4. ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS

5.4.1. Identificação dos inquiridos

Localidade

As pessoas inquiridas são residentes no concelho de Barcelos, existindo apenas dois indivíduos do concelho de Braga.

O concelho de Barcelos é o maior concelho a nível nacional, em número de freguesias, tem 89 freguesias, os resultados deste questionário permitem-nos perceber esta dimensão, pela representação de 37 freguesias, conforme se pode verificar no gráfico correspondente³². No entanto, a freguesia que mais se evidencia é Barcelos, com 19%, seguindo-se três freguesias que são contíguas à freguesia de Barcelos; Arcozelo com 7%, Vila Frescaíinha de S. Martinho com 6% e Vila Frescaíinha de S. Pedro com 5%. Este factor pode demonstrar que a proximidade das dinâmicas tem influência no grau de participação da comunidade.

Género

Mediante a análise dos indivíduos quanto ao género, e conforme se pode identificar no respectivo gráfico³³, prevalece o género feminino, com 66% de indivíduos em relação a 34% do sexo masculino. Este resultado pode não comprovar a prevalência de indivíduos do sexo feminino que procuram este espaço municipal, mas pode demonstrar que mais indivíduos do sexo feminino deram feedback ao questionário entregue. Esta referência tem como base a avaliação dos registos existentes, através dos quais se verifica, ao longo do período em análise, sincronia de resultados quanto ao género feminino e masculino.

Idade / grupo etário

No que se refere à idade da população participante neste inquérito prevalecem, como seria de esperar, os grupos etários que se inserem nos domínios considerados da adolescência e da juventude, nomeadamente dos 16 aos 30-35 anos. Contudo, destaca-se o grupo etário dos 16 aos 20 anos, com

³² Anexo 6.2.1. Gráfico 1.1. Identificação da população inquirida: localidade.

³³ Anexo 6.2.2. Gráfico 1.2. Identificação da população inquirida: género.

26% de inquiridos, dos 21 aos 25 anos, a percentagem de inquiridos regista-se em 16%; dos 26 aos 30 anos, 14%, e dos 31 aos 35, 15%, conforme se pode analisar no respectivo gráfico.³⁴

A partir deste registo pode-se depreender que, progressivamente, têm-se vindo a verificar o prolongamento da idade no enquadramento juvenil, realidade que se verifica por exemplo na definição dos destinatários de determinadas acções, especialmente vocacionadas para a população jovem, nas quais se admite a possibilidade de participação até aos 35 anos, conforme se pode ler no regulamento da *3ª Mostra de Arte Jovem de Barcelos* (Município de Barcelos, 2006:2) “A 3ª Mostra de Arte Jovem de Barcelos dirige-se a jovens artistas até aos 30 anos, à data de 31-12-2006, naturais, residentes, estudantes ou que exerçam a sua actividade profissional no concelho de Barcelos. Nos projectos colectivos admitem-se participantes com idade até 35 anos à data de 31-12-2006, sempre que a média de idades do grupo não ultrapasse os 30 anos”.

Tendo em consideração a temática do estudo em análise, é vantajoso o acesso a informação proveniente de diversos grupos etários, permitindo também junto destes grupos perceber os resultados dos principais objectivos da aplicação deste questionário.

Grau de escolaridade

No âmbito da identificação da população inquirida interessa também verificar o grau de escolaridade, do qual se destaca com evidência habilitações ao nível do ensino secundário, que se expressa em 50%, conforme se pode analisar no respectivo gráfico³⁵.

Este resultado está relacionado com a prevalência do grupo etário assinalado no ponto anterior, que coincide com a idade de frequência do ensino secundário no entanto, e como se pode ler na *Carta Educativa do Concelho de Barcelos, parte I* (2006: 68), pode-se também considerar que está ligado ao facto de “se ter alargado a escolaridade mínima obrigatória para a conclusão do 3º ciclo do ensino básico, factor a partir do qual decorrem todas as determinações que essa medida implica para os níveis de ensino imediatamente superiores”. Mediante a análise do gráfico 1.4 podemos constatar também que o ensino superior e, nomeadamente, a

³⁴ Anexo 6.2.3. Gráfico 1.3. Identificação da população inquirida: idade/ grupo etário.

³⁵ Anexo 6.2.4. Gráfico 1.4. Identificação da população inquirida: grau de escolaridade.

licenciatura é o grau de escolaridade que se destaca imediatamente a seguir ao ensino secundário, com 29% de indivíduos, o que resulta, em conjunto com a percentagem referida do ensino secundário, em 79% de indivíduos. Neste contexto, podemos considerar novamente a *Carta Educativa do Concelho de Barcelos, parte I*, (2006: 69) a qual refere que “hoje a sociedade exige cada vez mais formação aos indivíduos, e que os jovens, pais e educadores depositam maiores esforços e maiores expectativas na formação escolar. Em 1991, Barcelos contava apenas com 5819 jovens a frequentar o ensino secundário, em 2001 o valor é muito superior situando-se agora em 8947 indivíduos. Também ao nível do ensino superior este fenómeno é visível, uma vez que os dados de 1991 mostram que o concelho tinha 672 indivíduos a frequentar este grau de ensino, tendo em 2001 este valor evoluído para 2846 indivíduos, o que constitui um crescimento de 323,5%”.

5.4.2. Conhecimento do Movimento Cidades Educadoras

Identificar o conhecimento da população sobre o Movimento Cidade Educadora assume-se como um dos principais objectivos deste inquérito por questionário. Através da questão “Já ouviu falar no Movimento Cidade Educadora?” verificou-se que 90% dos inquiridos nunca tinham ouvido falar no movimento, os restantes 10% responderam que sim³⁶. Na sequência desta questão procurou-se saber junto dos indivíduos que responderam sim, se conheciam alguma cidade que fizesse parte do movimento, resposta à qual 80% mencionaram conhecer e 20% responderam que não conheciam nenhuma cidade que fizesse parte do movimento.

O gráfico que se segue permite-nos uma percepção mais elucidativa das cidades que foram referidas e respectiva percentagem de indicações.

³⁶ Anexo 6.2.5. Gráfico 2.1. Conhecimento do Movimento CE: já ouviu falar no Movimento Cidades Educadoras?

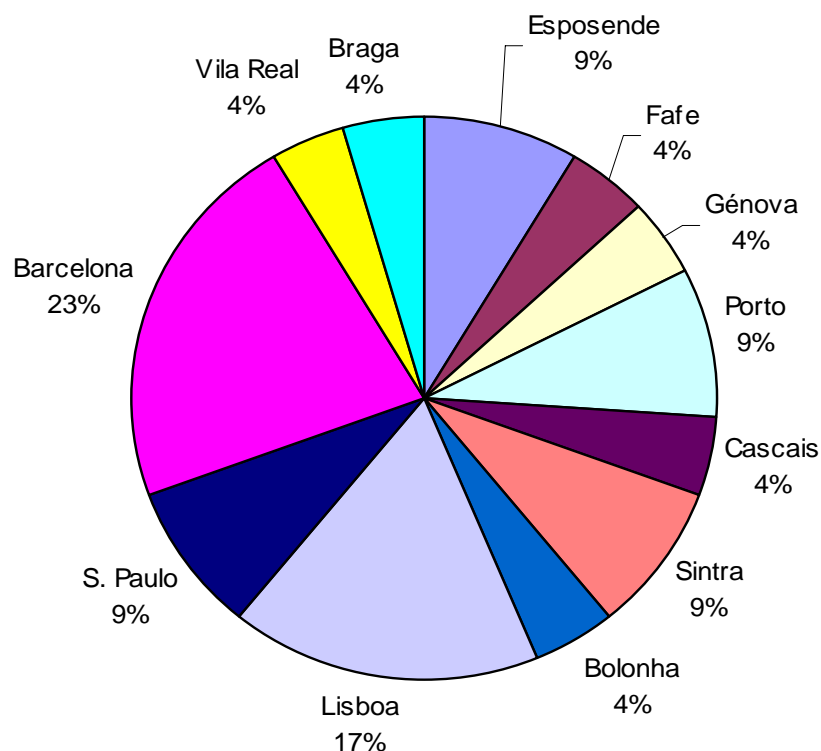


Gráfico 2.2. Conhecimento do Movimento Cidades Educadoras:
cidades referidas como pertencentes ao Movimento Cidades Educadoras
Fonte: elaboração própria.

Através deste gráfico é possível verificar que existem duas cidades que se destacam, sendo estas Barcelona com 23% e Lisboa com 17%. Os inquiridos que responderam que já tinham ouvido falar no movimento detêm, assim, algum conhecimento acerca da origem do mesmo. O 1º Congresso Internacional das Cidades Educadoras teve lugar em Barcelona, em 1990, onde reuniram, na Carta inicial, os princípios essenciais ao impulso educador da cidade, conforme se pode ler na Carta das Cidades Educadoras.

As cidades portuguesas de Porto, Sintra e Esposende assim como a cidade de S. Paulo, no Brasil, são referidas por 9% da população inquirida. De realçar a situação de Esposende que constitui uma adesão bastante recente ao movimento, e alcança uma boa referência pela população inquirida.

Uma análise de conjunto permite-nos verificar que, em termos nacionais, os inquiridos fazem especialmente referência às cidades mais próximas, e têm também conhecimento que Lisboa e grande parte das cidades aderentes são contíguas à capital portuguesa. Esta conclusão foi também verificada na análise

de conteúdo das entrevistas realizadas, junto dos responsáveis das instituições, que referiram conhecer o movimento.

Com efeito, trata-se de uma realidade que pode ser comprovada mediante a análise das cidades portuguesas que fazem parte do Movimento Cidade Educadora, sendo actualmente vinte e quatro municípios,³⁷ mediante as quais se pode verificar que a *Região de Lisboa* ³⁸ abrange cerca de 40% das cidades aderentes ao movimento, sendo de referir as seguintes: Almada, Amadora, Barreiro, Cascais, Lisboa, Loures, Odivelas, Palmela e Sintra.

5.4.3. Traços de Caracterização do Movimento Cidades Educadoras

Aos indivíduos que responderam que já tinham ouvido falar no Movimento Cidades Educadoras foi ainda colocada a questão sobre o que pensam ser o movimento. A partir desta questão procedeu-se à análise das respostas e à definição de categorias de forma a precisar as opiniões apresentadas pela população inquirida, tendo sido estabelecidas as seguintes indicações de análise:

- *bons princípios, importante;*
- *cidadania, igualdade;*
- *partilha cultural;*
- *estratégia, melhoria da educação, formação;*
- *conceito ainda muito vago;*
- *dinamização, combate ao comodismo;*
- *dinamização em função do indivíduo;*
- *decisões de acordo com estudo prévio;*
- *património cultural.*

³⁷ Conforme a informação apresentada no Quadro Conceptual, dados de Março de 2007, fornecidos pelo Departamento de Educação e Juventude do Município de Lisboa.

³⁸ A Região de Lisboa é uma região portuguesa, que compreende aproximadamente a metade sul, metade do distrito de Lisboa e a metade norte do distrito de Setúbal. A Grande Lisboa e a Península de Setúbal são sub-regiões estatísticas portuguesas parte da Região de Lisboa.

Conforme se pode verificar no gráfico, cujo título “O que consideram ser o Movimento Cidades Educadoras”³⁹, existem três categorias que se destacam das restantes:

- **25% dos inquiridos consideram que o movimento *tem bons princípios e é importante*;**
- **21% dos inquiridos assinalam que o Movimento Cidade Educadora constitui uma *estratégia de melhoria da educação e formação da população***
- **21% é também a percentagem de respostas que apontam ser um movimento para a *cidadania e igualdade*.**

Na Carta das Cidades Educadoras podemos ler no preâmbulo que “estes são os grandes desafios do século XXI: Primeiro «investir» na educação de cada pessoa, de maneira a que esta seja cada vez mais capaz de exprimir, afirmar e desenvolver o seu potencial humano, Segundo, promover as condições de plena igualdade para que todos possam sentir-se respeitados e serem respeitadores, capazes de diálogo. Terceiro, conjugar todos os factores possíveis para que se possa construir, cidade a cidade, uma verdadeira sociedade do conhecimento sem exclusões, para a qual é preciso providenciar, entre outros, o acesso fácil de toda a população às tecnologias da informação e das comunicações que permitam o seu desenvolvimento”. Este fundamento está muito próximo das considerações que foram especialmente referidas pela população inquirida, nomeadamente aquelas que se orientam para a educação e formação da comunidade assim como para a igualdade de oportunidades.

5.4.4. Considerações sobre a viabilidade da integração de Barcelos no Movimento Cidades Educadoras

Foi solicitado aos indivíduos a indicação, se consideravam viável Barcelos instituir-se como Cidade Educadora e a explicação da resposta. Em relação ao primeiro aspecto pode-se verificar uma forte expressão do “Sim”, com 72%, conforme se pode ver no gráfico 3.1.

Anexo 6.2.6. Gráfico 2.3. Conhecimento do Movimento CE: o que consideram ser o Movimento Cidades Educadoras.

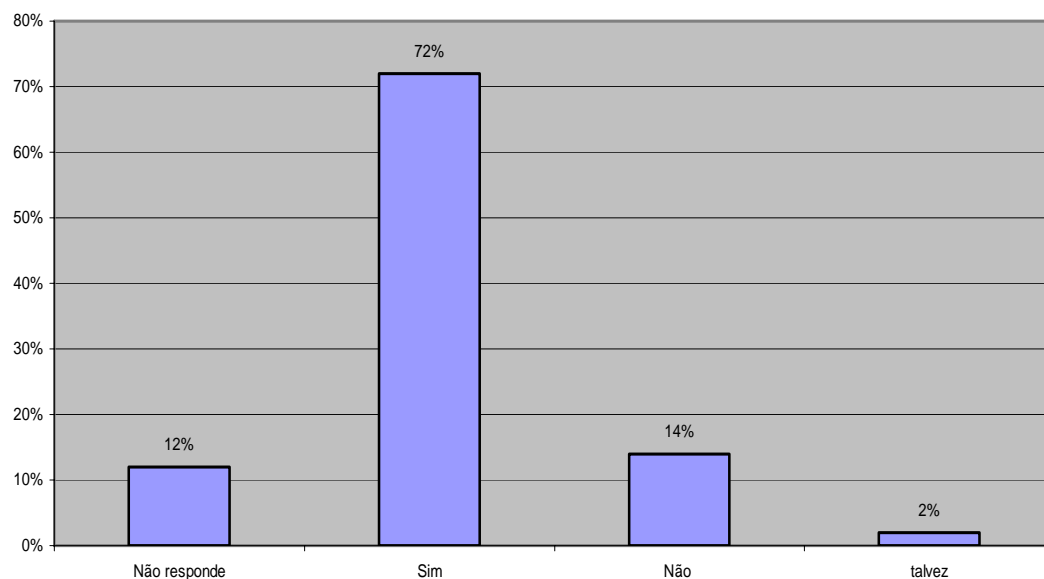


Gráfico 3.1. Considerações sobre a viabilidade da integração de Barcelos no Movimento Cidades Educadoras.

Fonte: elaboração própria.

No que concerne à explicação apresentada pelos inquiridos sobre a viabilidade da integração de Barcelos no movimento, obtiveram-se várias opiniões quer na justificação da viabilidade, quer na justificação da não viabilidade⁴⁰. Os indivíduos que consideram ser viável assumem uma expressão muito forte e destacam, essencialmente, as seguintes explicações:

- ***promove o desenvolvimento, a qualidade de vida da comunidade;***
- ***Barcelos tem capacidade e diversidade cultural;***
- ***organização de actividades nas diversas áreas (já organiza e permitirá organizar mais actividades).***

Mediante a análise das respostas do grupo de indivíduos inquiridos, evidencia-se o reconhecimento da riqueza sociocultural de Barcelos e a procura de qualidade de vida e desenvolvimento do indivíduo e da comunidade, factos que consideram ser possível promover através da adesão e participação neste tipo de iniciativas⁴¹.

⁴⁰ Anexo 6.2.7. Gráfico 3.1.a) Considerações sobre a viabilidade da integração de Barcelos no Movimento CE: motivos apresentados pelos inquiridos.

⁴¹ Para uma melhor percepção da opinião dos indivíduos que consideraram viável a integração de Barcelos no movimento CE, foi criado um gráfico que integra apenas as categorias das respostas que apontam ser viável, o qual corresponde ao Anexo 6.2.8. Gráfico 3.1.b) Considerações sobre a viabilidade da integração de Barcelos no Movimento CE: motivos apresentados pelos inquiridos que consideram viável a integração de Barcelos no Movimento CE.

Os indivíduos que consideram não ser viável a integração de Barcelos no Movimento Cidade Educadora apontam diferentes motivos, destacando-se a maior referência para duas indicações:

- ***mudança, melhoria, desenvolvimento do modo de actuar;***
- ***maior união das organizações.***

Se relembrarmos os principais resultados da análise de conteúdo do inquérito por entrevista, verifica-se que um dos aspectos que foi especialmente apontado pelos inquiridos foi a necessidade de se promover a inter-relação e o trabalho em parceria; a criação de uma rede de sinergias mediante a participação de todos os intervenientes. São considerações que se aproximam, nomeadamente, da opinião dos inquiridos que explicaram a sua resposta fazendo referência à necessidade de uma maior união das organizações, para viabilizar a integração de Barcelos no Movimento Cidade Educadora.

5.4.5. Princípios considerados fundamentais para que Barcelos alcance o título Cidade Educadora

Foi solicitado aos inquiridos que indicassem princípios considerados fundamentais para que Barcelos alcançasse o título Cidade Educadora. A questão foi precedida por uma breve apresentação do movimento, que consistiu na seguinte referência “As Cidades Educadoras iniciaram-se como movimento em 1990, com a realização do 1º Congresso Internacional em Barcelona, no qual participaram diversos representantes de várias cidades, que se reuniram com o objectivo comum de trabalhar em projectos e actividades para melhorar a qualidade de vida dos seus habitantes, a partir da sua implicação activa, cumprindo os princípios que compõem a Carta das Cidades Educadoras”. Esta questão obteve respostas bastante abrangentes que permitiram chegar aos seguintes elementos de análise:

- *eventos e emprego para jovens;*
- *informação, divulgação;*
- *mais actividades educativas, socioculturais, ambientais;*
- *cidadania, empenho e disponibilidade das pessoas;*
- *apoios nas diversas áreas;*
- *igualdade, justiça, parceria;*

- *melhorar e criar outras infra-estruturas, prepará-las para deficientes;*
- *campanhas educativas;*
- *cidade virada para os patrimónios de Barcelos (cultural, ambiental,...);*
- *apoio às associações;*
- *alteração, melhoria nas instituições;*
- *estimular o gosto pelo ensino.*

Embora a percentagem de inquiridos que não responderam esteja nos 8% e os que mencionaram não saber seja 1,1%, verifica-se um conjunto de respostas de desenvolvimento e fundamentação que permitem estabelecer as categorias apresentadas e mediante as quais se destacam:

- ***mais actividades educativas, socioculturais, ambientais, com 21,3%;***
- ***cidadania, empenho e disponibilidade das pessoas, com 11,7%.***

Muito próximo deste valor, com 10,7%, está a referência para a ***Igualdade, justiça, parceria*** e com a mesma percentagem a indicação para ***Eventos e emprego para jovens***. A indicação para *melhoria de infra-estruturas; campanhas educativas; a informação e divulgação das actividades*, são também indicações com alguma expressão⁴². A noção da importância e necessidade de uma correcta informação da comunidade está muito presente na Carta das Cidades Educadoras, nomeadamente expressa no 19.º princípio “o município deverá garantir uma informação suficiente e compreensível e encorajar os seus habitantes a informarem-se. Atenta ao valor que significa seleccionar, compreender e tratar a grande quantidade de informação actualmente disponível, a cidade educadora deverá oferecer os recursos que estarão ao alcance de todos”.

5.4.6. Possíveis resultados com a integração de Barcelos no Movimento Cidades Educadoras

Mediante a pergunta referente ao que poderia surgir com a eventual integração de Barcelos no Movimento Cidade Educadora surgem, com especial evidência, as indicações:

⁴² Anexo 6.2.9. Gráfico 3.2. Considerações sobre a viabilidade da integração de Barcelos no Movimento CE: princípios considerados fundamentais para que Barcelos alcance o título CE.

- **desenvolvimento educativo e cultural, com 35,6% e**
- **melhoria da qualidade de vida, com 17,5%⁴³.**

São expressões que parecem transmitir confiança e, pela análise desenvolvida, demonstram a presença da vontade de participação activa neste processo. Interessa também fazer referência às restantes categorias resultantes da análise das respostas do grupo inquirido: *desenvolvimento e apoio aos jovens; novas oportunidades, melhores condições; depende da ajuda que a Câmara Municipal conceder; resultados só a médio e longo prazo; rivalidade entre cidades; interesse, participação nas actividades existentes; formação para a igualdade, cidadania; maior divulgação, informação; intercâmbio e união.*

Embora a questão que baseia a presente análise tenha propósitos diferentes, podemos lembrar algumas considerações e conclusões apresentadas na análise do ponto anterior verificando-se que, a partir do conteúdo das respostas, resultam aspectos que se aproximam e que demonstram a referência a elementos como:

- **divulgação e informação da população;**
- **a formação para a igualdade e cidadania;**
- **maior participação e dinamização.**

Constituem, deste modo, acções que denotam ser especialmente valorizados pela população. Neste contexto de envolvimento da comunidade, informação, igualdade, participação, podemos lembrar aquilo que Basto e Neves acentuam no estudo sobre *Animação Comunitária* (1995:13), “um projecto que pretende interessar as pessoas e levá-las à participação não pode descurar a informação... Consideramos esta função de enorme importância por vários motivos: trabalhando com e para a comunidade, esta tem o direito de saber o que se faz. Para isso não basta distribuir informação, mas é necessário que esta seja veiculada de forma acessível a todos. Por outro lado, o conhecimento do que se está a passar motiva, ou pode motivar, as pessoas a uma participação mais empenhada, pois temos tendência a valorizar-nos quando alguém nos valoriza”.

⁴³ Anexo 6.2.10. Gráfico 3.3. Considerações sobre a viabilidade da integração de Barcelos no Movimento CE: possíveis resultados com a integração de Barcelos no Movimento CE.

5.4.7. Actividades educativas e socioculturais identificadas na freguesia e no concelho e instituições responsáveis

No âmbito deste estudo procurou-se ainda ir ao encontro das dinâmicas de intervenção ao nível educativo e sociocultural existentes, identificadas pela população inquirida, assim como outras acções, propostas pelos indivíduos. Este grupo de questões teve como objectivo identificar dinâmicas locais e municipais e simultaneamente explorar e diagnosticar áreas de actividade valorizadas pelos indivíduos.

Neste contexto, foi solicitada a indicação das actividades existentes na freguesia e no concelho, mediante a apresentação de um conjunto de acções diferentes, de índole educativo e sociocultural, deixando também a possibilidade de referência a outras actividades, além das apresentadas.

De referir que a análise que aqui se apresenta envolve a representação de 42% do total de freguesias existentes no concelho de Barcelos.

A análise e comparação dos dados nas duas realidades, freguesia e concelho, permite de imediato a identificação de diferenças, especialmente no que se refere às propostas socioculturais, conforme se pode constatar nos gráficos 4.1. e 4.2..

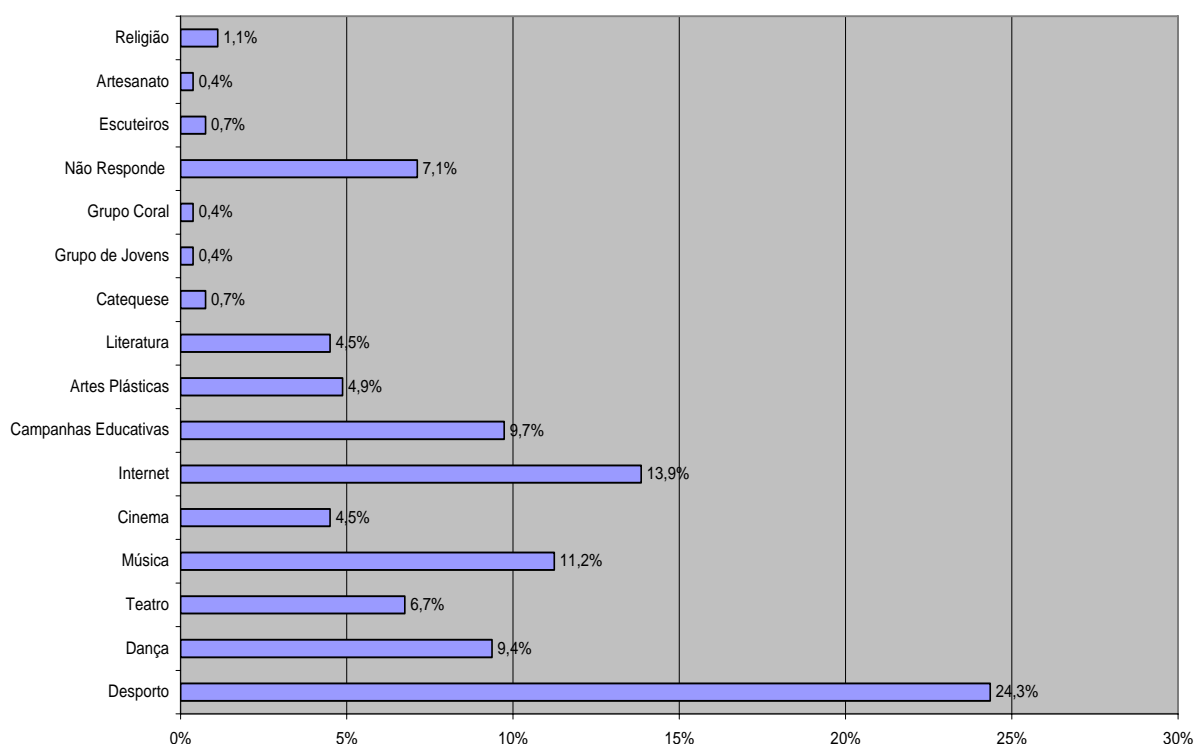


Gráfico 4.1. Actividades educativas e socioculturais identificadas na freguesia
Fonte: elaboração própria.

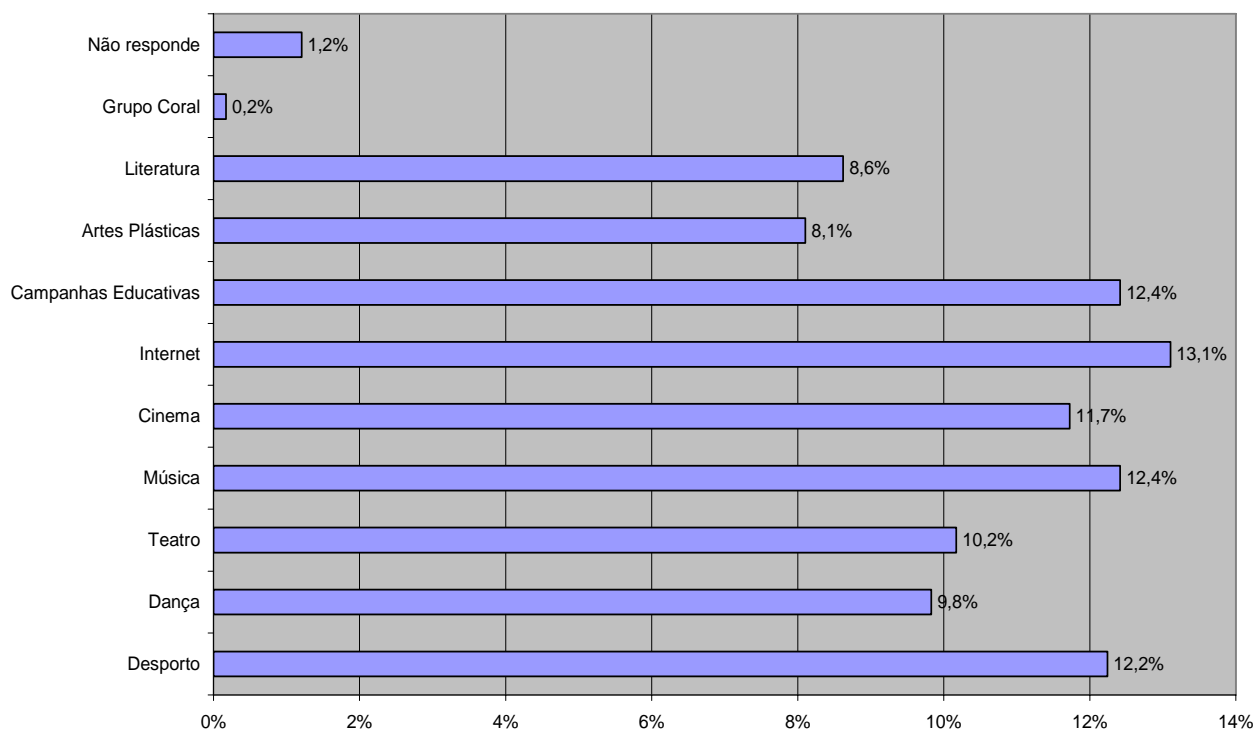


Gráfico 4.2. Actividades educativas e socioculturais identificadas no concelho
Fonte: elaboração própria.

Os resultados que se evidenciam nos dois gráficos demonstram alguma dissonância de dinâmicas socioculturais, entre aquilo que é identificado como existente nas freguesias e no concelho. Nas freguesias, as actividades mencionadas pelos inquiridos são várias, no entanto **existe uma forte representatividade do desporto**. É uma acção que adquire grande importância em todo o concelho, nomeadamente ao nível local, atingindo em termos percentuais 24,3% em relação ao conjunto das diversas actividades mencionadas, conforme se pode ver no gráfico 4.1.. Em termos de instituições responsáveis pelas actividades assinaladas, pode-se também verificar que nas freguesias se destacam as **Associações Desportivas e Recreativas**⁴⁴.

Dada a representatividade da actividade desportiva foram também analisadas as modalidades referidas pelos inquiridos no âmbito das quais, e apesar da referência há existência de diversas dinâmicas desportivas, o futebol é o que predomina, sendo evidente pela percentagem que atingiu nesta análise, 68,8%⁴⁵.

Ao nível do concelho o desporto também é uma das actividades mais identificadas e neste âmbito, o futebol é a mais referida⁴⁶. Podemos, contudo, verificar uma **grande diversidade de actividades com valores percentuais muito próximos** sendo de destacar as áreas de: **Internet, Música, Campanhas Educativas, Desporto, Cinema, Teatro, Dança**. Este resultado indica-nos a existência de uma grande diversidade de propostas socioculturais no concelho, indica também que essas mesmas propostas são identificadas pelos inquiridos. No entanto, e tendo em consideração que um número significativo de dinâmicas existentes no concelho são promovidas pela Câmara Municipal (facto que é também identificado pelos inquiridos, conforme se pode verificar no gráfico de análise correspondente⁴⁷, cujo registo aponta 47,8%), sabendo que as actividades de uma autarquia têm, fundamentalmente, como público-alvo das suas acções os grupos, instituições e a comunidade concelhia, seria de considerar que não

⁴⁴ Anexo 6.2.11. Gráfico 4.1.a) Actividades educativas e socioculturais identificadas na freguesia: instituições responsáveis pelas actividades identificadas.

⁴⁵ Anexo 6.2.12. Gráfico 4.1.b) Actividades educativas e socioculturais identificadas na freguesia: actividades desportivas identificadas na freguesia.

⁴⁶ Anexo 6.2.13. Gráfico 4.2.b) Actividades educativas e socioculturais identificadas no concelho: actividades desportivas identificadas no concelho.

⁴⁷ Anexo 6.2.14. Gráfico 4.2.a) Actividades educativas e socioculturais identificadas no concelho: Instituições responsáveis pelas actividades identificadas.

resultassem estes indicadores, que apontam discrepância entre a realidade local e a realidade do concelho.

Com efeito, o sucesso dos projectos e a efectiva dinamização sociocultural só é possível se as várias instituições e agentes participarem na promoção da participação activa das comunidades. Neste contexto, interessa lembrar uma das conclusões resultantes do inquérito por entrevista, referente às “principais áreas de intervenção municipal e benefícios para a comunidade com a criação da Cidade Educadora”, no qual os inquiridos destacaram a necessidade de se *trabalhar em parceria, envolvendo os vários agentes*. Deste modo, e mediante as referências acima apresentadas, poderá também estar implícita a indicação para a necessidade do trabalho em parceria, onde se poderá ir ao encontro de uma maior participação e responsabilização de todas as instituições, quer na divulgação e informação à comunidade, quer no desenvolvimento dos projectos e avaliação.

Existe a necessidade de dinâmicas em parceria, através das quais as pessoas se reúnam para conseguir resultados conjuntos. O ser humano, como ser em relação com o meio físico e social, realiza-se e aperfeiçoa-se em união com os outros. Conforme refere Basto e Neves “essa vertente de participação, característica da Animação Comunitária, obriga ao diálogo constante entre as pessoas... tendo como luz orientadora o projecto de sociedade no qual se pretende viver... A educação, através da animação, leva também à compreensão de que há outros sujeitos, outras opções e que o diálogo esclarecedor, problematizador, leva à negociação e que, só ela, possibilita a criação de uma sociedade mais equilibrada, mais justa, sem atropelos, uma sociedade mais racional, no sentido grego do termo: que tenha em conta a Verdade, o Bom, o Belo” (in Vários Autores, 1995:8, 9).

5.4.8. Outras propostas de actividade para o desenvolvimento e melhoria da qualidade de vida da comunidade

Na sequência do pedido de identificação das actividades existentes na freguesia e no concelho e respectivas instituições responsáveis, foi solicitada a indicação de outras actividades que pudessem permitir o desenvolvimento e

melhoria da qualidade de vida da comunidade. Os inquiridos apontam para vários aspectos⁴⁸, entre os quais se destacam, em termos percentuais, os seguintes:

- ***mais actividades socioculturais e maior frequência das mesmas;***
- ***campanhas educativas, formação;***
- ***actividades com interacção da comunidade.***

No âmbito das actividades enunciadas, podemos verificar a presença de algumas propostas que foram também reforçadas pelos responsáveis das instituições participantes no inquérito por entrevista, e que demonstram uma especial valorização destas intervenções, sendo de referir: *a preservação do espaço, valorização do património; a requalificação da margem ribeirinha; a divulgação e informação.*

No seguimento desta análise, de referir que o questionário terminava com um espaço destinado a sugestões, que os inquiridos entendessem conveniente apresentar. Apesar de um número significativo de indivíduos não o ter preenchido, as propostas que foram apresentadas evidenciam as seguintes referências:

- ***dinamização, divulgação, avaliação de actividades;***
- ***integrar Barcelos no Movimento Cidades Educadoras;***
- ***mais informação sobre Cidades Educadoras.***

⁴⁸ Anexo 6.2.15. Gráfico 4.3. Outras propostas de actividade para o desenvolvimento e melhoria da qualidade de vida da comunidade.

3.^a PARTE

DO QUADRO CONCEPTUAL AO QUADRO METODOLÓGICO

CAPÍTULO VI

PRINCIPAIS CONSIDERAÇÕES PARA O TEMA EM ESTUDO

6.1. PERCURSO PELO QUADRO CONCEPTUAL E QUADRO METODOLÓGICO

PRINCIPAIS CONSIDERAÇÕES PARA O TEMA DE ESTUDO

Nesta terceira parte da dissertação pretendo concretizar alguns pontos essenciais de reflexão, que se foram assumindo num percurso essencialmente relacional, entre o trabalho teórico e empírico, e que serão aqui desenvolvidos tendo por base o tema em estudo - *Cidade Educadora, um desafio para a Animação Sociocultural: Novas Perspectivas de Organização e Intervenção Municipal*.

Pareceu-me fundamental incluir neste estudo uma secção que permitisse o destaque de algumas considerações que reflectem apontamentos essenciais, especialmente construídos tendo como base o trabalho empírico, e que serão aqui concretizados à luz da reflexão teórica. Estas considerações, embora de grande abrangência, serão sintetizadas em três pontos principais, que se concebe serem capazes de abarcar as principais referências que foram emergindo ao longo deste trabalho:

- a importância da educação das crianças e dos jovens e da educação ao longo da vida, numa perspectiva de educação permanente;
- a necessidade de valorização do património;
- a participação integrada como forma de desenvolvimento.

6.1.1. A importância da educação das crianças e dos jovens e da educação ao longo da vida, numa perspectiva de educação permanente

A educação é hoje entendida como um factor estratégico de desenvolvimento. Tendo em consideração a diversa literatura consultada, é consensual a importância que se atribui à educação. Esta ideia verifica-se também no trabalho empírico, no âmbito do qual se tornou possível constatar, com base nas informações fornecidas pelos actores, a forma como são reconhecidas e valorizadas as questões inerentes à educação e, neste contexto, é especialmente evidenciada a educação das crianças e dos jovens. É um dos aspectos que se

identifica no trabalho empírico mas é também uma das prioridades e preocupações noutros contextos.

Considero, neste momento, pertinente recordar que a Carta das Cidades Educadoras aponta desde logo no seu preâmbulo que a Cidade Educadora deve preocupar-se com a formação, promoção e o desenvolvimento de todos os seus habitantes, devendo ocupar-se prioritariamente com as crianças e jovens, mas com a vontade decidida de incorporar pessoas de todas as idades, numa formação ao longo da vida. As razões que justificam esta função são de ordem social, económica e política, sobretudo orientadas por um projecto cultural e formativo eficaz e coexistencial. A Carta das Cidades Educadoras destaca que estes são os grandes desafios do século XXI, primeiro “investir” na educação de cada pessoa, de maneira a que esta seja cada vez mais capaz de exprimir, afirmar e desenvolver o seu potencial humano, assim como a sua singularidade, a sua criatividade e a sua responsabilidade. Na análise das conclusões do 9º Congresso Internacional das Cidades Educadoras,⁴⁹ pode-se verificar que o mesmo encerra com “a apresentação de uma declaração final que acentua a necessidade de dar prioridade à educação na infância e na juventude, reforçar a democracia participativa, bem como a cooperação entre as cidades educadoras e com outras redes de cidades.”⁵⁰

A preocupação com a intervenção junto de crianças e jovens, constitui uma área de actuação que é também reconhecida noutras realidades, no âmbito do trabalho que se realiza no domínio das Cidades Educadoras. Em Barcelona, no serviço que é desenvolvido para o *Conhecimento da Cidade* destaca-se que “o programa municipal mais paradigmático e consonante com a filosofia de Cidade Educadora é o Barcelona a l'escola- Barcelona na Escola. Programa interdisciplinar de conhecimento da cidade pelos alunos dos 0 aos 18 anos.... no qual se fixa como objectivo impulsionar o seu conhecimento a partir da cidade e a favor dela” (Caballo Villar: 2001: 42).

Conforme se reflectia no quadro conceptual e progressivamente se foi “escutando”, através da análise da informação recolhida, no contacto com os actores deste estudo, é preciso promover a cidadania, promover uma educação

⁴⁹ O 9º Congresso Internacional das Cidades Educadoras foi realizado em França, na Cidade de Lyon, em Setembro de 2006.

⁵⁰ Fonte: endereço on-line da AICE - www.edcities.bcn.es, em 16-2-2007.

com base na interacção e na partilha, é preciso que a preocupação seja em torno da formação do autêntico cidadão. Neste contexto, e no decurso da interpretação que tem vindo a ser realizada, verifica-se também uma especial referência para a necessidade de se “trabalhar o núcleo família”, a qual assume neste ponto em análise importantes significados.

A educação será muito mais do que proporcionar conhecimentos. Com efeito, o ambiente familiar condiciona positiva ou negativamente o progresso de desenvolvimento e a forma de adaptação social e cultural dos filhos. A família é um elemento decisivo na formação da personalidade da criança e sabe-se que, nem sempre se ocupa o suficiente com as tarefas educativas, essencialmente com a educação dos filhos, “modificar o ambiente familiar é uma das estratégias da pedagogia social, através da criação de Escolas de Pais, para que estes se consciencializem da sua responsabilidade e obtenham uma preparação suficiente para criar um microclima satisfatório nas relações paternas. A intervenção familiar pretende mudar as atitudes existentes no meio familiar” (Quintas e Castaño, 1994: 211).

Lopes no seu aprofundado estudo sobre a *Animação Sociocultural em Portugal* fala-nos de uma educação ligada à vida do indivíduo, transmite um percurso em torno da educação evidenciado a amplitude do acto de educar. Compreende, em primeiro lugar, que educar é mais do que proporcionar conhecimentos, na medida em que se deve ter em atenção os ritmos de cada um, a ligação do indivíduo à comunidade, deve-se ter em atenção o desenvolvimento global do ser humano. Neste contexto, salienta que se trata de evidências transmitidas na história da psicologia e da pedagogia, e faz referência a diversos autores, apontando por exemplo, Rousseau (1712-1778) “há mais de 200 anos, defendeu que cada indivíduo devia seguir a aprendizagem da vida”; John Dewey (1859-1952) “concebeu a escola como uma comunidade embrionária e propôs como metodologia educativa uma acção pedagógica comunitária ligada aos problemas e às necessidades da vida segundo um princípio educativo, que se mantém ainda actual, e que é o aprender fazendo”; refere-se também à realidade portuguesa com a indicação que João de Deus (1830-1895) “pelo seu método de cartilha maternal, baseado numa aprendizagem ligada à vida, permitiu que muitas pessoas aprendessem a ler”. Faz ainda referência a Montessori (1870-1952) destacando a criação do “método da pedagogia científica aplicada à educação

infantil nas casas das crianças, promotor da auto-educação” (Lopes, 2006: 395, 396). O autor conclui que mais recentemente muitos pedagogos têm demonstrado que há educação fora da escola e aponta alguns nomes, entre os quais, Freire (1964), Dumazedier (1973), Trilla (1993), Ander-Egg (1995). Alerta que não se pode confundir educação com escolaridade e reforça a importância da “concepção triádica do sistema educativo”, isto é a necessidade de educação formal, não formal e informal, como forma de conquista de uma efectiva ligação do ensino à vida.

A ligação do ensino à vida e a aprendizagem ao longo da vida tem-se centrado também na relação entre a educação e o mundo do trabalho, na perspectiva da promoção da empregabilidade. A este propósito Le Goff (1996:3), na reflexão que desenvolve sobre a erosão dos ideais da educação permanente, torna compreensível de que modo esta relação se foi estabelecendo, ao longo dos anos oitenta, quando se passa a valorizar o que é “útil e operacional, em estreita articulação com as evoluções no seio das empresas. Passa-se assim de uma concepção de formação com conotação militante para uma concepção que se quer mais pragmática e operacional”. Assim, a relação entre educação e empregabilidade vai-se estabelecendo através de um percurso que abala as primeiras ambições da educação permanente, e num confronto com a realidade das práticas e seus efeitos, vai ao encontro de uma nova actualidade face aos desafios que são hoje emergentes.

O autor salienta, assim, que “a formação torna-se um elemento central dos diferentes planos de luta contra o desemprego. Os dispositivos multiplicam-se e tornam-se mais complexos: jovens em situação de insucesso escolar... desempregados de longa duração”, a formação não constitui apenas uma “obrigação social e legal” mas está implicada na “mobilização de recursos humanos” (idem). Le Goff refere-se à importância de se desenvolverem os ideais primordiais da educação permanente e salienta a urgência da revalorização dos dois pilares que estruturam a ideia de educação permanente: uma formação profissional e técnica e uma formação de cultura geral; aponta, assim, que é necessário despoletar o espírito crítico da população, permitir que todos acedam ao património cultural, “estes ideais da educação popular e da educação permanente, podem reencontrar uma nova actualidade face aos novos desafios que são hoje postos à sociedade” (Ibidem:5) como condição para que realmente

aconteça o desenvolvimento de uma dinâmica de cidadania. Trata-se de considerações que são, também, desenvolvidas no âmbito deste estudo e que adquirem importante significado no contexto dos conteúdos que se analisam neste ponto de reflexão.

A relação entre os três tipos de educação tem sido fortemente referida no domínio da metodologia da Animação Sociocultural, metodologia que se pauta pela participação activa, pela articulação de saberes e potenciação de aprendizagens envolventes. Actua especialmente no âmbito da educação não formal, na medida em que este tipo de educação é entendido como um conjunto de práticas que se realizam fora do espaço escolar, portanto, associada à ideia de uma educação de forma permanente, ao longo da vida.

No contexto do que tem vindo a ser referido e tendo como base as principais considerações do trabalho empírico, salienta-se também o domínio da educação informal, no âmbito do qual se considera a família e a comunidade como agentes educativos fundamentais na integração e desenvolvimento do indivíduo, no aprender a viver em comunidade.

Podemos concluir este ponto de reflexão, que se desenvolve em torno da importância da educação das crianças e dos jovens e da educação ao longo da vida, numa perspectiva de educação permanente, reforçando que na etapa que vivemos é imperioso que se conceba e se ponha em prática a educação com base na libertação das potencialidades do ser humano, onde a comunicação, a expressividade, a criatividade e a confiança estejam presentes, que aconteçam não só no espaço escola mas junto das diversas organizações, no seio da comunidade, sendo fundamental que estas formas de actuar, de intervir educativamente se iniciem na infância e que acompanhem o indivíduo ao longo da sua vida.

6.1.2. A necessidade de valorização do Património

A referência à valorização do património constituiu também uma das principais considerações provenientes da interpretação das informações recolhidas. O aproveitamento do património como incentivo à participação das pessoas surge, quer no âmbito da forma de intervenção e animação sociocultural

considerada mais correcta, quer no decurso da análise dos elementos considerados fundamentais para que Barcelos alcance o título Cidade Educadora.

“Fazer da cultura um elemento chave de coesão social, situá-la como um dos eixos base de desenvolvimento da cidade, é um dos caminhos para a afirmação da identidade e da riqueza de uma cidade que tem na diversidade das suas gentes um bem inestimável” (Maria de Lurdes Silva, 2000)⁵¹, foi uma das referências proferidas no âmbito do 6º Congresso Internacional das Cidades Educadoras. A importância crescente da cultura deve ser entendida pelo seu valor de contemporaneidade e pelo papel que representa “num momento em que a própria evolução da ciência e da tecnologia favorecem o aparecimento de novos *handicaps* para a vida moderna tais como: o aumento dos tempos de ócio, a especialização do turismo e o incremento do consumo e a procura de serviços culturais” (Franco, 2007: s/p). A cultura transforma-se assim num autêntico vector de desenvolvimento comunitário. Teixeira Lopes (1998) debruça-se sobre os vários domínios de análise e intervenção cultural. A este propósito e questionando-se sobre os principais eixos estruturais de uma adequada política de intervenção cultural, que se distinga da “cultura do espectáculo” mas também das “visões fechadas” da actividade cultural, o autor faz referência a algumas propostas de José Madureira Pinto, salientando, em primeiro lugar, que não há produção do novo sem referência a um passado acumulado, salienta a necessidade de se criarem e salvaguardarem infra-estruturas e promover a criação e criatividade culturais em todos os espaços e formas possíveis de desenvolvimento, “para tal, dever-se-á apoiar com especial ênfase tanto as associações como as escolas” (Teixeira Lopes, 1998:100). Em segundo lugar, evidencia a importância do acesso de todos à cultura, referindo para o efeito que se poderão tentar outras iniciativas, entre as quais a diversificação da oferta cultural, impedindo “a unificação do que é múltiplo e plural”. Em terceiro lugar, o autor justifica a necessidade de um intervencionismo activo, nomeadamente no que se refere ao associativismo. Neste contexto, Teixeira Lopes sustenta que estas intervenções só serão bem sucedidas se estiverem reunidas determinadas condições, “uma delas, porventura a mais importante, é a de envolver os vários

⁵¹ Participante no Painel temático 5 – “Educação, Formação, Emprego e Ócio: O papel Estratégico da Cidade”, no 6º Congresso Internacional das Cidades Educadoras”, realizado em Lisboa, no ano 2000.

actores implicados. Defende-se uma intervenção global que signifique uma verdadeira política de cidade e não se limite à produção de grandes acontecimentos mediáticos ou de uma imagem para consumo externo” (Ibidem: 101). Destaca-se, deste modo, a concertação de um trabalho em rede, capaz de criar dinâmicas contratuais de desenvolvimento urbano, para as quais o património e as suas múltiplas representações poderão ter um papel significativo.

O aumento do tempo livre e do tempo de ócio criam a necessidade de novos produtos culturais que preencham de forma satisfatória os nossos tempos livres. O Património Cultural tem aqui o seu lugar, na medida em que nos transporta para uma construção humana e cultural, para a nossa identidade, para o reflexo da nossa forma de estar e construir, para a identidade de uma comunidade. Franco (2007) destaca a relação entre cultura e património, reconhecendo-os como dois factores que influenciam a melhoria da imagem e o desenvolvimento de um determinado meio, “o Património deve ser entendido como um elemento de cidadania e de identidade (nas diferentes escalas: local, regional, nacional e mundial), e como tal, deve ser integrado na vida social e económica da sociedade contemporânea” (Ibidem: s/p). A autora sustenta também que, para que um bem cultural possa ser apresentado e disponibilizado ao público, é necessário que aconteça um processo de valorização. Neste contexto, são referidos os documentos existentes em Portugal que integram directamente o conceito “dar valor ao património cultural”: a Lei nº 13/1985 e a Lei nº 107/ 2001.⁵²

⁵² A Lei nº 13/1985 “limita-se a considerar como obrigatórias acções como a protecção ou a atribuição de valor ao património cultural (Título III, art.44º parágrafo1), a Lei nº 107/2001 especifica o que se entende por cada uma destas acções” (Franco, 2007: s/p). A autora destaca os conteúdos da Lei, nomeadamente, ao nível dos componentes e instrumentos que fazem parte do regime geral de valorização do património cultural. Quanto aos componentes de valorização dos bens culturais e conforme a Lei nº 107/2001, Título VI, Art. 70.º, refere os seguintes:

- a) a conservação preventiva e programada;
- b) a procura e investigação;
- c) a protecção e valorização da paisagem e a instituição de novas e adequadas formas de tutela dos bens culturais e naturais, especialmente os centros históricos, os jardins históricos...;
- d) o acesso e desfrute;
- e) a formação;
- f) a divulgação, a sensibilização e a animação;
- g) o apoio e a criação cultural;
- h) a utilização, o aproveitamento, a rentabilização e a gestão;
- i) o apoio e as instituições técnicas e científicas.

O Art. 71.º da mesma Lei faz referência aos instrumentos para a valorização do património cultural:

- a) o inventário geral do património cultural;
- b) os instrumentos de gestão territorial;
- c) os parques arqueológicos;
- d) os programas e projectos de apoio à musealização, exposição e depósito temporário de bens e espólios;
- e) os programas de apoio às formas de utilização original, tradicional ou natural dos bens;
- f) os regimes de acesso, sobretudo a visita pública e as colecções visitáveis;

Com a referência aos elementos constantes na lei portuguesa, sobre a valorização do património cultural, pretende-se relevar a importância destes conteúdos e evidenciar a necessidade de processos de gestão do património cultural. Franco (2007) considera neste contexto que no sistema de Gestão do Património Cultural devem ser contemplados os seguintes procedimentos: identificar, documentar, conservar, difundir. No âmbito da difusão destaca a importância dos factores: educação e formação, informação e a interpretação. Melo (1998) no seu estudo sobre “Políticas e estratégias culturais para o desenvolvimento local” fala-nos também do significado e importância do património cultural para o desenvolvimento do indivíduo e da comunidade. A cultura é interpretada à luz de toda a actividade humana, “e como não haverá humanidade sem cultura, nem cultura sem humanidade, mantém-se hoje esta dinâmica ininterrupta de práticas culturais com criação permanente de património cultural, quer de natureza material quer imaterial” (Melo, 1998:17). É neste âmbito que o autor fala de “políticas culturais” e manifesta a vontade de acrescentar à definição administrativa uma definição ética de “políticas culturais”, “serão políticas culturais... todas aquelas que visem consolidar ou reforçar a plena realização das capacidades individuais dos cidadãos, em sinergia e solidariedade com o ambiente físico e social circundante” (Ibidem:18). O autor refere-se, deste modo, a políticas que proporcionem sociedades mais abertas, criativas e comunicativas. Remonta a Espinoza por considerar que este apresentou há 330 anos atrás uma concepção extremamente moderna do indivíduo na sociedade, salientando que cada pessoa não é um átomo indivisível, mas sim um conjunto coerente de relações, quer físicas quer intelectuais, com a natureza, com os objectos, com as outras pessoas. Relações que podem e devem reforçar-se e aperfeiçoar-se, sendo necessário que cada pessoa chegue à compreensão das relações que lhe são positivas e úteis, mas também que se aperceba de que o útil não é apenas aquilo que lhe convém, isoladamente, mas o que a torna solidária com o mundo natural e social à sua volta. É ainda necessário, segundo Espinoza, “passar pela experiência prática, agindo sobre o mundo... através portanto do trabalho e da

g) os programas e projectos de divulgação, sensibilização e animação;
h) os programas de voluntariado; os programas de apoio à acção educativa;
i) os programas de aproveitamento turístico;
j) os planos e programas de aquisição e permuta.

política”. Melo fundamenta ainda que, mais recentemente, se verifica nas palavras de Paulo Freire uma ideia muito próxima, ao escrever que “ser cultural ou ser consciente é a forma radical de ser dos humanos, enquanto seres que, refazendo o mundo que não fizeram, fazem o seu mundo, e neste fazer e refazer se refazem a si mesmos. São porque estão sendo” (cit. in Ibidem:20). No decurso destes fundamentos Melo (1998:20) reforça que “inúmeras organizações de cidadãos activos se têm constituído nos últimos anos a fim de gerar respostas locais viáveis aos problemas quotidianos criados ou reforçados pelas tendências macro-económicas dominantes”.

Perfilamos neste contexto uma filosofia humanista que se aproxima dos princípios propostos pela Carta das Cidades Educadoras. Desde o 1º Congresso Internacional das Cidades Educadoras, realizado em Barcelona em Novembro de 1990, que se propõem os princípios essenciais ao impulso educador da cidade, entre os quais se pode referir, neste contexto, o princípio 9, no qual se lê que “a Cidade Educadora deverá fomentar a participação cidadã com uma perspectiva crítica e co-responsável...Deverá estimular, ao mesmo tempo, a participação cidadã no projecto colectivo a partir das instituições e organizações civis e sociais, tendo em conta as iniciativas privadas e outros modos de participação espontânea”.

Todas as acções que possam ter abertura no sentido de identificar, valorizar e promover os indivíduos, as comunidades e os seus patrimónios, adquirem grande importância para o desenvolvimento local, conforme sintetiza Melo (1998:22) “cultura e desenvolvimento local encontram-se em perfeita sinergia”. Considerando o espaço territorial onde se desenvolveu o trabalho empírico, o município de Barcelos (que no seu conjunto engloba 89 freguesias), tratam-se de considerações que assumem especial sentido, na medida em que se refere um contexto predominantemente rural, com grande diversidade cultural e deste modo patrimonial, quer no domínio da cultura popular, quer em termos históricos e arquitectónicos; reconhece-se, assim, a existência de símbolos e modos de expressão específicos que requerem uma análise e valorização própria. Contudo, e partilhando da perspectiva fundamentada por Melo, é preciso acrescentar à protecção do ambiente e das tradições do artesanato, a criação de novas estruturas e propostas, a criação de redes, é neste contexto necessária uma dinâmica de projecto, de participação e de criação, “é por isso determinante o

papel da animação sociocultural e técnico-científica, assim como da formação, da investigação aplicada, relativamente a novas actividades...” (Ibidem:23).

6.1.3. A participação integrada como forma de desenvolvimento

Conforme a informação que tem vindo a ser desenvolvida, a educação e todas as suas componentes assumem actualmente um lugar de destaque no estudo dos factores de desenvolvimento da sociedade. Rui Canário (1999) concretiza que nas últimas três décadas os conceitos de educação e desenvolvimento têm evoluído, e na referência que faz em torno do crescimento e desenvolvimento local, aponta que a partir dos anos 70 e 80 emerge uma nova concepção dos processos de desenvolvimento, que se sintetiza na expressão “pensar globalmente, agir localmente”, apresentando como principais traços:

- “a multidimensionalidade”: mediante a qual se compreende que o desenvolvimento “está longe de poder ser reduzido a uma vertente económica. A educação, a saúde, o ambiente, a educação e a cultura são faces distintas, mas indissociáveis, de um processo global e sistémico”;
- “uma lógica qualitativa”: aspecto que se caracteriza com base na referida visão multidimensional, a qual apela à valorização de critérios de natureza qualitativa;
- “uma valorização do local”: que aponta para a valorização de “processos integrados de intervenção, ao nível local, globalizando a intervenção ao nível de um território” (Canário, 1999:63).

Evidencia-se, assim, uma perspectiva de desenvolvimento que se constitui como processo colectivo de aprendizagem. No decurso da construção deste estudo tem-se reflectido e constatado, que os diversos contributos dos agentes educativos e socioculturais e da comunidade em geral são fundamentais para o desenvolvimento local, e são também o impulso necessário na implementação de uma Cidade Educadora. Destaca-se ainda que o paradigma centralizado em atitudes que ditam, dirigem e controlam todo o sistema, não funcionam, impõe-se a necessidade de metodologias participativas, de intervenção, para o desenvolvimento, que permitam uma interacção fecunda com o meio. É preciso uma acção participada, são fundamentais as relações entre as instituições, e entre estas e o seu território, conseguindo-se, assim, a presença de diferentes olhares

sobre a mesma problemática. A este propósito Melo e Soares sintetizam de forma muito completa este raciocínio "...o desenvolvimento local é, antes de mais, uma vontade comum de melhorar o quotidiano; essa vontade é feita de confiança nos recursos próprios e na capacidade de os combinar de forma racional para a construção de um melhor futuro. É aquilo a que se chama frequentemente 'a cultura de desenvolvimento': a situação atingida por uma população ao sentir-se e ao capacitar-se para analisar os problemas actuais" (cit. in Canário, 1999:65).

A sociedade está em permanente devir, o ser humano precisa de ajuda biológica e afectiva, desde os primeiros momentos da sua existência está inserido num grupo primário que é a família. O meio, os amigos a escola e outras instituições colaboram na adaptação social e cultural a tudo o que o rodeia. A socialização é um dos aspectos mais evidentes na nossa sociedade, sem perder as características e peculiaridades pessoais. A interacção afirma-se assim como fundamental, quer no desenvolvimento do indivíduo quer no desenvolvimento da comunidade.

No contexto do que tem vindo a ser considerado, Canário (1999) refere dois conceitos fundamentais no desenvolvimento local: "conceito de participação e de endogeneidade". A participação assume-se como a força que permite transformar o processo de desenvolvimento num trabalho realizado pela própria comunidade "aprendendo a conhecer-se, a conhecer a realidade e a transformá-la", opõem-se deste modo a uma "intervenção conduzida do exterior, baseada na competência «técnica» de especialistas, em que os destinatários do projecto de desenvolvimento são encarados como meros «objectos» de intervenção" (Ibidem:65). A participação constitui-se como forma de responsabilização colectiva, de acordo com as palavras de White (cit. in Canário, 1999:65) funciona como "elemento catalizador de novas, e cada vez mais autónomas, iniciativas". Quanto ao conceito de endogeneidade, o autor destaca a importância dos recursos locais e a sua valorização, no âmbito da qual considera que "como recursos locais mais importantes e decisivos são sempre as pessoas, a endogeneidade aparece como indissociável da participação". Refere-se também à tendência habitual para associar o discurso sobre os recursos locais às "problemáticas", centrado nas carências, na necessidade de recursos, nomeadamente de carácter financeiro, propiciando lógicas de dependência nas pessoas e não lógica de desenvolvimento integrado. Canário salienta que "o

discurso e acção centrados sobre as carências, assumido quer pelas instâncias centrais, quer pelas instâncias periféricas (ditas não desenvolvidas) tende a traduzir-se por dois efeitos...o primeiro corresponde ao desenvolvimento da designada mentalidade do «assistido»... o segundo efeito traduz-se por uma estigmatização, através de uma leitura «pela negativa» (Canário, 1999:66). Neste contexto, interessa compreender aquilo que Melo (1998:22) aponta como subdesenvolvimento, “o subdesenvolvimento é precisamente a perda da identidade própria que leva uma comunidade a avaliar-se, ou a desvalorizar-se, à luz de uma cultura exterior e pretensamente superior”. É, deste modo, que o autor justifica a incapacidade de conceber um percurso próprio, concretizando ainda que “a afirmação da identidade cultural de uma localidade é condição fundamental para o desenvolvimento local” (Ibidem:23).

O papel activo e encorajador dos vários agentes socioculturais é fundamental na construção de comunidades participativas e por conseguinte, no desenvolvimento endógeno, “baseado na optimização dos recursos locais, em particular dos recursos humanos”, Canário sintetiza que “a passagem de uma leitura «pela negativa» a uma leitura «pela positiva» representa o primeiro e indispensável passo” (1999:66).

Conforme a informação e reflexão que se tem vindo a construir, estas considerações estão subjacentes à implementação de uma Cidade Educadora e aos seus princípios, na qual o município em harmonia com as diferentes organizações, assumem um papel fundamental na educação e desenvolvimento da comunidade. Fernandes (2003:45) fala também da importância de um trabalho integrado quando refere que “é com esta intenção que se vem acentuando o papel dos municípios e o papel de outras instituições, organizações e movimentos da cidade na educação dos seus cidadãos jovens e adultos. A Cidade Educadora aparece como a mais recente proposta de reenviar a educação a todos os cidadãos e não apenas a um poder central ... cujo papel deve evoluir para uma coordenação flexível, reguladora e estimuladora das dinâmicas locais”. Melo (1998:26) reforça também o papel do município no desenvolvimento local e na democracia cultural, “os poderes locais, os municípios, têm sem dúvida um papel preponderante, devendo para isso saber introduzir ou reforçar na vida das localidades a democracia cultural: organizando o intercâmbio e a cooperação entre todos os parceiros do desenvolvimento e incrementando a participação dos

cidadãos nos mais variados sectores...”. Neste contexto, e perspectivando a necessidade do trabalho em rede podemos também considerar o *Boletim nº3 da Rede Territorial Portuguesa das Cidades Educadoras* (2006), nomeadamente a referência à 1ª Conferência Plenária, cujo tema "A Cidade Educadora como Direito das Pessoas. A Importância do Trabalho em Rede"; além de fazer um conjunto de considerações respeitantes à Carta das Cidades Educadoras, são enumeradas as três condições básicas para uma cidade ser efectivamente Educadora: a *Informação*, que tem que ser acessível a todos; a *Participação*, em que os cidadãos são actores da sua própria educação; e a *Avaliação*, essencial para que se possa reformular e adicionar propostas⁵³.

O apelo ao trabalho em rede, à participação e, deste modo, a um compromisso que é de todos e que deve ser trabalhado desde a infância, constituem o eixo estruturante de desenvolvimento local e permitem que este se transforme num processo educativo. A título conclusivo considero extremamente oportuno o entendimento de Melo (1998:27) quando refere que “só fazendo apelo às potencialidades das nossas diferentes culturas, dos nossos patrimónios como das nossas práticas culturais, seremos capazes de construir um futuro duradouro e mais feliz para as nossas localidades, para os nossos países, para a Europa e para o mundo”.

⁵³ No mesmo documento podemos ver também o tema da 2ª Conferência Plenária- *A Cidade Educadora como Compromisso Colectivo*”.

CONCLUSÃO

CONCLUSÃO

Este estudo “*Cidade Educadora – Um Desafio para a Animação Sociocultural: Novas Perspectivas de Organização e Intervenção Municipal*” resultou, fundamentalmente, da análise atenta de diversos documentos e da escuta activa de indivíduos que actuam e vivenciam uma realidade que se escolheu analisar. Mediante esta informação foi possível, através da dialéctica educação e desenvolvimento local, construir alguns eixos relativos aos princípios de actuação do Movimento Cidades Educadoras, sua organização e dinâmica e, deste modo, tornar compreensíveis os desafios que proporciona para o desenvolvimento da metodologia de animação sociocultural.

Através de seis capítulos que compõem o estudo apresentam-se aqui algumas ideias que se consideram relevantes.

Deste modo, no capítulo I, ao analisar o Movimento Cidades Educadoras e as várias dinâmicas inerentes à AICE, sobressai a ideia de que a Cidade Educadora, para se assumir como tal, precisa de concretização física, espacial, administrativa, política, social, cultural e económica, “não pode cair numa abstracção pedagógica”. Na construção de uma Cidade Educadora a responsabilização e consciencialização de cada indivíduo é fundamental, todos têm um papel importante nos processos educativos, nos processos de relação e evolução da comunidade onde actuam. Para atingir uma efectiva Cidade Educadora é necessário que o compromisso seja assumido, é preciso o envolvimento de todos.

Destacou-se, ainda, a Cidade Educadora como modelo organizativo, a partir do qual se clarificou o papel dos agentes e das instituições, dos recursos e dos equipamentos, tornando visível a necessidade de um funcionamento integrado para a expressão do território, como espaço educativo. Neste contexto, desenvolveu-se também a intervenção do município, como agente regulador, hegemónico, cuja função é fundamental na concretização da Cidade Educadora.

O capítulo II desenvolve-se em torno da metodologia da Animação e Intervenção Sociocultural e da educação como processo difuso, associado à existência humana, onde se dá conta de um sentido educativo que ultrapassa o espaço escola e se estende à vida, onde se identifica a articulação da educação com a Animação Sociocultural, pela procura comum de pessoas conscientes,

críticas e criativas, participantes e comprometidas no processo do seu próprio desenvolvimento. Estabelece-se, assim, uma relação dialéctica entre Animação Sociocultural e Educação, compreendendo-as como acções globalizantes, que destacam a necessidade da construção de indivíduos em relação com o meio que os rodeia, numa valorização permanente da vida em comunhão com os outros, pessoas portadoras de opinião, vontades, cidadãos que vivem em cidadania, que respeitam as diferenças e as semelhanças.

Com base no tema deste estudo, vão-se identificando e compreendendo estas referências à luz dos vinte princípios nos quais assenta o Movimento Cidades Educadoras, movimento que evidencia o imenso potencial educativo da cidade, no qual se concebe que todos os cidadãos e todas as instituições são solidariamente responsáveis pela educação de todos, e se pretende um indivíduo cada vez mais sujeito da sua própria educação. Desenvolve-se, assim, um quadro de actuação que eleva o ser humano a participar activamente no meio envolvente, a autodesenvolver-se, tornando-o protagonista da sua própria autonomia e, conseqüentemente, a reforçar a interacção, a vida em comunidade.

No capítulo III inicia-se o quadro metodológico que se prolonga pelos capítulos IV e V, através dos quais se referem as formas de recolha e tratamento das informações. Salienta-se uma metodologia integradora na leitura, escuta activa e interpretação das várias fontes, através do recurso a um pluralismo metodológico que contemplou, especialmente, a análise de diversa literatura nas áreas deste estudo, registos de acções, a realização de entrevistas e de questionários, sendo de destacar a análise de conteúdo na compreensão e interpretação da informação, a qual permitiu um tratamento crítico e rigoroso dos elementos recolhidos.

A cidade de Barcelos constituiu o espaço empírico deste estudo, uma realidade que tenho seguido com especial interesse, pela ligação profissional, essencialmente nos últimos dez anos, e desde sempre, naturalmente, envolvida como munícipe interessada na actividade do seu município. Os significados e considerações que foram sendo alcançados com o trabalho empírico, junto dos vários actores locais, realizado em torno da *capacidade educadora* do município de Barcelos, permitiu evidenciar e sustentar as condições necessárias e as existentes para Barcelos se constituir como Cidade Educadora. Foi, assim,

possível interpretar um contexto de aceitação em relação ao Movimento Cidade Educadora e à sua instituição em Barcelos, especialmente configurado no trabalho coordenado e em parceria entre os diferentes organismos, em prol da cidadania e do desenvolvimento local. Nesta análise identificou-se também que, na política autárquica emergem vários princípios que indicam formas de actuação, condizentes com os princípios que regem o Movimento Cidades Educadoras.

O capítulo VI corresponde à terceira parte deste trabalho e constitui o último capítulo de análise. Trata-se, com efeito, de um percurso onde os vários conceitos e informações são conquistados tendo como base as diversas fontes de informação, permitindo a dinâmica entre as três partes que constituem este estudo. Esta última parte caracteriza-se por um trajecto de análise relacional pelos conteúdos desenvolvidos, assegura uma parte fundamental na construção deste trabalho. Permitiu concretizar e sistematizar três importantes pontos, que reflectem o percurso realizado, interpretação dos dados e cruzamento dos mesmos, sempre com base no trabalho empírico. Pontos que, pela sua relevância e sentido, permitem o encaminhamento para conclusões nucleares do trabalho que se foi construindo em torno do tema “*Cidade Educadora – Um Desafio para a Animação Sociocultural: Novas Perspectivas de Organização e Intervenção Municipal*” e que se categorizam da seguinte forma:

- a importância da educação das crianças e dos jovens e da educação ao longo da vida, numa perspectiva de educação permanente;
- a necessidade de valorização do património;
- a participação integrada como forma de desenvolvimento.

Representam-se, deste modo, três considerações que reflectem muito especialmente aspectos evidenciados numa realidade onde aconteceu o trabalho empírico, e assumem contornos singulares na forma como permitem a compreensão do objecto de estudo e a dinâmica integradora dos conceitos que marcam as questões orientadoras desta investigação. É, assim, importante compreendê-las à luz dos princípios das Cidades Educadoras e do processo da Animação Sociocultural. É importante concretizar que todas as cidades são fonte de educação. Conforme sustenta Paulo Freire “A cidade converte-se em cidade

educadora a partir da necessidade de educar, de aprender, de imaginar...”⁵⁴, é uma acção especialmente ligada ao indivíduo. O Movimento Cidade Educadora é uma proposta integradora da vida comunitária, que diz respeito não só à administração local, mas também a todo o tipo de instituições e associações, públicas e privadas. Tem como principal propósito trabalhar conjuntamente, numa linha educativa, para a cidadania, para a democracia participativa e solidária, promovendo o envolvimento de todos e a convivência, a qualidade de vida dos cidadãos, transformando progressivamente a cidade num lugar integrador, melhor para todos os seus habitantes.

Salienta-se, deste modo, que todos os indivíduos têm direito a uma Cidade Educadora, o que implica uma forma de intervenção que promova a integração social, a participação, a convivência e solidariedade, a aprendizagem ao longo de toda a vida, favorecendo o crescimento humano e deste modo a valorização do indivíduo e da comunidade. É neste contexto que se evidenciam os desafios que o Movimento Cidade Educadora lança aos processos de Animação Sociocultural, na medida em que esta se assume como o conjunto de práticas “que têm como finalidade estimular a iniciativa e participação das comunidades no processo do seu próprio desenvolvimento e na dinâmica global da vida socio-política em que estão integradas” (Ander-Egg, 1999: 77). Neste contexto, conclui-se que se tratam de formas de actuação que intervêm num quadro onde se eleva a máxima do *aprender a viver juntos*, no qual se articulam os espaços educativos formais, não formais e informais. Espaços que estimulam o ser humano a participar, tornando-o protagonista e promotor da sua própria autonomia e do desenvolvimento do meio onde se insere.

Conforme concretiza Melo “Perante todas as interrogações, dúvidas e contradições, as respostas não surgirão de forma unificada e centralizada. Há que procurá-las no espaço em que cada um de nós vive e trabalha e através de todas as práticas experimentais que estejam ao nosso alcance” (1998: 27), constitui-se assim um desafio, um compromisso que considero inadiável daqueles que constroem o sentido da sua intervenção profissional na emancipação social, cultural, educativa; na emancipação do indivíduo.

⁵⁴ In II Congresso Internacional das Cidades Educadoras, Gotemburgo, Suécia, 1992.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, F. Carlos Alberto (1990) *Barcelos, Colecção, Cidades e Vilas de Portugal*. Lisboa: Editorial Presença.
- ANDER-EGG, Ezequiel (1985) *Que es la Animación Sociocultural?* Buenos Aires: Editorial Humanitas.
- ANDER-EGG, Ezequiel (1989) *La Animación y los animadores*. Madrid: Narcea.
- ANDER-EGG, Ezequiel (1991) *Metodología y Práctica de la Animación Sociocultural*. Buenos Aires: Editorial Humanitas.
- ANDER-EGG, Ezequiel (1992) *Desarrollo y Política Cultural*. Buenos Aires: Ed. CICCUS.
- ANDER-EGG, Ezequiel (1995) *Introdução ao Trabalho Social*. Petrópolis: Vozes.
- ANDER-EGG, Ezequiel (1998) *Como elaborar um projecto. Guia para desenhar projectos sociais e culturais*. Lisboa: Centro Português de Investigação em História e Trabalho Social.
- ANDER-EGG, Ezequiel (1999) *O Léxico do Animador*. Amarante: Edições ANASC.
- APPLE M. (1998) “Freire, neoliberalismo e educação”, in APPLE; NÓVOA, A. (orgs) *Paulo Freire: Política e Pedagogia*. Porto: Porto Editor, 21-46.
- BADESA, Sara Miguel (1995) *Perfil del Animador Sociocultural*. Madrid: Narcea S.A..
- BARBIER, René (1993) “Le journal d’itinérance en formation de formateurs”, *Communication au congrés de l’AECSE*. Paris: AECSE (CNAM).
- BARDIN, Laurence (1977) *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- BASTO, M.^a Elsa e NEVES, Eduarda (1995) “Animação Comunitária, o que é? Como se faz? Quem faz?”, in Vários Autores *Animação Comunitária*. Porto: Edições Asa.
- BENTO, Avelino (2003) *Teatro e Animação*. Lisboa: Edições Colibri.
- BERGER, Guy (1991) “A experiência pessoal e profissional na certificação de saberes: a pessoa ou a emergência de uma sociedade global”, in *Novos Rumos para o Ensino Tecnológico e Profissional: Conferência Nacional*. Porto: Ministério da Educação/GETAP, 243-243.

- BERGER, Guy (1992) "A Investigação em Educação: Modelos sócio-epistemológicos e inserção institucional", *Revista de Psicologia e de Ciências da Educação*, 23-36.
- BODGAN, Robert; BIKLEN, Sari (1994) *Investigação qualitativa em educação – uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- BRESLER, Liora & ARDICHVILI, Alexander (2002) *Research in international education: experience, theory and practice*. New York: Peter Lang Publishers.
- BRUYNE, Paul; HERMAN, Jacques e SCHOUTHEETE, Marc de (1991) *Dinâmica da Pesquisa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora.
- CANÁRIO, Rui (1999) *Educação de Adultos - Um Campo e uma Problemática*. Lisboa: EDUCA.
- CAPELA, José V. (1986) "A Câmara, a nobreza e o povo do concelho de Barcelos", *Barcelos Revista*, vol. III, 1.
- CARNEIRO, A.; LEITE, Elvira e MALPIQUE, Manuela (1983) *O Espaço Pedagógico*. Vol. I: *A Casa. O Caminho Casa-Escola. A Escola*. Porto: Afrontamento.
- CARNEIRO, A.; LEITE, Elvira e MALPIQUE, Manuela (1983) *O Espaço Pedagógico*. Vol. II: *Corpo, Espaço, Comunicação*. Porto: Afrontamento.
- CAVACO, Cármen (2003) "Fora da Escola Também se Aprende. Percursos de Formação Experiencial", *Educação, Sociedade & Culturas*, 20, 125-147.
- CEMBRANOS, Fernando; MONTESINHOS, David; BUSTELO, María, (1997) *La Animación Sociocultural: Una Propuesta Metodológica*. Madrid: Editorial Popular.
- CLAPIER-VALLADON, Simone (1980) "l'Enquête Psycho-sociale et son Analyse de Contenu", in *Psychologie Française*, Tome 25, 2, 149-160.
- CLAPIER-VALLADON, Simone; POIRIER, Jean; RAYBAUT, Pierre (1983) *Les Récits de Vie Théorie et Pratique*. Paris:PUF (Tradução portuguesa: "Análise de conteúdo de um corpus de histórias de vida", pp. 101-122)
- CODD, Jonh A. (1988) "The Construction and Deconstruction of Educacional policy documents", *Journal of Education Policy*, 3, 235-247.
- COMÉNIO, J. A. (1985) *Didáctica Magna: tratado da arte universal de ensinar tudo a todos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- COMISSÃO DAS COMUNIDADES EUROPEIAS (2001) *Comunicação da Comissão - Tornar o espaço europeu de aprendizagem ao longo da vida uma Realidade*. Bruxelas: Comissão das Comunidades Europeias.

CORREIA, José Alberto (2000) *As ideologias educativas em Portugal nos últimos 25 anos*. Porto: Edições Asa.

CORREIA, José Alberto e CAMELO, João (2003) “Da Mediação do Local ao Local da Mediação: Figuras e Políticas”, *Educação, Sociedade & Culturas*, 20, 167-191.

COUSINET, Roger (1978) *A Educação Nova*. Lisboa: Moraes Editores.

DELFANTE, Charles (2000) *A Grande História da Cidade da Mesopotâmia aos Estados Unidos*. Lisboa: Instituto Piaget.

DUBAR, Claude (2004) “As narrativas de inserção dos jovens de baixo nível escolar”, *Educação Sociedade & Culturas*, 22, 63-85.

ESTÊVÃO, Carlos A. Vilar (1998) “Práticas de interação institucional das organizações educativas com os seus meios”, *Revista de Educação*, vol. VII, 1, 65-73.

FERNANDES, António Sousa (2005) “Contextos de Intervenção educativa local e experiências dos municípios portugueses”, in António Sousa Fernandes; Fernando Ilídio Ferreira; João Formosinho; Joaquim Machado (orgs.) *Administração da Educação - Lógicas Burocráticas e Lógicas de Mediação*. Porto: Edições Asa.

FERNANDES, Rui Trindade (2004) *Escola e influência educativa: o estatuto dos discursos didáticos inovadores no 1º ciclo do ensino básico, em Portugal*. Porto: FPCE-UP (tese de doutoramento).

FERNÁNDEZ, J., (2000) *Programas de Animación Sociocultural. Tres instrumentos para su diseño y evaluación*. Madrid: Narcea.

FERRIÈRE, Adolphe (1934) *A escola activa*. Porto: Editora Educação Nacional.

FONSECA, Teotónio da (1987) *O concelho de Barcelos, aquém e além Cavado*. Reprodução facsimilada da edição de 1948. Barcelos: Santa Casa da Misericórdia de Barcelos e Câmara Municipal de Barcelos.

FREIRE, P.; ANDER EGG, E., et al. (s.d.) *Una educación para el desarrollo: La Animación Sociocultural*, Fundación Banco Exterior.

GARDNER, H. (1991) *La mente no escolarizada – Cómo piensan los niños y cómo deberían enseñar las escuelas*. Barcelona: Ed. Paidós Ibérica.

GHIGLIONE, R.; MATALON B.(1993) *O Inquérito: teoria e prática*. Oeiras: Celta Editora.

GODELIER, Maurice (s/d) “Linguagem e Poder”, *Communications*, 28. Paris: École Pratique des Hautes Études.

- GÓMEZ-GRANELL, Cármen, et al. (2001) *La ciudad como proyecto educativo*. Barcelona: Ediciones Octaedro.
- HESS, Remi (1988) “Uma técnica de formação e intervenção: o diário institucional”, in Rémi Hess; Antoine Savoye (orgs.) *Perspectives de l'Analyse Institutionnelle*. Paris: Méridiens Klincksieck, 119-138.
- LE GOFF, Jean-Pierre (1996) “L'érosion des idéaux de l'éducation permanente”, *Education Permanente*, nº 129, 29-33. (Tradução de Lourdes Regadas, revista por Teresa Medina e Manuela Terrasêca).
- LEITE, Elvira e MALPIQUE, Manuela (1986) *Espaços de Criatividade*. Porto: Edições Afrontamento.
- LIMBOS, Edouard (1974) *Animação Sócio-Cultural – Prática e Instrumentos*. Lisboa: Livros Horizonte.
- LINO, D. (1996) “O projecto de Reggio Emília: uma apresentação”, in J.O. Formosinho (org.) *Modelos curriculares para a educação de infância*. Porto: Porto Editora.
- LOPES, Marcelino de Sousa (2006) *Animação Sociocultural em Portugal*. Chaves: Intervenção- Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.
- MACHADO, Joaquim (2005) “Cidade Educadora e coordenação local da educação”, in António Sousa Fernandes; Fernando Ilídio Ferreira; João Formosinho; Joaquim Machado (orgs.) *Administração da Educação - Lógicas Burocráticas e Lógicas de Mediação*. Porto: Edições Asa, 225-264.
- MAGALHÃES, António M. e STOER, Stephen R. (2003) “A Europa como um bazar: contributos para a análise da reconfiguração dos estados-nação no contexto europeu e das novas formas de viver em conjunto”. *ISA, Research Committee on Sociology of Education Midterm Conference Europe 2003 “Critical Education & Utopia: Emergent Perspectives for the 21st Century”* (Lisboa, 18 a 20 Setembro 2003).
- MANENT, Pierre (1997) *A Cidade do Homem*. Lisboa: Instituto Piaget.
- MARCHIONI, Marco (2002) *Planificación Social y Organización de la Comunidad-alternativas avanzadas a la crisis*. Madrid: Editorial Popular.
- MARTINEZ, J. (1991) *Trabajo Social y Animación Sociocultural. La dimensión pedagógica de la acción Social*. Valencia: Nau Llibres.
- MELO, Alberto (1998) *Política e Estratégias Culturais para o Desenvolvimento Local*. Braga: Universidade do Minho, Unidade de Educação de Adultos.

MINICUCCI, A. (1992) *Dinámica de Grupo. Teorias e Sistemas*. S.Paulo: Ed. Atlas.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, Departamento da Educação Básica (2001) *As artes no currículo do ensino básico, in Currículo Nacional do Ensino Básico - Competências Essenciais*.

MONTESSORI, Maria (1958) *Pédagogie Scientifique: la découverte de l'enfant*. Paris: Desclée de Brouwer.

MONTESSORI, Maria (s.d.) *A Criança*. Lisboa: Portugalia Editora.

MORIN, Edgar (2000) *Les Sept Savoirs Necessaries à l'Education du Futur*. Paris: Seuil.

MOTA, Graça (2003) "A formação para a expressão musical na educação de infância e no 1º ciclo do ensino básico: contributo para um olhar crítico", *Educare, Aprender*, 1, 23-37.

MUNICÍPIO DE PALMELA, Divisão de Acção Cultural e Divisão de Educação (1998) "Fantasiarte", *Colecção de Estudos e Projectos Municipais*, 3.

NÉRCI, Imídeo G. (1989) *Metodologia do Ensino- Uma Introdução*. S. Paulo: Edições Atlas.

PEDROSO, Paulo (1998) *Formação e Desenvolvimento Rural*. Oeiras: Celta Editora (capítulos 2, 3 e 4).

PEÑALBA, Josué Llull (1999) *Teoría y Práctica de la Educación en el Tiempo Libre*. Madrid: Editorial CCS.

PÉREZ, Vítor J. Ventosa (1996) *La Expresión Dramática como medio de Animación en Educación Social- Fundamentos, Técnicas e Recursos*. Salamanca: Amarú Ediciones.

PINTO, José M.; SILVA, Augusto S. (1986) *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Afrontamento.

QUINTAS, Sindo Froufe e CASTAÑO, M.^a Angeles Sánchez (1994) *Planificación e Intervención Socioeducativa (2ª ed.)*. Salamanca: Amarú Ediciones.

QUINTAS, Sindo Froufe e CASTAÑO, M.^a Angeles Sánchez (1998) *Animación Sociocultural. Nuevos Enfoques*. Salamanca: Amarú Ediciones.

QUINTAS, Sindo Froufe e CASTAÑO, M.^a Angeles Sánchez (1998) *Construir La Animación Sociocultural*. Salamanca: Amarú Ediciones.

QUINTAS, Sindo Froufe; SÁNCHEZ, Margarita González (1999) *Para Comprender La Animación Sociocultural*. Estella: Editorial Verbo Divino.

RODRIGUES, Filomena (2003) "O projecto educativo local do concelho da Golegã (1993-1999)", *Educação, Sociedade & Culturas*, 20, 77-101.

SANTOS, Boaventura Sousa (2003) *Conhecimento prudente para uma vida decente*. Porto: Edições Afrontamento.

SANTOS, Maria de Lurdes Lima, et al. (2003) *O Mundo da Arte Jovem: protagonistas, lugares e lógicas de acção, Observatório Permanente da Juventude Portuguesa*. Oeiras: Celta Editora.

SANTOS, Maria Emília Brederode (2003) "A importância da educação artística no desenvolvimento global da criança", *Educare, Aprender*, 1, 13-21.

SERRANO, Glória Pérez (2002) *Elaboración de Proyectos Sociales- Casos Prácticos*. Madrid: Narcea Ediciones.

SOLMER, António Manuel (1999) *Manual de Teatro*. Lisboa: Guide, Artes Gráficas.

STOER, Stephen (2001) "Desocultando o voo das andorinhas: educação inter/multicultural crítica como movimento social", in Stephen R. Stoer, Luiza Cortesão e José Alberto Correia (orgs.) *Transnacionalização da Educação. Da crise da educação à educação da crise*. Porto: Edições Afrontamento, 245-300.

STOER, Stephen R.; CORTESÃO, Luiza e MAGALHÃES, António M. (1998) "A questão da impossibilidade racional de decidir e o despacho sobre os currículos alternativos", in Albano Estrela e Júlia Ferreira (orgs.) *La Décision en Education/ A Decisão em Educação*. Lisboa: Association Francophone Internationale de Recherche en Sciences de l'Éducation (AFIRSE).

STOER, Stephen R.; CORTESÃO, Luiza e MAGALHÃES, António M. (2000) "Mapeando decisões no campo da educação no âmbito do processo da realização das políticas educativas", artigo baseado na comunicação realizada na European Conference on Educational Research, Edinburg.

STOER, Stephen R.; MAGALHÃES, António M. e RODRIGUES, David (2004) *Os Lugares da Exclusão Social*. S. Paulo: Cortez Editora.

TERRASÊCA, Manuela (1996) "A interpretação", in *Referenciais subjacentes à estruturação de práticas docentes: análise dos discursos dos/as professores/as*. Porto: FPCE-UP [Dissertação de Mestrado], 148-149.

TERRASÊCA, Manuela (1996) "Tratamento das informações recolhidas: a análise de conteúdo", in *Referenciais subjacentes à estruturação de práticas docentes*:

análise dos discursos dos/as professores/as. Porto: FPCE-UP [Dissertação de Mestrado], 116-128.

TRILLA, Jaume (1998) *Animación Sociocultural- Teorías, Programas y Ámbitos*. Barcelona: Editorial Ariel.

UCAR, Xavier (1992), *La Animación sociocultural*. Barcelona: Ceac.

VALLA, Jorge (1986) “A Análise de Conteúdo”, in José M. Pinto; Augusto S. Silva (orgs.) *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto : Afrontamento, 101-128.

VANCRAYENEST, A. (1990) “A escrita descritiva das práticas educativas como instrumento de mudança”, *Pratiques de formation*, 20, 45-56.

VÁRIOS AUTORES (1995) *Animação Comunitária*. Porto: Edições Asa.

VASCONCELOS, Teresa (2003) “A formação para o ensino da educação artística. Proposta de reconceptualização”, *Educare, Aprender*, 1, 123-143.

VENTOSA, Vítor J. (1999) *Intervención Socioeducativa*. Madrid: Editorial CCS.

VIEIRA, Paula Cristina (1999) *Contributos para problematizar o potencial transformador do Associativismo*. Porto: ISSSP [Dissertação de Mestrado].

VILLAR, Maria Belén Caballo (2001) *A Cidade Educadora*. Lisboa: Instituto PIAGET.

OUTRAS FONTES

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS DO HOMEM, proclamada pelas Nações Unidas a 10 de Dezembro de 1948.

FERNANDES, Rui Trindade (2005) “As Pedagogias da Comunicação e a educação através das artes”, apresentação analisada nas sessões da disciplina “Questões Aprofundadas em Educação e Expressões Artísticas”, no 1º ano do Mestrado.

FERNANDES, Rui Trindade (2005) “Escola, influência educativa e educação através das artes”, apresentação analisada nas sessões da disciplina “Questões Aprofundadas em Educação e Expressões Artísticas”, no 1º ano do Mestrado.

FERNANDES, Rui Trindade (2005) “Faz sentido falar de educação artística?”, apresentação analisada nas sessões da disciplina “Questões Aprofundadas em Educação e Expressões Artísticas”, no 1º ano do Mestrado.

FRANCO, Ana María Barbero (2007) texto policopiado no âmbito do curso *Produção de Eventos para a Valorização do Património*, “Apresentação de Casos”, promovido pela Sete Pés e pela TecMinho em Barcelos.

LEITE, Elvira (2005) texto policopiado “Actividades Artísticas/ Natureza”.

MUNICÍPIO DE BARCELOS, Pelouro da Juventude (2006) “Análise dos registos de entradas no Gabinete da Juventude”.

MUNICÍPIO DE BARCELOS, Pelouro da Juventude (2006), “Regulamento da 3ª Mostra de Arte Jovem de Barcelos - *Pintura, Desenho, Técnica Mista, Escultura, Banda Desenhada e Ilustração, Fotografia, Literatura, Moda e Arquitectura.*”

MUNICÍPIO DE BARCELOS e EMEC (2006) “Carta Educativa do Concelho de Barcelos - Caracterização Demográfica e Sócio – Económica”, parte I.

MUNICÍPIO DE BARCELOS e EMEC (2006) “Carta Educativa do Concelho de Barcelos - Caracterização e Diagnóstico dos Equipamentos Educativos”, parte II.

MUNICÍPIO DE BARCELOS e EMEC (2006) “Carta Educativa do Concelho de Barcelos – Prospeção e Reordenamento dos Sistemas Educativo e Formativo”, parte III.

MUNICÍPIO DE LISBOA, Departamento de Educação e Juventude (2007) texto policopiado “Lisboa, membro activo do movimento das Cidades Educadoras”.

MUNICÍPIO DE LISBOA, Departamento de Educação e Juventude (2007) texto policopiado “Associação Internacional das Cidades Educadoras”.

MUNICÍPIO DE LISBOA, Departamento de Educação e Juventude (2007) texto policopiado “Regimento de Coordenação da Rede Portuguesa das Cidades Educadoras”.

MUNICÍPIO DE LISBOA, Departamento de Educação e Juventude (2007) texto policopiado “Divulgação”.

REDE PORTUGUESA DAS CIDADES EDUCADORAS (2006) Boletim nº 3.

SANTOS, Boaventura Sousa (2002) “Centro para o Estudo das Artes de Belgais”, *Visão*, 21-3-2002.

SILVA, Maria de Lurdes (2000) 6º Congresso Internacional das Cidades Educadoras, Painel temático 5 – “Educação, Formação, Emprego e Ócio: O papel Estratégico da Cidade”, Lisboa.

Fontes [On-line] ⁵⁵

AICE “Carta das Cidades Educadoras”. [On-line], <http://www.edicities.bcn.es>, 10-09-2005.

AICE “Estatutos da Associação Internacional das Cidades Educadoras”. [On-line], <http://www.edicities.bcn.es>, 10-09-2005.

BUFFET, Jacky “SE 123- Visages d’Amérique latine”. [On-line], <http://doc-iep.univ-lyon2.fr/Ressources/Documents/Enseignements/seminaires/SE123/journal-recherche.html>, 25-04-2005.

CANÁRIO, Rui (1997) “Educação e perspectivas de desenvolvimento do «Interior»”, Colóquio promovido pelo Presidente da República, durante a Jornada da Interioridade, realizado a 13 de Junho de 1997. [On-line], http://www.presidencia-republica.pt/pt/biblioteca/outros/interioridade/1_3.html, 20-10-2005.

FERNANDES, António Sousa (2003) “Tendências e Paradigmas da Administração Educacional”. [On-line], www.cfae-braga-sul.rcts.pt/publica, 26-1-2007.

http://cenp.edunet.sp.gov.br/concursos/pebII_2003/artistica.asp, 17-1-2005.

http://insea2006.apecv.pt/index_pt.php, 17-1-2005.

<http://www.apagina.pt/arquivo/Artigo.asp?ID=1477>, 17-1-2005.

⁵⁵ A data apresentada no final de cada endereço refere-se ao dia em que o texto é consultado/retirado da Internet.

<http://www.dgidc.min-edu.pt/fichdown/livrocompetencias/EducacaoArtistica.pdf>, 17-1-2005.

<http://www.dgidc.min-edu.pt/inovbasic/proj/arte/artistica/apresentacao.htm>, 17-1-2005.

<http://www.edicities.bcn.es>, 20-02-2006.

<http://www.edicities.bcn.es>, 20-02-2007.

<http://www.edicities.bcn.es>, 30-09-2006.

<http://www.edunau.pt/bussola/bussola.asp?page=glossario#Educação>, 17-1-2005.

http://www.ensino.net/novaescola/124_ago99/html/edartistica.htm, 17-1-2005.

<http://www.fundacaoeducacaoartistica.org.br/projetos.php>, 17-1-2005.

<http://www.geocities.com/aiea2000/>, 17-1-2005.

<http://www.madeira-edu.pt/gcea/>, 17-1-2005.

http://www.portugal.gov.pt/Portal/PT/Governos/Governos_Constitucionais/GC16/Ministerios/MNECP/Comunicacao/Notas_de_Imprensa/20041028_MNECP_Com_Unesco.htm, 17-1-2005.

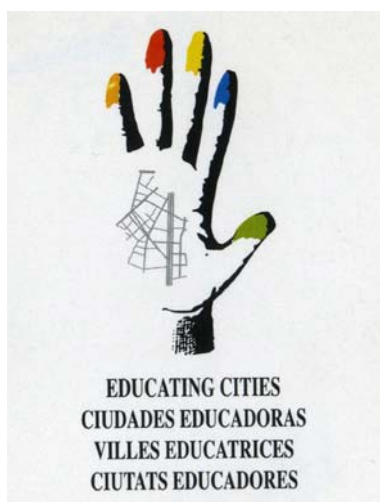
LOPES, João Teixeira (1998) “A Cidade e a Cultura – Um estudo sobre práticas culturais urbanas”, Dissertação do Doutoramento em Sociologia. [On-line], www.bocc.ubi.pt/pag/texto.php?html2=teixeira-joao-lobes-cidade-cultura.html, 27-4-2007.

MACHADO, Joaquim (2004) “Cidade Educadora e administração local da educação na Cidade de Braga”, comunicação do Vº Congresso Português de Sociologia, Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Acção, Atelier: Cidades, Campos e Territórios. [On-line], www.aps.pt/vcongresso/ateliers.ht, 29-12-2006.

ANEXOS

- 1. INFORMAÇÃO REFERENTE AO MOVIMENTO CIDADES EDUCADORAS**
- 1.1. Documentos referentes ao Movimento Cidades Educadoras**

- 1.1.1. Carta das Cidades Educadoras**



CARTA DAS CIDADES EDUCADORAS

Proposta Definitiva, Novembro de 2004

CARTA DAS CIDADES EDUCADORAS

As cidades representadas no 1º Congresso Internacional das Cidades Educadoras, que teve lugar em Barcelona em Novembro de 1990, reuniram na Carta inicial, os princípios essenciais ao impulso educador da cidade. Elas partiam do princípio que o desenvolvimento dos seus habitantes não podia ser deixado ao acaso. Esta Carta foi revista no III Congresso Internacional (Bolonha, 1994) e no de Génova (2004), a fim de adaptar as suas abordagens aos novos desafios e necessidades sociais.

A presente Carta baseia-se na Declaração Universal dos Direitos do Homem (1948), no Pacto Internacional dos Direitos Económicos, Sociais e Culturais (1966), na Declaração Mundial da Educação para Todos (1990), na Convenção nascida da Cimeira Mundial para a Infância (1990) e na Declaração Universal sobre Diversidade Cultural (2001).

PREÂMBULO

Hoje mais do que nunca as cidades, grandes ou pequenas, dispõem de inúmeras possibilidades educadoras, mas podem ser igualmente sujeitas a forças e inércias deseducadoras. De uma maneira ou de outra, a cidade oferece importantes elementos para uma formação integral: é um sistema complexo e ao mesmo tempo um agente educativo permanente, plural e poliédrico, capaz de contrariar os factores deseducativos.

A cidade educadora tem personalidade própria, integrada no país onde se situa é, por consequência, interdependente da do território do qual faz parte. É igualmente uma cidade que se relaciona com o seu meio envolvente, outros centros urbanos do seu território e cidades de outros países. O seu objectivo permanente será o de aprender, trocar, partilhar e, por consequência, enriquecer a vida dos seus habitantes.

A cidade educadora deve exercer e desenvolver esta função paralelamente às suas funções tradicionais (económica, social, política de prestação de serviços), tendo em vista a formação, promoção e o desenvolvimento de todos os seus habitantes. Deve ocupar-se prioritariamente com as crianças e jovens, mas com a vontade decidida de incorporar pessoas de todas as idades, numa formação ao longo da vida.

As razões que justificam esta função são de ordem social, económica e política, sobretudo orientadas por um projecto cultural e formativo eficaz e coexistencial. Estes são os grandes desafios do século XXI: Primeiro “investir” na educação de cada pessoa, de maneira a que esta seja cada vez mais capaz de exprimir, afirmar e desenvolver o seu potencial humano, assim como a sua singularidade, a sua criatividade e a sua responsabilidade. Segundo, promover as condições de plena igualdade para que todos possam sentir-se respeitados e serem respeitadores, capazes de diálogo. Terceiro, conjugar todos os factores possíveis para que se possa construir, cidade a cidade, uma verdadeira sociedade do conhecimento sem exclusões, para a qual é preciso providenciar, entre outros, o acesso fácil de toda a população às tecnologias da informação e das comunicações que permitam o seu desenvolvimento.

As cidades educadoras, com suas instituições educativas formais, suas intervenções não formais (de uma intencionalidade educadora para além da educação formal) e informais (não intencionais ou planificadas), deverão colaborar, bilateral ou multilateralmente, tornando realidade a troca de experiências. Com espírito de cooperação, apoiarão

mutuamente os projectos de estudo e investimento, seja sob a forma de colaboração directa ou em colaboração com organismos internacionais.

Actualmente, a humanidade, não vive somente uma etapa de mudanças, mas uma verdadeira mudança de etapa. As pessoas devem formar-se para uma adaptação crítica e uma participação activa face aos desafios e possibilidades que se abrem graças à globalização dos processos económicos e sociais, a fim de poderem intervir, a partir do mundo local, na complexidade mundial, mantendo a sua autonomia face a uma informação transbordante e controlada por certos centros de poder económico e político.

Por outro lado, as crianças e os jovens não são mais protagonistas passivos da vida social e, por consequência, da cidade. A Convenção das Nações Unidas de 20 de Novembro de 1989, que desenvolve e considera constrangedores os princípios da Declaração Universal de 1959, tornou-os cidadãos e cidadãs de pleno direito ao outorgar-lhes direitos civis e políticos. Podem associar-se e participar em função do seu grau de maturidade.

A protecção das crianças e jovens na cidade não consiste somente no privilegiar a sua condição, é preciso cada vez mais encontrar o lugar que na realidade lhes cabe, ao lado dos adultos que possuem como cidadã a satisfação que deve presidir à coexistência entre gerações. No início do século XXI, as crianças e os adultos parecem necessitar de uma educação ao longo da vida, de uma formação sempre renovada.

A cidadania global vai-se configurando sem que exista ainda um espaço global democrático, sem que numerosos países tenham atingido uma democracia eficaz respeitadora dos seus verdadeiros padrões sociais e culturais e sem que as democracias de longa tradição possam sentir-se satisfeitas com a qualidade dos seus sistemas. Neste contexto, as cidades de todos os países, devem agir desde a sua dimensão local, enquanto plataformas de experimentação e consolidação duma plena cidadania democrática e promover uma coexistência pacífica graças à formação em valores éticos e cívicos, o respeito pela pluralidade dos diferentes modelos possíveis de governo, estimulando mecanismos representativos e participativos de qualidade.

A diversidade é inerente às cidades actuais e prevê-se que aumentará ainda mais no futuro. Por esta razão, um dos desafios da cidade educadora é o de promover o equilíbrio e a harmonia entre identidade e diversidade, salvaguardando os contributos das comunidades que a integram e o direito de todos aqueles que a habitam, sentindo-se reconhecidos a partir da sua identidade cultural.

Vivemos num mundo de incerteza que privilegia a procura da segurança, que se exprime muitas vezes como a negação e uma desconfiança mútua. A cidade educadora, consciente deste facto, não procura soluções unilaterais simples, aceita a contradição e propõe processos de conhecimento, diálogo e participação como o caminho adequado à coexistência na e com a incerteza.

Confirma-se o direito a uma cidade educadora, que deve ser considerado como uma extensão efectiva do direito fundamental à educação. Deve produzir-se, então uma verdadeira fusão da etapa educativa formal com a vida adulta, dos recursos e do potencial formativo da cidade com o normal desenvolvimento do sistema educativo, laboral e social.

O direito a uma cidade educadora deve ser uma garantia relevante dos princípios de igualdade entre todas as pessoas, de justiça social e de equilíbrio territorial.

Esta acentua a responsabilidade dos governos locais no sentido do desenvolvimento de todas as potencialidades educativas que a cidade contém, incorporando no seu projecto político os princípios da cidade educadora.

PRINCÍPIOS

I – O DIREITO A UMA CIDADE EDUCADORA

-1-

Todos os habitantes de uma cidade terão o direito de desfrutar, em condições de liberdade e igualdade, os meios e oportunidades de formação, entretenimento e desenvolvimento pessoal que ela lhes oferece. O direito a uma cidade educadora é proposto como uma extensão do direito fundamental de todos os indivíduos à educação. A cidade educadora renova permanentemente o seu compromisso em formar nos aspectos, os mais diversos, os seus habitantes ao longo da vida. E para que isto seja possível, deverá ter em conta todos os grupos, com suas necessidades particulares.

Para o planeamento e governo da cidade, tomar-se-ão as medidas necessárias tendo por objectivo o suprimir os obstáculos de todos os tipos incluindo as barreiras físicas que impedem o exercício do direito à igualdade. Serão responsáveis tanto a administração municipal, como outras administrações que têm uma influência na cidade, e os seus habitantes deverão igualmente comprometerem-se neste empreendimento, não só ao nível pessoal como através de diferentes associações a que pertençam.

- 2-

A cidade deverá promover a educação na diversidade para a compreensão, a cooperação solidária internacional e a paz no mundo. Uma educação que deverá combater toda a forma de discriminação. Deverá favorecer a liberdade de expressão, a diversidade cultural e o diálogo em condições de igualdade. Deverá acolher tanto as iniciativas inovadoras como as da cultura popular, independentemente da sua origem. Deverá contribuir para a correcção das desigualdades que surjam então da promoção cultural, devido a critérios exclusivamente mercantis.

- 3-

A cidade educadora deverá encorajar o diálogo entre gerações, não somente enquanto fórmula de coexistência pacífica, mas como procura de projectos comuns e partilhados entre grupos de pessoas de idades diferentes. Estes projectos, deverão ser orientados para a realização de iniciativas e acções cívicas, cujo valor consistirá precisamente no carácter intergeracional e na exploração das respectivas capacidades e valores próprios de cada idade.

- 4-

As políticas municipais de carácter educativo devem ser sempre entendidas no seu contexto mais amplo inspirado nos princípios de justiça social, de civismo democrático, da qualidade de vida e da promoção dos seus habitantes.

- 5-

Os municípios deverão exercer com eficácia as competências que lhes cabem em matéria de educação. Qualquer que seja o alcance destas competências, elas deverão prever uma política educativa ampla, com carácter transversal e inovador, compreendendo todas as modalidades de educação formal, não formal e informal, assim como as diferentes manifestações culturais, fontes de informação e vias de descoberta da realidade que se produzam na cidade.

O papel da administração municipal é o de definir as políticas locais que se revelarão possíveis e o de avaliar a sua eficácia, assim como de obter as normas legislativas oportunas de outras administrações, centrais ou regionais.

- 6-

Com o fim de levar a cabo uma actuação adequada, os responsáveis pela política municipal duma cidade deverão possuir uma informação precisa sobre a situação e as necessidades dos seus habitantes. Com este objectivo, deverão realizar estudos que manterão actualizados e tornarão públicos, e prever canais abertos (meios de comunicação) permanentes com os indivíduos e os grupos que permitirão a formulação de projectos concretos e de política geral.

Da mesma maneira, o município face a processos de tomada de decisões em cada um dos seus domínios de responsabilidade, deverá ter em conta o seu impacto educador e formativo.

2 – O COMPROMISSO DA CIDADE

- 7-

A cidade deve saber encontrar, preservar e apresentar sua identidade pessoal e complexa. Esta a tornará única e será a base dum diálogo fecundo com ela mesma e com outras cidades. A valorização dos seus costumes e suas origens deve ser compatível com os modos de vida internacionais. Poderá assim oferecer uma imagem atraente sem desvirtuar o seu enquadramento natural e social.

À partida, deverá promover o conhecimento, a aprendizagem e a utilização das línguas presentes na cidade enquanto elemento integrador e factor de coesão entre as pessoas.

- 8-

A transformação e o crescimento duma cidade devem ser presididos por uma harmonia entre as novas necessidades e a perpetuação de construções e símbolos que constituam referências claras ao seu passado e à sua existência. O planeamento urbano deverá ter em conta as fortes repercussões do ambiente urbano no desenvolvimento de todos os indivíduos, na integração das suas aspirações pessoais e sociais e deverá agir contra toda a segregação das gerações e pessoas de diferentes culturas, que têm muito a aprender umas com as outras.

O ordenamento do espaço físico urbano deverá estar atento às necessidades de acessibilidade, encontro, relação, jogo e lazer e duma maior aproximação à natureza. A cidade educadora deverá conceder um cuidado especial às necessidades das pessoas com dependência no planeamento urbanístico de equipamentos e serviços, a fim de lhes garantir um enquadramento amável e respeitador das limitações que podem apresentar sem que tenham que renunciar à maior autonomia possível.

- 9-

A cidade educadora deverá fomentar a participação cidadã com uma perspectiva crítica e co-responsável. Para este efeito, o governo local deverá oferecer a informação necessária e promover, na transversalidade, as orientações e as actividades de formação em valores éticos e cívicos.

Deverá estimular, ao mesmo, a participação cidadã no projecto colectivo a partir das instituições e organizações civis e sociais, tendo em conta as iniciativas privadas e outros modos de participação espontânea.

- 10-

O governo municipal deverá dotar a cidade de espaços, equipamentos e serviços públicos adequados ao desenvolvimento pessoal, social, moral e cultural de todos os seus habitantes, prestando uma atenção especial à infância e à juventude.

- 11-

A cidade deverá garantir a qualidade de vida de todos os seus habitantes. Significa isto, um equilíbrio com o ambiente natural, o direito a um ambiente sadio, além do direito ao alojamento, ao trabalho, aos lazeres e aos transportes públicos, entre outros. Deverá promover activamente a educação para a saúde e a participação de todos os seus habitantes nas boas práticas de desenvolvimento sustentável.

- 12-

O projecto educador explícito e implícito na estrutura e no governo da cidade, os valores que esta encoraja, a qualidade de vida que oferece, as manifestações que organiza, as campanhas e os projectos de todos os tipos que prepara, deverão ser objecto de reflexão e de participação, graças à utilização dos instrumentos necessários que permitam ajudar os indivíduos a crescer pessoal e colectivamente.

3 – AO SERVIÇO INTEGRAL DAS PESSOAS

- 13-

O município deverá avaliar o impacto das ofertas culturais, recreativas, informativas, publicitárias ou de outro tipo e as realidades que as crianças e jovens recebem sem qualquer intermediário. Neste caso, deverá empreender, sem dirigismos acções com uma explicação ou uma interpretação razoáveis. Vigiará a que se estabeleça um equilíbrio entre a necessidade de protecção e a autonomia necessária à descoberta. Oferecerá, igualmente espaços de formação e de debate, incluindo os intercâmbios entre cidades, para que todos os seus habitantes possam assumir plenamente as inovações que aquelas geram.

- 14-

A cidade deverá procurar que todas as famílias recebam uma formação que lhes permitirá ajudar os seus filhos a crescer e a apreender a cidade, num espírito de respeito mútuo. Neste mesmo sentido, deverá promover projectos de formação destinados aos educadores em geral e aos indivíduos (particulares ou pessoal pertencente aos serviços públicos) que intervêm na cidade, sem estarem conscientes das funções educadoras. Atenderá igualmente para que os corpos de segurança e protecção civil que dependem directamente do município, ajam em conformidade com estes projectos.

- 15-

A cidade deverá oferecer aos seus habitantes a possibilidade de ocuparem um lugar na sociedade, dar-lhes-á os conselhos necessários à sua orientação pessoal e profissional e tornará possível a sua participação em actividades sociais. No domínio específico das relações escola-trabalho, é preciso assinalar a relação estreita que se deverá estabelecer entre o planeamento educativo e as necessidades do mercado de trabalho.

Para este efeito, as cidades deverão definir estratégias de formação que tenham em conta a procura social e colaborar com as organizações sindicais e empresas na criação de postos de trabalho e de actividades formativas de carácter formal e não formal, sempre ao longo da vida.

- 16-

As cidades deverão estar conscientes dos mecanismos de exclusão e marginalização que as afectam e as modalidades que eles apresentam assim como desenvolver as políticas de acção afirmativa necessárias. Deverão, em particular, ocupar-se dos recém-chegados, imigrantes ou refugiados , que têm o direito de sentir com toda a liberdade, que a cidade lhes pertence. Deverão consagrar todos os seus esforços no encorajar a coesão social entre os bairros e os seus habitantes, de todas as condições.

- 17-

As intervenções destinadas a resolver desigualdades podem adquirir formas múltiplas, mas deverão partir duma visão global da pessoa, dum parâmetro configurado pelos interesses de cada uma destas e pelo conjunto de direitos que a todos assistem. Toda a intervenção significativa deve garantir a coordenação entre as administrações envolvidas e seus serviços. É preciso, igualmente, encorajar a colaboração das administrações com a sociedade civil livre e democraticamente organizada em instituições do chamado sector terciário, organizações não governamentais e associações análogas.

- 18-

A cidade deverá estimular o associativismo enquanto modo de participação e corresponsabilidade cívica com o objectivo de analisar as intervenções para o serviço da comunidade e de obter e difundir a informação, os materiais e as ideias, permitindo o desenvolvimento social, moral e cultural das pessoas. Por seu lado, deverá contribuir na formação para a participação nos processos de tomada de decisões, de planeamento e gestão que exige a vida associativa.

- 19-

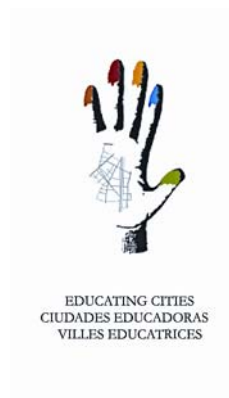
O município deverá garantir uma informação suficiente e compreensível e encorajar os seus habitantes a informarem-se. Atenta ao valor que significa seleccionar, compreender e tratar a grande quantidade de informação actualmente disponível , a cidade educadora deverá oferecer os recursos que estarão ao alcance de todos. O município deverá identificar os grupos que necessitam de uma ajuda personalizada e colocar à sua disposição pontos de informação, orientação e acompanhamento especializados.

Ao mesmo tempo, deverá prever programas formativos nas tecnologias de informação e comunicações dirigidos a todas as idades e grupos sociais a fim de combater as novas formas de exclusão.

A cidade educadora deverá oferecer a todos os seus habitantes, enquanto objectivo cada vez mais necessário à comunidade, uma formação sobre os valores e as práticas da cidadania democrática: o respeito, a tolerância, a participação, a responsabilidade e o interesse pela coisa pública, seus programas, seus bens e serviços.

Esta Carta exprime o compromisso assumido pelas cidades que a subscrevem com todos os valores e princípios que nela se manifestam. Define-se como aberta à sua própria reforma e deverá ser adequada aos aspectos que a rápida evolução social exigirá no futuro.

1.1.2. Estatutos da AICE



ESTATUTOS

DA

ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DAS CIDADES EDUCADORAS

Novembro de 2004

TÍTULO I

Denominação

CAPÍTULO I

Constituição e objectivos da Associação

Artigo 1º - É constituída a “Associação Internacional das Cidades Educadoras” – daqui em diante denominada AICE – em regime de autonomia, dentro do quadro delimitado pela legislação em vigor em Espanha. (Em inglês: “International Association of Educating Cities” e em francês: “Association Internationale des Villes Educatrices”).

Artigo 2º - A AICE é uma associação sem fins lucrativos, que tem personalidade jurídica, de acordo com a lei espanhola, e toda a capacidade para levar a cabo os fins a que se propõe, assim como administrar e dispor dos seus bens.

Artigo 3º - A AICE constitui-se como uma estrutura permanente de colaboração entre os governos das cidades, interessados no cumprimento dos princípios estabelecidos na Carta das Cidades Educadoras.

Os fins para os quais a AICE se constitui são:

- a) Promover o cumprimento dos princípios enunciados na Carta das Cidades (Declaração de Barcelona).
- b) Estabelecer relação e colaboração com organizações internacionais, Estados, entidades territoriais, de maneira a que a AICE seja um interlocutor significativo nos processos de decisão de acordo com a Carta das Cidades Educadoras.
- c) Estabelecer relação e colaboração com outras associações, federações ou redes de cidades no âmbito de acções coincidentes.
- d) Impulsionar o aprofundamento do conceito de Cidade Educadora e as suas aplicações concretas nas políticas municipais através de intercâmbios, no âmbito das redes territoriais e temáticas, de encontros,

Artigo 4º - A AICE desenvolverá as suas actividades em todos os países do mundo. A sua sede social está situada na Calle Avinyó 15, 08002 Barcelona (Espanha).

CAPÍTULO II

Os membros da AICE, direitos e obrigações

Artigo 5º - Todas as cidades podem aderir à AICE. O presidente da Câmara da cidade candidata deverá enviar a petição por escrito, acompanhada da deliberação do Executivo da Câmara Municipal, aceitando os princípios da Carta de Barcelona e autorizando o próprio presidente da Câmara a solicitar a adesão. Esta petição deverá também nomear o representante legal da cidade na Associação.

O Comité Executivo decidirá da admissão, que não será definitiva até à sua validação por parte da Assembleia Geral seguinte.

Artigo 6º - Os direitos dos membros da AICE são os seguintes:

- a) Participar na direcção, na gestão e nas actividades da AICE conforme as disposições legais e estatutárias.
- b) Assistir às reuniões da Assembleia Geral com direito deliberativo.
- c) Eleger os membros do Comité Executivo.
- d) Apresentar candidatura ao Comité Executivo.
- e) Solicitar todas as informações relativas à gestão do Comité Executivo e à administração da AICE.
- f) Ter acesso à Base Internacional de Documentos das Cidades Educadoras: consulta de dados e introdução de novas experiências.
- g) Receber informação relativa às actividades da AICE, através dos suportes previstos.
- h) Receber a documentação publicada por motivo da realização de um Congresso a que não se tenha assistido.
- i) Apresentar candidatura à organização de um Congresso Internacional das Cidades Educadoras.
- j) Exercer as representações que lhe sejam confiadas.

Artigo 7º - Os deveres dos membros da AICE são:

- a) Respeitar, promover e desenvolver os Princípios da Carta das Cidades Educadoras.
- b) Adequar a sua actuação às normas estatutárias.
- c) Cumprir os acordos da Assembleia Geral e as normas para que o Comité Executivo leve a cabo as suas decisões.
- d) Pagar pontualmente as quotas estabelecidas.
- e) Manter a colaboração necessária tendo em vista o bom funcionamento da AICE.
- f) Participar na elaboração das notícias e outros documentos necessários à Associação.
- g) Informar o Secretariado das iniciativas, actividades, programas, etc. postos em marcha pela própria cidade ou em colaboração com outras cidades associadas.

Artigo 8º - São causa de exclusão de membro da AICE:

- A vontade expressa da própria cidade, comunicada por escrito ao Comité Executivo.
- O não cumprimento das obrigações estatutárias.
- Não pagamento das quotas.

TÍTULO II

Organização e funcionamento da AICE

Artigo 9º - A AICE será regida e administrada por:

- Assembleia Geral
- Comité Executivo
- Presidente
- Secretariado

CAPÍTULO I

Assembleia Geral

Artigo 10º - A Assembleia Geral é o órgão supremo da AICE. Os seus membros serão os representantes das várias cidades associadas. Cada delegação de cidade,

independentemente do número de pessoas que a integrem , expressar-se-á através de um porta-voz e terá direito a um único voto.

As decisões tomar-se-ão por maioria das delegações presentes e dos votos delegados relativas aos assuntos que figurem na ordem do dia.

Todas as cidades ficarão sujeitas às decisões da Assembleia Geral.

Artigo 11º - A Assembleia Geral dispõe dos seguintes poderes:

- a) Modificar os estatutos da AICE.
 - b) Controlar as actividades e a gestão do Comité Executivo.
 - c) Aprovar os relatórios bianuais de actividades apresentados pelo Comité Executivo.
 - d) Aprovar as propostas de linhas de acção do Comité Executivo destinadas a desenvolver os objectivos da AICE.
 - e) Ratificar as adesões e exclusões propostas pelo Comité Executivo.
- Eleger ou substituir os membros do Comité Executivo, segundo o previsto nos Estatutos.
- f) Aprovar os orçamentos de despesa e receita, assim como a sua execução.
 - g) Aprovar o montante anual das quotas.
 - h) Dissolver e liquidar a AICE.

Artigo 12º - A Assembleia Geral reunir-se-á em sessão ordinária nos casos previstos pela lei. Também se poderá reunir em sessão extraordinária quando o Presidente ou dois terços dos sócios o proponham.

As reuniões da Assembleia Geral serão presididas pelo Presidente da AICE. Em caso de ausência, será substituído sucessivamente pelo Vice-presidente ou pelo membro mais velho do Comité Executivo.

Artigo 13º - A convocatória para as Assembleias Gerais será feita por escrito, indicando o dia, a hora e o local da reunião, assim como a ordem do dia. A documentação deverá estar à disposição dos membros da AICE quinze dias antes da Assembleia Geral.

As questões apresentadas pelas cidades membro serão incluídas na ordem do dia, sempre que sejam comunicadas ao Comité Executivo dentro dos prazos estabelecidos pelo Secretariado.

A acta da reunião (extracto de deliberações, texto das decisões adoptadas e resultado das votações) será enviada a todos os membros da Assembleia Geral no prazo de dois meses. As cidades disporão de três meses para enviar as suas observações ao Secretariado.

A acta da sessão anterior será ratificada no início da sessão da Assembleia Geral.

Artigo 14º - A Assembleia Geral considerar-se-á validamente constituída na primeira convocatória se estiverem presentes pelo menos 50% dos seus membros ou se estiverem representados segundo o disposto no artº 15º.

A lista definitiva das cidades membro encerrar-se-á 30 dias antes da reunião da Assembleia Geral.

Ficará também validamente constituída numa segunda convocatória se estiverem presentes ou representados pelo menos 25% dos membros. A reunião da segunda convocatória terá que ter lugar meia hora depois da primeira e no mesmo local, devendo ter sido anunciada no aviso da primeira.

Artigo 15º - Nas reuniões da Assembleia Geral, cada cidade associada terá direito a um voto. Em caso de não poder assistir à reunião, os membros da AICE podem delegar o seu voto.

O número máximo de votos delegados que cada cidade poderá ter, não poderá ser superior a dez.

As votações geralmente serão feitas de mão levantada. Todavia o Presidente poderá propor votações secretas caso o considere oportuno.

As decisões serão tomadas por maioria.

Todavia, para a exclusão de um dos seus membros, da dissolução da Associação ou a sua integração numa organização já existente ou modificação dos Estatutos, serão necessários um número de votos igual a dois terços dos votos emitidos, sempre que representem mais da metade dos inscritos presentes na reunião da primeira convocatória. Na segunda convocatória, a regra dos dois terços aplicar-se-á do mesmo modo, independentemente do número de votantes presentes.

CAPÍTULO II

O Comité Executivo

Artigo 16º - Os poderes de direcção, gestão, execução e representação da AICE correspondem ao Comité Executivo, integrado por um número de membros determinado pela Assembleia Geral, o qual não poderá ser inferior a 7 nem superior a 11.

O Comité Executivo será composto por membros ordinários, membros associados e um membro permanente.

- Membros ordinários: Pretende-se que, na medida do possível, o Comité Executivo seja integrado por, como mínimo, um representante de cada continente.

- Membros associados: são as cidades organizadoras do último Congresso e do seguinte. O seu mandato produz efeito desde a sua designação oficial na Assembleia Geral e termina quatro anos mais tarde.

- Membro permanente: é a cidade onde está sediado o Secretariado.

O Comité Executivo será composto por:

- Um Presidente
- Um Vice-Presidente
- Um Secretário Geral
- Um Tesoureiro
- Vogais

Artigo 17º - Os membros ordinários do Comité Executivo exercerão o cargo durante um período de quatro anos e poderão ser reeleitos consecutivamente por mais dois períodos.

A eleição dos membros do Comité Executivo far-se-á por votação da Assembleia Geral.

As funções de Presidente, Secretário Geral e Tesoureiro recairão em três pessoas diferentes.

A cessação do cargo antes de extinguir o prazo regulamentar poderá ocorrer por demissão voluntária apresentada por escrito, fundamentando os motivos ou por baixa como membro da AICE.

Artigo 18º - O Comité Executivo possui as seguintes atribuições:

18.1 – Em matéria de representação

- a) Designar o Presidente, o Vice-Presidente e o Tesoureiro.
- b) Exercer a representação da AICE e administrá-la, aplicar as decisões tomadas pela Assembleia Geral e de acordo com as normas, as instruções e as directrizes gerais que esta Assembleia Geral estabeleça.
- c) Tomar decisões que sejam necessárias em relação à comparência da AICE ante os organismos públicos e para exercer todo o tipo de acções legais e interpor os recursos pertinentes.
- d) Tomar as decisões necessárias em relação à representação legal e à defesa dos seus membros.
- e) Resolver provisoriamente as questões não previstas nestes Estatutos e dar conta das mesmas na próxima Assembleia Geral.
- f) Exercer as competências não atribuídas concretamente aos demais órgãos de gestão da AICE ou as que estes órgãos deleguem de maneira expressa no Comité Executivo.

18.2 – Em matéria de congressos

- a) Seleccionar a cidade sede do próximo Congresso Internacional e da Assembleia Geral entre as candidaturas recebidas.
- b) Seleccionar os temas dos congressos e verificar que seja organizado de forma a coincidir com os objectivos da Associação. Caso contrário, o Comité Executivo reserva-se o direito de retirar o apoio da AICE.

18.3 – Em matéria de responsabilidades e actividades diversas

- a) Estudar, avaliar e difundir as informações recebidas das cidades e das várias redes.
- b) Supervisionar todas as publicações da AICE.
- c) Constituir grupos de trabalho para atingir, da maneira mais eficiente e eficaz os objectivos da AICE e autorizar as acções que estes grupos pretendam realizar.
- d) Nomear um Vogal do Comité Executivo como responsável de cada grupo de trabalho.

18.4 – Em matéria de Assembleia Geral

- a) Convocar as Assembleias Gerais e verificar que são respeitadas as decisões adoptadas.
- b) Propor à Assembleia Geral a defesa dos interesses da AICE.
- c) Preparar os relatórios de actividades
- d) Propor à Assembleia Geral o montante das quotizações dos membros da AICE, justificando-o.

18.5 – Em matéria de orçamento

- a) Apresentar o balanço, aprovar as contas de cada exercício e preparar os orçamentos do exercício seguinte.

- b) Efectuar os procedimentos necessários junto dos organismos públicos, entidades e outras pessoas para a obtenção de subvenções, outras ajudas e utilização de locais ou edifícios.
- c) Abrir contas correntes e livros de cheques em qualquer estabelecimento de crédito e dispor dos fundos dos depósitos, segundo o disposto no artº 33º.

18.6 – Em matéria do Secretariado

- a) Contratar os funcionários da AICE.
- b) Delegar no Secretário Geral as actividades que permitam o funcionamento ordinário da Associação.
- c) Eleger a cidade sede do Secretariado.

Artigo 19º - O Comité Executivo, convocado previamente pelo Presidente ou pela pessoa em quem delegue, reunir-se-á em sessão ordinária com a periodicidade que os seus membros decidirem, nunca podendo ser inferior a uma vez por ano.

Reunir-se-á em sessão extraordinária quando o Presidente a convoque com este carácter ou o solicitem metade dos membros que o compõem.

Artigo 20º - O Comité Executivo será constituído após convocatória prévia e um quórum de metade dos seus membros mais um.

Os membros do Comité Executivo estão obrigados a assistir a todas as reuniões que se convoquem. Poderão ser substituídos, em caso de impossibilidade justificada, por outra pessoa autorizada pelo seu município. Em qualquer caso será necessária a assistência do Presidente, do Secretário Geral ou das pessoas que os substituem.

As decisões do Comité Executivo serão tomadas pela maioria simples dos votos dos membros presentes.

Artigo 21º - O Comité Executivo poderá delegar algum dos seus poderes numa ou em diversas comissões ou grupos de trabalho se contar para o efeito com o voto favorável de dois terços dos seus membros.

Também poderá nomear com o mesmo quórum, um ou vários mandatários para exercer a função que a Comité Executivo lhes confie com os poderes que considere adequado confiar-lhes em cada caso.

Artigo 22º - As decisões do Comité Executivo deverão constar do livro de actas. Ao iniciar-se cada reunião do Comité Executivo, deverá ler-se a acta da sessão anterior para sua aprovação ou rectificação.

CAPÍTULO III

O Presidente e o Vice-Presidente

Artigo 23º - O Presidente do Comité Executivo é, também o Presidente da AICE. A duração do seu mandato é equivalente à de um membro ordinário do Comité Executivo.

As funções próprias do Presidente são as seguintes:

- a) Direcção da AICE, por delegação da Assembleia Geral e do Comité Executivo.
- b) Aplicação das decisões do Comité Executivo e da Assembleia Geral.

- c) Presidência e direcção dos debates, tanto da Assembleia Geral como do Comité Executivo.
- d) Convocatória das reuniões da Assembleia Geral e do Comité Executivo.
- e) Aprovação das actas e dos certificados elaborados pelo Secretariado da AICE.
- f) Exercer outras funções próprias do cargo, que lhe sejam delegadas pela Assembleia Geral ou pelo Comité Executivo.

Em caso de empate de votos na Assembleia Geral ou no Comité Executivo, poderá exercer o voto de desempate.

Em caso de ausência o Presidente será substituído, por esta ordem, pelo Vice-Presidente ou pelo Vogal mais antigo do Comité Executivo.

CAPÍTULO IV

O Secretário Geral

Artigo 24º - O Secretário Geral é o representante ordinário da Associação. Deverá assegurar a conservação dos documentos e arquivos da AICE, levantar, redigir e assinar as actas das reuniões das Assembleias Gerais e do Comité Executivo – assegurando o seu secretariado – redigir e autorizar os certificados que seja necessário emitir, como também ter o livro de registos de sócios da AICE actualizado.

Artigo 25º - A AICE disporá de um Secretariado, cujo responsável será o Secretário Geral.

A sede do Secretariado situa-se em Barcelona, no entanto poderá estabelecer-se noutra cidade, por petição expressa da cidade de Barcelona ou por decisão da maioria da Assembleia Geral.

A nova sede será escolhida entre cidades candidatas.

As funções próprias do Secretariado são as seguintes:

- a) A gestão quotidiana da AICE e, principalmente, o cumprimento do programa de actuação aprovado pelo Comité Executivo.
- b) Administração e gestão das subvenções e quotizações.
- c) Coordenação das reuniões do Comité Executivo.
- d) Suporte logístico e administrativo às cidades organizadoras dos Congressos da AICE.
- e) Correspondência e informação periódica às cidades associadas assim como todo o tipo de iniciativas destinadas à captação de novas cidades.
- f) Execução de todas as tarefas delegadas pelo Comité Executivo.

O Secretariado albergará o Banco Internacional de documentos das Cidades Educadoras.

Artigo 26º - O Tesoureiro terá como função a gestão e o controlo dos recursos da AICE assim como a elaboração do orçamento, do balanço e da liquidação de contas, a fim de submetê-los ao Comité Executivo. Terá um livro de caixa. Assinará os recibos das quotas e outros documentos de tesouraria. Pagará as facturas aprovadas pelo Comité executivo, as quais deverão estar previamente visadas pelo Presidente ou pessoa delegada por este. Fará o depósito dos fundos excedentes em estabelecimentos de crédito ou de aforro. Os fundos serão disponibilizados segundo o disposto no artº 33º destes Estatutos.

Artigo 27º - A fim de desenvolver a AICE e reforçar os intercâmbios, a cooperação, os projectos comuns e as experiências colectivas baseados nos princípios da Carta das Cidades Educadoras, o Comité Executivo impulsionará a criação de Redes Territoriais e de Redes Temáticas.

Os membros da AICE que desejem constituir uma destas Redes deverão apresentar o seu projecto para aprovação do Comité Executivo.

O Comité Executivo poderá constituir directamente comissões ou grupos de trabalho.

O responsável de cada uma das Redes apresentará ao Comité Executivo um relatório anual sobre as suas actividades, difundindo a informação.

TÍTULO III

Regime económico da AICE

Artigo 28º - Tendo em conta a sua natureza, a Associação Internacional das Cidades Educadoras (AICE) tem património por doação.

Artigo 29º - Todos os balanços e orçamentos a apresentar à Assembleia Geral deverão ser em Euros.

Artigo 30º - Os recursos económicos da AICE provêm:

- a) Das quotas dos seus membros.
- b) Das subvenções públicas e privadas.
- c) Das doações, heranças ou legados.
- d) Das rendas de património próprio ou de outras receitas que possam vir a obter.

Artigo 31º - Todos os membros da AICE têm a obrigação de lhe fornecer o seu apoio financeiro, mediante quotas extraordinárias na forma e proporção a determinar pela Assembleia Geral.

Artigo 32º - O exercício económico coincidirá com o ano civil e encerrará a 31 de Dezembro.

Artigo 33º - As assinaturas do Presidente, do Vice-Presidente, do Tesoureiro, do Secretário Geral e de um Vogal deverão figurar contas correntes ou cadernetas de aforro abertas em estabelecimentos de crédito ou de aforro.

Duas assinaturas serão suficientes para se dispor dos fundos, uma das quais deverá ser necessariamente a do Presidente ou a do Tesoureiro.

TÍTULO IV

Idiomas

Artigo 34º - Os idiomas oficiais da Associação serão o Inglês, Francês e Espanhol. Todos os comunicados da Associação aos seus membros traduzir-se-ão nestes idiomas.

Artigo 35º - Os idiomas de trabalho do Comité Executivo decidir-se-ão em função da sua composição.

TÍTULO V

Inspecções e Sanções

Artigo 36º - A inspecção do cumprimento ou a interpretação dos Estatutos corresponde à Assembleia Geral, de acordo com o quórum previsto no parágrafo 3º do artº 14º.

Artigo 37º - O Comité Executivo velará para que se cumpram as normas contidas nestes Estatutos, de acordo com o aviso da Assembleia Geral.

TÍTULO VI

Dissolução da AICE

Artigo 38º - A AICE poderá ser dissolvida, caso a Assembleia Geral, convocada expressamente para esse fim com carácter extraordinário, o decida.

Artigo 39º - Uma vez acordada a dissolução, a Assembleia Geral tomará as medidas adequadas, tanto no que se refere à liquidação de bens, direitos e operações em curso. A Assembleia terá a faculdade de eleger uma comissão liquidatária, sempre que o considere necessário.

Os membros da AICE estão isentos de responsabilidade pessoal. A sua responsabilidade ficará limitada ao cumprimento das obrigações que tenham contraído voluntariamente.

O saldo líquido que resulte da liquidação será entregue directamente à entidade pública ou privada designada pela Assembleia Geral ou pela comissão liquidatária.

As funções de liquidação e execução das decisões mencionadas nos parágrafos anteriores deste mesmo artigo, serão competência do Comité Executivo, se a Assembleia Geral não tiver conferido esta missão a uma comissão liquidatária, especialmente designada para o efeito.

17de Novembro de 2004

1.1.3. Regimento de Coordenação da Rede Portuguesa das Cidades Educadoras

PREÂMBULO

- A cidade educadora tem personalidade própria, integrada no país onde se situa é, por consequência, interdependente da do território do qual faz parte. É igualmente uma cidade que se relaciona com o seu meio envolvente, outros centros urbanos do seu território e cidades de outros países. O seu objectivo permanente será o de aprender, trocar, partilhar e, por consequência, enriquecer a vida dos seus habitantes.
- As cidades educadoras, com as suas instituições educativas formais, as suas intervenções não formais (de uma intencionalidade educadora para além da educação formal) e as informais (não intencionais ou planificadas), deverão colaborar, bilateral ou multilateralmente, tornando realidade a troca de experiências. Com espírito de cooperação, apoiarão mutuamente os projectos de estudo e investimento, seja sob a forma de colaboração directa ou em colaboração com organismos internacionais.
- Os municípios deverão exercer com eficácia as competências que lhes cabem em matéria de educação. Qualquer que seja o alcance destas competências, elas deverão prever uma política educativa ampla, com carácter transversal e inovador, compreendendo todas as modalidades de educação formal, não formal e informal, assim como as diferentes manifestações culturais, fontes de informação e vias de descoberta da realidade que se produzam na cidade.

O papel da administração municipal é o de definir as políticas locais que se revelarão possíveis e o de avaliar a sua eficácia, assim como de obter as normas legislativas oportunas de outras administrações, centrais ou regionais.

- A cidade deve saber encontrar, preservar e apresentar a sua identidade pessoal e complexa. Esta torná-la-á única e será a base dum diálogo fecundo com ela mesma e com outras cidades. A valorização dos seus costumes e suas origens deve ser compatível com os modos de vida internacionais. Poderá assim oferecer uma imagem atraente sem desvirtuar o seu enquadramento natural e social.

À partida, deverá promover o conhecimento, a aprendizagem e a utilização das línguas presentes na cidade enquanto elemento integrador e factor de coesão entre as pessoas.

- O município deverá avaliar o impacto das ofertas culturais, recreativas, desportivas, informativas, publicitárias ou de outro tipo e as realidades que as crianças e jovens recebem sem qualquer intermediário. Neste caso, deverá empreender, sem dirigismos, acções com uma explicação ou uma interpretação razoáveis. Assegurará que se estabeleça um equilíbrio entre a necessidade de protecção e a autonomia necessária à descoberta. Oferecerá, igualmente, espaços

de formação e de debate, incluindo os intercâmbios entre cidades, para que todos os seus habitantes possam assumir plenamente as inovações que aquelas geram.

Nestes termos, os Municípios Portugueses subscritores e aderentes da Carta de Princípios das Cidades Educadoras, estão organizados em Rede Territorial.

ARTIGO 1º

NOÇÃO

A Rede Territorial Portuguesa dos Municípios Educadores da AICE – Associação Internacional das Cidades Educadoras – é uma instância de reflexão e debate sobre os Princípios da Carta das Cidades Educadoras e de coordenação e fomento de actividades promotoras destes Princípios a nível municipal/nacional.

Procurará que os Municípios Portugueses incorporem os Princípios da Carta das Cidades Educadoras e articulem as suas intervenções, transversalmente a nível municipal e mais amplamente ainda, a nível nacional e internacional, participando também em trabalhos em Redes Temáticas nacionais e internacionais.

ARTIGO 2º

OBJECTIVOS

1. **Dinamizar** a Rede Portuguesa, através da divulgação e debate da Carta das Cidades Educadoras, bem como fomentar novas adesões à AICE;
2. **Promover** a divulgação do trabalho da AICE (quer do Secretariado quer de Redes Territoriais e Temáticas ou das Cidades Membro) aos municípios membro e também a outros, através de congressos, encontros, documentação;
3. **Promover** quatro Encontros anuais, a nível intermunicipal em cidades diferentes. Estes serão espaços de debate conceptual e permuta de experiências, promoção de trabalho em redes temáticas, quer internacionais, quer as que nacionalmente forem consideradas relevantes. A organização destes encontros ficará a cargo dos Municípios que os **acolherão** com o apoio da Comissão Coordenadora;
4. **Promover** um Congresso em anos alternados com a realização dos Congressos Internacionais, aberto a outros municípios, conforme regulamento a aprovar pela Rede Nacional das Cidades Educadoras;
5. **Promover/Dinamizar** redes temáticas, a nível nacional;
6. **Organizar** formação para os técnicos dos Municípios associados, no âmbito dos Princípios das Cidades Educadoras;
7. **Criar e manter** um Boletim da Rede Portuguesa, assegurando a recolha e tratamento da informação, com uma periodicidade **trimestral**;
8. **Organizar**, com os vários Municípios a representação portuguesa em Congressos Internacionais, não só ao nível do debate interno de experiências como da representação espacial;
9. **Dinamizar** o Banco de Dados e o Portal on Line;

10. **Coordenar** a elaboração, execução e avaliação do Plano de Actividades e Orçamento, apresentando-o à AICE.

ARTIGO 3º

COMPOSIÇÃO DA COMISSÃO DE COORDENAÇÃO DA REDE PORTUGUESA DAS CIDADES EDUCADORAS

1. Integram este órgão entre 5 e 7 Municípios.
2. Têm assento na Comissão de Coordenação, por inerência, os Municípios que integrem o Comité Executivo da AICE e os organizadores do Congresso Nacional seguinte.

ARTIGO 4º

DURAÇÃO DO MANDATO E NOMEAÇÃO

1. O mandato terá a duração de dois anos, tempo entre a realização dos Congressos Internacionais da AICE.
2. As candidaturas de Municípios interessados em representar a Comissão de Coordenação serão apresentadas a título individual, na reunião de avaliação de cada Congresso Internacional.
3. Caso haja mais candidaturas do que o número de Municípios necessários para integrar a Comissão de Coordenação, far-se-á uma votação por voto secreto.
4. Cada membro indica 4 ou 5 Municípios que pretende ter na Comissão de Coordenação.
5. Os Municípios que receberem mais votos, constituirão a Comissão de Coordenação.
6. Em caso de empate, apenas serão votadas os Municípios nesta situação.

ARTIGO 5º

CONGRESSO NACIONAL

1. A Comissão de Coordenação apoiará a organização de Congressos Nacionais que terão lugar em anos alternados com a realização dos Congressos Internacionais.
2. A apresentação de candidaturas à realização de um Congresso Nacional é feita no trimestre antes da realização do Congresso imediatamente anterior, sendo a divulgação do(s) Município(s) seleccionado(s) efectuada durante o mesmo.

ARTIGO 6º

FUNCIONAMENTO E PERIODICIDADE DE REUNIÕES

1. A Comissão de Coordenação da Rede Portuguesa das Cidades Educadoras reunir-se-á 4 vezes por ano, um mês antes dos Encontros Nacionais de Rede e, extraordinariamente, quando as situações em presença, assim o exigiam.
2. Das suas reuniões serão elaboradas actas, pelo Município que for indicado como relator, actas essas a serem apresentadas na reunião seguinte.

ARTIGO 7º

APOIO LOGÍSTICO

Cabe às Câmaras Municipais que integram o grupo Coordenador da Rede Territorial Portuguesa das Cidades Educadoras, assumir o apoio logístico deste.

ARTIGO 8º

APOIO FINANCEIRO

O apoio financeiro ao desenvolvimento do Plano de Actividades da Rede Territorial Portuguesa das Cidades Educadoras será assumida pelos Municípios aderentes e pela AICE, conforme as regras de subvenção, por esta definidas.

Novembro de 2006

1.2. Quadro 1- Países e Cidades aderentes ao Movimento Cidades Educadoras

Alemanha	Frankfurt am Main, Munich.
Argentina	Buenos Aires, Cañada de Gómez, Mar del Plata, Mendoza, Rosario, Villa Constitución.
Austrália	Adelaide.
Bélgica	Amberes.
Benin	Porto-Novo.
Bolívia	Santa Cruz de la Sierra.
Brasil	Belo Horizonte, Campo Novo do Parecis, Caxias do Sul, Cuiabá, Gravataí, Piracicaba, Porto Alegre, Santo André, Sao Carlos, Sao Paulo, Sorocaba.
Canadá	Laval, Quebec.
Chile	Frutillar, Los Ángeles, Purranque, Vallenar, Valparaíso.
Colômbia	Armenia, Envigado, Guatapé, Manizales, Medellín.
Croácia	Osijek.
Dinamarca	Ishøj.
Equador	Quito.
Espanha	A Coruña, Adeje, Albacete, Alcalá de Guadaira, Alcalá de Henares, Alcázar de San Juan, Alcobendas, Alcoi, Aldaia, Alella, Algete, Alzira, Aranjuez, Arbúcies, Arganda del Rey, Argentona, Ávila, Avilés, Azuaga, Badalona, Banyoles, Barakaldo, Barberà del Vallès, Barcelona, Berga, Betanzos, Bilbao, Blanes, Burgos, Calella, Calvià, Camargo, Cambrils, Canet d'en Berenguer, Canovelles, Carmona, Cartaya, Castellar del Vallès, Castelldefels, Cerdanyola del Vallès, Ceuta, Ciutadella de Menorca, Córdoba, Cornellà de Llobregat, Corvera de Asturias, Coslada, Cubelles, Cuenca, Donostia-San Sebastián, Écija, Ejea de los Caballeros, El Ferrol, El Prat de Llobregat, Esplugues de Llobregat, Estepona, Figueres, Fuenlabrada, Fuentes, Galapagar, Gandia, Gavà, Getafe, Gijón, Girona, Granada, Granollers, Guadalajara, Guadix, Ibi, Ibiza, Igualada, Iniesta, La Garriga, Las Palmas de Gran Canaria, Las Pedroñeras, Leganés, L'Hospitalet de Llobregat, Linares, Lleida, Logroño, Lorca, Los Corrales de Buelna, Lucena, Lugo, Madrid, Majadahonda, Málaga, Manresa, Mataró, Melilla, Mislata, Molins de Rei, Mollet del Vallès, Montánchez, Montcada i Reixac, Móstoles, Murcia, Oviedo, Palafrugell, Palamós, Palma de Mallorca,

	Pamplona, Parets del Vallès, Peligros, Pinos Puente, Pinto, Pizarra, Pontevedra, Pozoblanco, Pozuelo de Alarcón, Premià de Mar, Priego, Priego de Córdoba, Puerto Real, Puertollano, Punta Umbría, Quart de Poblet, Reus, Ripollet, Rivas-Vaciamadrid, Rubí, Sabadell, Sagunt, Salamanca, Salou, Salt, San Bartolomé de Tirajana, San Fernando de Henares, San Pedro del Pinatar, San Sebastián de los Reyes, Sant Adrià de Besós, Sant Boi de Llobregat, Sant Cugat del Vallès, Sant Feliu de Guíxols, Sant Feliu de Llobregat, Sant Joan Despí, Sant Just Desvern, Sant Mateu, Sant Quirze del Vallès, Santa Coloma de Cervelló, Santa Coloma de Farners, Santa Coloma de Gramenet, Santa Cruz de Moya, Santa Cruz de Tenerife, Santiago de Compostela, Santurtzi, Sanxenxo, Segovia, Sevilla, Tarancón, Tarazona, Tarragona, Terrassa, Tías, Tomelloso, Torelló, Torralba de Calatrava, Torrejón de Ardoz, Torrent, Torrijos, Tudela, Valdepeñas, Valencia, Vic, Vigo, Viladecans, Viladecavalls, Vilafranca del Penedès, Vilanova i la Geltrú, Vila-Real, Villajoyosa, Villarrobledo, Vinalesa, Vinarós, Vitoria-Gasteiz, Zamora, Zaragoza.
Finlândia	Espoo, Helsinki, Pori, Tampere.
França	Angers, Aurillac, Belfort, Brest, Caluire-et-Cuire, Chaumont, Chelles, Clichy-sous-Bois, Dijon, Dunkerque, Fécamp, Feyzin, Grenoble, Hem, Hérouville Saint-Clair, La Roche-sur-Yon, Laxou, Le Kremlin-Bicêtre, Les Lilas, Limoges, Lorient, Lyon, Montceau-les-Mines, Montpellier, Nantes, Niort, París, Perpiñán, Poitiers, Quimper, Rennes, Roubaix, Saint-Etienne, Saint-Jacques-de-la-Lande, Saint-Nazaire, Saint-Priest, Seyssins, Torcy, Tourcoing, Tournefeuille, Tours, Villeurbanne.
Grécia	Agia Varvara.
Hungria	Budapest.
Irão	Isfahan.
Itália	Ancona, Arezzo, Belluno, Bolonia, Brandizzo, Brescia, Busto Garolfo, Casalecchio di Reno, Ceccano, Chieri, Collegno, Génova, La Spezia, Lentini, Lodi, Mogliano Veneto, Padua, Palermo, Peschiera Borromeo, Pistoia, Pomigliano d'Arco, Pordenone, Portogruaro, Ragusa, Ravenna, Rivoli, Roma, Rovereto, Settimo Torinese, Turín, Varese, Venecia, Verbania, Vicenza.
México	Guadalajara, León, Playa del Carmen, Tlaxcala de Xicotencatl, Victoria, Zapopan.
Países	Rotterdam.

Baixos	
Palestina	Belén.
Peru	Las Lomas.
Polónia	Katowice, Kutno.
Portugal	Almada, Amadora, Barreiro, Braga, Cascais, Chaves, Esposende, Évora, Grândola, Leiria, Lisboa, Loures, Odivelas, Oliveira de Azeméis, Porto, Palmela, Portimão, Sacavém, Santa Maria da Feira, Sever do Vouga, Sintra, Torres Novas, Vila Real.
Principado de Andorra	Canillo.
República de Coreia	Changwon, Suncheon.
Roménia	Miercurea Ciuc, Satu Mare.
Ruanda	Kigali.
Senegal	Dakar.
Suécia	Göteborg.
Suiça	Ginebra.
Togo	Lomé.
Uruguai	Montevideo, Paysandú.

Fonte: www.edicites.bcn.es, em 16-2-2007.

2. ENTREVISTA

2.1. GUIÃO DA ENTREVISTA

1- Indique, por favor, o percurso e principal actividade da instituição que representa?

2- Já ouviu falar no Movimento Cidades Educadoras?

(passar para questão nº 5, caso o entrevistado responda Não)

3- Conhece alguma cidade que faça parte deste movimento?

4- O que pensa sobre o Movimento Cidade Educadora?

5-Tendo em consideração os princípios que regem o Movimento Cidades Educadoras: *o direito de todos os habitantes a uma Cidade Educadora, desde a formação, entretenimento e desenvolvimento pessoal, o compromisso da cidade no saber encontrar, preservar e apresentar a sua identidade pessoal e complexa, a cidade ao serviço integral das pessoas*; de que forma é que a instituição que representa pode contribuir para a viabilização da Cidade Educadora em Barcelos?

6- Face a estas considerações, que benefícios considera possível conseguir, para a instituição e comunidade em geral, com a eventual adesão de Barcelos ao Movimento das Cidades Educadoras?

7- Com a implementação da Cidade Educadora, em Barcelos, que dinâmicas ou projectos socioculturais poderiam surgir, promovidos pela instituição que representa?

8- Indique acções que considere importante concretizarem-se, ao nível municipal, com a adesão ao Movimento das Cidades Educadoras, que possam contribuir para o desenvolvimento e melhoria da qualidade de vida dos habitantes.

9- A título conclusivo e de acordo com esta realidade e o trabalho que tem desenvolvido em prol da comunidade, indique-nos a forma de intervenção e animação sociocultural, que entende mais correcta.

2.2. ENTREVISTAS REALIZADAS

2.2.1. Entrevista com Afonso Inácio, Director do Centro de Saúde de Barcelos/ Barcelinhos

Entrevista realizada no Centro de Saúde de Barcelos, no dia 19 de Junho de 2006.

1. Indique, por favor, o percurso e principal actividade da instituição que representa.

O C. S. de Barcelos é a unidade responsável pelos cuidados primários do concelho de Barcelos e como a própria palavra diz, cuidados primários e acima de tudo ... a prevenção e para se fazer uma boa prevenção também tem que se fazer uma boa informação. A boa informação implica e acaba por resultar numa boa educação ... não é?! Essencialmente o Centro de Saúde de Barcelos funciona nessa base. Quando eu cheguei, há dois anos, (eu trabalho aqui há 21 anos, mas sou director há 2 anos), mesmo sem estarmos ligados ao movimento das cidades educadoras, nós já fazíamos alguma coisa em termos de educação e informação da população em várias áreas, adolescentes, toxicodependência, alcoolismo, tabagismo. Existem várias actividades que o CS promove quer em termos individuais, quer em termos de parceria com outras instituições de Barcelos, integrados na Rede Social e noutras situações. Temos vindo, de há 2 anos para cá, a aumentar o número de actividades em que o Centro de Saúde tem estado envolvido e vamos continuar com mais projectos no futuro.

2. Já ouviu falar no Movimento Cidades Educadoras?

Já tinha ouvido

3. Conhece alguma Cidade que faça parte deste Movimento?

Braga!

4. O que pensa sobre o movimento Cidades Educadoras?

... Eu acho que todo este tipo de movimentos são sempre bem vindos porque facilita... acaba por se aproveitar os vários parceiros que trabalham nesta área e acabamos por ter uma sinergia que acaba por resultar e é muito mais fácil promovermos este tipo de actividade, neste caso informativo em relação à educação... penso que é um movimento que Barcelos deve aderir incondicionalmente.

Este movimento tem todo o sentido quando existem vários parceiros a trabalhar, virados para o mesmo objectivo. O Centro de Saúde de Barcelos está vocacionado para determinado tipo de actividades e a actividade do Centro de Saúde em relação aos cuidados primários tem acima de tudo como importância primordial a informação junto dos utentes do Centro de Saúde. É evidente que o Centro de Saúde pode fazer actividades informativas, descritivas em termos de panfletos, folhetos, mas também pode fazer actividades práticas, no dia a dia, e é isso que temos vindo a fazer, mesmo sem estarmos envolvidos no movimento. Acho que envolvidos no movimento podemos beneficiar todos com isso, não é!

5. Tendo em consideração os princípios que regem o Movimento Cidades Educadoras: o direito de todos os habitantes a uma cidade educadora, desde a formação, entretenimento e desenvolvimento pessoal; o compromisso da cidade no saber encontrar, preservar e apresentar a sua identidade pessoal e complexa; a cidade ao serviço integral das pessoas; de que forma é que a instituição que representa pode contribuir para a viabilização da Cidade Educadora em Barcelos?

Considero que o Centro de Saúde já contribui. Se quiser até posso-lhe enumerar as actividades.... Posso-lhe dar vários exemplos. Na saúde materna os médicos não se limitam a fazer o acompanhamento da grávida, nós começamos há relativamente pouco tempo sessões de preparação para o parto, aproveitamos essas sessões para informar as mulheres do que é que vai ser o parto, alguns conselhos relativos aos primeiros cuidados, há uma série de situações que vamos desenvolvendo, há uma série de situações que nós

vamos aproveitando, isto é o que designei à pouco da parte prática, aquilo que há pouco falava.

É feito gratuitamente?

Sim, só tem que se inscrever e temos aqui pessoal devidamente habilitado, enfermeiras parteiras habilitadas que fizeram uma pós graduação neste tipo de ginástica de preparação para o parto e que estão aqui a fazer este tipo de trabalho ... isto é um exemplo de actividade prática que nós podemos fazer no dia a dia temos outras, por exemplo que têm a ver com os diabéticos, nós temos os panfletos, temos uma série de cassetes, de vídeos, filmes, que podemos disponibilizar e que já temos apresentado algumas, em algumas instituições do concelho de Barcelos, quando nos é solicitado ou quando nós entendemos que devemos fazer lá uma intervenção, vamos às escolas, vamos às associações culturais. Fazemos este tipo de actividade com pessoal do Centro de Saúde devidamente credenciado, nós temos enfermeiros e médicos que fizeram especialização em diabetologia e são esses enfermeiros e médicos que vão aos locais apresentar isso às pessoas, dando conselhos, nomeadamente como se deve fazer a higiene dos pés que é uma coisa que os diabéticos não sabem mas que é de extrema importância, por vezes pode-se salvar uma perna desde a hora em que a pessoa saiba fazer uma boa higiene do pé... em termos alimentares... como é que se deve fazer a medicação, quando se deve ir ao médico, ensinar as pessoas a identificar os primeiros sintomas, quando o diabético está com hipo glicemia ou hiper glicemia, há uma série de coisas que nós fazemos e aí vamos também ao local e temos filmes e entregamos panfletos às pessoas... é um tipo de actividade.

Depois temos outra actividade que eu acho que é de extraordinária importância, que foi uma criação já nossa além de outras, mas esta para mim é muito importante, criamos uma consulta do adolescente descentralizada que funciona fora do Centro de Saúde que é feita por um médico e uma enfermeira onde se dá aconselhamento sobretudo aos jovens que muitas vezes, ainda hoje, ao contrário do que muita gente pensa, têm alguma dificuldade em falar em casa com os pais, têm uma ideia muitas vezes errada porque aquilo que muitas vezes aprendem nas conversas não é o mais correcto, são conversas enviesadas. Por incrível que pareça nós à Terça-feira, à tarde, temos a consulta sempre cheia. Hoje quando vinha trabalhar achei muita piada a uma notícia de uma rádio nacional porque, o Centro de Saúde de Amares tinha feito uma consulta desse género e que se calhar tinham que abrir outra numa escola secundária no concelho. Nós já fazemos isso quase há dois anos aqui em Barcelos e temos muito mais do que 200 jovens, que já frequentaram a nossa consulta. Fazemos a educação sexual, fornecemos os preservativos e ensinamos a prática, como colocar o preservativo, tudo isto faz parte deste movimento que me está a falar, das Cidades Educadoras.

É esta a vertente que o Centro de Saúde tem trabalhado, a parte informativa ligada a saúde, intervindo junto à comunidade. Desde que estou aqui como director, um dos lemas que eu tentei implementar aqui foi precisamente isso, virar o Centro de Saúde para a comunidade. O Centro de Saúde tem que sair da concha, não se pode limitar a dar consultas, a fazer pensos e a dar injectáveis... a antiga caixa. O Centro de Saúde tem que fazer aquilo que nós estamos a fazer, claro que nos faltam também meios mas se estivéssemos integrados nesse movimento provavelmente aquilo que falávamos das sinergias, isto era uma coisa extraordinária porque... vou-lhe dar um exemplo, nós às vezes temos dificuldade de transporte, mas temos uma parceria com a CMB, que tem a ver com a saúde pública, vamos fazer vistorias e raramente o carro é nosso, a câmara disponibiliza o transporte, o Centro de Saúde os técnicos, há aqui uma sinergia, é um exemplo de como as coisas podem funcionar dependendo de uma rede desse género, o Centro de Saúde tem carências de algumas áreas mas temos uma coisa muito boa, temos material humano, devidamente formado, pessoas habilitadas, temos uma boa equipa, muito jovem com uma vontade enorme de trabalhar. Tenho o email onde as pessoas me apresentam projectos, foi uma coisa que nós criamos aqui no Centro de Saúde, eu costumo dizer às pessoas que façam propostas, por mais bizarras que pareçam, apresentem porque se das cinquenta que me chegarem se aproveitar uma já

fico satisfeito. As pessoas no início começaram a medo, mas agora já tenho quase todas as semanas propostas de intervenção junto da comunidade e devagarinho temos vindo a fazer isso e temos tido muito sucesso.

Em termos de dinâmica e inter-relação têm um bom trabalho!

Temos trabalhado bem aqui, há tempos fizemos uma intervenção na área do alcoolismo numa zona problemática de Barcelos, que é Fragoso, e então fomos às escolas; assistente social, enfermeiros e médicos colaboraram. Andamos durante o ano, o ano inteiro a fazer acções de prevenção sobre o álcool, achei uma piada, no último dia os miúdos fizeram um trabalho e quiseram vir aqui oferecer-me os trabalhos, os próprios miúdos e os professores. E fui eu que fui buscá-los à escola. Tenho 2 jipes, trouxemos os miúdos no jipe, ficaram satisfeitiíísimos, passaram aqui o dia connosco, fizemos uma sessão, apresentamos o Centro de Saúde, como se fosse uma visita de trabalho, para saberem como funciona, fizemos uma sessão com os miúdos onde me entregaram os trabalhos, espalhámos os desenhos pelo Centro de Saúde, fiz questão de os afixar... nota-se mesmo que captaram o sentido da nossa mensagem. E depois fizeram aqui um lanche com os miúdos. Acabamos essa intervenção e não estávamos a contar fazer mais nenhuma sessão nessa freguesia, até porque o concelho é muito grande Pois os miúdos escreveram-me uma carta, queriam que fossemos lá outra vez... tratar outro assunto! Achei muita piada! Infelizmente este ano não podemos, mas já lhes prometi que no próximo ano estamos aí, vamos voltar!!

6. Face a estas considerações, que benefícios considera possível conseguir, para a instituição e comunidade em geral, com a eventual adesão de Barcelos ao movimento das Cidades Educadoras?

Eu já praticamente respondi, é evidente que depois aqui há muita coisa ...

Porque eu tenho uma ideia muito própria sobre isto mas eu acho, a nível deste movimento, a nível da nossa cidade de Barcelos, não sou barcelense, estou aqui há 20, 21 anos e a mim custa-me um bocadinho, eu fui habituado desde miúdo a conhecer Barcelos como uma cidade muito bonita em termos arquitectónicos, é uma cidade lindíssima, mas muito pobre em termos de nível cultural. Nós fazemos muito poucas intervenções e a Câmara é obvio que tem responsabilidade nesse domínio, mas a câmara também só por si não pode fazer e dentro deste movimento podia-se aproveitar várias entidades que estão ligadas dentro de Barcelos e todas elas fazerem actividades, pode-se brincar com as coisas pode-se educar brincando com o artesanato e nós temos um artesanato fantástico eu acho que podemos fazer acções em que se pode incluir o artesanato e esse artesanato funcionar como uma forma educativa, nós podemos utilizar o folclore como forma educativa, aproveitar o folclore no sentido pedagógico, este movimento acho que é óptimo.

7. Com a implementação da Cidade Educadora, em Barcelos, que dinâmicas ou projectos socioculturais poderiam surgir, promovidos pela instituição que representa?

Há uma coisa que a mim me preocupa imenso, talvez por eu ter sido desportista, estar ligado ao desporto durante muitos anos. Eu acho que o Centro de Saúde em colaboração com a Câmara deveríamos criar por exemplo um pelouro, uma instituição que facilitasse os exames médicos aos atletas que andam por aí amadores. Anda muita gente a praticar desporto, ao nível do atletismo, futebol de salão, futebol 5, fazem-se torneios populares e não há qualquer tipo de vigilância médica, qualquer pessoa, qualquer jovem pode ficar um dia destes aí num ringue, porque as pessoas participam nestes torneios populares e não há responsabilidade de ninguém, as pessoas fazem as equipas e muitas vezes são os próprios doentes que auto - didacticamente pedem os exames, mas devia haver uma entidade, e já que existe em Barcelos o Torneio de Futebol Popular promovido pela Câmara, acho que existe um circuito de manutenção no Parque da Cidade, do meu ponto de vista poderia ser muito melhor, mas por exemplo é uma das situações que poderia ser aproveitada, o desporto também é cultura. Portanto, podia-se aproveitar, a nossa cidade não tem um circuito de manutenção devidamente estruturado eu dou muitas vezes o exemplo: eu quando estudava em Coimbra gostava muito de ir

para o Choupal fazer o circuito de manutenção, porque era um circuito de manutenção feito como devia ser, nós sabíamos que devíamos correr x minutos, depois tínhamos horas para descansar, horas para fazer exercícios, tínhamos placas onde se exemplificava como é que os exercícios eram feitos e tudo isto faz parte, Barcelos precisava de um circuito assim.

Nós temos uma coisa lindíssima, temos um rio fabuloso, toda esta zona que vai dali do turismo a V.F. S. Martinho até lá baixo ao Matadouro... Eu gostava muito de ver a câmara envolvida nisto em colaboração com o Centro de Saúde, fazermos protocolos. Parece-me uma ideia muito interessante, o Dr. já a apresentou?

Não falei porque os projectos vão surgindo, mas era de se fazer um protocolo entre a câmara e o Centro de Saúde.

A maior parte dos exames médicos é uma recomendação passada pelo médico que o atleta não tem qualquer tipo de doença! Nós sabemos disso, isto é um risco muito grande, nenhum médico devia fazer isso. Mas as Associações não podem pagar o exame aos médicos e então acaba-se por facilitar, o médico nem é obrigado a preencher o tal impresso, pode passar uma declaração.

O Centro de Saúde teria forma de colaborar?

Claro que sim, nós temos uma consulta para ajudar as pessoas a deixar de fumar, temos uma consulta de álcool, temos um gabinete de violência doméstica, temos um gabinete para tratar de crianças de risco, nós temos uma série de serviços, que nós não divulgamos muitas vezes à sociedade e não divulgamos porquê? Temos alguma dificuldade, divulgamos dentro da instituição com os nossos médicos, se tivermos uma pessoa que nos traz um problema, por exemplo de alcoolismo, o médico sabe quais são os canais ... Mas o meu objectivo era conseguirmos arranjar equipas para no futuro se convidar, isto é que era o ideal!

Eu estou aqui há dois anos, nós costumamos fazer as coisas devagarinho... muitas vezes faltam-nos médicos não imagina a carga, a burocracia ...

Criávamos um gabinete...isto é fácil, eu tenho médicos ... tenho autonomia para, uma vez por semana, em vez de estarem a ver os doentes deles durante esse período vão trabalhar por exemplo para o Gabinete de Desporto ou Consulta Desportiva! Tinha também uma equipa de enfermeiros que sabiam que naquele dia se dedicariam a isso.

Eu nunca tive oportunidade para falar com o Sr. Presidente da Câmara sobre este assunto, mas é uma ideia que eu ando aqui a amadurecer já há algum tempo e um dia qualquer será posta em prática. Mas era uma coisa boa para se fazer com a Câmara, porque eu tenho algumas dificuldades e se calhar a Câmara poderia dar apoio em algumas coisas e nós noutras, a câmara tem mais dinheiro.

Toda a agente tem dificuldades mas a câmara tem algum, nós não temos nenhum, sabe que estas coisas que aqui estão (t-shirt's) são feitas por carolice, temos que fazer fora do horário de trabalho, que é quando têm mais disponibilidade, temos as instalações disponíveis aqui em cima, temos uma biblioteca, disponibilizamos as salas.

8. Indique acções que considere importante concretizarem-se, ao nível municipal, com a adesão ao movimento das Cidades Educadoras, que possam contribuir para o desenvolvimento e melhoria da qualidade de vida dos habitantes.

Eu já disse uma série delas, falei no circuito de manutenção, falei em aproveitar o nosso folclore e o nosso artesanato para utilizá-los em prol educativo, fazer sessões e chamar as pessoas, aproveitar essas sessões para educar. Há uma coisa engraçada e que nunca se fez e que eu acho giro que é: aqui há um ano e tal, dois anos, quando fui convidado para pertencer à Junta de Freguesia de Arcozelo, fizemos umas reuniões e surgiram projectos inovadores ... Toda a agente sabe que eu sou do PSD mas nunca me meti assim muito activamente na política e na lista do PSD. A Junta de Freguesia de Barcelos, eram pessoas minhas amigas e eu acabei por andar de bicicleta ao sábado, fizemos algumas reuniões e apresentei algumas ideias!

Uma das coisas que eu acho interessante, uma já vi num sítio e achei espectacular, ao fim de semana há muita criança, um jogo de play station, não quer dizer que seja muito educativo mas pode ser útil, depende dos jogos. Uma vez entramos num

jogo e a minha filha adorou. Na zona do Benfica, ao fim de semana, faziam umas tendas onde a câmara colocava computadores, meia dúzia de jogos play station e os miúdos estavam ali durante o dia. Passavam, faziam fila, há pais que não têm possibilidades de comprar um play station e então aquilo era giro ver a quantidade crianças entretidas ... Aproveitavam aquela sessão em que os pais levavam os miúdos para jogar play station e a mesma animadora tinha um tema todas as semanas, nomeadamente diabetes, obesidade, entregavam uns panfletos sobre a obesidade falava-se sobre várias informações, como é que as pessoas podiam recorrer a consultas no Centro de Saúde, dava-se aí uma série de informações e numa semana estavam numa Junta de Freguesia, outra semana estavam noutra Junta de Freguesia e assim sucessivamente, em vez de se alojarem numa freguesia onde cada vez há menos gente e numa cidade há muita mais gente e se tivermos os meios pode-se fazer outra coisa do género, e isso é uma ideia que eu tinha, porque não fazer ... uma coisa que eu nunca vi aqui em Barcelos mas já vi noutras cidades, porque não projectar um filme num espaço público onde se possa colocar um écran?

A Câmara Municipal já tem realizado essa actividade!

Eu não sabia, não fazia ideia, mas pronto isso são coisas que a gente pode desenvolver ainda mais, sei lá, fazer outras actividades, utilizar uns joguinhos tradicionais e outras coisas....

Se calhar com este tipo de movimento se se criar uma rede de informação interna acaba-se por combater essa lacuna.

9. A título conclusivo e de acordo com esta realidade e o trabalho que tem desenvolvido em prol da comunidade, indique-nos a forma de intervenção e animação sociocultural, que entende mais correcta.

Já falei praticamente em tudo, mas gosto particularmente do método que lhe falei de aproveitar as coisas típicas do concelho, o folclore, o artesanato, essas coisas, aproveitá-las para chamar as pessoas e depois fazer campanhas informativas junto das pessoas, pois assim apanhamos maior número de pessoas. Quando se faz informação por prazer, “vamos fazer uma sessão de esclarecimento na Biblioteca sobre...”, aqui há tempos fizemos uma para o público e foi divulgada, sobre problemas oftalmológicos em crianças, era dirigida a professores e a pais, apareceram os professores não apareceram muitos, mas apareceram alguns, mas não apareceu um pai. Eu não vi um pai e isto foi divulgado nas escolas. Eu tenho a consciência de que se nós naquele dia à noite tivéssemos nas escolas dito assim: “Nós vamos apresentar um filme sobre o Astérix para o seu filho, tome lá um bilhete e leve o seu filho logo à noite ao cinema que ele vai ver um filme sobre o Astérix. Você também pode ir a acompanhar a criança.” Provavelmente ele também iria e nós teríamos realizado a sessão e a seguir fazíamos a projecção do filme.

Eu quando quero fazer aqui uma sessão científica, faço uma reunião de serviço obrigatória, eles vêm e depois faço a sessão científica a seguir... Se uma pessoa diz assim “vamos ter uma sessão científica sobre hipertensão arterial” pode ter o melhor professor do mundo, vêm para aqui 6 ou 7 médicos, não vêm mais, e isto é o caso que retrata o que se passa com a sociedade. E eu quando cheguei a Barcelos por acaso foi uma das coisas... é que eu trabalhei em Coimbra antes de vir para aqui e lá quando havia uma sessão científica ia toda a gente, e aqui as pessoas não procuram conhecimento.

É um problema de mentalidade, mas eu penso que muita gente gosta de Artesanato e há muito gente que gosta de Folclore, a maior parte das aldeias tem um Rancho que vão e acabam por cativar as pessoas. Mas eu não sou muito a favor da intervenção na Igreja, eu não sou praticante mas de vez em quando vou à missa e cada vez vejo as Igrejas com gente de uma certa idade, jovens é muito raro, a não ser nos dias de catequese, mas tirando isso raramente os encontramos na Igreja. Aqui à tempos fui a uma missa à Igreja Matriz e estavam 20 pessoas não estavam mais, porque a igreja também não ocupa e de maneira que eu acho que este tipo de actividades ... são acções muita boas. Nós aqui fazemos isso, às vezes quando eu trabalhava como médico identificava melhor os doentes, não vão aparecer aqui no Centro de Saúde por causa das

vacinas... Quando fizemos a actualização do plano de vacinação do Centro de Saúde de Barcelos tivemos muita dificuldade em conseguir que as pessoas viessem, o objectivo do centro de saúde é conseguir uma grande taxa de cobertura, quando cheguei aqui tínhamos uma taxa de cobertura de 83% e hoje temos 91% de taxa de cobertura no concelho, ... foi fácil chegar aos 90 mas a partir daí foi difícil passar, o que é que nós fizemos! Nós fizemos uma coisa engraçada, pedimos aos médicos “digam aos doentes para passarem no centro de enfermagem que nós estamos a dar uma prenda uma t-shirt” e a gente dava uma t-shirt e as pessoas vinham à procura da t-shirt. Uma coisa tão simples, mas foi a forma que nós arranjamos. Pedi a um laboratório que nos patrocinasse as camisolas, arranjamos umas 400 camisolas esgotaram, depois pedi também umas lapiseiras e assim conseguimos chamar a atenção das pessoas!

2.2.2. Entrevista com Carlos Alberto Cardoso, Presidente da Empresa Municipal de Educação e Cultura de Barcelos

Entrevista realizada na sede da Empresa Municipal de Educação e Cultura, no dia 28 de Junho de 2006.

1. Indique, por favor, o percurso e principal actividade da instituição que representa.

O percurso desta instituição é a sua criação em 2000. Visava na altura ocupar-se da actividade educativa e de todas as actividades culturais deste concelho. Começou, em primeiro lugar, com a actividade educativa a ocupar a maior parte da sua actividade, uma vez que a Escola de Tecnologia e Gestão, a única Escola Profissional em Barcelos, era da responsabilidade da autarquia e passou a ser gerida pela EMEC e depois em conjunto com todas as actividades culturais que se vão realizando no concelho, tendo em consideração aquelas de maior grandeza como a Festa da Cruzes, a Feira do Artesanato, Feira do Livro, e outras que vão surgindo como as Festas de Natal, a passagem de Ano e outras festas pontuais que são organizadas em termos de actividades culturais.

Hoje estas duas actividades estão equilibradas, mas por exemplo temos também o Centro de Artesanato, o Pólo de Leitura, o Museu de Chavão, mais a Escola, mais a Galeria de Arte, que nos permitem ter um equilíbrio de actividades ditas culturais e educativas, quer em termos financeiros quer em termos de logística.

Quanto a essas instituições que refere, a única que existe num meio mais rural é o Museu de Chavão?

Sim é aquela que fica inserida num meio rural, é a de Chavão. Num concelho tão grande e tão disperso é sempre complicado digamos transformá-lo num pólo efectivo, não só porque não é um museu grandioso, é um museu que tem a sua riqueza, o seu património e o seu arquivo, mas que estava muitas vezes condicionada a sua visita, devido também ao seu enquadramento na etnografia que não é digamos trabalhado.

2. Já ouviu falar no Movimento Cidades Educadoras?

Sim já ouvi falar, a sua criação em Barcelona quando se fez o primeiro encontro, se deu os primeiros passos, daquilo que poderia ser a cidade educativa, aliás nessa altura uma das coisas que me chamou a atenção era de facto a cidade parte responsável pela formação do indivíduo, é uma questão de cidadania acima de tudo. Agora temos o documento final, com os traços finais do que seria a carta das cidades educativas e dessa forma responsabilizar a comunidade europeia, digamos, pela formação dos seus cidadãos. Há aqui um papel importantíssimo que é uma responsabilidade do poder local nesta cidade educativa e o seu papel e a sua importância para que ela de facto seja implementada. É curioso partir desta ideia de uma cidade educativa, que tem uma relação com todas as suas vizinhas, e as suas congéneres possam de facto construir um país democrático e de facto humanamente mais rico e mais forte, que é uma responsabilidade muito interessante, que é tocar naquilo que é igual das pessoas das quais nos compete o contacto entre elas humanamente.

3. Conhece alguma Cidade que faça parte deste Movimento?

Com esta carta educativa algumas cidades que de facto já optaram, aquela que eu conheço melhor e o seu processo é Esposende.

... Além da situação de Esposende conhece mais alguma cidade?

Não, não conheço pelo menos que tenha feito um trabalho na cidade que tenha chegado às pessoas, eu acho que também deve haver comunicação. Em Esposende por acaso estava-se no Conselho Nacional de Educação e lembro-me que estavam lá a falar desta questão da cidadania e quando passei por lá vi os placares da cidade associei, então o que li sobre isto é isto, eles estão no projecto. Foi aquela comunicação visual que me levou a pensar, digamos assim em termos de cidade educativa, que me parece que vá ao encontro. Só espero que não sejam coisas pontuais e que não lhes dão corpo digamos assim organizativo nesta questão.

Mas digamos, não tenho presente de repente nenhuma cidade que esteja a trabalhar pelo menos em termos de comunicação neste projecto. É obvio que há cidades, concelhos, que no seu projecto educativo têm de facto a intenção de alguns traços, como aderentes ao movimento desconheço.

Aqui mais próximo temos Braga, Porto que já fazem parte há algum tempo...

Eu estava aqui a falar consigo e estava a pensar Braga, Braga, eu vivo lá há 10 anos e não me lembro de ter chegado nada a casa, como cidadão, até pode chegar ao núcleo, mas esta questão tem de ser um bocadinho mais abrangente, porque envolve todos aqueles que fazem parte integrante da vida da sociedade, como o caso de uma cidade, como tal acho que todos eles deviam ter sido chamados a participar nestas questões da cidadania. Agora complica-se, politicamente até podem de facto pertencer ao movimento, não conheço é nenhuma acção efectiva que me tenha chamado a atenção.

4. O que pensa sobre o movimento Cidades Educadoras?

Esta responsabilização da construção de uma Europa que começa nas suas cidades eu acho muito, muito interessante é pena penso eu que ... esta carta das cidades educativas não tenha sido trabalhada concelho a concelho, eu acho que se devia ter feito um projecto ... é um desafio para a Sandra ver quantos presidentes de câmara e quantos vereadores da educação neste país têm conhecimento ... em traços gerais do que é a carta das cidades educativas.

Nem fazem ideia que ela existe! A única coisa que sabem do Tratado de Bolonha é exactamente o que se trata a nível de ensino superior, de resto pouco mais do que isso. Portanto, assim sem acelerar se calhar é complicado que, digamos os responsáveis políticos, a quem se pede que tenham uma intervenção directa na sua política social, na sua política concelhia e da própria cidade, nunca vão agarrar o projecto que desconhecem totalmente. Estamos em 2006 e este último registo é de 2004 e já se falava nesta situação, sobretudo ao nível da cidadania, portanto e ... fala-se em alguns núcleos de normas, mas não se trabalhou a quem diz respeito efectivamente, mesmo em termos de escolas, ... instituições educativas, que têm obrigação de trabalhar portanto a cidadania, fazem-no mas fazem-no um bocadinho, digamos por hábito, dentro das suas disciplinas e do seu curso.

Não se fala tão exactamente nesses princípios!

Não se fala exactamente nesses princípios, a maioria deles desconhece, também faço um desafio - quantos professores haverá que dão cidadania e quantos é que conhecem a carta educativa, eu posso fazer a questão aqui na escola aos meus professores de cidadania e só um é que poderá conhecer! Carta educativa? Isso é aquilo que a câmara anda a fazer!

Portanto acho que falta aqui um bocado de comunicação sobre esta história!...

... Claro que isto é complicado porque há aqui uma confluência de interesses muito grande, mas é exactamente este conceito, a troca pode formar as pessoas e educá-las e tem essa responsabilidade, tudo o que se faz serve para dar conhecimento e para formar os seus indivíduos, que é interessantíssimo responsabilizar, envolvê-los que, quer queiramos quer não, são parte integrante e vão ser deseducados ou não educados ou aculturados por esta falta de responsabilidade, não é? E eu pergunto logo ... os nossos meios de comunicação são os principais responsáveis, deviam ser o principal canal nesta

cidade, se fizessem parte, se respeitassem os princípios acima de tudo?! Mas é coisa que não acontece, agora eu acho que se deveria discutir em termos sociais, numa primeira fase podia ser, porque não a Associação Nacional de Municípios, levantar esta questão, perguntar, proporcionar, ajudar ao conhecimento desta carta aos seus associados, no sentido de que eles implementem na sua política local estes princípios e organizem, sobretudo agora que se está a falar da reforma educativa, da reforma cultural, que se está a falar numa reviravolta, porque não pegar nestas linhas orientadoras, são linhas orientadoras que me parecem ser uma coisa extraordinária ...

Isto implica acima de tudo concertar as várias dinâmicas, os vários projectos, das diferentes instituições.

É a questão pedagógica em tudo aquilo que se faz, a Câmara tem um papel muito importante, porque hoje já não se pode dar somente entretenimento, porque a maior parte do entretenimento... as pessoas hoje sabem alguma coisa, quando se dá entretenimento tem que se lhes dar alguma formação. Esta responsabilidade que organiza, é aquilo que não existe ou pelo menos não se vê, aqui também é sempre ... uma questão complexa, não se vê mas está lá e quem a fez preocupou-se sobre a questão educativa e sobre esta parte pedagógica na construção do cidadão.

5. Tendo em consideração os princípios que regem o Movimento Cidades Educadoras: o direito de todos os habitantes a uma cidade educadora, desde a formação, entretenimento e desenvolvimento pessoal; o compromisso da cidade no saber encontrar, preservar e apresentar a sua identidade pessoal e complexa; a cidade ao serviço integral das pessoas; de que forma é que a instituição que representa pode contribuir para a viabilização da Cidade Educadora em Barcelos?

Pode contribuir muito e aliás eu acho que já contribuí de uma forma ou de outra. Pelas duas principais actividades, mas principalmente pela primeira actividade, eu acho que uma das responsabilidades de qualquer instituição, como é o caso da Empresa Municipal de Educação e Cultura, é logo à partida garantir a igualdade de oportunidades a todos aqueles que usufruem dos seus serviços e esse foi um dos pressupostos que me trouxeram aqui, garantir o acesso à formação de uma forma igual em que todos chegam cá com o mesmo ponto de partida e têm a formação feita efectivamente a pensar no ser pessoa, no ser homem, no ser cidadão, mais do que no ser técnico.

Acho que durante a década de 90 se discutiu muito a questão da formação técnica das pessoas e acho que se descuroi um pouco a formação pessoal, a formação do ser humano e cada vez mais a nossa comunidade e a nossa juventude. Vou falar da juventude até porque em 98 quando cheguei a dar os primeiros traços e a grande questão era se a juventude era sabida ou não, porque me intriga vê-los assim como um produto ... como era pressuposto ...isso é uma história do que é ser cidadão com todos os direitos, portanto esta questão da formação e também esta interpretação posterior da própria carta educativa faz com que o jovem seja de facto um cidadão activo e parte integrante dos objectivos principais portanto, quando nós trabalhamos com esses jovens, temos essa responsabilidade, de os preparar para a cidadania e prepará-los para a sociedade. Cada vez mais eles têm dificuldades em ser cidadãos, chegam-nos com o desconhecimento ou deformações do ser pessoa. Para mim, o cidadão é uma pessoa nesse bom sentido da palavra, quase não encaixa nos parâmetros de uma sociedade futura, de uma sociedade nos dias de hoje, e então nós temos essa responsabilidade logo à partida ... Um dos objectivos de uma instituição como esta é criar condições, criar os trabalhos, criar uma série de intervenções e de actividades que ajudem a formar e a educar digamos os nossos jovens. Esse é um dos papéis importantes que temos na nossa cidade. Por outro lado, também é na parte cultural nossa obrigação disponibilizar aquilo que temos de bom, a nossa riqueza enquanto comunidade, com história, com o seu património, com a sua telepatia, com as suas raízes, prepará-las e apresentá-las de forma a que os nossos jovens e a população em geral cresça educativamente e digamos adquira conhecimentos sobre a sua própria identidade. No fundo, é ajudar a descobrir esta gente toda que no fundo são diferentes entre iguais, digamos assim, e este reforço de singularidade entre digamos esta pluralidade é das coisas mais bonitas que a Empresa Municipal pode fazer,

agora pode-me perguntar, acha que consegue realizar ou conseguiu realizar esse trabalho? Há tanto a fazer!

É um percurso muito longo!

É um percurso muito, muito longo, mas uma coisa é certa, nós temos sempre esta presença, às vezes não estamos é acompanhados por instituições ou de outras entidades que pensem da mesma maneira. E pelo contrário muitas vezes acabamos por ajudar à formação ou à cultura em vez de estarmos a... andamos a aculturar e a contribuir para o desenvolvimento ... Acho que a responsabilidade neste momento no plano educativo, da formação social e da cidadania, ... enquanto as políticas não forem para ajudar o homem a ser melhor e a mulher melhor, alguma coisa está mal!

É curioso ... ter que reflectir sobre esta questão das cidades educadoras, de facto nem sempre foi assim, nós costumamos dizer que ninguém dá aquilo que não tem muito menos aquilo que desconhece! Essa é a nossa responsabilidade, se queremos que uma cidade seja de determinada maneira temos que melhorar o conhecimento dessa determinada maneira, não há outra forma, não há!

6. Face a estas considerações, que benefícios considera possível conseguir, para a instituição e comunidade em geral, com a eventual adesão de Barcelos ao movimento das Cidades Educadoras?

Cada jovem que esteja em situação de desenraizamento, qualquer jovem que esteja numa situação de aculturação, qualquer jovem que esteja numa situação de desinformação ou mesmo de ignorância, sempre que nós façamos, fazemos chegar algum objectivo quer de formação, quer de conhecimento, quer de enraizamento, quer de bem-estar, quer de se tornar um cidadão melhor, é uma mais valia. É um objectivo conseguido!

É isso que procuram?!

É isso que procuramos!

7. Com a implementação da Cidade Educadora, em Barcelos, que dinâmicas ou projectos socioculturais poderiam surgir, promovidos pela instituição que representa?

Uma situação prevista e que vou tentar avançar este ano lectivo, ano civil, não sei, que é de facto alargar um pouco mais, por exemplo, as actividades extra-lectivas que ocorrem no 1º ciclo. Eu, geralmente, entendo que as actividades extra lectivas no 1º ciclo não se devem reduzir ao inglês, à educação física e às artes plásticas, mas devem ir muito mais longe, porque eu não hei-de ter um grupo de módulos, em que tenho desde yoga, desde aeróbica, desde aprender música, desde fazer fantoches, desde artes plásticas, em que o aluno durante 3 ou 4 anos vai passando por estas fases todas, porque eu não hei-de dar isso extra-lectivo ao aluno em vez de lhe estar a dar só uma situação. Acho que temos que ajudá-lo a ser um bocadinho melhor, mas mais do que isto que é essa a grande aposta de estarmos nesse projecto, que é pedir de facto gente especializada que, conjuntamente connosco, nos oriente também nesta luta pela cidadania, um dos grandes problemas do nosso concelho, e aqui é um bocadinho mais lata a capacidade, porque o nosso concelho é extremamente rural, são efectivamente os problemas familiares dos jovens, são estes que me preocupam. Há de facto aqui e isto faz com que os miúdos se desenraízem e mais do que isso tenham algumas deformações em termos de conhecimento da própria, da própria cidadania. É preciso fazer um trabalho a esse nível, ao nível das famílias no sentido de as envolver nesta luta de ser melhor cidadão, de pertencer digamos a um grupo, a um grupo que quer ser melhor, que quer viver em pleno os seus direitos e de facto ter as suas obrigações também, em que todos se dão bem uns com os outros, isto no fundo é à procura da cidade ideal! Mas tudo aquilo que possamos fazer para melhorar, eu costumo dizer, se não sonhamos com algo ideal dificilmente nos aproximamos dele...

Não vamos estar agora a dizer, ai vou para aqui porque sei que por esta é impossível! Eu acho que este trabalho nesta questão da família, porque uma das coisas da carta das cidades educativas, acho que devia dar um papel mais importante à família, eu acho que passou um bocadinho ao lado, se calhar porque não está na moda, mas vai

ter que estar porque todos os grandes problemas que nós temos neste concelho vêm digamos de dentro da própria família. Então podemos chegar à conclusão que as famílias são a primeira fonte educadora porque sempre foram e têm quer continuar a ser e se as perturbações, as deformações e o desenraizamento, e a sociedade civil de determinada cidade, de determinado concelho vai ter problemas e há coisas que nenhuma instituição pode fazer e dá a sensação que muitas vezes nos esquecemos deste pormenor, há coisas que por muito boa que seja a sociedade, por muito perfeita que seja, por muito interessante que as pessoas trabalhem na cidade educativa, nunca conseguem chegar lá.

8. Indique acções que considere importante concretizarem-se, ao nível municipal, com a adesão ao movimento das Cidades Educadoras, que possam contribuir para o desenvolvimento e melhoria da qualidade de vida dos habitantes.

Há tantas coisas que se podem fazer, alfabetização, mais autonomia, é o primeiro ponto. Segundo, ensinar as pessoas a viver em comunidade, proporcionar o convívio, partilha de experiências, procurar referências, aliás nós como ser humanos e como animais somos como macacos, gostamos de imitar e se termos a sorte de imitar os que são bons ainda vamos a algum lado, se imitamos aqueles que são maus, não vamos a lado nenhum, ainda fazemos pior porque a imitação, abrindo algumas excepções, é sempre um bocadinho pior que o original! Portanto, é um bocado isso, quer dizer, quando imitarmos uma coisa que é má ainda somos mais maus, quando imitamos uma coisa que é boa temos a possibilidade de fazer uma coisa melhorzinha!

Acho que a própria carta das cidades educativas refere que é esta partilha com outras cidades e com outras sociedades, com outras pessoas, no sentido de em conjunto melhorarmos todos, eu acho que vivemos no início do século, mas terminamos um século um bocadinho egoístas, um bocadinho isolados, um bocadinho refugiados na nossa vida, no nosso dia a dia, e que se vai revelando na necessidade de partilha e de encontro, porque as pessoas vão descobrir que é impossível, que é completamente impossível viverem refugiadas, completamente isoladas do resto do mundo. Portanto, acredito efectivamente que nós combatendo o analfabetismo, intervencionando directamente no seio das famílias, concebendo acções que podem ir de uma série de actividades, desde a adaptação às novas tecnologias, o acesso às novas tecnologias, desde o desporto, acho que o desporto tem um papel importantíssimo e a prova disso é quando as pessoas estão à volta de uma selecção, como uma equipa de futebol, conseguem de facto viver um período digamos de partilha muito interessante, de cultura muito, muito interessante. Proporcionar, digamos fazer uma pré-selecção das nossas raízes e divulgando, formando sobre elas não de uma forma aleatória mas de uma forma consistente, de uma forma trabalhada, no sentido de não transformar aquilo que contemos em pleno entretenimento, mas numa situação de aprendizagem. Acho que a esse nível que é muito importante e depois sendo nós um concelho tão rico, sendo nós um concelho em termos de tradição, em termos de tradições, de histórias, de artesanato tão forte e tão poderoso, acho que o nosso papel, aqui também é no fundo analisar, ver a importância que o próprio concelho, que a própria terra tem no cidadão desta cidade ou deste concelho. Mas se por exemplo, eu estava agora aqui a reflectir, o cosmos de cada ser, é também a ligação do cosmos ao ser, é um bocadinho de determinismo é um bocadinho de tanta coisa! E se nós pudermos accionar alguma coisa nesse todo que enriqueça e faça melhorar ... é a vida dentro dele, é a nossa relação.

9. A título conclusivo e de acordo com esta realidade e o trabalho que tem desenvolvido em prol da comunidade, indique-nos a forma de intervenção e animação sociocultural, que entende mais correcta.

Já fui dizendo, é sempre aquela que mais contribui para o bem-estar da comunidade. Infelizmente hoje ainda há muitos que (só vou fazer este parênteses, eu hoje fiquei completamente aparvalhado com uma menina, com um grupo de crianças, já são crescidas, tem 13, 14 anos e nunca tinham saído de Barcelos, e o mais fantástico é que ao conversar com eles, o conceito que lhe dão, quando se fala em conceito universal das coisas ...) ainda não é uma realidade absoluta e de facto há gente que nunca foi ao teatro, que nunca foi a um estádio de futebol, por incrível que pareça, há gente que nunca

teve uma aula de aeróbica, nunca fez yoga, não sabe o que é yoga, não sabe o que é tai shi, nunca foi a um ginásio, nem sabe o que é isso. Não faz sentido, tudo aquilo que uma organização de uma cidade moderna, que de facto tem como principal preocupação que é a educação, que é garantir o futuro, tudo o que faça, que possa de facto melhorar a expressão, a criatividade, a paixão pela sua terra e pelo seu vizinho, pelo seu próximo, tudo aquilo que nós possamos fazer que permita a liberdade de expressão, tudo aquilo que permita as pessoas conseguirem mostrar aquilo que sentem, aquilo que as realiza, aquilo que as faz sentir bem, é o melhor, é sem dúvida alguma o principal objectivo de qualquer actividade que se possa fazer. Acho que esse é o caminho correcto. Fazer uma actividade, quando no final a gente sai de lá e não acrescentou nada à sua expressão, não acrescentou nada à sua maneira de estar, não ajudou a despertar coisa alguma, não evoluiu, esse de certeza absoluta que não é o caminho correcto, é como ler um livro e no final não tirar nada, absolutamente nada. Portanto, o caminho correcto passa um bocadinho por aí é entrar para abrir a porta, não para a fechar.

Acha que é por aí que devemos intervir ao nível da animação sociocultural?

Eu acredito que sim.

O que considera ser Animação Sociocultural?

Eu, para mim a animação sociocultural é mesmo isso, é mesmo aquela que tem na sua intervenção, nas pessoas, no sentido de as abrir, à sua expressão e à sua participação activa na comunidade. A ASC faz-me lembrar aprender matemática, ... dá a sensação vamos aprender pela brincadeira, hoje usa-se muito e tem um papel muito importante, mas a brincadeira é uma forma de expressão, em que cria uma predisposição para alguma coisa e então ao criar essa predisposição cria uma série de conhecimentos, de tranquilidade, sei lá uma melhoria da sua vida activa. A ASC deve ter essa função.

... Aliás na degradação, o principal problema é uma das coisas que me deixou completamente de boca aberta e que me fez reflectir bastante sobre esta questão é reconhecer esta realidade e ver que o principal problema da nossa sociedade hoje em dia ... e por muitas voltas que se dê eu continuo a dizer que, essa célula que não há, há pouca gente a olhar para ela, e a criar estruturas sociais fora dela, não há um núcleo de acção directo, eu já ouvi colegas a falarem de família e sobre uma série de estruturas de apoio à própria família, etc. E é verdade que algumas vão surgindo e até vão tendo bons resultados, mas não há um núcleo efectivo que vise essa célula tão importante na nossa sociedade educativa, e a prova disso é que eu agora fiz um levantamento pelo concelho para criar de facto uma estrutura de apoio psicológica aos nossos alunos e os principais problemas são sempre de acompanhamento familiar, pouca participação na vida escolar dos filhos, elevada taxa de absentismo, escassez de recurso materiais e humanos, deficitária articulação entre estruturas, alunos, famílias, instituições, baixa auto-estima e auto-confiança dos alunos, desinteresse dos alunos pelas tarefas escolares, baixa escolaridade dos pais, fraca disponibilidade dos pais, negligência parental, famílias disfuncionais, pais separados, crianças abandonadas pelos pais e entregues aos avós, drogas, alcoolismo, graves carências económicas, desemprego, falta de condições de habitação e higiene. Tudo isto está aqui numa sociedade, numa cidade educativa ou num concelho educativo como queira chamar, tudo isto tem que ser visionado, tudo isto tem que ser pensado, sem falar na importância da Animação Sociocultural, que é aqui que ela tem que evoluir, é aqui que ela tem o seu valor. Quando se resolver esta questão, quando se trabalhar a pensar nisto, a relação entre família, filhos, família, instituições, uma das questões da análise de facto é que não existe qualquer articulação entre as estruturas de organização educativa aos alunos e às outras instituições. Ora isto numa sociedade educativa, esta comunicação tem que ser directa, funcional e tem que existir. Não pode, não pode, eu não posso chegar à conclusão que tenho no concelho 120 meninos que, por falta de articulação, estão desenraizados, estão digamos desligados da sua formação social, isso não posso deixar acontecer. Portanto, e eu acho importantíssimo e é aqui de facto que vocês, vocês Animadores Socioculturais têm um papel importantíssimo e nós como instituições, que de facto fazem parte integrante desta cidade e desta sociedade, e nestes casos enquanto vocês se dedicarem a festas!

Digamos que é intervir na base!

Digamos que é triste, mas nós lamentavelmente!

Este tipo de intervenção tem que ser local, não podemos trabalhar estas questões distantes da realidade, quando eu digo distantes num meio mais central.

Se quer apontar é uma das vantagens de uma possível cidade educativa, que é localmente intervir, é isso que ela apela, um dos objectivos é esse, é não passar do centro para a comunidade mas passar da própria comunidade, a comunidade vai melhorando, a comunidade melhora aqui, depois em relacionamento com outras comunidades, com outras cidades, vão melhorando no sentido de no final termos um país e uma Europa diferente mais cidadã, mais humana até, esse é que é o trabalho. Agora isto é um trabalho muito exigente, que exige de facto uma ocupação e uma visão de futuro muito, muito grande, isto é muito bonito escrito, há grandes estudos mas isto tem que se lhe diga por muito que qualquer instituição e que todas as instituições façam tem sempre mais a fazer.

Por exemplo, um problema de desconexão, o miúdo precisava de ter um programa específico, mas se calhar o melhor é mandá-lo para uma outra escola de deficientes, ou disto ou daquilo, não tem capacidades para ir mais longe. Repare, já não é só a instituição que faz, mas são os próprios cidadãos que não estão envolvidos no processo. Este trabalho não é só, é preciso um autêntico círculo, mas que ninguém sabe onde acaba, nem onde começa, mas que andamos todos ali à volta. Portanto, isto tem que se fazer muito por ele mas também tem que partir da política local, tem que partir de algumas das instituições, de poderem apelar e trabalhar neste sentido junto das comunidades. Depende de muitas instituições, desde as famílias, os pais. Esta célula família é a pedra angular, de qualquer sociedade, e por muito que me digam que, já ouvi algumas vezes, o conceito de família está ultrapassado, estão completamente errados o conceito de família nunca esteve tão forte. E essa célula tem obrigatoriamente que ser pensada, trabalhada ao mais alto nível, ao mais alto nível! Pensa-se nas mães que têm filhos solteiras, estão abandonadas e não têm ninguém, pensa-se numa série de situações mas não se vai à base. Tenta-se dar resposta a um problema que surge ali e que está a dar nas vistas mas a formação base não é, não está a ser trabalhada, bem como a cidadania, desde o pré-escolar até ao 1º ciclo, tem que ser trabalhada ao mais alto nível e durante toda a vida.

Agora vá ver quantos formadores, que era aquilo que eu lhe dizia no início, ou professores ou responsáveis por transmitir algum conhecimento, ou despertar interesse pelo conhecimento, estão preparados para esta nova sociedade. Não estão! Portanto o trabalho é muito muito intenso a esse nível e há muito para fazer, eu acho que há coisas que se podem fazer imediatamente, eu acho que se devia pensar objectivos estratégicos a curto, médio e a longo prazo, e continuarem sempre atentos no sentido de poderem ajustar conforme a sociedade vai pedindo, porque uma sociedade pode levar gerações a mudar o seu estado de vida e a sua forma de estar e a sua forma de pensar, e há coisas que têm que ser preservadas e têm que ser trabalhadas, continuo a dizer, eu acho que um dos objectivos principais é fazer uma análise de facto a essa célula e ver como se pode intervir nessa célula, depois uma análise naquilo que é oficialmente responsável pela formação, que são as escolas, os ATL's, que são as universidades, que são as escolas secundárias, e fazer uma reflexão sobre aquilo que efectivamente, enquanto formação de cidadania, enquanto formação do cidadão, enquanto formação do homem, da pessoa, se pode fazer. E depois, em comunidade, ver aquilo que de facto podemos fazer para reforçar toda essa aprendizagem, todo esse conhecimento. Eu dou-lhe um exemplo, eu nunca fui bom a línguas, exactamente porque falhou ali alguma coisa, não é por acaso que a formação a inglês se tornou tão importante, logo de pequenino temos que formar, já o meu pai dizia "ovelha que nasce torta há-de morrer torta", são daquelas coisas que eu acho que a aprendizagem dos séculos, não é depois do problema estar instalado, é obvio que temos de ter recursos, instrumentos, para poder combater esse problema, mas prepararmo-nos para entrar! Eu continuo a dizer, pelo ser que somos, pela nossa animalidade, o exemplo é uma coisa notória, se nós imitarmos o mau seremos um bocadinho mais maus do que eles, porque a imitação nunca é tão boa como o original, se imitarmos alguma coisa de bom provavelmente saímos-nos um bocadinho melhor, não é

por acaso que esta proliferação de sentimentos e emoções humanas, as seitas e todas essas coisas que envolve, essa proliferação crescente, tem a ver com isto, não é? Eles dão respostas, tentam dar respostas que nós devíamos ter na formação das pessoas, não é? Eles estão ali, venham cá que nós tentamos resolver, é esta exploração e não outra forma, e uns vão atrás dos outros, porquê? Porque não há digamos um trabalho e o nosso concelho é notório, ao nível da alfabetização é grave, o alcoolismo... O problema é que se trata de um problema de gerações, apagar uma coisa destas tem que ser na raiz.

2.2.3. Entrevista com Manuel Reis, Presidente do Círculo Católico de Operários de Barcelos

Entrevista realizada no Gabinete da Juventude da CMB, no dia 14 de Setembro de 2006.

1. Indique, por favor, o percurso e principal actividade da instituição que representa.

Como sócio da Associação sou há cerca de 40 anos... Em 1990, quando após uma paragem do Círculo Católico, (esteve encerrado devido a diversas vicissitudes que atravessou) foi criada uma comissão administrativa e a partir daí assumiu uma nova direcção, com novos corpos gerentes, com um núcleo efectivo, na altura fiz parte dos corpos gerentes, depois deixei de fazer parte, fiquei na assembleia-geral. Em 2001, convidaram-me para fazer parte dos corpos gerentes da instituição na qualidade de presidente da mesma e continuei até ao momento actual, 2006. Foi um trajecto, tem sido aliás um trajecto dinâmico, engraçado, bem disposto, com uma equipa de trabalho também colaborante. Fizemos diversas remodelações na instituição, no edifício sede, criaram-se espaços para teatro, para um grupo vocal, para uma banda que é a Banda do Galo e o grupo vocal que é As Vozes do Cávado, criou-se um lugar que já existia mas foi remodelado, para permanência de diversos associados e até talvez se possa considerar um ATL da 3ª idade em Barcelos e que realmente não existe na cidade, no Inverno estas pessoas não tem realmente onde permanecer e o Círculo Católico adaptou...

É um espaço central, está bem situado!

Geralmente para a 3ª idade e não só, mas especialmente durante o dia para a 3ª idade, à noite, neste momento já começa a ter alguma juventude, talvez aos fins-de-semana se juntem mais. Temos procurado que a juventude adira à instituição mas é muito difícil.

É mais frequentada então por pessoas a partir de que idade?

60 anos, uma média será a partir dos 50 anos para cima.

E são mais pessoas do sexo masculino?

Do sexo masculino, mas de todas as classes sociais, média alta. É um espaço de convívio permanente.

2. Já ouviu falar no Movimento Cidades Educadoras?

Não estou a ver, a verdade tem que ser dita, não vale a pena estar a criar subterfúgios.

5. Tendo em consideração os princípios que regem o Movimento Cidades Educadoras: o direito de todos os habitantes a uma cidade educadora, desde a formação, entretenimento e desenvolvimento pessoal; o compromisso da cidade no saber encontrar, preservar e apresentar a sua identidade pessoal e complexa; a cidade ao serviço integral das pessoas; de que forma é que a instituição que representa pode contribuir para a viabilização da Cidade Educadora em Barcelos?

A instituição de persi já está integrada, propriamente os parâmetros da cidade educacional, pois os seus estatutos apresentam já todos os parâmetros propriamente ditos das cidades educacionais, pois que já da sua instituição, os seus estatutos são de 1903, altura em que foi criado o Círculo Católico. É uma instituição centenária e que, por coincidência, foi sob a minha presidência que fizemos a comemoração do centenário. Correu muito bem, tivemos a adesão de muitas autoridades, desde o Sr. Arcebispo de

Braga, do Sr. Governador Civil de Braga, Sr. Presidente da Câmara, Junta de Freguesia, Ministério da Cultura, INATEL, tivemos uma adesão total das autoridades, não só citadinas como governamentais, e a cooperação, vá lá passemos a palavra, das nossas instituições barcelenses que compareceram, e não só barcelenses como as do Porto, de Vila do Conde, que são as cidades onde ainda existem Círculos Católicos, que é Porto, Barcelos e Vila do Conde. Porto tem neste momento 106 anos, Barcelos com 103 e Vila do Conde fez o centenário o ano passado, tem agora 101 anos.

São as mais próximas?

São as únicas existentes no país.

Foram criadas mais ou menos na mesma altura e porquê especificamente nesses locais?

Só existiam em Portugal cerca de 60 Círculos Católicos, o primeiro foi o do Porto, foi o primeiro que começou, envolvendo empregados domésticos, desde costureiras, marceneiros, artífices da época e o movimento revolucionário também da época, entretanto criaram as lutas sindicais iniciais, liberais, enfim aquela questão toda, a história da movimentação da época, de revolta industrial, do desejo de realmente haver, terminar o feudalismo, começar realmente com a classe operária a ter os seus direitos. Entretanto, depois os movimentos políticos aderiram ou criaram os Círculos Católicos, a igreja, os sacerdotes começaram a conseguir também, foram também os iniciadores, eram apologistas da renovação da igreja, na altura o Papa Gregório XIII, começaram os horários de trabalho, realmente terminou até certo ponto, não digo a escravatura mas quase, era trabalhar de noite e de dia, era o feudalismo total. Os Círculos Católicos nasceram nessa época e os seminários, não só por Portugal mas também pelo estrangeiro.

Tentei contactos de Círculos Católicos no estrangeiro, mas não consegui, sei que existem, mas poucos. Em Portugal existiram bastantes, Braga, Viana, Vila do Conde, Famalicão, Guimarães, muito no Norte.

Mas poucos se conseguiram manter como o vosso?

Porque tínhamos sede própria, o nosso tem sede própria, Vila do Conde tem sede própria e Porto também, de maneira que são os que se mantiveram.

Portanto, resumindo, todas estas instituições tiveram um objectivo... tem a ver com os estatutos, contribui deste modo para a viabilização da Cidade Educadora em Barcelos. Resumindo uma coisa muito simples, no primeiro objectivo os Círculos Católicos visam o bem-estar dos trabalhadores em cooperação com os serviços públicos competentes e com as instituições particulares num espírito de solidariedade humana, na questão cultural e social. Portanto, está tudo muito relacionado, depois tem realmente os seus objectivos, que a instituição propõe desenvolver acções formativas baseado nos direitos fundamentais da pessoa humana, de harmonia com a doutrina da igreja, valorização profissional, sólida educação, maior realização pessoal, colaborar com todas as instituições no apoio social às famílias, implementar a cooperação entre a família, a escola, a comunidade. É tudo isto que faz referência à cidade educacional. E depois apoiar a 1ª infância através de infantários, jardins-de-infância e acções similares, apoiar a juventude, promovendo o ingresso no mundo do trabalho, designadamente valorizando a sua qualificação profissional através de cursos de formação, designadamente em áreas produtivas deste concelho, apoiar a 3ª idade através de acções de convívio, apoio domiciliário, apoio habitacional, e todas as acções que se destinam a valorizar e a humanizar a sua qualidade de vida, promover culturalmente a população do concelho, mormente através das áreas da música, do folclore, do cinema, fomentar a actividade de lazer e jogos tradicionais, fomentar e apoiar o intercâmbio entre associações e centros de convívio, de cultura dos barcelenses, dispersos pelo país e pelo mundo. Ter sempre presente o espírito da convivência, da solidariedade social, como factor decisivo de trabalho comum, tendente à valorização integral dos indivíduos, das famílias e de mais agrupamentos da comunidade barcelense, que é uma instituição relevante, devendo como tal proporcionar com respeito e com liberdade de consciência e de Educação Moral,

Religiosa, Católica não permitir actividades que se oponham aos princípios que estão definidos.

Estes parâmetros estão realmente condizentes com os princípios deste movimento.

6. Face a estas considerações, que benefícios considera possível conseguir, para a instituição e comunidade em geral, com a eventual adesão de Barcelos ao movimento das Cidades Educadoras?

Seria talvez não só a instituição, mas considerar a instituição comum com a cidade em geral com a comunidade, seria talvez o testemunho das cidades que já fazem parte do movimento, fazendo uma inserção, dando um testemunho na cidade de Barcelos, talvez com fóruns, com diversos eventos que ajudem a promover dentro da cidade o movimento.

Nas aldeias, na periferia da cidade, talvez seja fácil realmente haver uma consciencialização maior do que na cidade, a cidade neste momento tenho a impressão que é mais um dormitório, a cidade não tem pólos onde se possam reunir as famílias, existe o Círculo Católico, mas não tem neste momento a aderência que deveria ter, dentro do Círculo Católico não vejo realmente um público cultural, era preciso chamar as famílias e as pessoas para realmente se juntarem. Talvez se consiga, se conseguisse uma instituição que desse início à base família, tem que ser a família, quer queiramos quer não. Fruto talvez do nosso tempo, talvez excesso de liberdade, comodismo, bem-estar momentâneo, tem sido até ao momento, embora hoje já haja mais ponderação na política, a população em si entrou num caminho, diria de gastos, deixou de haver o lugar do pé-de-meia, a contar com o dia de amanhã, se houver uma doença, é o caminho do gasta, utiliza, deita fora. Não se preocupam com o dia de amanhã, resultado, a família começou a ser destruída. Antigamente, era mais uma família matriarcal, a mãe, que tratava dos filhos, que os acompanhava. Hoje se não houver um cartão de visita, um bom carro, uma casa, não importa que se passe fome, que haja lugar à prostituição, à droga, a base família, a base educação desapareceu. Quando conseguirmos que a família seja realmente a base da sociedade então teremos o voluntariado, teremos o associativismo.

Uma coisa que se perdeu também, infelizmente, foi o respeito, o pai e a mãe é bom enquanto dá, quando fez 18 anos e os pais fizeram o possível e o impossível para dar um curso, eles muitas vezes fazem gastos supérfluos, estão virados para a droga, para outros caminhos e os pais estão a fazer sacrifícios. Não sabem qual é a razão porque o menino ou a menina chumbou, a menina ou menino entrou em casa às 6 da manhã e às 7, se vem embriagado ou se não vem! É a família que está a faltar, enquanto as instituições de solidariedade servirem só de fachada não se faz nada.

Eu falo assim, sou talvez um bocadinho duro a falar mas tem que ser!

7. Com a implementação da Cidade Educadora, em Barcelos, que dinâmicas ou projectos socioculturais poderiam surgir, promovidos pela instituição que representa?

Seria mais para o saber estar em família, renovar os laços de família, os laços de amizade, renovar de vizinhança, de amizade, que neste momento não só em Barcelos, mas tenho a impressão, em quase todas as cidades, são colmeias humanas, em que o vizinho do lado direito não conhece o vizinho do esquerdo. Uma coisa que eu fui habituado quando era menino, jovem, era de entrar em qualquer lado e fazer a saudação.

Algumas instituições realmente na época e que hoje continuam, embora estejam a querer destruí-las, eram os Bombeiros, soldados da paz. Eu fazia parte dessa instituição, era uma instituição que na época, na minha juventude, a associação necessitava de meios para comprar as viaturas, material contra incêndios, então nós organizávamos bailes para angariar dinheiro, havia realmente um ideal, hoje a nossa juventude não tem ideal, as nossas famílias não têm ideias. Quer ser melhor que o vizinho, quer ser melhor que o primo, que o tio. Os voluntários que ainda existem nessas instituições são praticamente ignorados, os soldados da paz como nós chamamos são ignorados. As Associações de Socorros Mútuos que existiam, as sociedades recreativas e culturais, onde se juntavam as famílias, onde se fazia teatro, e a juventude, talvez porque não tinha as facilidades que hoje têm. Quando uma sociedade termina com uma disciplina Moral e

Cívica perdeu todos os seus alicerces, as suas bases para o humanismo. Hoje em dia as nossas instituições de solidariedade social são autênticos armazéns da 3ª idade, os filhos não se incomodam absolutamente nada com o pôr o pai no caixote! Vai visitá-lo se lhe apetece, se não lhe apetece não vai, não importa se o pai ou a mãe sofre, se lhe tiraram o seu cantinho onde ela poderia estar ali sossegadinha!

Falta-nos a auto-estima, devíamos ter o cuidado de olhar para os nossos avós, para os nossos pais, quando morre mais um idoso perde-se mais um livro da faculdade a vida! Um idoso seja culto ou não seja é um livro aberto!

Efectivamente, este movimento de cultura, de cidades, se for interpretado desta maneira, se se conseguir que realmente haja lugar para a palavra amor, é a palavra que eu costumo utilizar muito, embora não consiga definir a palavra, eu não consigo realmente definir a palavra amor, mas sei que quando ela existe, existe uma continuidade de bem-estar que se passa e procura-se sempre fazer ao outro muito ou mais do que aquilo que queríamos que nos fizessem a nós!

8. Indique acções que considere importante concretizarem-se, ao nível municipal, com a adesão ao movimento das Cidades Educadoras, que possam contribuir para o desenvolvimento e melhoria da qualidade de vida dos habitantes.

Neste momento, pelo menos do meu conhecimento começando por vós aqui assim estão todos ligados à cultura, à juventude e procurais que realmente haja uma uniformidade dentro da cidade, e que essa mesma continue a trabalhar com os outros departamentos não só para a juventude como para a 3ª idade e para o viver da comunidade, que participem todas as instituições e todos os estados, quer sociais, quer caritativos, quer educacionais, todos com a mesma preocupação que é a educação, a comunidade.

9. A título conclusivo e de acordo com esta realidade e o trabalho que tem desenvolvido em prol da comunidade, indique-nos a forma de intervenção e animação sociocultural, que entende mais correcta.

Seria realmente o que nós falamos, conseguir que os eventos, os eventos que porventura tenham existido no início desta associação, que está a procurar realmente o bem-estar da comunidade nas cidades que já estão inseridas no movimento, porque isso é sinal, que contribuíssem com o seu testemunho inicial, aquilo a que se propõem, que já têm feito e que dêem o testemunho a estes que estão a iniciar, tem que se dar algo. Para conseguir que a comunidade em si prossiga esse ideal e queira acompanhar efectivamente a mudança estrutural da vida, a humanização.

Sei lá pode parecer um bocadinho da velhice mas que fazem parte, eu recordo na altura de menino e moço, uma sociedade totalmente diferente da actual, todas as carências da época criaram uma auto-defesa de procurar realmente viver o melhor possível mas tinha que se estudar, senão era trabalhar... porque havia realmente uma família, havia a avó que tomava conta dos netos, tudo isto se reflecte realmente naquela pirâmide, na pirâmide família que é a base, se nós conseguirmos que essa pirâmide funcione será muito mais fácil a riqueza, o bem-estar de todos!

2.2.4. Entrevista com Augusto Vilas Boas, Presidente da Junta de Freguesia de Góios

Entrevista realizada na Escola Secundária de Barcelos, no dia 2 de Outubro de 2006.

1. Indique, por favor, o percurso e principal actividade da instituição que representa.

A Junta de Freguesia tem como principal finalidade preservar toda a freguesia quer em termos fisco, embora tenha funções pré-definidas como instituição, nomeadamente a inventariação de tudo o que era da freguesia, preservação de todos os locais públicos, embora essa preservação e essas responsabilidades são bastante restritas, podendo

depois fazer-se alguns protocolos com a Câmara onde são feitas transferências de competências, nomeadamente para a preservação de caminhos municipais e de estradas municipais e quem diz as estradas diz também o património escola, que embora seja da responsabilidade da Câmara, normalmente por transferência de competências passa para as Juntas de Freguesia. É assim resumidamente.

2. Já ouviu falar no Movimento Cidades Educadoras?

Já, já ouvi.

3. Conhece alguma Cidade que faça parte deste Movimento?

Aquilo que eu li, na altura era Lisboa e sei que também faz o Porto e outras cidades dos arredores de Lisboa, mas não sei precisar, penso que Cascais, Sesimbra, sei que há ali um lote de cidades dos arredores de Lisboa que também fazem parte.

4. O que pensa sobre o movimento Cidades Educadoras?

É acima de tudo uma grande vantagem em termos educacionais e culturais, em termos de visão do aumento de perspectivas por parte das instituições e das pessoas.

5. Tendo em consideração os princípios que regem o Movimento Cidades Educadoras: o direito de todos os habitantes a uma cidade educadora, desde a formação, entretenimento e desenvolvimento pessoal; o compromisso da cidade no saber encontrar, preservar e apresentar a sua identidade pessoal e complexa; a cidade ao serviço integral das pessoas; de que forma é que a instituição que representa pode contribuir para a viabilização da Cidade Educadora em Barcelos?

Desde já manifestando abertura e colaboração para trabalhar num projecto desse âmbito, depois embora seja uma instituição algo limitada em termos de capacidades, mas sei lá estou-me a lembrar do caso, de dar a conhecer o passado um bocado da freguesia, nomeadamente através do artesanato tipo de Góios, que podia ser através de um Atelier do artesanato que é a tecelagem de penas, podia ser uma forma de enfim dar a conhecer às outras pessoas aquilo que de mais significativo ou o que se fez de mais significativo no passado em Góios. Podia ser, não sei, uma actividade nesse âmbito, poderia ser um dos contributos em termos culturais, no fundo tentar recriar um bocado o passado. Quem diz isso, sei lá outra forma, embora não seja directamente com a Junta de Freguesia, poderia ser tentar recriar algumas actividades do passado, como foi feito à pouco tempo em Góios, mas podíamos transferir isso para a cidade e poderia estar acessível a qualquer pessoa. Estou-me a lembrar concretamente da recreação de uma malhada ou de uma desfolhada antiga.

Portanto considera que esta dedicação ao artesanato, à recreação daquilo que tem mais identidade no concelho se insere também nesta questão educativa e da formação da comunidade?

Eu acho que é importante que as pessoas percebam o passado, ou compreendam o passado para poderem compreender o presente, só assim é que compreendem algumas das alterações e comportamentos que existem hoje e podia ser uma forma, aliás não estou a ver muito em termos de instituição de que outra forma poderia contribuir. Sinceramente pode existir mas não estou a ver!

6. Face a estas considerações, que benefícios considera possível conseguir, para a instituição e comunidade em geral, com a eventual adesão de Barcelos ao movimento das Cidades Educadoras?

Acima de tudo haveria necessariamente um aumento de participação ou era importante que houvesse um aumento do índice de participação das pessoas, directamente nas actividades que fossem desenvolvidas e além disso haveria nomeadamente uma abertura para outras questões que deveriam ser desenvolvidas e integradas nessa cidade educadora. Portanto, acima de tudo seria uma grande vantagem em termos culturais, em termos de visão do aumento de perspectivas por parte das pessoas.

7. Com a implementação da Cidade Educadora, em Barcelos, que dinâmicas ou projectos socioculturais poderiam surgir, promovidos pela instituição que representa?

É assim, não sei, sinceramente não sei que projectos, a instituição em si é como eu fui dizendo não tem grande capacidade, primeiro os recursos humanos são extremamente diminutos passam por três membros, as condições materiais, também não há grandes recursos. É assim, além da possibilidade de dar a conhecer um passado e com esse passado tentar perceber o presente eu não estou a ver assim muito mais contributo, que possa ser dado por parte da instituição em si. Não sei, sinceramente não sei que outro tipo de contributo possa dar sinceramente, eu não sei.

Um dos objectivos deste movimento é no fundo unir esforços em prol da formação, do desenvolvimento das comunidades, procurar que as acções não surjam pontualmente de uma instituição, por exemplo da Câmara, mas que o Centro de Saúde, os Escuteiros ...

E aí a instituição Junta de Freguesia e nomeadamente a população poderia ser mais receptora, funcionar mais como receptora para essa situação, porque em termos de capacidade de formação para apresentar algumas actividades não estou a ver essa possibilidade, sinceramente, a não ser tentar um bocado recriar aquela situação que eu já referi, além disso é complicado!

Ou participar em acções...

Exactamente, teria mais um papel em termos de receptora dessa mesma formação e informação e não formadora num papel formador seria mais difícil, num papel receptor, de informando isso sim e teria um papel importante.

Quantos habitantes têm na Freguesia de Góios?

Sensivelmente 600. É uma freguesia pequena.

8. Indique acções que considere importante concretizarem-se, ao nível municipal, com a adesão ao movimento das Cidades Educadoras, que possam contribuir para o desenvolvimento e melhoria da qualidade de vida dos habitantes.

Eu acho que era preciso fazer um papel integrado em termos de preservação ambiental. É um tema que se fala muito mas que depois se faz pequenas acções, mas que não têm quanto a mim tido o efeito que era necessário, porque subjacente à preservação ambiental está depois tudo o resto, a preservação ambiental, tudo no fundo acaba por se manifestar em resultado dessa falta de preservação. Além disso, é fundamental e acho que a cidade educadora devia ter um papel fundamental era na inter-relação pessoal. Cada vez mais as pessoas se relacionam menos e era importante fomentar esse aspecto. A relação pessoal, as inter-relações pessoais, é importantíssimo fomentar e quase que seria obrigatório trabalhar numa primeira fase nesse âmbito, para depois tudo o resto vir subjacente a isso, se não houver um trabalho a esse nível mesmo que haja algumas actividades, uma visão global, integradora em termos educacionais é importante também que as pessoas estejam preparadas para isso, que estejam receptivas a essa visão global senão estamos depois um bocado a trabalhar para, como infelizmente acontece, para meia dúzia e não é isso que se pretende, que se procura, é uma visão global e integradora de todas as pessoas, respeitando a diferença que existe entre elas, mas trabalhando nessa base, com base nessas diferenças e eu acho que a inter-relação é fundamental.

9. A título conclusivo e de acordo com esta realidade e o trabalho que tem desenvolvido em prol da comunidade, indique-nos a forma de intervenção e animação sociocultural, que entende mais correcta.

Eu acho que o caminho mais correcto é fazer um trabalho de pequenos grupos. Acho que o trabalho de grandes massas que não funciona acaba por se dispersar e acaba por o efeito do trabalho não ser muito conclusivo. Eu acho que se trabalharmos numa base de pequenos grupos que se torna mais fácil, primeiro é mais fácil passar a mensagem e é mais fácil pôr essas pessoas a tirar proveito daquilo que é a mensagem, que é a finalidade dessa abordagem.

Portanto poderia-se iniciar com pequenos grupos e depois ir alargando a grandes grupos.

Grandes grupos de início acho que acaba por... temos que ir trabalhando do pequeno, pelo menos eu vejo nessa perspectiva, o trabalho de pequeno grupo normalmente funciona melhor do que grande grupo e depois vamos alargando os

horizontes. Terá que ser um trabalho gradual, quanto a mim não se pode pretender logo obter um resultado logo de imediato, terá que ser um trabalho gradual ao longo do tempo e portanto as coisas e então essas alterações culturais são extremamente complexas e difíceis de implementar e não se obtêm resultados a curto prazo.

Em termos de Junta de Freguesia considera desenvolver já algo que se possa inserir ou contextualizar no âmbito da animação Sociocultural?

Por exemplo a questão que eu referi como importante, em termos de intervenção ambiental, nós na Junta de Freguesia e isto fazendo já a ponte com a Câmara Municipal, a Câmara apresentou um programa às Juntas de Freguesia e às Associações que foram as Brigadas de Intervenção Ambiental e nós desenvolvemos. Não foi este ano, mas desenvolvemos ... porque eu penso que é importante trabalhar logo as crianças, a faixa etária mais baixa, portanto com os miúdos do 1º ciclo, fomos desenvolvendo actividades inseridas nessa temática das Brigadas de Intervenção Ambiental, já também um bocado com esta preocupação da importância que tem da preservação do meio ambiente. Fizemos um levantamento das situações mais graves, que resultou numa primeira etapa não só numa tomada de consciência dos miúdos, como também numa segunda etapa que foi a limpeza desses locais e a criação de placas identificativas para o não comportamento das pessoas da forma como vinham fazendo, embora saibamos que isto tem que ser uma intervenção constante, porque infelizmente isto há sempre quem fure um bocado estes esquemas e quem não siga estas indicações, é um bocado isso.

Para concluir quer deixar alguma mensagem neste contexto das cidades educadoras!

Eu acho que era importante Barcelos caminhar nesse sentido, para deixarmos de ter, ou pelo menos termos aquela critica habitual que as actividades culturais em Barcelos são pontuais, são desgarradas, era importante termos um fio condutor em termos de desenvolvimento dessas actividades, haver alguma sustentabilidade daquilo que se faz, com princípios e finalidades bem definidas para orientar toda essa temática.

2.2.5. Entrevista com Patrícia Sousa, Chefe do Agrupamento de Escuteiros 1204

Entrevista realizada na Galeria Municipal de Arte de Barcelos, no dia 10 de Outubro de 2006.

1. Indique, por favor, o percurso e principal actividade da instituição que representa.

É assim, nós começamos este ano, arrancamos este ano com as comemorações do 10º aniversário do agrupamento, portanto em 2007, por acaso coincide com o centenário do escutismo a nível mundial, fazemos 10 anos oficialmente porque na prática já andamos nestas andanças há 10 ou 11 anos. Mas o agrupamento só é formalmente agrupamento a partir do momento em que tem promessas de dirigentes e de pelo menos uma secção ou duas porque nós podemos ter a intenção de, agora a partir do momento em que somos realmente é que começa a contar. Nós começamos, como eu costumo dizer com a casa ao contrário, pelo telhado e não pelos alicerces, isto porquê, porque começamos com caminheiros os mais velhos tínhamos 16, 17 anos e queríamos ser escuteiros, queríamos criar um agrupamento na nossa terra porque nunca tinha havido escuteiros em Martim e o ideal seria sempre alguém mais velho, que teria sido escuteiro noutra terra ou entretanto começar com os mais pequeninos com os lobitos ou seja com os 6, 7 anos e começar a formação daí, porque o fundamental no escutismo é a formação, a educação, a formação integral, está baseado em 5 pólos educativos. Portanto, nós começamos ao contrário mas é assim, queríamos e conseguimos e é assim, era a única hipótese que tínhamos e então fomos em frente, no início foi muito muito complicado eu costumo dizer, costumo sempre dizer isso, mas na altura não valorizando essa parte porque isso já passou, estamos a começar uma parte da formação e dadas as circunstâncias ou a forma como começamos,

tivemos mais dificuldades ao longo do percurso porque em tudo, como em tudo, todas as associações precisam de se afirmar na terra e nós tivemos essa dificuldade. Começamos a sentir agora o fedd-back e retribuição das pessoas que não estão directamente ligadas aos escuteiros, porque os pais sempre nos deram o fedd-back das nossas actividades e das nossas pretensões... Começamos muito devagarinho com promessa de caminheiros, entretanto eu fiz promessa de caminheiros no dia 12 de Outubro de 1997, portanto fizemos promessa de caminheiros, portanto começa a contar daí a nossa formação. Fiz promessa em Outubro de caminheira, em Junho fiz logo de dirigente, portanto tive logo que fazer eu e outra caminheira, fizemos as duas promessas de dirigente porque começamos em Janeiro com lobitos, portanto aí começou o nosso percurso.

Começamos com 24 lobitos, foi muito bom, também não poderíamos ter mais devido aos recursos humanos e de própria logística, porque não temos sede, não temos espaço suficiente para... e as coisas foram começando aos bocadinhos por falta de experiência até e decerto de atenção daqueles que estavam mais próximos que saberiam que as coisas funcionam assim. Porque nos escuteiros as secções funcionam por idades e quando chega aquela idade tem que passar para a outra secção forçosamente, porquê?! Porque nós começamos a sentir, nem precisamos de saber a idade que o miúdo tem, porque aquilo que ele está a aprender naquela secção já não lhe diz nada tem que passar para a seguinte. Acho que BP foi genial nesse aspecto e não é por nada que passado 100 anos que o método que ele criou continua super actual, porque as respostas e actividades que em cada secção tem a nível educativo são próprios da idade e se o miúdo tem 10 anos, aquilo que os lobitos aprendem já não lhes diz nada, portanto tem que passar para exploradores porque o método, o sistema de progresso é completamente diferente, portanto e já responde às necessidades dos exploradores e não dos lobitos, como em todas as idades temos necessidades e procuramos coisas diferentes. Portanto, forçosamente abrimos inscrições para lobitos na altura com 9 anos, quando eles fizessem 10 teriam que passar obrigatoriamente para exploradores, ou seja tivemos que abrir forçosamente no ano a seguir a secção de exploradores, o que implicou que mais duas dirigentes, duas caminheiras fizessem promessa de dirigente. Portanto, tivemos sempre um processo muito acelerado e diferente do que é normal em qualquer agrupamento, mas acho que estofo suficiente para conseguir aguentar todos os contratempos que nos foram aparecendo.

A partir daí as coisas foram-se desenrolando, o ano passado, em Outubro, pela primeira vez fizemos promessa de caminheiros, os caminheiros que são os mais velhos, dos 17 aos 21, 22 anos e esses caminheiros, ... cinco deles posso dizer foram lobitos nossos, depois mais um deles começou a explorador o outro foi mesmo só de caminheiro. Portanto foi assim que conseguimos, finalmente temos as quatro secções a funcionar, é a primeira vez que temos as quatro secções a funcionar, sendo que os mais velhos já estão connosco desde o início. O escutismo pretende é isso, o ideal no escutismo é começar de lobito, explorador, pioneiro e caminheiro porque todas as secções têm um método próprio, têm um sistema próprio, o processo educativo completamente diferente de acordo com a idade, portanto ao longo do tempo fomos realizando as actividades escutistas, sociais e educativas, todo o tipo de actividade que já estão previstas no sistema de progresso mas também tentamos inovar um bocadinho, sempre com a dificuldade ao nível de recursos humanos, porque neste momento somos apenas quatro dirigentes mulheres, além disso também somos, pelo menos no núcleo da região de Braga, somos o único agrupamento chefiado só por mulheres, somos todas mulheres, somos quatro mulheres, somos todas novas, portanto eu sou a mais velha do agrupamento. Tudo bem que somos um agrupamento de jovens, porque naturalmente a idade é até aos 22, porque a partir daí ou sai, sempre presente com o escutismo, uma vez escutista, escuteiro sempre, ou então passa para dirigente, portanto daí os escuteiros serem uma associação juvenil, porque os mais velhos, os que tem 22 são todos dirigentes e são os educadores formadores.

Portanto, somos quatro mulheres, independentemente de ser mulher ou não somos apenas quatro dirigentes, o que normalmente num agrupamento o ideal seria quatro por cada secção. Nós estamos as quatro com as quatro secções, portanto tem sido uma

batalha ... mas temos conseguido vencer, e acho que isso é força de vontade e o termos sido nós a começar o projecto, a lançar, e termos a dedicação total, porque não é fácil, porque cada uma de nós está com duas secções e trabalhar com uma secção ou com a ajuda de quatro ou cinco pessoas é uma coisa, trabalhar com duas secções além de... por isso é que eu à pouco dizia chefe de agrupamento entre outras, porque chefe de agrupamento só pode ser oficialmente chefe de agrupamento, salvo raríssimas excepções, que é o caso do nosso agrupamento. Porque eu sou chefe de agrupamento e estou com duas secções, humanamente como é que é possível? É assim, é o esforço! Nós por acaso vamos ter agora o congresso nacional de chefes de agrupamento em Fátima, em Dezembro, e eu estou a pensar seriamente em fazer uma apresentação, para falar do nosso agrupamento, eu não quero que pense que seja uma forma de egocentrismo ou coisa que se pareça, não, pelo contrário é para dar o exemplo como é que é possível, como é que é possível o agrupamento funcionar assim, é muito esforço naturalmente, mas vamos acabar, vamos fechar o agrupamento porque neste momento estamos nesta situação? Não, nunca! Preferimos fazer menos e fazer bem, do que fazer o que decerto muitos agrupamentos fazem.

Mas é assim, nesta fase estamos numa fase de afirmação e temos tido o apoio, muito dos pais, dos assistentes de agrupamento, porque todos os agrupamentos têm que ter um assistente que é pároco da freguesia, que no início também foi muito complicado ele aceitar, porque nós éramos meia dúzia de jovens de 17 anos. Há 12 anos atrás não era nada como é hoje, isto mudou radicalmente, e as pessoas pensavam primeiro, porque somos jovens e as pessoas não confiam, por sermos uns aventureiros, sonhadores e pensávamos vamos mudar o mundo ou então os outros pensavam que nós saímos de casa apenas para termos um motivo para sair de casa, porque não se tinha a liberdade que se tem hoje, porque para se sair de casa era para ir para a sede, nós não íamos para o café e passávamos por muitos pelo caminho e no início foi um bocado complicado gerir o sentimento que tínhamos, porque muitos dos nossos amigos passavam a vida e passam no café e nós éramos digamos apontados com o dedo, o que é que estes querem fazer? Quando ainda não sabia sequer o que era escutismo! É a ideia que as pessoas têm e ainda hoje, infelizmente, muitas têm a ideia que os escuteiros são os que vão acampar e participam lá nas procissões e por aí fora. Escutismo é muito mas muito mais do que isso e a maior parte das coisas que nós fazemos não são visíveis, ficam entre o grupo, por exemplo todas as semanas temos reuniões. E o que é que vocês fazem nessas reuniões? As pessoas não sabem, e acho que é isso que o escutismo tem muito a fazer.

Estava a falar com o chefe do agrupamento da Sé, porque é a sede, o escutismo em Portugal nasceu em Braga, a propósito de uma das provas do ACANAC. Para o ano há o ACANAC, é o acampamento nacional e os nossos pioneiros e caminheiros estão a trabalhar para ir ao ACANAC, porque é assim toda a gente quer ir ao ACANAC e o que é que eles resolveram fazer, um jogo do centenário, o jogo está dividido em três fases e cada prova dessa fase tem pontos ou corresponde a determinados pontos e quem se candidata a ir tem que fazer as provas para conseguir esses pontos, só quem conseguir alcançar x pontos é que pode ir ao ACANAC. Portanto, isto tem tudo um método educativo e uma das provas dos caminheiros que são os mais velhos era entrevistar antigos caminheiros para falar um bocadinho como é que era no tempo deles, e nós fomos falar com o tal chefe do agrupamento da Sé, o grupo nº1, uma questão também de ser o número 1, e ele dizia-me que o ano passado a propósito de uma actividade qualquer o jornalista lhe disse, “mas o escutismo é introvertido”, e ele foi obrigado a concordar e eu também concordo mas depois outros chefes vêm, mas nós também não trabalhamos para mostrar, nem para divulgar, nem para andar com a bandeira na mão, nós somos e fizemos! Concordo plenamente, mas independentemente disso acho que falta divulgar o que é o escutismo, não é aquilo que fazemos, porque o que fazemos as pessoas no sítio certo e na hora certa sabem, mas é o que é o escutismo. O escutismo é muito mais do que acampamentos ou participar nas missas ou nas procissões, porque somos Corpo Nacional de Escutas, Escutismo Católico Português. Portanto em Portugal há a EP, que é Escutismo Português, que aí aceita todo o tipo de religiões e há as Guias que é só para

raparigas também tudo fundamentado no escutismo, portanto é muito mais do que isso, porque BP fez... nós gerimo-nos pelo método, chama-se o método escutista que tem como base 5 pólos educativos, que é a habilidade manual, é o carácter, é a saúde, é a fé ... são cinco e tudo o que nós fazemos baseamo-nos nisso ou seja cada secção tem manuais próprios, cada secção tem os seus manuais. Os miúdos trabalham por sistema de patrulhas ou seja os miúdos são divididos por bandos, no caso dos lobitos porque é baseado no livro da selva, portanto tudo baseado no livro da selva, depois tem os exploradores, tem os pioneiros, tem os caminheiros. Uns são bandos, depois os exploradores são patrulhas e os mais velhos é por equipas, são divididos nessas circunstâncias e em cada equipa, cada bando ou cada patrulha tem as suas funções, é o guia, o sub-guia, o cozinheiro, o relações públicas, o socorrista, o secretário, todos têm as suas funções e têm que cumprir essas funções durante o ano escutista.

Além do sistema de patrulhas temos o sistema de progresso, o que é o sistema de progresso? Em cada secção está dividida em três fases, fase de adesão ao movimento, ou seja ao escutismo e à secção em si, depois a fase de bronze, a fase de prata e a fase de ouro, e em todas estas fases, em todas as quatro secções, sempre baseados nos tais cinco pólos educativos que funcionam ou vão dar com 10 áreas educativas, as áreas de socorrismo, prevenção e segurança, a nossa fé, abarca todo o tipo de áreas que estão envolvidas com os cinco pólos educativos e em cada dessas fases os miúdos têm que fazer provas, provas relacionadas com os tais cinco pólos educativos e as 10 áreas de intervenção, claro que à medida que vai avançando o grau de dificuldade vai aumentando, daí as insígnias todas que os miúdos têm aqui (aponta o antebraço), porque um escuteiro quando olha para outro escuteiro sabe perfeitamente se ele é lobito, se tem o lenço amarelo, se está na fase de bronze, se está na fase de prata ou se já está na fase de ouro, portanto temos muitas provas a conquistar e, ou seja, ao longo do ano escutista eles vão conquistando provas e o conquistar provas é significado de conhecimento, de educação e de formação. Portanto, isto é um percurso muito complexo, mas os miúdos se começarem de lobitos é mais fácil do que nós que começamos como caminheiros falta-me muita formação, por mais formação que uma pessoa tenha ao nível do escutismo falta, porque não adianta ler livros e saber o que está para trás é preciso praticar e um acampamento aos miúdos diz muito, porque nós não vamos acampar porque somos tolinhos e andamos a correr a terra e à noite dormimos e até fazemos umas peças divertidas! Isto tem tudo uma sequência lógica e tem como base a formação integral do jovem, de crianças e jovens.

2. Já ouviu falar no Movimento Cidades Educadoras?

Sim já.

3. Conhece alguma Cidade que faça parte deste Movimento?

Sei que em Portugal são 20, Braga é uma delas até tive conhecimento mais quando Braga foi por uma questão profissional, uma pessoa está mais atenta ... Lisboa, Leiria, Almada, Porto, Gaia, sei que muitas delas estão e seria muito interessante Barcelos também aderir.

4. O que pensa sobre o movimento Cidades Educadoras?

Daquilo que tenho conhecimento, porque por norma as pessoas baseiam-se, as pessoas e sobretudo aqueles que lidaram com todo o tipo de instituições, quer elas sejam políticas ou não é mais o aspecto económico, não é? E acho que a educação é a base de tudo, daí o grande contributo ou a necessidade do grande contributo e neste caso seria da câmara municipal porque acho que o movimento tem que ser, quem dá a cara é a câmara municipal, depois necessariamente com o apoio de todas as instituições a nível concelhio, mas acho que a própria sociedade tem muito a dar nesse aspecto, porque não é só a escola não é só a família que dão educação. Eu como estou numa associação sobretudo educativa sinto isso na pele, porque às vezes as pessoas desligam-se de tudo, a escola é que tem a obrigação de educar, a família por inerência própria, eu acho que tudo o resto que existe na sociedade, tudo pode educar e acho que se todos trabalharmos nesse sentido conseguíamos educar mais em sociedade, acho que é mais nesse aspecto e acho que as pessoas têm um bocadinho o tabu que a escola é que tem que educar, nem os

próprios pais tiram essa obrigação, porque no caso deles é mesmo obrigação, a escola é que educa e eles esquecem um bocadinho essa parte, como os pais tudo o resto, acho que toda a gente esquece um bocadinho essa obrigação, acho que nós todos temos obrigação de formar e de educar independentemente de estarmos envolvidos em associações ou não, não podemos atribuir essa função exclusivamente à escola, todos nós temos que ser educadores, acho que só assim é que as coisas funcionariam e se todas as associações, se todas as instituições ou mesmo que elas não existam, se a nível particular se juntassem em rede em vários tipos de situações, porque não em vários tipos de âmbitos, cultural, desportivo, todos esses âmbitos, todos podem dar um bocadinho contributo para educar mais e melhor, pelo menos é essa a minha opinião, não a podemos só atribuir à escola, portanto a escola educa, as professoras é que tem a obrigação de, e o resto? Infelizmente é o problema que nós sentimos cada vez mais!

Por acaso, o padre da minha terra, nós fomos lá um dia destes apresentar-lhe o programa da comemoração do 10º aniversário, porque como são 10 anos vamos apostar nos 10 anos de escutismo... temos várias actividades para cada uma das áreas, e o que vão fazer os miúdos, a insígnia é a base, mas depois cada miúdo tem que participar, temos um regulamento interno tem que participar em x actividades de cada área, só depois é que vai conseguir alcançar o título, cada área tem uma cor e depois ganha uma fitinha se conseguir alcançar, é um sistema de progresso, é uma forma de os incentivar, “ei tu já tens as 10 fitas. Eu ainda só tenho 5! Tenho que trabalhar para...” Portanto, é uma questão de incentivo e o próprio padre disse-nos a propósito disto, um dia destes estavam aqui dois pais ... e o filho já tem não sei quantos anos e ainda nem sequer foi baptizado, é rebelde e ... vou ter que o meter nos escuteiros, como se os escuteiros fossem a tábuca de salvação para o miúdo melhorar! Tubo bem, é! Mas acho que parte da família, em primeiro lugar, colaborar nesse aspecto, porque às vezes os pais colocam os filhos nas associações como forma de despejo, nós sentimos isso na pele e há pais que não se importam absolutamente nada, há uns que não levam porque dá muito trabalho ter que os ir levar, ter que os ir buscar para as actividades, para as reuniões, outros levam para deixar estar, eles é que têm obrigação de ensinar, e não é assim, acho que acima de tudo a família tem que ensinar naturalmente e a escola, porque para todos os efeitos deve ser o local onde nós passamos mais tempo, agora e o resto, o resto também tem que colaborar, também tem que contribuir, acho que se trabalhássemos em rede, acho que seria muito mais fácil, as parcerias, as sinergias, eu sou a favor das parcerias, das sinergias, quando um agrupamento me pede ajuda e falando na situação em concreto eu digo logo que sim, nem precisam de dizer o que é que vai ser, mas eu digo logo que sim porque sou a favor de, porque duas cabeças pensam melhor e fazem melhor do que uma e acho que a nível educativo temos um longo caminho a percorrer nesse sentido, porque cada escolinha vira-se para o seu lado e não sabem trabalhar em rede... porquê que, se temos um professor que até tem jeito, até tem formação para determinada área, porque não aproveitá-lo para a turma que ele está, para a escola e até para várias escolas do agrupamento, por exemplo. Às vezes, nesse aspecto, mete-me um bocado de confusão, porque cada qual joga e trabalha para o seu cantinho, para o seu ser o melhor e o resto passa um bocado ao lado e acho que a nível de educação tem-se muito a fazer nesse aspecto.

5. Tendo em consideração os princípios que regem o Movimento Cidades Educadoras: o direito de todos os habitantes a uma cidade educadora, desde a formação, entretenimento e desenvolvimento pessoal; o compromisso da cidade no saber encontrar, preservar e apresentar a sua identidade pessoal e complexa; a cidade ao serviço integral das pessoas; de que forma é que a instituição que representa pode contribuir para a viabilização da Cidade Educadora em Barcelos?

É assim o agrupamento, o nosso, e todos os agrupamentos do concelho e a nível até de CNE, porque nós somos um grupo que fazemos parte de um grande grupo, nesse aspecto já somos uma espécie de sinergia que tem a base e depois tem as várias ramificações. A base do escutismo é a formação e a educação integral dos jovens, portanto só por aí acho que podemos dar muito contributo, porque por vezes não fazemos

grandes actividades, coisas que dê nas vistas, mas todas as semanas trabalhamos com os nossos jovens, com as nossas crianças e acho que aí estamos a ajudar na educação e na formação integral dos nossos jovens, tudo bem são os nossos jovens, porque também não poderíamos trabalhar com muitos. O próprio método escutista baseia-se um bocadinho em todos esses princípios que fazem, ou que fizeram nascer o movimento para as cidades educadoras, há bocadinho eu falei nos 5 pólos educativos e esqueci-me do serviço... os princípios são: o carácter, a habilidade manual, a saúde, a fé e o serviço. A fé porque somos um movimento da igreja naturalmente e o serviço, eu acho que acima de tudo temos o serviço e o lema dos caminheiros e dos dirigentes é sempre alerta, e dos dirigentes sempre alerta para servir, ou seja nós temos de estar sempre dispostos a ajudar, a ajudar o próximo e aquela ideia de atravessar a velhinha na estrada identifica o que é o escutismo, mas acho que já está um bocadinho ultrapassado, nós ajudamos a um nível muito mais superior e acho que isto está cada vez mais actualizado, portanto acho que o escutismo em si, os vários agrupamentos que existem no concelho podem fazer muito pelo concelho, a nível educacional e de formação, já o fazem cada qual na sua terra, cada qual com os seus jovens, com aqueles que vão ter com eles ou que nós, até nós próprios procuramos mas acho que podemos fazer muito mais nesse âmbito, ou seja transpor aquilo que nós vamos ensinando e aprendendo, também com os miúdos podemos fazê-lo a um nível mais geral, a um nível mais global do concelho, o próprio concelho promover actividades ou porque não ou até a própria junta de núcleo, porque é a nossa representação, a nível concelhio, lançar o desafio ou a câmara municipal, como sendo a entidade responsável, lançar o desafio e porque não fazer actividades em conjunto, globais, não para os escuteiros, mas para os outros jovens, para os outros miúdos, que não têm que ser exactamente escuteiros.

6. Face a estas considerações, que benefícios considera possível conseguir, para a instituição e comunidade em geral, com a eventual adesão de Barcelos ao movimento das Cidades Educadoras?

A ideia que eu tenho é que assim há muito para fazer, e nós temos sempre a ideia que vamos mudar o mundo e que conseguimos mudar o mundo, mas chegamos a uma certa idade e pomos um travão, bem o mundo não conseguimos mudar mas o nosso mundo, aquele pequeno mundo que nos rodeia vamos consegui-lo mudar! Claro que é decerto uma utopia ou sonho, imaginarmos ou acreditar, melhor dizendo, que vamos conseguir, mas vamos tentar pelo menos, se não conseguirmos no geral, vamos sempre conseguir mudar alguma coisa! Acho que a nível de cidade educadora Barcelos teria tudo a ganhar com isso, porque existem muitas associações, existem muitas entidades no concelho que poderiam, não quer dizer que não deiam, mas poderiam dar muito mais ao concelho a nível geral, claro que nós fazemos muito pelos nossos meninos, os que são da nossa terra, mas então porque não alargar isso, se nós damos a estes, aqueles dão aqueles, porque não nos juntarmos todos, pode ser por temas, por áreas mas darmos mais, acho que se todos juntos fizéssemos isso daríamos muito mais, ... depois até vem em continuidade com a pergunta seguinte, as acções.

7. Com a implementação da Cidade Educadora, em Barcelos, que dinâmicas ou projectos socioculturais poderiam surgir, promovidos pela instituição que representa?

Porque não por exemplo as associações de pais, existem associações de pais em quase todas as escolas, então porque não criar uma rede ou uma união, não sei se se pode chamar isso, associações de pais concelhias, porque não trabalhar nesse sentido. Quem diz isso, diz os escuteiros, mas os escuteiros já têm a junta de núcleo, mas trabalhar nesse sentido, no desporto, porque não o desporto, também tem muito a dar. O desporto não é o jogar por jogar, seja futebol, seja basquetebol, seja outro tipo de desporto qualquer. Mas acho que poderiam dar mais a nível de formação, tudo bem que cada associação e isto trata-se, não nos podemos esquecer, de voluntários e quando se fala em voluntários são pessoas que tem a sua vida, tem os seus afazeres, as suas obrigações e fazem por norma este tipo de acção nos tempos livres ou não, às vezes outros nem por isso, mas e claro também seria muito pedir-lhes ainda mais! Mas se

trabalhássemos em rede e se juntássemos sinergias não seria tão complicado como às vezes as pessoas fazem, vou trabalhar com este e com aquele, e isso já vai implicar ter que ir aqui, ter que ir ali, ter que ir acolá, fazemos mais isto, fazemos mais aquilo, mas não, organizar aquelas actividades que têm sinergia com as actividades do próprio grupo, seja de que área for, acho que isso só teria benefícios a nível concelhio e até que os frutos seriam muitos mais e melhores, se estivéssemos todos juntos, porque é assim, eu posso fazer uma actividade na minha freguesia e decerto os frutos que retiro daí são o quê? Para a minha freguesia, naturalmente, mas se fizesse a mesma actividade e fizesse para três ou quatro localidades, os frutos seriam completamente diferentes e esse exemplo poderia ser seguido por outros quatro, por outros dez, por aí fora, aos poucos, mas acho que falta um bocadinho essa sensibilidade das pessoas, sobretudo das pessoas que estão à frente das associações e das instituições, para se juntarem aos outros, para fazerem mais e melhor, mas pronto, não sei se isso será algo ideal!

8. Indique acções que considere importante concretizarem-se, ao nível municipal, com a adesão ao movimento das Cidades Educadoras, que possam contribuir para o desenvolvimento e melhoria da qualidade de vida dos habitantes?

Eu acho que o movimento das cidades educativas também tem a ver um bocadinho com a cidade ensinar ou também se aprende na cidade, a cidade neste caso no concelho, e para as pessoas serem mais livres, mais solidárias e porque não fazer acções ... porque é assim eu refiro um bocadinho, por experiência própria que tenho dos escuteiros, nós fazemos campanhas de solidariedade, porque aí está temos sempre o serviço ao próximo presente, porque não a cidade ou o concelho fazer uma grande campanha de solidariedade, há tanta gente que precisa não é? Por exemplo nesse aspecto ensinar ou incutir logo aos pequeninhos, logo no Jardim-de-infância e nas escolas primárias, através de representações, através de iniciativas próprias, a serem mais solidários, porque é aí que tudo se aprende, apostar um bocadinho no Jardim-de-infância e na escola básica, incutir às crianças a questão da justiça, da solidariedade, do ambiente também, porque não?! Aí já se tem feito algum trabalho a nível ambiental, ensinar aos miúdos como é o papel da reciclagem, como é importante para, mas acho que são nesse tipo de iniciativas ou nesse tipo de áreas da justiça e da solidariedade e ambiental que é fundamental apostar um bocadinho no ensino, logo desde pequeninho e só com actividades específicas a nível concelhio, aí está! Acho que cada qual trabalha para si e isso não dá tanto resultado, porque uma iniciativa a nível concelhio teria muito mais impacto, do que se eu fizesse só na minha terra, até poderia ser divulgada ou não, até porque eu tenho sensibilidade para isso não é?! Forçosamente e obrigatoriamente, mas acontecem tantas actividades, tantas iniciativas nas terras que nem sequer passam eu já nem digo fora da freguesia, já não passam para além daquele nucliosinho que é feito, porque as actividades até são feitas com grande mérito e resultados muito positivos, mas é para aquela meia dúzia de pessoas, ou seja o resto das pessoas que vivem naquela terra, nem sequer tiveram conhecimento de, e às vezes não é ter o conhecimento de por ter, mas é para divulgar, sensibilizar e informar as pessoas, e acho que se esse tipo de actividades que são super interessantes nas várias áreas educativas, naturalmente todas elas, se fossem feitas a nível concelhio teriam outro impacto e decerto as pessoas paravam e pensavam bem, e as coisas começariam a ser diferentes. A minha opinião seria um bocadinho aí, apostar nos Jardins-de-infância, nas escolas básicas, com projectos específicos e aí teria sempre o apoio e o envolvimento das várias instituições e associações, pedir ajuda às instituições, as próprias instituições fazerem parte e envolverem-se e criar aqui uma certa dinâmica e um ritmo que as pessoas obrigatoriamente já se sentiriam obrigadas entre “”, mas com gosto, a fazer parte dessas actividades o que não seria difícil porque nós até fazemos essas actividades nos nossos cantinhos, nas nossas terrinhas, mas então porque não juntarmo-nos todos e fazer essa actividade mas maior, teria muito mais impacto, seria muito mais abrangente e as pessoas ficariam mais sensibilizadas para e acho que isso são pontos fundamentais e começar de pequenino, aí está, porque eles aprendem tudo e incutem tudo.

9. A título conclusivo e de acordo com esta realidade e o trabalho que tem desenvolvido em prol da comunidade, indique-nos a forma de intervenção e animação sociocultural, que entende mais correcta.

Acima de tudo acho que no nosso caso, e é isso que o escutismo nos incutiu a proximidade e responsabilidade, porque nós nos escuteiros somos os chefes, como é o meu caso, ou somos o irmão mais velho e eles não nos vêem como a professora, como o pai ou como o padre, alguém que é superior a eles e que tem que respeitar. Naturalmente a nós também tem que nos respeitar, e eu às vezes também tenho essa dificuldade porque sou muito jovem e os mais velhos que estiveram comigo, os mais velhos que são caminheiros que tem 17, 18 e 20 anos já estão comigo à 10 anos, portanto quando me conheceram eu era da idade deles, ou seja há uma relação muito próxima e decerto isso trás vantagens e naturalmente tem desvantagens e outra desvantagem que eu acho que nós temos é o facto de não termos homens, porque é como tudo... Nós já temos dificuldades com os lobitinhos porque nos acampamentos se formos dar banho eles não querem... Tenho que chamar um caminheiro para me ajudar nessa tarefa, porque eles já se sentem intimidados e mesmo naquela fase mais complicada, que é a dos pioneiros, e que este ano por exemplo na fase dos 15 e eram 10 rapazes, naquela fase complicada... eu tive uma certa dificuldade por mais aberta e mais disponível que eu me mostrasse, naturalmente que eles têm mais dificuldade em falar determinados assuntos com uma mulher do que com um homem, também temos essa dificuldade.

Mas acho que a nível e agora indo mais directa à questão, uma proximidade porquê, acima de tudo nós somos todos iguais e acho que se eu estou para ensinar também tenho que estar para aprender e nós aprendemos muito com os miúdos, com os jovens, às vezes mais do que eles pensam, mas aprendemos, por isso daí a proximidade, e a base do escutismo é o próximo, a proximidade, ou seja o chefe não é o que manda, o chefe é o irmão mais velho. Nós estamos numa reunião e eu sou só mais um, portanto e ajudo nas tarefas como eles têm que ajudar nas tarefas, e depois responsabilidade, essa proximidade, mas tenho a minha responsabilidade ou seja como educadora, como formadora, mas acima de tudo como amiga, como uma irmã mais velha, acho que essas são as duas bases para em qualquer associação as coisas funcionarem ao nível da intervenção. Mas nós para intervir, para termos resultados em determinadas actividades, nós temos que saber lidar com os jovens, saber lidar com os jovens é mostrar-lhes a eles, provar-lhes que somos só mais um, não sou o jovem que manda, que é autoritário e que sabe tudo, não, não é isso! Respeitar, claro que tem que respeitar, mas não o respeitar como algo autoritário, o respeitar mutuamente, nós respeitarmos e eles respeitarem-nos a nós, trabalharmos como um todo e não como eu estou aqui num alto pedestal e eles estão lá em baixo, estamos todos juntos a trabalhar, daí a proximidade no grupo, só sou mais um, mas depois tenho a minha responsabilidade, como sou a chefe no caso, tenho que saber mais a minha posição naturalmente e aí aparece a responsabilidade mas acho que tem que ser assim para que as coisas funcionem, apesar de eu achar que cada vez é mais complicado. Eu já não digo há 10 anos para cá, mas há 5 anos para cá as coisas, mudaram radicalmente, eu vejo isso nos miúdos, os nossos lobitos, que são os pequeninos, não têm nada a ver com os nossos lobitos de há 5 anos. Porque é assim, quando nós começamos não havia alternativas, primeiro os jovens não tinham a liberdade que têm hoje, nem tinham as alternativas que têm hoje, portanto o escutismo era uma forma de os pais, no caso dos mais pequenos, de ajudar os filhos e de integrar os filhos na sociedade e até dos filhos aprenderem muita coisa... Hoje em dia não só vai para escuteiro quem acha que gosta de alguma coisa, se tem amigos ou se aquilo que sabe que é o escutismo me agrada e aí vai para os escuteiros, a partir do momento que estão lá, ou gosta ou não gosta e quem não gosta sai, quem gosta fica, vai ficando e vai conquistando as várias fases. Mas as alternativas são muitas e naturalmente é mais fácil ir ao cinema, estar no café, a jogar play station, na Internet, com tudo o que possa dar, do que ir para uma reunião para trabalhar, porque nos escuteiros trabalha-se, porque uma pessoa tem determinados objectivos, se tem um método, se fala em x, y e z eles para conquistar isso têm que trabalhar enquanto que nos outros não têm que trabalhar, é mais

divertido, e nós neste momento debatemo-nos contra isso, nas associações juvenis, no futebol, acho que cada vez menos os jovens aderem e acho que os pais também, por facilitismo deixam andar, porque é mais fácil ter a filha em casa no computador ou na televisão do que ter que tirar o carro da garagem, e hoje é de carro no meu tempo era a pé, ... ter que levar o filho e depois ter que ir buscá-lo e depois ter que não sei o quê! Portanto é sempre mais complicado e acho que os pais e a própria vida que também eles têm, querem é ao fim de semana um bocado de sossego, não é? Às vezes também lutamos um bocadinho contra isso e acho que isso mudou nos últimos 5 ou 10 anos, os miúdos agora saem de casa com 14, 15 anos com a maior liberdade que se possa imaginar e só vai para o escutismo quem realmente gosta é por isso que, no escutismo e nas outras associações, há cada vez menos jovens, porque quem vai para estas associações tem que ter o espírito de voluntário, primeiro tem que trabalhar e tem que ter a noção que estão a trabalhar para a formação deles próprios, para formação e educação integral deles próprios, no caso do escutismo, e depois têm que ser voluntários, estarem disponíveis para, não olharem só para o umbigo e na sociedade que nós estamos acho que cada vez olham mais para o umbigo ... por isso é uma grande batalha que nós neste momento estamos a viver, mas força! É como costume dizer, somos poucos mas tentamos fazer bem, é um bocadinho assim.

Numa frase quer apresentar uma síntese do que pensa deste movimento, considerando Barcelos, o que pensa em termos gerais, quanto à adesão ao movimento.

Eu acho que Barcelos só tinha a ganhar, envolver-nos em projectos inovadores, que possam trazer pouco, muito, isso depois depende do trabalho que as pessoas estiveram envolvidas vão prestar sobre!

Mas acho que Barcelos só teria a ganhar ao integrar-se neste movimento, além de que teria a aprender com as outras cidades portuguesas que já integraram e mesmo as cidades estrangeiras, que já são muitas, e que já integram este projecto, basta ver projectos que eles já desenvolveram e os resultados. Acho que Barcelos só teria a ganhar com isso, Barcelos município e todas as associações que existem, felizmente ainda existem muitas associações no concelho que trabalham e que gostam daquilo que fazem. Portanto... se todos nos uníssemos, se todos trabalhássemos em rede e em grupo, acho que os resultados seriam muito melhores, nós temos bons resultados na nossa terra, no nosso grupinho, mas é preciso transpô-los cá para fora, não é mostrar aos outros que nós somos bons, que fazemos isto e que fazemos aquilo, não, é juntarmo-nos todos, unir esforços e trabalhar em prol, sobretudo junto das crianças que é o futuro e apostar um bocadinho nas crianças do Jardim-de-infância e da escola básica, não só limitar e agora já há o inglês, já há a natação já há todas as actividades extra-curriculares, para os miúdos, mas na própria formação não limitar o saber aprender, o saber ler, o saber escrever na escola primária é preciso muito mais e é nessa fase que os miúdos têm aptidão para tudo e mais alguma coisa, portanto era nessa fase que nós deveríamos aproveitar.

2.2.6. Entrevista com Mário Constantino Lopes, Administrador da Empresa Municipal de Desportos de Barcelos

Entrevista realizada na sede da Empresa Municipal de Desportos de Barcelos, no dia 11 de Outubro de 2006.

1. Indique, por favor, o percurso e principal actividade da instituição que representa.

Eu vou tentar ser o mais possível conciso e breve e começaria por dizer que a Empresa foi criada ou concebida para, em primeiro lugar, obedecer a dois objectivos essenciais, por um lado permitir a gestão dos equipamentos desportivos municipais, nomeadamente as piscinas municipais, os pavilhões municipais e o estádio municipal e paralelamente também promover através do fomento desportivo a massificação da prática desportiva, sobretudo nas camadas mais jovens. Julgo que é isso que tem acontecido, hoje em dia podemos dizer que está em velocidade cruzado, porque temos uma ocupação

de quase 100% do Pavilhão Municipal, das Piscinas Municipais, temos também um Clube residente no Estádio Municipal, que de alguma maneira também utilizam aquele espaço e também cumprimos o outro objectivo principal, do fomento, através da implantação este ano do enriquecimento curricular no 1º ciclo, através da actividade física desportiva, portanto basicamente são estes dois vectores principais da actividade da empresa.

2. Já ouviu falar no Movimento Cidades Educadoras?

Já.

3. Conhece alguma Cidade que faça parte deste Movimento?

Sinceramente várias cidades portuguesas, sei que aderiram, não consigo dizer agora exactamente uma delas e identificar o trabalho de uma delas, mas já ouvi falar várias vezes, já vi inclusive seminários feitos em Portugal, julgo que Oeiras é uma das cidades que está mais desenvolvida a este nível.

4. O que pensa sobre o movimento Cidades Educadoras?

Eu sinceramente não domino em profundidade quais são os objectivos centrais, mas a ideia que eu tenho é que é uma iniciativa interessante, porque permitirá congrega e dar consistência aos projectos que forem desenvolvidos, ou seja a câmara municipal ou as câmaras municipais têm um conjunto de iniciativas avulsas, se assim quiser, que podem todas concorrer para uma mobilização, sensibilização, formação da sociedade, na qual estão inseridos, que poderá promover a educação, a cultura, a participação cívica e portanto penso que por aí as cidades educadoras podem ter um papel importante.

5. Tendo em consideração os princípios que regem o Movimento Cidades Educadoras: o direito de todos os habitantes a uma cidade educadora, desde a formação, entretenimento e desenvolvimento pessoal; o compromisso da cidade no saber encontrar, preservar e apresentar a sua identidade pessoal e complexa; a cidade ao serviço integral das pessoas; de que forma é que a instituição que representa pode contribuir para a viabilização da Cidade Educadora em Barcelos?

Eu julgo que de várias formas, desde logo através da prática desportiva promover uma participação de toda a população, dos mais novos aos mais velhos, orientada por alguns dos principais vectores da vida em sociedade, como seja o respeito pelas diferenças, o respeito pelos equipamentos públicos, a vertente também do ambiente e a vertente da ecologia, julgo que também podem ser orientados e dinamizados. Por outro lado, também dentro daquela ideia que há pouco referi de haver alguma consistência e coordenação por parte da autarquia. Podemos ser parceiros na criação de uma estrutura ou de uma estratégia de apoio, que possa permitir formar e ao mesmo tempo proporcionar aos jovens, formar num determinado sentido, ou seja valores de cidadania, valores ecológicos, valores ambientais e por outro lado, depois, reforçar quer em termos de estratégia, quer em termos de construção de equipamentos, quer em termos de dinamização dos próprios equipamentos, ir ao encontro de algumas valências que possam ser valorizadas, nomeadamente percursos pela natureza, em que valorizem o nosso património natural e o nosso património histórico, actividades relacionadas com o rio, porque temos um rio que deve ser valorizado e deve ser potenciado, portanto toda esta dinâmica pode perfeitamente ser apoiada por nós.

6. Face a estas considerações, que benefícios considera possível conseguir, para a instituição e comunidade em geral, com a eventual adesão de Barcelos ao movimento das Cidades Educadoras?

Ora bem, é sempre importante uma Empresa deste género estar associada a uma estrutura ou a uma organização que potencie uma intervenção e tenha uma visibilidade como tem as cidades educadoras, porque ao sermos considerados integrados ou parceiros de uma estratégia que tem a marca das cidades educadoras, obviamente que a nossa instituição tem uma credibilidade, tem uma imagem pública e se calhar também uma responsabilidade que poderá motivar quem trabalha cá e ao mesmo tempo dar garantias a quem nos procura para prestação de serviços.

7. Com a implementação da Cidade Educadora, em Barcelos, que dinâmicas ou projectos socioculturais poderiam surgir, promovidos pela instituição que representa?

Podemos concorrer para aquilo que eu acho que é um dos vectores essenciais de Barcelos, como pólo de desenvolvimento, quer económico, quer social, quer cultural, que é a promoção do turismo. Julgo que Barcelos tem condições, tem muitas potencialidades e hoje em dia o turismo associado ao lazer, à descoberta do meio ambiente, à descoberta do turismo cultural, o turismo digamos assim desportivo, digamos assim também, é cada vez mais procurado. Nós temos um património cultural importante, temos um património arquitectónico e monumental importante e portanto temos um rio, dos mais importantes do país, portanto nós podíamos desenvolver actividades dentro daquela lógica de parceria, que possam potenciar o turismo e dessa forma atrair e tornar mais atractivo o nosso concelho e a nossa cidade.

8. Indique acções que considere importante concretizarem-se, ao nível municipal, com a adesão ao movimento das Cidades Educadoras, que possam contribuir para o desenvolvimento e melhoria da qualidade de vida dos habitantes.

Eu julgo que se poderia aproveitar a dinâmica, eu não sei bem como disse à pouco, o conceito das cidades educadoras mas, na minha perspectiva, poderia-se aproveitar essa dinâmica e esse conceito para, por exemplo, eleger em cada ciclo ou em cada dois anos duas temáticas importantes, que pudessem ser trabalhadas por todos os parceiros de forma a construir algo de novo em cada um dos ciclos. Vamos imaginar que numa primeira ideia, ou num primeiro grande tema, podíamos abordar a questão da preservação do meio ambiente e então todos os parceiros, juntas de freguesia, empresas municipais, câmara municipal, escolas, seriam sensibilizadas dentro de um projecto comum para trabalharem esta dinâmica ou esta área, ou esta temática, permitindo que com esta, canalizar por um lado, recursos, sinergias, energias e recursos financeiros e recursos humanos, para dentro de um, dois anos Barcelos a este nível ter uma mais valia. Passados dois anos seria outra temática qualquer, que seja novamente a questão do rio, Barcelos virado para o rio, então todos nós preocupávamo-nos em fazer actividades, uma vez que o rio atravessa o concelho... e divide o concelho, se nós virmos a parte norte e a parte sul do Cávado, estão mais ou menos equilibradas em termos de dimensão, em termos de população e se calhar teria algum interesse em investir por aí. Seria, no fundo, arranjar temas aglutinadores que pudessem ser trabalhados de uma forma, tornando o resultado mais consistente, e se calhar toda a gente a rever-se nessa defesa desse tema ou dessa problemática que alguém pudesse escolher.

9. A título conclusivo e de acordo com esta realidade e o trabalho que tem desenvolvido em prol da comunidade, indique-nos a forma de intervenção e animação sociocultural, que entende mais correcta.

Eu penso que a forma mais correcta é aquilo que à pouco disse que é alguém, seja a Câmara Municipal, seja uma estrutura equivalente, promove uma temática e depois dá meios para que todas as pessoas que estiverem interessadas ou todas as associações poderem participar em, para atingir esse objectivo, ou seja um pouco esta ideia, existem grandes temas e depois há vários projectos, projectos esses que podem ser desenvolvidos individualmente ou através das associações, ou juntas de freguesia ou outras entidades que concorrem para desenvolver essa temática. Essas temáticas seriam naturalmente decididas em termos macro pela câmara municipal, e depois todas as outras entidades poderiam apresentar projectos que seriam validados pela autarquia, para concorrer para essas e assim fazíamos um plano de acção coerente, consistente e diversificado. Julgo que é a forma de actuar que de alguma maneira não impõe nada a ninguém, que orienta, que regula, que apoia, mas que aproveita também as potencialidades de todos e a criatividade de todos também, no fundo é mobilizar, regular apoiando e circunscrevendo a temáticas orientadas, bem definidas e previamente definidas.

Numa frase e para finalizar, o que é que pensa da possível adesão de Barcelos a este movimento?

Eu julgo que era muito positivo, porque quanto mais não seja obrigava a autarquia a pensar em termos estratégicos numa, num conjunto de acções a desenvolver no

concelho de uma forma integrada e de uma forma coerente, ou seja evitar situações pontuais e a apontar na direcção de se conseguir que as várias partes, que das várias partes, resulte um todo coerente ou seja, nós às vezes assistimos a actividades pontuais desta associação, daquela escola ou daquele clube, interessantes mas depois não concorrem todas para um objectivo central, o que é que acontece perde-se alguma coisa. O conceito ou a ideia que eu tenho de cidade educadora é exactamente que todas as partes contribuam para um todo e que esse todo, seja significativamente mais do que a soma das partes.

2.2.7. Entrevista com Manuel Lourenço, Presidente do Conselho Executivo da Escola Secundária Alcides de Faria

Entrevista realizada na Escola Secundária Alcides de Faria, no dia 13 de Outubro de 2006.

1. Indique, por favor, o percurso e principal actividade da instituição que representa.

É a escola com mais alunos do concelho, tem 1600 de dia e 400 à noite. Portanto a actividade é o ensino portanto, a principal actividade e única é o ensino, do 7º ao 12º ano, com predomínio dos anos do ensino secundário.

Como presidente do conselho executivo, sou há 15 anos seguidos, este é o 16º ano, depois tinha estado 3 anos anteriormente, mas seguidos, consecutivos, estou a iniciar o 16º ano.

2. Já ouviu falar no Movimento Cidades Educadoras?

Não.

5. Tendo em consideração os princípios que regem o Movimento Cidades Educadoras: o direito de todos os habitantes a uma cidade educadora, desde a formação, entretenimento e desenvolvimento pessoal; o compromisso da cidade no saber encontrar, preservar e apresentar a sua identidade pessoal e complexa; a cidade ao serviço integral das pessoas; de que forma é que a instituição que representa pode contribuir para a viabilização da Cidade Educadora em Barcelos?

... Assim, lembra-me logo a possibilidade da escola colaborar com este movimento, no sentido de fazer um protocolo de colaboração de no espaço de Formação Cívica, que as turmas de 7º, 8º e 9º anos têm no seu plano curricular, poder desenvolverem-se acções em prol destes grandes objectivos, não é? Por outro lado, além de termos entretenimento, como a escola dispõe de um ginásio e vários campos ao ar livre, também poderá eventualmente colaborar no sentido de desenvolver actividades de carácter desportivo e recreativo para em prol, no âmbito deste movimento, e também poderá contribuir disponibilizando espaços para se implementarem acções deste movimento e também fazer acções de formação. Estar aberta a fazer acções de formação para os seus alunos e para os professores e seus funcionários. Com a família também, com os pais dos alunos poderemos também, sobretudo ao sábado não é? Disponibilizar a escola para fazer acções de formação, para levarmos os pais a interagir, para integrar os pais neste movimento também.

6. Face a estas considerações, que benefícios considera possível conseguir, para a instituição e comunidade em geral, com a eventual adesão de Barcelos ao movimento das Cidades Educadoras?

Portanto, se Barcelos aderir a este movimento, quando aderir e se resultar bem, se os grandes objectivos a que se propõe este movimento, portanto se forem conseguidos não é?! Julgo que a comunidade cria amplos benefícios, porque considero que de facto ao nível da educação para a cidadania acho que temos... acho que estamos muito atrasados mesmo. É preciso investir muito nessa área, educação para a cidadania, educação no sentido da prevenção rodoviária, prevenção na segurança, para o trabalho, para actos de civismo puro, sabermos portarmo-nos como cidadãos, respeitando os outros, acho que os benefícios são imensos.

Em Portugal, acho que ao nível de educação cívica há muita coisa para fazer e sobretudo das gerações mais novas, porque das gerações mais velhas, acho muito difícil conseguirmos os nossos objectivos, mas de qualquer modo, também acho que se pode fazer muito pelas gerações mais adultas, mas sobretudo das gerações mais jovens. Acho que se pode fazer muito porque de facto Portugal tem um handicap muito grande ao nível da educação para a cidadania.

7. Com a implementação da Cidade Educadora, em Barcelos, que dinâmicas ou projectos socioculturais poderiam surgir, promovidos pela instituição que representa?

Uma escola tem sempre dificuldades! Uma escola está muito formatada não é? Portanto a estrutura de uma escola, toda a escola está muito pensada em termos de currículo nacional, de cumprir os grandes objectivos dos currículos, que são determinados pelo Ministério da Educação, portanto há sempre alguma dificuldade em fazer coisas que vão além dos programas e currículos das várias disciplinas. Mas, de qualquer modo, pode-se fazer alguma coisa, como já disse atrás, no âmbito da formação cívica, no âmbito da área de projecto do 7º, 8º e 9º anos e também no âmbito da área de projecto agora do 12º, que há agora uma cadeira nos cursos científico- humanísticos que ... tem uma carga horária até relativamente elevada, 4 horas por semana, também se pode trabalhar aí alguma coisa ... fundamentalmente é isto.

Em termos de abertura da escola à comunidade, isso já de algum modo também é explorado?

Nós procuramos abrir, estamos sempre abertos a colaborar com a comunidade e, nomeadamente, com a Câmara Municipal, com as Associações de Pais, nos projectos que a Câmara Municipal desenvolve e isso tudo, nós estamos sempre, abrimos sempre a escola a essa colaboração!

8. Indique acções que considere importante concretizarem-se, ao nível municipal, com a adesão ao movimento das Cidades Educadoras, que possam contribuir para o desenvolvimento e melhoria da qualidade de vida dos habitantes.

Portanto, assim a curto prazo pode-se fazer alguma coisa, acho eu, sobretudo acho que se pode trabalhar ao nível dos projectos educativos que as escolas do 1º ciclo e jardins-de-infância e mesmo as escolas do 2º ciclo implementam. Portanto, tentar que essas, que os projectos educativos dessas instituições se virem muito para a preocupação de educar para a cidadania, educar para o ambiente, para as preocupações ecológicas. Penso que se pode fazer muito a esse nível, sobretudo a esse nível, porque acho que é enquanto jovem, enquanto as pessoas se estão a formar, enquanto muito jovens mesmo, logo nos Jardins-de-Infância que se poderá trabalhar mesmo a educação para a cidadania.

Neste trabalho que tenho vindo a desenvolver tem-se falado também num conjunto de problemáticas sociais que cada vez mais são preocupação de todos e das instituições, que é por exemplo a área das toxicodependências. O que pensa acerca disso, em termos de prevenção, o que é que se poderia fazer, que tipo de projectos é que se poderiam implementar? ...

Acho que isso passa muito por termos os jovens sempre ocupados em actividades educativas e recreativas, portanto desportivas, que também entra no âmbito educativo, se tivermos uma oferta muito variada de actividades de carácter recreativo e desportivo para os alunos e jovens se ocuparem, acho que isso que é uma forma bastante eficaz de prevenir situações complicadas que podem levar à adopção, que podem levar à toxicodependência. Portanto, acho importante que as instituições do concelho, as várias instituições do concelho, as instituições educativas, as Juntas de Freguesia, a Câmara Municipal a dar uma ajuda também, trabalhar a esse nível, oferecer muitas actividades aos jovens para que eles se sintam ocupados e se sintam bem sucedidos de certo modo, de modo a que não se sintam atraídos, não se refugiem no tabagismo, na droga, e Barcelos como muitas cidades, muitos meios aqui do Norte... têm esse problema de toxicodependência, que afecta um número significativo de jovens.

Aqui na escola também se apercebem disso?

Nós aqui na escola sentimos um pouco isso, não é? Portanto, de certeza, numa escola em que entram 2000 jovens por dia, de certeza que eles... Onde há jovens, há sempre essa atracção, há sempre essa possibilidade de consumirem droga, embora não me pareça que seja um problema muito grande da escola, onde houver jovens há sempre esse problema, que tentamos evitar!

9. A título conclusivo e de acordo com esta realidade e o trabalho que tem desenvolvido em prol da comunidade, indique-nos a forma de intervenção e animação sociocultural, que entende mais correcta.

De certo modo já respondi nas questões anteriores. ...Também temos que ser justos, acho que a câmara tem feito bastante a este nível, depois há sempre o problema, que às vezes fazem-se coisas que nem sempre têm a adesão que merecem, face ao investimento que se faz. É um investimento em recursos humanos e financeiros que se faz nessas coisas, não é? Mas acho que se tem feito alguma coisa, bastante mesmo, só que às vezes não há adesão que devia haver por parte da população.

Estamos a falar de áreas, que temos consciência que formar a comunidade nestes domínios culturais é um trabalho de muitos anos!

Pois! ...É a cultura ... eu costumo dizer que a cultura é pouco digerível, a cultura não é uma coisa que as pessoas aderem facilmente portanto, por muito que se invista em fazer animação sociocultural, em criar ofertas culturais, pronto não é fácil ter a adesão do meio ou da população de uma forma assim massiva, não é? Aderem sempre algumas dezenas de pessoas, mas não é fácil, não é nada fácil, é muito difícil! Em acções de formação, eu vejo aqui na nossa escola, quando a gente faz acções de formação, com um cariz cultural muito forte, não é? Os alunos não aderem, aderem se forem festas ou forçados pela aula, levados em aula, mas ... de uma forma espontânea, em que se preveja a adesão de uma forma espontânea é muito difícil, não se consegue, quando se tem coisas muito culturais, os alunos querem é convívio entre eles, ou festas, a cultura não é fácil, jovens e a população adulta também não aderem assim muito facilmente.

Tendo em consideração o percurso que o Sr. Presidente tem ... de gestão da escola, de acompanhamento de jovens e da comunidade educativa no geral, considera que tem havido uma melhoria em termos de predisposição para estas questões educativas, culturais ... o que pensa?

Sinceramente, nem acho que regredimos, nem progredimos, acho que as coisas se mantêm, não consigo ver progressão a esse nível! Nós de certo modo até, não é desistimos, já nos desmotivamos e chegamos à conclusão que a escola... a nossa escola, nos primeiros anos em que eu estava aqui na gestão, chegamos a fazer jornadas culturais que era uma semana toda, com programas variadíssimos e riquíssimos e depois fomos vendo que a adesão era muito pouca, os alunos aderiam muito pouco a essas iniciativas, a essas jornadas e depois tivemos que acabar mesmo com elas, não valia a pena! ... Depois essas jornadas culturais, em vez de as concentrarmos numa semana, passamos a fazê-las um dia no final dos períodos também, mesmo assim, chegamos à conclusão que oferecíamos actividades e tinham pouca adesão! Hoje em dia, até de certo modo, não temos nenhum dia especificamente reservado para actividades culturais, fazemo-las de uma forma mais distribuída durante o ano e sempre que fazemos ... adoptamos um procedimento diferente, em lugar de procurar a adesão espontânea dos alunos, promovemos essas acções, essas actividades e levamos lá, tentamos levar lá enquanto decorrem, levar lá os professores com as respectivas turmas, os professores substituem as aulas por essas actividades. Assim consegue-se a adesão, senão de outra forma são quase fracassos completos, a juventude está muito virada, hoje e já há alguns anos, muito virada para o entretenimento para o espectáculo, para outros tipo de actividades, não é? A Associação de Estudantes o que gosta de fazer é só festas, festas com música e dança, aí eles normalmente aderem, agora às outras coisas não é fácil a sua adesão.

... Tem havido sempre associação de estudantes aqui na escola?

Sim sempre. Nunca houve nenhum ano que não tivéssemos.

Considera que funcionam como Associação, com os princípios inerentes a uma associação?

Para dizer a verdade acho que não, para dizer a verdade uma das coisas que me deixa de certo modo insatisfeito e descontente pelo facto que as associações de estudantes são mais, tenho que lhes chamar quase isso, são mais comissões de festas, verdadeiramente, não representam os alunos, eles por exemplo são convidados sempre para ir ao conselho pedagógico, recebem um convite em média com oito dias de antecedência, vai lá a ordem de trabalhos em anexo ao convite e normalmente eles nunca vêm às reuniões, quando aparecem a uma reunião nós já sabemos que é para propor normalmente uma festa, uma festa de fim de período, uma festa de Carnaval, uma festa de finalistas. Se aparecem na reunião é para tentar que se aprove a realização de uma festa, portanto as associações de estudantes são neste momento e na nossa escola, já há muito anos a esta parte, transformaram-se mais em comissões de festas, temos que ser realistas não vale a pena estarmos a esconder essa realidade, são mais comissões de festas do que verdadeiras associações de estudantes.

A título de conclusão, quer deixar alguma indicação acerca do Movimento Cidades Educadoras?

Embora não conhecendo verdadeiramente o movimento e o que é que se tem feito nas cidades que já aderiram a esse movimento, face aos grandes objectivos desse movimento, concordo plenamente, acho que Barcelos deveria aderir e se Barcelos aderir a nossa escola também, dentro das possibilidades que já aqui enunciei, também está pronta a colaborar, está pronta! Acho que é muito importante a adesão de Barcelos a este movimento, embora não o conhecendo bem, mas acho que só lucrava com isso.

2.2.8. Entrevista com Fernando Reis, Presidente da Câmara Municipal de Barcelos

Entrevista realizada na Câmara Municipal de Barcelos, no dia 26 de Outubro de 2006.

1. Indique, por favor, o percurso e principal actividade da instituição que representa.

O percurso está directamente ligado à formação administrativa de Portugal e tem como base de acção tudo aquilo que a legislação vai introduzindo como responsabilidade das autarquias do Poder Local. Ou seja, que tipo de intervenção, colaboração e cooperação nos variadíssimos campos de actividade: Acção Social, Educação, Cultura, Recreio/Lazer, Desporto, Urbanismo, Transportes, Ambiente, Saúde, Saneamento/Abastecimento de Água. Em suma, pretende-se que os Municípios trabalhem com o objectivo de aumentarem a qualidade de vida das pessoas que nele residem.

2. Já ouviu falar no Movimento Cidades Educadoras?

Já.

3. Conhece alguma Cidade que faça parte deste Movimento?

Conheço, no nosso país, os exemplos do Barreiro, Vila Real e Lisboa, e ainda Lyon e Barcelona.

4. O que pensa sobre o movimento Cidades Educadoras?

O Movimento Cidade Educadora é, para mim, todo aquele espaço que potência ao máximo a sua actividade, no sentido de um maior desenvolvimento cultural, social, ambiental, educacional, etc., dos cidadãos.

É tudo aquilo que reflecte esta noção e destaca a necessidade de uma visão integradora e integrada do território, passando por uma real e efectiva conjugação de esforços, através do desenvolvimento de políticas concertadas nos diversos níveis de actuação do Poder Local.

5. Tendo em consideração os princípios que regem o Movimento Cidades Educadoras: o direito de todos os habitantes a uma cidade educadora, desde a formação, entretenimento e desenvolvimento pessoal; o compromisso da cidade no saber encontrar, preservar e apresentar a sua identidade pessoal e complexa; a cidade ao serviço integral das pessoas; de que forma é que a instituição que representa pode contribuir para a viabilização da Cidade Educadora em Barcelos?

Como já referi, o Poder Local é responsável por sensibilizar e motivar os seus cidadãos para o desenvolvimento, de modo a proporcionar-lhes uma crescente qualidade de vida e um envolvimento activo, nas mais diversas actuações: cultura, educação, desporto, acção social, urbanismo, ambiente, administração, etc...

Portanto, tendo por base esta filosofia de desenvolvimento de uma política activa, no espaço urbano e no território que o poder local me propõe e da qual sou responsável, é fácil reconhecer a importância que o Município tem para a viabilização da Cidade Educadora em Barcelos.

6. Face a estas considerações, que benefícios considera possível conseguir, para a instituição e comunidade em geral, com a eventual adesão de Barcelos ao movimento das Cidades Educadoras?

Por um lado, o facto de poder aceder a um conhecimento aprofundado de projectos estruturantes em áreas fundamentais de desenvolvimento, avaliando os aspectos positivos e negativos da sua implementação e concretização. Deste modo, consegue-se adquirir saberes essenciais para a antecipação e resolução de diversos problemas que são comuns a muitas cidades/municípios. Por outro lado, porque a experiência extremamente rica dos municípios integrantes em múltiplas áreas de sua actividade e os respectivos projectos pioneiros que desenvolvem, merecem ampla divulgação e difusão, para que outras cidades/municípios possam beneficiar com esse conhecimento e, assim, aumentar a qualidade de vida dos seus cidadãos/municípes.

7. Com a implementação da Cidade Educadora, em Barcelos, que dinâmicas ou projectos socioculturais poderiam surgir, promovidos pela instituição que representa?

A Câmara Municipal de Barcelos já promove dinâmicas e projectos sócio-culturais.

Os projectos que poderá vir a desenvolver no futuro, deverão reflectir a vida da comunidade, no seu modo de ser e pensar, espelhando sempre uma identidade e uma cultura fortes. Claro que estas dinâmicas ou projectos serão obras colectivas, que exigem mobilização constante de todos os intervenientes da comunidade, exigem profissionalismo e vontade de reforçar a cultura própria de cada sociedade mas, também, exigem reconhecimento e responsabilização.

8. Indique acções que considere importante concretizarem-se, ao nível municipal, com a adesão ao movimento das Cidades Educadoras, que possam contribuir para o desenvolvimento e melhoria da qualidade de vida dos habitantes.

Com a adesão ao Movimento das Cidades Educadoras, o Município reforçaria e manteria as acções que vem efectuando, pois a melhoria e o desenvolvimento da qualidade de vida dos Barcelenses tem aumentado significativamente. Porém, e tendo como máxima a afirmação: “Uma cidade será Educadora se oferecer todo o seu potencial (...) deixando-se envolver por todos os seus habitantes e ensinando-os a envolverem-se nela”, parece-me ser importantes os seguintes objectivos para a sua concretização:

- Garantir as condições para a realização das dinâmicas ou dos projectos socioculturais;*
- Promover e exigir o cumprimento das mesmas;*
- Apresentar programas inovadores que despertem o cidadão para a realidade da Cidade Educadora;*
- Criar um Gabinete de projectos, desenvolvidos e a desenvolver pelo Município, no âmbito do exposto nos princípios estabelecidos na Carta das Cidades Educadoras;*
- Realizar campanhas de sensibilização, de modo a alterar hábitos socioculturais;*
- Multiplicar e diversificar acções/projectos de intervenção localizada;*
- Envolver activamente todos os agentes na acção a desenvolver;*

- Auscultar, regularmente, os intervenientes dos diferentes serviços de modo a avaliar a acção executada.

Todas as acções a desenvolver partiriam da ideia base que deverá sustentabilizar o projecto Cidade Educadora: "A melhoria da qualidade de vida dos habitantes."

9. A título conclusivo e de acordo com esta realidade e o trabalho que tem desenvolvido em prol da comunidade, indique-nos a forma de intervenção e animação sociocultural, que entende mais correcta.

Entendo que é aquela que abarca toda a pessoa e que ao mesmo tempo engloba as instituições existentes na sociedade. Só com uma envolvimento total dos agentes económicos, sociais, culturais, recreativos, desportivos, educativos, políticos, ambientais, urbanísticos, religiosos, etc., é que a realidade e o trabalho em prol da comunidade será profundamente frutífero, resultando num aumento participativo e interventivo do indivíduo na problemática da vida sócio-cultural.

2.2.9. Entrevista com Joana Garrido Fernandes, Vereadora dos Pelouros: Juventude, Cultura, Turismo e Artesanato.

Entrevista realizada na Câmara Municipal de Barcelos, no dia 30 de Outubro de 2006.

1. Indique, por favor, o percurso e principal actividade da instituição que representa.

Aqui podemos traçar duas vertentes diferentes, por um lado o Pelouro da Cultura pode ser visto em termos genéricos, no Pelouro da Cultura inserem-se várias actividades e nomeadamente, a meu cargo, tenho o Museu de Olaria, tenho a Biblioteca Municipal, tenho o Arquivo Municipal, são actividades que são muito diversificadas, a par destas actividades temos o Turismo, temos o Artesanato que se podem inserir no âmbito da cultura, são áreas muito abrangentes, fundamentais para o crescimento, para o próprio desenvolvimento de um concelho...

A cultura é fundamental, é a nossa base e isto proporciona aos cidadãos barcelenses muito mais enriquecimento porque, por exemplo, o Museu de Olaria trabalha várias situações, temos a questão das exposições onde damos a conhecer um bocadinho daquilo que é característico de Barcelos, mas também característico de outras zonas do país portanto, o Museu de Olaria não se cinge apenas a exposições relacionadas com Barcelos, mas também com todo o país, isso também permite que a população tenha uma noção daquilo que existe a nível nacional e eventualmente também a nível internacional, porque podemos também aqui inserir situações relacionadas com zonas de determinados países, fora de Portugal.

A questão da Biblioteca tem um papel fundamental, sobretudo para os barcelenses, quer sejam crianças, jovens e adultos. ... Aquilo que nós pretendemos é promover o livro e a leitura que é fundamental para aumentar os conhecimentos de qualquer pessoa, permite não só enriquecer em termos de leitura, mas também em termos de escrita e de oralidade, e temos a parte vocacionada para as crianças que é a hora do conto, em que estamos especificamente voltados para as crianças, a parte juvenil e a parte dos adultos, que podem frequentar a nossa Biblioteca Municipal, podem ler todo o tipo de material, de livros, o mais variado possível, revistas, jornais, etc.

Para além disto, temos os nossos espectáculos culturais que são mais um acrescento em termos de enriquecimento, turismo e artesanato, escusado será dizer que é o ex-libris do concelho de Barcelos, que tem muito para oferecer. Portanto, o artesanato procura ou tem o Galo de Barcelos, como símbolo deste país e do mundo, portanto no fundo dar a conhecer aquilo que é de mais característico de Barcelos e proporcionar uma atractividade para as pessoas que nos vêm conhecer.

Em termos de Acção Social, como falou, eu não sou a vereadora da acção social mas estou por dentro dos assuntos vocacionados no âmbito da acção social. Temos um papel fundamental para proporcionar uma melhor qualidade de vida às populações,

utilizando todos os projectos que temos, desde o apoio à habitação social, apoio à renda, que se mostram fundamentais para uma melhoria da qualidade de vida das pessoas, é no fundo uma ajuda à vida difícil que uma parte da população tem. Para além disso temos também outros projectos, nomeadamente de apoio aos toxicodependentes, pessoas carenciadas de outra forma, que precisam de alguma ajuda, sem esquecer a tão importante rede social que é extremamente abrangente e que permite uma aplicabilidade em várias áreas, quer na educação, quer na saúde, quer na parte vocacionada para uma melhoria da qualidade de vida da população. Portanto está a ver que é muito abrangente!

A par disto, fora do âmbito da cultura e acção social temos um pelouro fundamental, que é um pelouro muito específico que é o Pelouro da Juventude. Aqui criamos também várias acções que permitam criar uma atenção nos jovens do concelho, temos iniciativas ao longo do ano vocacionadas para a juventude, abordando vários temas, por exemplo a campanha educativa, que são acções de sensibilização fundamentais e é uma forma mais informal, mais agradável para se chamar a atenção para problemas muito sérios, que de outra forma os jovens não estariam na disposição de ouvir, temos os nossos técnicos especializados para poderem abordar estas questões, não do ponto de vista médico, obviamente, porque quando isso é preciso temos o Centro de Saúde de Barcelos que tem colaborado de uma forma incansável connosco. ... Temos também actividades que permitam chamar a atenção para o combate à toxicodependência e para além disto, ao longo do ano, temos também actividades que promovem a música, a moda, a arte, portanto os jovens de Barcelos realmente têm muito por onde escolher neste Pelouro da Juventude. Para além disto, temos um serviço permanente, o nosso serviço está sempre cheio de jovens que de outra forma, possivelmente, não teriam possibilidade de aceder à Internet a título particular e o Cartão Barcelos Jovem, que é um cartão que permite aos jovens de Barcelos aceder a descontos em várias lojas, de várias vertentes e serviços, que possam realmente oferecer um desconto na aquisição dos seus produtos ou serviços, o que também é muito importante para a nossa juventude portanto, acho que estamos muito bem servidos e sobretudo o nosso trabalho é feito a pensar nos jovens de Barcelos.

2. Já ouviu falar no Movimento Cidades Educadoras?

Em termos muito específicos não ouvi falar, já me referenciaram ao de leve esta situação, mas não tenho conhecimento profundo do que é o movimento cidades educadoras.

3. Conhece alguma Cidade que faça parte deste Movimento?

Não, não tenho esse conhecimento.

5. Tendo em consideração os princípios que regem o Movimento Cidades Educadoras: o direito de todos os habitantes a uma cidade educadora, desde a formação, entretenimento e desenvolvimento pessoal; o compromisso da cidade no saber encontrar, preservar e apresentar a sua identidade pessoal e complexa; a cidade ao serviço integral das pessoas; de que forma é que a instituição que representa pode contribuir para a viabilização da Cidade Educadora em Barcelos?

Bem, eu apesar de não ser conhecedora dos princípios que regem o movimento das cidades educadoras, por aquilo que falou e por aquilo que se pode depreender do título cidade educadora, a mim parece-me que Barcelos e dadas as características que já referi, tem tudo para ser uma cidade educadora. Estas características dos pelouros que estão sob a minha responsabilidade, assim como outros pelouros da autarquia, existem outros pelouros que também podem proporcionar se calhar boas condições para ser uma boa cidade educadora. Acho que Barcelos tem condições para adquirir esse título. Com aquilo que se tem para oferecer, com aquilo que dá no seu dia a dia, pelas iniciativas que desenvolve, pelas características deste concelho, acho que estamos em condições para ser uma boa cidade educadora, para permitir que a nossa população, desde as nossas crianças, os jovens, os adultos, os mais velhos, possam realmente ter uma base de conhecimento maior, ter um acesso a um leque muito variado de iniciativas como já existem, eu penso que está lançado o mote para que Barcelos seja classificada como

uma cidade educadora e assim, acho que podemos mesmo ver Barcelos como uma cidade educadora.

6. Face a estas considerações, que benefícios considera possível conseguir, para a instituição e comunidade em geral, com a eventual adesão de Barcelos ao movimento das Cidades Educadoras?

... Como eu digo, não conhecendo os princípios fundamentais deste movimento, o que me parece, quando falamos numa cidade ser cidade educadora, é proporcionar à sua população um maior enriquecimento a nível dos conhecimentos, a nível cultural, portanto será uma população que poderá ter um background, como falávamos à bocado, maior e no fundo ter... é exactamente isso que eu disse um enriquecimento, da sua cultura e penso que basicamente anda à volta destes termos, a nível da formação, da educação, dos conhecimentos, por isso será essencialmente um enriquecimento cultural da população... e se calhar não só isto, porque também proporciona uma melhor qualidade de vida das pessoas.

7. Com a implementação da Cidade Educadora, em Barcelos, que dinâmicas ou projectos socioculturais poderiam surgir, promovidos pela instituição que representa?

Bem quando falamos em cidade educadora e falamos principalmente dos conhecimentos, da cultura, da qualidade de vida das pessoas, eu penso que há aqui uma questão fundamental que pode no fundo ser o ponto de partida, e já é o ponto de partida para esta situação, é a rede social, tenho esta noção que se calhar poderá...

A rede social não é só acção social, não é só tratar dos mais desfavorecidos é essencialmente...o objectivo principal da rede social é juntar esforços, entre entidades públicas e privadas sem fins lucrativos, para combater a pobreza e a exclusão social. Se nós formos analisar ao pormenor todos estes termos poderemos também incluir no âmbito da rede social não só o combate à pobreza física, concretamente nestes termos mais visível, mas também podemos combater aquelas situações das pessoas que estão isoladas, que não contactam com os outros. Portanto, proporcionar um aumento dos seus conhecimentos, um intercâmbio entre as pessoas, até porque não um trabalho que nós queremos desenvolver e que já estamos a desenvolver com algumas instituições e que incentiva, nós no fundo incentivamos as instituições a isso que é... um contacto entre gerações diferentes, com os idosos, os mais novos, tudo isso também é um combate à exclusão social, porque exclusão social não estamos a falar só dos marginalizados, estamos a falar também daquelas pessoas que estão sozinhas, que não convivem. Podemos pensar na rede social como um ponto de partida para estas questões, porque por exemplo no nosso caso, no âmbito da rede social trabalhamos com muita preocupação por exemplo a questão da educação, a questão da alfabetização, portanto todos estes aspectos são fundamentais ... a questão da melhoria da qualidade de vida da população, educar para a cidadania, por exemplo, tratar a questão das acessibilidades que é um trabalho que a autarquia tem vindo a desenvolver. Nós aderimos à Rede Europeia das Cidades para a Mobilidade, Barcelos recebeu ... a bandeira da Mobilidade, portanto estamos no bom caminho e penso que isto é educar, portanto pode inserir-se no movimento cidade educadora, porque educar não é só no âmbito da educação, dos conhecimentos, mas também na postura, na cidadania.

Rede social não é só acção social, é, mas não é só acção social!

9. A título conclusivo e de acordo com esta realidade e o trabalho que tem desenvolvido em prol da comunidade, indique-nos a forma de intervenção e animação sociocultural, que entende mais correcta.

Pela experiência que tenho e nós vamos realmente à medida que os anos vão passando, vamos vendo o que fazemos de melhor, o que fazemos de pior, vamos vendo qual a forma de criar um maior impacto na comunidade. Na parte que me toca, na parte de animação essencialmente cultural, que em termos de intervenção social é diferente é no âmbito da rede social como já falamos e aí precisamos sempre da colaboração, como eu disse, de entidades privadas sem fins lucrativos porque... é muito importante que as pessoas tenham a noção de que as parcerias são fundamentais e eu sou muito a favor

das parcerias, porque sozinhos não conseguimos fazer tudo e portanto é preciso envolver a comunidade civil, tem que ser responsabilizada, tem que intervir, tem que participar, não podem estar à espera que seja uma entidade pública, única e exclusivamente a fazer o trabalho, porque é fundamental o trabalho em parceria e isso acontece aqui no concelho de Barcelos e muito bem.

Em termos de animação cultural a forma como chegamos à população, eu acho que aquilo que temos vindo a desenvolver é a forma correcta, nós criamos vários programas de animação para a população, diversificados, de acordo com os interesses, com as idades, com os gostos de cada um, obviamente que temos que fazer uma divulgação, isto é um trabalho mais técnico, temos que arranjar formas de chegar à população, isso não é fácil, criar um hábito na população, saber onde procurar não é? Não basta saber fazer sair a informação, é preciso saber fazer chegar a informação, mas também é preciso que a população procure, penso que realmente nós, este ano, adoptamos um sistema de programa de animação cultural onde incluímos todas as iniciativas que desenvolvemos quer do Pelouro da Juventude, quer do Turismo, quer do Artesanato, Museu de Olaria, da Biblioteca, também é importante a parceria com a Empresa Municipal de Educação e Cultura, que tem uma parceria fundamental connosco, lá está cultura e educação sempre de mãos dadas. Portanto, fazendo sair uma agenda cultural que vai para casa das pessoas, agora é preciso criar o hábito das pessoas consultarem essa agenda ou seja, os meios estão à disposição, para além da divulgação que fazemos nos meios de comunicação social locais e regionais e nacionais, eventualmente, se for caso disso, como a televisão, é preciso agora que as pessoas procurem, acho que o nosso trabalho está a ser feito, está a ser bem feito, obviamente que tudo isto demora sempre algum tempo a consolidar-se, mas parece-me que as coisas estão a correr bem, é preciso é chegar à população e também contar que a população esteja atenta aquilo que nós fazemos.

3. ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS

Quadro de Categorização

- * Categoria: Percurso e actividade das instituições inquiridas
- * Categoria: Conhecimento do Movimento Cidade Educadora
 - Subcategoria: Cidades identificadas no movimento
 - Subcategoria: Traços de caracterização do movimento
- * Categoria: As instituições face à integração de Barcelos no movimento Cidade Educadora
 - Subcategoria: Posição acerca da implementação da Cidade Educadora no Município de Barcelos
 - Subcategoria: Contributo das instituições para a viabilização da Cidade Educadora em Barcelos
- * Categoria: Principais áreas de intervenção municipal e benefícios para a comunidade com a criação da Cidade Educadora
 - Subcategoria: Benefícios para a comunidade na perspectiva da instituição com a criação da Cidade Educadora em Barcelos.
 - Subcategoria: Áreas de intervenção municipal consideradas importantes para a melhoria da qualidade de vida
- * Categoria: Dinâmicas a desenvolver com a implementação do Movimento Cidade Educadora em Barcelos
 - Subcategoria: Dinâmicas a promover pela instituição com a implementação da Cidade Educadora em Barcelos
 - Subcategoria: Instituições e parceiros referidos pelos entrevistados
 - Subcategoria: Principais dificuldades apontadas
- * Categoria: Forma de intervenção e Animação Sociocultural considerada mais correcta

Entrevista 1

Instituição:	Centro de Saúde de Barcelos
Entrevistado - Nome:	Afonso Henrique Martins Inácio
Idade:	47 anos
Cargo:	Director do Centro de Saúde
Grau de escolaridade:	Licenciatura em Medicina
Local:	Centro de Saúde de Barcelos
Data:	19 de Junho de 2006

Entrevista 2

Instituição:	Empresa Municipal de Educação e Cultura de Barcelos
Entrevistado - Nome:	Carlos Alberto Cardoso
Idade:	33 anos
Cargo:	Presidente da EMEC
Grau de escolaridade:	Licenciatura em Comunicação Social
Local:	Sede da EMEC- Abade de Neiva – Barcelos
Data:	28 de Junho de 2006

Entrevista 3

Instituição:	Círculo Católico de Operários de Barcelos
Entrevistado - Nome:	Manuel Reis
Idade:	71 anos
Cargo:	Presidente do Círculo Católico
Grau de escolaridade:	Curso Superior de Radiologia
Local:	Gabinete da Juventude da CMB
Data:	14 de Setembro de 2006

Entrevista 4

Instituição:	Junta de Freguesia de Góios
Entrevistado - Nome:	Augusto Manuel Alves Vilas Boas
Idade:	40 anos
Cargo:	Presidente da Junta de Freguesia
Grau de escolaridade:	Licenciatura em Biologia e Geologia
Local:	Escola Secundária de Barcelos
Data:	2 de Outubro de 2006

Entrevista 5

Instituição:	Agrupamento de Escuteiros 1204- Martim
Entrevistado - Nome:	Patrícia Manuela Fernandes Sousa
Idade:	29 anos
Cargo:	Chefe do Agrupamento
Grau de escolaridade:	Licenciatura em Comunicação Social
Local:	Galeria Municipal de Arte de Barcelos
Data:	10 de Outubro de 2006

Entrevista 6

Instituição:	Empresa Municipal de Desportos de Barcelos
Entrevistado - Nome:	Mário Constantino Araújo Leite da Silva Lopes
Idade:	42 anos
Cargo:	Administrador da Empresa Municipal
Grau de escolaridade:	Licenciatura em Educação Física
Local:	Empresa Municipal de Desportos
Data:	11 de Outubro de 2006

Entrevista 7

Instituição:	Escola Secundária Alcaides de Faria
Entrevistado - Nome:	Manuel David Macedo Lourenço
Idade:	50 anos
Cargo:	Presidente do Conselho Executivo
Grau de escolaridade:	Licenciatura, pós-graduação em Administração Escolar
Local:	Escola Secundária Alcaides de Faria
Data:	13 de Outubro

Entrevista 8

Instituição:	Câmara Municipal de Barcelos
Entrevistado - Nome:	Fernando Ribeiro dos Reis
Idade:	56 anos
Cargo:	Presidente da Câmara Municipal
Grau de escolaridade:	Licenciatura em Medicina
Local:	Câmara Municipal de Barcelos
Data:	26 de Outubro de 2006

Entrevista 9

Instituição:	Câmara Municipal de Barcelos
Entrevistado - Nome:	Joana Garrido Fernandes
Idade:	30 anos
Cargo:	Vereadora dos Pelouros: Juventude, Cultura, Turismo e Artesanato
Grau de escolaridade:	Licenciatura em Direito
Local:	Câmara Municipal de Barcelos
Data:	30 de Outubro de 2006

Categoria: Percurso e actividade das instituições inquiridas

Descrição: Nesta categoria pretendo inserir as unidades de sentido que traduzam o percurso e principal actividade das nove instituições inquiridas, enunciadas pelos seus responsáveis

Entrevista	Excertos
Entrevista nº 1	<i>O C. S. de Barcelos é a unidade responsável pelos cuidados primários do concelho de Barcelos e, ...acima de tudo a prevenção, e para se fazer uma boa prevenção também tem que se fazer uma boa informação e a boa informação ... acaba por resultar numa boa educação... o Centro de Saúde de Barcelos funciona nessa base.</i>
Entrevista nº 2	<i>O percurso desta instituição é a sua criação em 2000 e que visava na altura portanto ocupar-se da actividade educativa e de todas as actividades culturais deste concelho. Começou em primeiro lugar com a actividade educativa, uma vez que a Escola de Tecnologia e Gestão ... passou a ser gerida pela EMEC e depois em conjunto com todas as actividades culturais ... como a Festa da Cruzes, a Feira do Artesanato, Feira do Livro, e outras que vão surgindo como as Festas de Natal, a passagem de Ano e outras festas pontuais... Temos também o Centro de Artesanato, o Pólo de Leitura, o museu de Chavão, mais a Escola, mais a galeria de arte.</i>
Entrevista nº 3	<p><i>...os seus estatutos são de 1903, altura em que foi criado o Círculo Católico, é uma instituição centenária,...</i></p> <p><i>Porto, Vila do Conde que são as cidades onde ainda existem Círculos católicos, ... Porto tem neste momento 106 anos, Barcelos com 103 e Vila do Conde fez o centenário o ano passado, tem agora 101 anos. ... São as únicas existentes no país. Só existiam em Portugal cerca de 60 Círculos Católicos, o primeiro foi o do Porto, foi o primeiro que começou, envolvendo empregados domésticos, desde costureiras, marceneiros, artífices da época e o movimento revolucionário também da época, ...movimentos políticos aderiram ou criaram os Círculos Católicos, a igreja, os sacerdotes começaram a conseguir também foram também os iniciadores, ...</i></p> <p><i>Os Círculos Católicos nasceram nessa época e os seminários não só por Portugal mas também pelo estrangeiro....</i></p> <p><i>O nosso tem sede própria, Vila do Conde tem sede própria e Porto também, de maneira que são os que se mantiveram.</i></p> <p>(no âmbito da resposta 5)</p> <p><i>...Em 1990 quando após uma paragem do Circulo Católico, esteve encerrado devido a diversas vicissitudes que atravessou foi criada uma comissão administrativa e a partir daí assumiu uma nova direcção, com novos corpos gerentes, ... tem sido aliás um trajecto dinâmico, engraçado, bem disposto, com uma equipa de trabalho também colaborante. Fizemos diversas remodelações na instituição, no edifício sede, criou-se espaços para teatro, para um grupo vocal, para uma banda que é a Banda do Galo e o grupo vocal é As Vozes do Cávado, criou-se um lugar, que já existia mas foi remodelado, para permanência de diversos associados e até talvez se possa considerar um ATL da 3ª idade em...</i></p> <p><i>Temos procurado que a juventude adira à instituição mas é muito difícil. É um espaço de convívio permanente.</i></p>
Entrevista nº 4	<i>A Junta de Freguesia tem como principal finalidade preservar toda a freguesia quer em termos fisicos, embora tenha funções pré-definidas como instituição, nomeadamente a inventariação de tudo o que era da freguesia, preservação de todos os locais públicos, embora essa preservação e essas responsabilidades são bastante restritas podendo depois fazer-se alguns protocolos com a Câmara onde são feitas transferências de competências,</i>

	<i>nomeadamente para a preservação de caminhos municipais e de estradas municipais e quem diz as estradas diz também o património escola, que embora seja da responsabilidade da Câmara, normalmente por transferência de competências passa para as Juntas de Freguesia.</i>
Entrevista nº 5	<p><i>começamos este ano ... com as comemorações do 10º aniversário do agrupamento, portanto em 2007... começamos com caminheiros ... tínhamos 16, 17 anos e queríamos ser escuteiros, queríamos criar um agrupamento na nossa terra porque nunca tinha havido escuteiros em Martim ...</i></p> <p><i>... finalmente temos as quatro secções a funcionar, é a primeira vez que temos as quatro secções a funcionar, ... lobito, explorador, pioneiro e caminheiro ... ao longo do tempo fomos realizando as actividades escutistas, socais e educativas, todo o tipo de actividade que já estão previstas no sistema de progresso mas também tentamos inovar um bocadinho</i></p> <p><i>... pelo menos no núcleo da região de Braga somos o único agrupamento chefiado só por mulheres, ...</i></p> <p><i>O escutismo é muito mais do que acampamentos ou participar nas missas ou nas procissões, porque somos Corpo Nacional de Escutas, ... nós gerimo-nos pelo ... método escutista que tem como base 5 pólos educativos, que é a habilidade manual, é o carácter, é a saúde, é a fé e o serviço ... são cinco e tudo o que nós fazemos baseamo-nos nisso ou seja cada secção tem manuais próprios, cada secção tem os seus manuais, os miúdos trabalham por sistema de patrulhas ou seja os miúdos são divididos por bandos no caso dos lobitos porque é baseado no livro da selva, ... depois tem os exploradores, tem os pioneiros, tem os caminheiros, ... os exploradores são patrulhas e os mais velhos é por equipas, ... além do sistema de patrulhas temos o sistema de progresso, ... cada secção está dividida em três fases, fase de adesão ao movimento, ... depois a fase de bronze, a fase de prata e a fase de ouro... em cada dessas fases os miúdos têm que fazer provas, provas relacionadas com os tais cinco pólos educativos e as 10 áreas de intervenção, claro que à medida que vai avançando ou o grau de dificuldade vai aumentando, daí as insígnias todas que os miúdos têm ... isto é um percurso muito complexo, mas os miúdos se começar de lobitos é mais fácil do que nós que começamos como caminheiros...</i></p>
Entrevista nº 6	<i>...a Empresa foi criada ou concebida para em primeiro lugar obedecer a dois objectivos essenciais, por um lado permitir a gestão dos equipamentos desportivos municipais, nomeadamente as piscinas municipais, os pavilhões municipais e o estádio municipal e paralelamente também promover através do fomento desportivo a massificação da prática desportiva, sobretudo nas camadas mais jovens, ... hoje em dia podemos dizer que está em velocidade cruzeiro porque temos uma ocupação de quase 100% do Pavilhão Municipal, das Piscinas Municipais, temos também um Clube residente no estádio municipal ... também cumprimos o outro objectivo principal, do fomento, através da implantação este ano do enriquecimento curricular no 1º ciclo através da actividade física desportiva ...</i>
Entrevista nº 7	<i>É a escola com mais alunos do concelho, tem 1600 de dia e 400 à noite. Portanto a actividade é o ensino portanto, a principal actividade e única é o ensino, do 7º ao 12º ano, com predomínio dos anos do ensino secundário. Como presidente do conselho executivo sou há 15 anos seguidos este é o 16º ano depois tinha estado 3 anos anteriormente, mas seguidos consecutivos estou a iniciar o 16º ano.</i>

Entrevista nº 8	<p><i>O percurso e a principal actividade da instituição que represento estão, desde sempre, plasmados na história da formação administrativa de Portugal e tem, como base de acção tudo aquilo que a legislação vai introduzindo como responsabilidade das autarquias do Poder Local, ou seja, que tipo de intervenção, colaboração, cooperação, interacção, função, criação, sistematização, autonomia, poder e, claro, direitos, deveres, nos variadíssimos campos de actividade a desenvolver: Acção Social; Educação; Cultura; Recreio/Lazer; Desporto; Urbanismo; Transportes; Ambiente; Saúde; Saneamento/Abastecimento de Água. Tudo fazer para caminhar no sentido do aumento da qualidade de vida das pessoas.</i></p>
Entrevista nº 9	<p><i>Aqui podemos traçar duas vertentes diferentes, por um lado o Pelouro da Cultura pode ser visto em termos genéricos, no Pelouro da Cultura inserem-se várias actividades e nomeadamente, a meu cargo, tenho o Museu de Olaria, tenho a Biblioteca Municipal, tenho o Arquivo Municipal, são actividades que são muito diversificadas, a par destas actividades temos o Turismo, temos o Artesanato que se podem inserir no âmbito da cultura, são áreas muito abrangentes, fundamentais para o crescimento, para o próprio desenvolvimento de um concelho...</i></p> <p><i>A cultura é fundamental, é a nossa base e isto proporciona aos cidadãos barcelenses muito mais enriquecimento</i></p> <p><i>Para além disto, temos os nossos espectáculos culturais que são mais um acrescento em termos de enriquecimento, turismo e artesanato, escusado será dizer que é o ex-libris do concelho de Barcelos, que tem muito para oferecer.</i></p> <p><i>Em termos de Acção Social,</i></p> <p><i>Temos um papel fundamental para proporcionar uma melhor qualidade de vida às populações, utilizando todos os projectos que temos, desde o apoio à habitação social, apoio à renda, que se mostram fundamentais para uma melhoria da qualidade de vida das pessoas, é no fundo uma ajuda à vida difícil que uma parte da população tem</i></p> <p><i>A par disto, fora do âmbito da cultura e acção social temos um pelouro fundamental, que é um pelouro muito específico que é o Pelouro da Juventude. Aqui criamos também várias acções que permitam criar uma atenção nos jovens do concelho, temos iniciativas ao longo do ano vocacionadas para a juventude,</i></p> <p><i>abordando vários temas, por exemplo a campanha educativa</i></p> <p><i>Temos também actividades que permitam chamar a atenção para o combate à toxicodependência e para além disto, ao longo do ano, temos também actividades que promovem a música, a moda, a arte, portanto os jovens de Barcelos realmente têm muito por onde escolher neste Pelouro da Juventude.</i></p>

<u>Categoria:</u>	<u>Conhecimento do Movimento Cidade Educadora</u>
Subcategoria	Cidades identificadas no movimento
Subcategoria	Traços de caracterização do movimento

Descrição: Nesta categoria pretendo inserir as unidades de sentido que indiquem o conhecimento dos inquiridos acerca do Movimento Cidades Educadoras, incluindo as cidades que identificaram.

<u>Categoria:</u>	<u>Conhecimento do Movimento Cidade Educadora</u>
Subcategoria	Cidades identificadas no movimento

Entrevista	Excertos
Entrevista nº 1	<i>Já tinha ouvido... Braga conhecia!...</i>
Entrevista nº 2	<i>Sim já ouvi falar, a sua criação em Barcelona quando se fez o primeiro encontro... ... algumas cidades que de facto já optaram, aquela que eu conheço melhor e o seu processo é Esposende.</i>
Entrevista nº 3	<i>Não estou a ver...</i>
Entrevista nº 4	<i>Já, já ouvi... ...Aquilo que eu li, na altura era Lisboa e sei que também faz o Porto e outras cidades dos arredores de Lisboa, ... penso que Cascais, Sesimbra, sei que há ali um lote de cidades dos arredores de Lisboa que também fazem parte...</i>
Entrevista nº 5	<i>Sim já. ...Sei que em Portugal são 20, Braga é uma delas ... Lisboa, Leiria, Almada, Porto, Gaia, sei que muitas delas estão...</i>
Entrevista nº 6	<i>Já. ...Sinceramente várias cidades, portuguesas sei que aderiram não consigo dizer agora exactamente uma delas e identificar o trabalho de uma delas mas já ouvi falar várias vezes, já vi inclusive seminários feitos em Portugal, julgo que Oeiras é uma das cidades que está mais desenvolvida a este nível.</i>
Entrevista nº 7	<i>Não</i>
Entrevista nº 8	<i>Sim, já ouvi falar no Movimento Cidades Educadoras. ...Conheço. Casos das cidades do Barreiro, Vila Real e Lisboa, assim como, Lyon e Barcelona.</i>
Entrevista nº 9	<i>Em termos muito específicos não ouvi falar... Não, não tenho esse conhecimento.</i>

Categoria:	Conhecimento do Movimento Cidade Educadora
Subcategoria	Traços de caracterização do movimento

Entrevista	Excertos
Entrevista nº 1	<i>Eu acho que todo este tipo de movimentos são sempre bem vindos porque facilita... acaba por se aproveitar os vários parceiros que trabalham nesta área e acabamos por ter uma sinergia que acaba por resultar...</i>
Entrevista nº 2	<i>...Esta responsabilização da construção de uma Europa que começa nas suas cidades eu acho muito muito muito interessante é pena penso eu que ... esta carta das cidades educativas não tenha sido trabalhada concelho a concelho eu acho que se devia ter feito um projecto ...</i>
Entrevista nº 3	<i>Não estou a ver...</i>
Entrevista nº 4	<i>...É acima de tudo uma grande vantagem em termos educacionais e culturais, em termos de visão do aumento de perspectivas por parte das instituições e das pessoas.</i>
Entrevista nº 5	<i>... acho que a educação é a base de tudo daí o grande contributo ou a necessidade do grande contributo ... acho que o movimento tem que ser,... com o apoio de todas as instituições a nível concelhio, mas acho que a própria sociedade tem muito a dar nesse aspecto, porque não é só a escola não é só a família que dão educação. ... se trabalhássemos em rede acho que seria muito mais fácil, as parcerias, as sinergias, eu sou a favor das parcerias, das sinergias...</i>
Entrevista nº 6	<i>... não domino em profundidade quais são os objectivos centrais, mas a ideia que eu tenho é que é uma iniciativa interessante porque permitirá congrega e dar consistência aos projectos que forem desenvolvidos, ou seja a câmara municipal ou as câmaras municipais tem um conjunto de iniciativas avulsas, se assim quiser, que podem todas concorrer para uma mobilização, sensibilização, formação da sociedade, na qual estão inseridos que poderá promover a educação, a cultura, a participação cívica e portanto penso que por aí as cidades educadoras podem ter um papel importante.</i>
Entrevista nº 7	<i>Não</i>
Entrevista nº 8	<i>...O Movimento Cidade Educadora é, para mim, todo aquele espaço que potência ao máximo a sua actividade, no sentido de um maior desenvolvimento cultural, social, ambiental, educacional, etc., dos cidadãos. É tudo aquilo que reflecte esta noção e destaca a necessidade de uma visão integradora e integrada do território, passando por uma real e efectiva conjugação de esforços, através do desenvolvimento de políticas concertadas nos diversos níveis de actuação do Poder Local.</i>
Entrevista nº 9	<i>Em termos muito específicos não ouvi falar... Não, não tenho esse conhecimento.</i>

<u>Categoria:</u>	<u>As instituições face à integração de Barcelos no movimento Cidade Educadora</u>
Subcategoria:	Posição acerca da implementação da Cidade Educadora no município de Barcelos
Subcategoria	Contributo das instituições para a viabilização da cidade educadora em Barcelos

Descrição: Nesta categoria pretendo inserir as unidades de sentido que transmitam a posição dos inquiridos acerca da implementação da Cidade Educadora no município de Barcelos, assim como as unidades de sentido que apresentem acções, contributos, de cada uma das instituições para a viabilização deste movimento em Barcelos.

<u>Categoria:</u>	<u>As instituições face à integração de Barcelos no movimento Cidade Educadora</u>
Subcategoria:	Posição acerca da implementação da Cidade Educadora no município de Barcelos

Entrevista	Excertos
Entrevista nº 1	<i>penso que é um movimento que Barcelos deve aderir incondicionalmente.... Acho que envolvendo no movimento podemos beneficiar todos com isso, não é! (no âmbito da resposta à questão nº 4)</i>
Entrevista nº 2	<i>...os nossos meios de comunicação são os principais responsáveis, deviam ser o principal canal nesta cidade, se fizessem parte se respeitassem os princípios acima de tudo! Mas é coisa que não acontece agora eu acho que se deveria discutir em termos sociais, numa primeira fase podia ser porque não a Associação Nacional de Municípios, levantar esta questão, perguntar, proporcionar, ajudar a que este conhecimento desta carta aos seus aos seus associados no sentido de que eles implementem na sua política local com estes princípios... porque não pegar nestas linhas orientadoras, são linhas orientadoras que me parecem ser uma coisa extraordinária (no âmbito da resposta à questão 4) ...uma das coisas da carta das cidades educativas, acho que devia dar um papel mais importante à família, eu acho que passou um bocadinho ao lado, se calhar porque não está na moda, mas vai ter que estar porque todos os grandes problemas que nós temos neste concelho vem digamos de dentro da própria família. Então podemos chegar à conclusão que as famílias são a primeira fonte educadora porque sempre foram e tem quer continuar a ser... (no âmbito da resposta 7)</i>
Entrevista nº 3	<i>Efectivamente este movimento de cultura, de cidades, se for interpretado desta maneira se se conseguir que realmente haja lugar para a palavra amor, ... embora não consiga definir a palavra, ... mas sei que quando ela existe, existe uma continuidade de bem estar que se passa e procura-se sempre fazer ao outro muito ou mais do que aquilo que queríamos que nos fizessem a nós! (no âmbito da resposta 7)</i>
Entrevista nº 4	<i>Eu acho que era importante Barcelos caminhar nesse sentido, para deixarmos de ter, ou pelo menos temos aquela critica habitual que as actividades culturais em Barcelos são pontuais, são desgarradas, ... termos um fio condutor em termos de desenvolvimento dessas actividades, haver alguma sustentabilidade daquilo que se faz com princípios e finalidades bem definidas para orientar toda essa temática.</i>
Entrevista nº 5	<i>Eu acho que Barcelos só tinha a ganhar, envolver-nos em projectos inovadores ... mas acho que Barcelos só teria a ganhar ao integrar-se neste movimento, além de que teria a aprender com as outras cidades portuguesas</i>

	<p><i>que já integraram e mesmo as cidades estrangeiras, que já são muitas... Barcelos só teria a ganhar com isso, Barcelos, município e todas as associações que existem, felizmente ainda existem muitas associações no concelho que trabalham e que gostam daquilo que fazem.</i></p> <p><i>... acho que se todos nos uníssemos, se todos trabalhássemos em rede e em grupo acho que os resultados seriam muito melhores, ... unir esforços e trabalhar em prol, sobretudo junto das crianças que é o futuro e apostar um bocadinho nas crianças do Jardim-de-infância e da escola básica,... já há todas as actividades extra-curriculares, para os miúdos, mas na própria formação não limitar o saber aprender o saber ler, o saber escrever na escola primária é preciso muito mais e é nessa fase que os miúdos têm aptidão para tudo e mais alguma coisa portanto era nessa fase que nós deveríamos aproveitar.</i></p>
Entrevista nº 6	<p><i>Eu julgo que era muito positivo porque quanto mais não seja obrigava a autarquia a pensar em termos estratégicos numa, num conjunto de acções a desenvolver no concelho de uma forma integrada e de uma forma coerente ou seja evitar situações pontuais e a apontar</i></p> <p><i>que das várias partes resulte um todo coerente, ou seja nós às vezes assistimos a actividades pontuais desta associação, daquela escola ou daquele clube interessantes mas depois não concorrem todas para um objectivo central, ... o conceito ou a ideia que eu tenho de cidade educadora é exactamente que todas as partes contribuam para um todo e que esse todo seja significativamente mais do que a soma das partes.</i></p>
Entrevista nº 7	<p><i>... face aos grandes objectivos desse movimento concordo plenamente, acho que Barcelos deveria aderir e se Barcelos aderir a nossa escola também dentro das possibilidades que já aqui enunciei também está pronta a colaborar, está pronta. Acho que é muito importante a adesão de Barcelos a este movimento, embora não o conhecendo bem mas acho que só lucrava com isso.</i></p>
Entrevista nº 8	<p><i>Como já referi, o Poder Local é responsável por sensibilizar e motivar os seus cidadãos para o desenvolvimento, de modo a proporcionar-lhes uma crescente qualidade de vida e um envolvimento activo, nas mais diversas actuações: cultura, educação, desporto, acção social, urbanismo, ambiente, administração, etc...</i></p> <p><i>Portanto, tendo por base esta filosofia de desenvolvimento de uma política activa, no espaço urbano e no território que o poder local me propõe e da qual sou responsável, é fácil reconhecer a importância que o Município tem para a viabilização da Cidade Educadora em Barcelos.</i></p>
Entrevista nº 9	<p><i>...a mim parece-me que Barcelos e dadas as características que já referi, tem tudo para ser uma cidade educadora.</i></p> <p><i>...Acho que Barcelos tem condições para adquirir esse título. Com aquilo que se tem para oferecer, com aquilo que dá no seu dia a dia, pelas iniciativas que desenvolve, pelas características deste concelho,...</i></p>

Categoria:	<u>As instituições face à integração de Barcelos no movimento Cidade Educadora</u>
Subcategoria:	Contributo das instituições para a viabilização da cidade educadora em Barcelos

Entrevista	Excertos
Entrevista nº 1	<p><i>Considero que o Centro de Saúde já contribui. Se quiser até posso-lhe enumerar as actividades.... posso-lhe dar vários exemplos. Na saúde materna... temos outras por ex. que têm a ver com os diabéticos..., vamos também ao local e temos filmes e entregamos panfletos às pessoas... Depois temos outra actividade... criamos uma consulta do adolescente, descentralizada que funciona fora do Centro de Saúde. Fazemos a educação sexual... tudo isto faz parte deste tipo de movimento que me está a falar das Cidades Educadoras.</i></p> <p><i>Desde que estou aqui como director, um dos lemas que eu tentei implementar aqui dentro foi precisamente isso, virar o Centro de Saúde para a comunidade, o Centro de Saúde tem que sair de dentro da concha, ... da antiga caixa... Claro que nos faltam também meios mas se estivéssemos integrados nesse movimento provavelmente aquilo que falávamos das sinergias isto era uma coisa extraordinária.</i></p> <p><i>O Centro de Saúde tem carências de algumas áreas mas temos uma coisa muito boa, temos material humano devidamente formado pessoas habilitadas, temos uma boa equipa, muito jovem com uma vontade enorme de trabalhar.</i></p>
Entrevista nº 2	<p><i>Pode contribuir muito e aliás eu acho que já contribui de uma forma ou de outra. Pelas duas principais actividades mas principalmente pela primeira actividade eu acho que uma das responsabilidades ... é logo à partida garantir a igualdade de oportunidades a todos aqueles que usufruem dos seus serviços... garantir o acesso à formação de uma forma igual em que todos chegam cá com o mesmo ponto de partida e tem a formação feita efectivamente a pensar no ser pessoa, o ser homem, no ser cidadão mais do que no ser técnico. Por outro lado, também é na parte cultural a nossa obrigação de disponibilizar aquilo que temos de bom a nossa riqueza enquanto comunidade, com história, com o seu património, com a sua telepatia, com as suas raízes, prepará-las e apresentá-las de forma a que os nossos jovens e não só, a população em geral cresça educativamente e digamos adquira conhecimentos sobre a sua própria identidade.</i></p> <p><i>... este reforço de singularidade entre digamos esta pluralidade é das coisas mais bonitas que a Empresa Municipal pode fazer.</i></p> <p><i>... nós costumamos dizer que ninguém dá aquilo que não tem muito menos aquilo que desconhece! Essa é a nossa responsabilidade, se queremos que uma cidade seja de determinada maneira temos que melhorar o conhecimento dessa determinada maneira, não há outra forma, não há!</i></p> <p><i>Proporcionar, digamos fazer uma pré-selecção das nossas raízes e divulgando, formando sobre elas não de uma forma aleatória mas de uma forma consistente, de uma forma trabalhada, no sentido de não transformar aquilo que contemos em pleno entretenimento, mas numa situação de aprendizagem.</i></p>
Entrevista nº 3	<p><i>A instituição de persi já está integrada, ...pois os seus estatutos apresentam já todas os parâmetros propriamente ditos das cidades educacionais ...</i></p> <p><i>Resumindo ...os Círculos Católicos visam o bem-estar dos trabalhadores em cooperação com os serviços públicos competentes e com as</i></p>

	<p><i>instituições particulares num espírito de solidariedade humana, na questão cultural e social. Portanto está tudo muito relacionado, depois tem realmente os seus objectivos que a instituição propõe, desenvolver acções formativas baseado nos direitos fundamentais da pessoa humana,...</i></p> <p><i>É, tudo isto que faz referência à cidade educacional.</i></p> <p><i>...depois apoiar a 1ª infância ...apoiar a juventude, ...apoiar a 3ª idade...e todas as acções que se destinam a valorizar e a humanizar a sua qualidade de vida, promover culturalmente a população do concelho, ...Estes parâmetros estão realmente condizentes com os princípios deste movimento.</i></p>
Entrevista nº 4	<p><i>Desde já manifestando abertura e colaboração para trabalhar num projecto desse âmbito, depois embora seja uma instituição algo limitada... mas sei lá estou-me a lembrar do caso da, de dar a conhecer o passado um bocado da freguesia, nomeadamente através do artesanato tipo de Góios, que podia ser através de um Atelier do artesanato que é a tecelagem de penas, ... uma forma de enfim dar a conhecer às outras pessoas aquilo que se fez de mais significativo no passado em Góios.</i></p> <p><i>... sei lá outra forma, ... poderia ser tentar recriar algumas actividades do passado, como foi feito à pouco tempo em Góios mas podíamos transferir isso para a cidade e poderia estar acessível a qualquer pessoa. Estou-me a lembrar concretamente da recreação de uma malhada ou de uma desfolhada antiga.</i></p> <p><i>Eu acho que é importante que as pessoas percebam o passado, ou compreendam o passado para poderem compreender o presente, só assim é que compreendem algumas das alterações e comportamentos que existem hoje.</i></p>
Entrevista nº 5	<p><i>É assim o agrupamento, o nosso, e todos os agrupamentos do concelho e a nível até de CNE, ... nesse aspecto já somos uma espécie de sinergia que tem a base e depois tem as várias ramificações, a base do escutismo é a formação e a educação integral dos jovens, portanto só por aí acho que podemos dar muito contributo, ...</i></p> <p><i>O próprio método escutista baseia-se um bocadinho em todos esses princípios que fazem, ou que fizeram nascer o movimento para as cidades educadoras, ... portanto acho que o escutismo em si, os vários agrupamentos que existem no concelho podem fazer muito pelo concelho, a nível educacional e de formação, já o fazem cada qual na sua terra, cada qual com os seus jovens, ... mas acho que podemos fazer muito mais nesse âmbito,... ou seja transpor aquilo que nós vamos ensinando e aprendendo também com os miúdos podemos fazê-lo a um nível mais geral, a um nível mais global do concelho, o próprio concelho promover actividades ou porque não ou até a própria junta de núcleo...</i></p>
Entrevista nº 6	<p><i>Eu julgo que de várias formas, desde logo através da prática desportiva promover uma participação de toda a população, dos mais novos aos mais velhos, orientada para algum dos principais vectores da vida em sociedade como seja o respeito pelas diferenças, o respeito pelos equipamentos públicos, a vertente também do ambiente e a vertente da ecologia, julgo que também podem ser orientados e dinamizados e por outro lado também dentro daquela ideia que há pouco referi de haver alguma consistência e coordenação por parte da autarquia, podemos ser parceiros na criação de uma estrutura ou de uma estratégia de apoio que possa permitir formar e ao mesmo tempo proporcionar aos jovens, formar num determinado sentido, ou seja valores de cidadania, valores ecológicos, valores ambientais e por outro lado, depois reforçar quer em termos de estratégia, quer em termos de construção de equipamentos, quer em termos de dinamização dos próprios equipamentos ir ao encontro de algumas</i></p>

	<i>valências que possam ser valorizadas, nomeadamente percursos pela natureza, em que valorizem o nosso património natural e o nosso património histórico, actividades relacionadas com o rio porque temos um rio que deve ser valorizado e deve ser potenciado, portanto toda esta dinâmica pode perfeitamente ser apoiada por nós.</i>
Entrevista nº 7	<i>... lembra-me logo a possibilidade da escola colaborar com este movimento no sentido de fazer um protocolo de colaboração de no espaço de Formação Cívica, que as turmas de 7º, 8º e 9º ano as turmas tem no seu plano curricular poder desenvolverem-se acções em prol destes grandes objectivos não é? Por outro lado além de termos entretenimento como a escola dispõe de um ginásio e vários campos ao ar livre também poderá eventualmente colaborar no sentido de desenvolver actividades de carácter desportivo e recreativo ... também poderá contribuir disponibilizando espaços para se implementar acções deste movimento e também fazer acções de formação, estando aberto a fazer acções de formação para os seus alunos e para os professores e seus funcionários. Com a família também, com os pais dos alunos poderemos fazer também, sobretudo ao sábado não é? Disponibilizar a escola para fazer acções de formação para portanto levarmos os pais a interagir, para integrar os pais neste movimento também.</i>
Entrevista nº 8	<i>Como já referi, o Poder Local é responsável pela cidade (território) que é um espaço que, tem como principal objectivo sensibilizar e motivar os seus cidadãos para o desenvolvimento, de modo a proporcionar, aos mais diversos níveis, uma crescente qualidade de vida e um envolvimento activo, na definição, desenvolvimento e avaliação das políticas locais: cultura, educação, desporto, acção social, urbanismo, ambiente, administração, etc... Portanto, tendo por base esta filosofia de desenvolvimento de uma política activa, no espaço urbano e no território que o poder local me propõe e da qual sou responsável, é fácil reconhecer a importância que, a instituição que represento, tem para a viabilização da Cidade Educadora em Barcelos.</i>
Entrevista nº 9	<i>Estas características dos pelouros que estão sob a minha responsabilidade, assim como outros pelouros da autarquia, existem outros pelouros que também podem proporcionar se calhar boas condições para ser uma boa cidade educadora Com aquilo que se tem para oferecer, com aquilo que dá no seu dia a dia, pelas iniciativas que desenvolve, pelas características Nós aderimos à Rede Europeia das Cidades para a Mobilidade, Barcelos recebeu ... a bandeira da Mobilidade, portanto estamos no bom caminho e penso que isto é educar, portanto pode inserir-se no movimento cidade educadora, porque educar não é só no âmbito da educação, dos conhecimentos, mas também na postura, na cidadania. Rede social não é só acção social, é, mas não é só acção social!</i>

Categoria: Principais Áreas de Intervenção Municipal e Benefícios para a Comunidade com a criação da Cidade Educadora

Subcategoria: Áreas de intervenção municipal consideradas importantes para a melhoria da qualidade de vida

Subcategoria: Benefícios para a comunidade na perspectiva da instituição com a criação da Cidade Educadora em Barcelos

Descrição: Nesta categoria pretendo inserir as unidades de sentido que apresentem acções, cuja concretização ao nível municipal é considerada importante para o desenvolvimento e melhoria da qualidade de vida dos habitantes e benefícios para a comunidade com a eventual adesão de Barcelos ao movimento das Cidades Educadoras.

Categoria: Principais Áreas de Intervenção Municipal e Benefícios para a Comunidade com a criação da Cidade Educadora

Subcategoria: Áreas de intervenção municipal consideradas importantes para a melhoria da qualidade de vida

Entrevista	Excertos
Entrevista nº 1	<p><i>Eu já disse uma série delas falei no circuito de manutenção, falei em aproveitar o nosso folclore e o nosso artesanato para utiliza-los em prol educativo fazer sessões e chamar as pessoas aproveitar essas sessões para educar.</i></p> <p><i>Uma das coisas que eu acho interessante uma é uma coisa que já vi num sitio e que achei espectacular - ao fim de semana há muita criança, um jogo de play station não quer dizer que seja muito educativo mas pode ser útil depende dos jogos.</i></p> <p><i>... Na zona do Benfica ao fim de semana faziam umas tendas onde a câmara colocava computadores, meia dúzia de jogos play station e os miúdos estavam ali durante o dia, passavam, faziam fila, há pais que não tem possibilidades de comprar um play station e então aquilo era giro ver a quantidade crianças entretidas e então eles aproveitavam aquela sessão em que os pais levavam os miúdos para jogar play station e a mesma animadora tinha um tema todas as semanas, nomeadamente diabetes ... obesidade, entregavam uns panfletos, ... dava-se aí uma série de informações e numa semana estavam numa Junta de Freguesia, outra semana estavam noutra Junta de Freguesia e assim sucessivamente.</i></p> <p><i>... Fazer outras actividades, utilizar uns joguinhos tradicionais e outras coisas....</i></p>
Entrevista nº 2	<p><i>...alfabetização, mais autonomia, é o primeiro ponto, segundo ensinar as pessoas viver em comunidade, proporcionar o convívio, partilha de experiências, procurar referências,</i></p> <p><i>...acredito efectivamente que nós combatendo o analfabetismo, intervencionando directamente no seio das famílias, concebendo acções que podem ir de uma série de actividades, desde a adaptação às novas tecnologias...desporto,</i></p> <p><i>...Proporcionar, digamos fazer uma pré-selecção das nossa raízes e divulgando, formando sobre elas... de uma forma consistente ... no sentido de não transformar aquilo que contemos em pleno entretenimento, mas numa situação de aprendizagem. Acho que a esse nível que é muito importante e depois sendo nós um concelho tão rico,</i></p> <p><i>em termos de tradições, de estórias, de artesanato tão forte e tão poderoso, acho que o nosso papel, aqui também é no fundo analisar, ver a importância que o próprio concelho, que a própria terra tem no cidadão desta cidade ou deste concelho.</i></p>

	<p><i>E se nós pudermos accionar alguma coisa nesse todo que enriqueça e faça melhorar é a vida dentro dele, é a nossa relação.</i></p> <p><i>...o conceito de família nunca esteve tão forte.</i></p> <p><i>...continuo a dizer eu acho que um dos objectivos principais é fazer uma análise de facto a essa célula e ver como se pode intervir nessa célula, ... análise naquilo que é oficialmente responsável pela formação, que são as escolas, os ATL's, que são as universidades, que são as escolas secundárias e fazer uma reflexão sobre aquilo que efectivamente enquanto formação de cidadania, enquanto formação do cidadão, enquanto formação do homem, da pessoa, se pode fazer. E, depois em comunidade ver aquilo que de facto podemos fazer para reforçar toda essa aprendizagem, todo esse conhecimento.</i></p> <p><i>O problema é que se trata de um problema de gerações, apagar uma coisa destas tem que ser na raiz”.</i></p>
Entrevista nº 3	<p><i>...realmente haja uma uniformidade dentro da cidade, e que essa mesma continue a trabalhar com os outros departamentos não só para a juventude como para a 3ª idade e para o viver da comunidade, que participem todas as instituições e todos os estados quer sociais, quer caritativos, quer educacionais, todos com a mesma preocupação que é a educação, a comunidade.</i></p> <p><i>... era preciso chamar as famílias e as pessoas para realmente se juntarem. Talvez se consiga, se conseguisse uma instituição que desse início à base família, tem que ser a família, quer queiramos quer não, ... a base família, a base educação desapareceu. Quando conseguirmos que a família seja realmente a base da sociedade então teremos o voluntariado, teremos o associativismo.</i></p> <p><i>É a família que está a faltar, enquanto as instituições de solidariedade servirem só de fachada não se faz nada. (no âmbito da resposta 6)</i></p> <p><i>...se nós conseguirmos que essa pirâmide funcione será muito mais fácil a riqueza, o bem-estar de todos!”</i></p>
Entrevista nº 4	<p><i>Eu acho que era preciso fazer um papel integrado em termos de preservação ambiental. É um tema que se fala muito mas que depois se faz pequenas acções mas que não tem quanto a mim tido o efeito que era necessário, porque subjacente à preservação ambiental está depois tudo o resto, a preservação ambiental, tudo no fundo acaba por se manifestar em resultado dessa falta de preservação.</i></p> <p><i>Além disso é fundamental e acho que a cidade educadora devia ter um papel fundamental era na inter-relação pessoal. Cada vez mais as pessoas se relacionam menos e era importante fomentar esse aspecto. A relação pessoal, as inter-relações pessoais é importantíssimo fomentar e quase que seria obrigatório trabalhar numa primeira fase nesse âmbito para depois tudo o resto vir subjacente a isso,</i></p> <p><i>...é uma visão global e integradora de todas as pessoas, respeitando a diferença que existe entre elas mas trabalhando nessa base, com base nessas diferenças e eu acho que a inter-relação é fundamental.</i></p>
Entrevista nº 5	<p><i>Eu acho que o movimento das cidades educativas também tem a ver um bocadinho com a cidade ensinar ou também se aprende na cidade, a cidade neste caso no concelho, e para as pessoas serem mais livres, mais solidárias e porque não fazer ... campanhas de solidariedade, porque aí está temos sempre o serviço ao próximo presente, porque não a cidade ou o concelho fazer uma grande campanha de solidariedade, há tanta gente que precisa não é? Por exemplo nesse aspecto ensinar ou incutir logo aos pequeninhos, logo no Jardim-de-infância e nas escolas primárias, através de representações, através de iniciativas próprias, a serem mais solidários</i></p>

	<p>porque é aí que tudo se aprende, apostar um bocadinho no Jardim-de-infância e na escola básica, incutir às crianças a questão da justiça da solidariedade, do ambiente também ... mas acho que são nesse tipo de iniciativas ou nesse tipo de áreas da justiça e da solidariedade e ambiental que é fundamental apostar um bocadinho no ensino logo desde pequeninho ...</p> <p>A minha opinião seria um bocadinho aí, apostar nos Jardins-de-infância, nas escolas básicas com projectos específicos e aí teria sempre o apoio e o envolvimento das várias instituições e associações, ... as próprias instituições fazerem parte e envolverem-se e criar aqui uma certa dinâmica e um ritmo que as pessoas ... já se sentiriam obrigadas entre “”, mas com gosto, a fazer parte dessas actividades... teria muito mais impacto, seria muito mais abrangente e as pessoas ficariam mais sensibilizadas ... são pontos fundamentais e começar de pequenino, aí está, porque eles aprendem tudo e incutem tudo.</p>
Entrevista nº 6	<p>... poderia-se aproveitar essa dinâmica e esse conceito para por exemplo eleger em cada ciclo ou em cada dois anos duas temáticas importantes que pudessem ser trabalhadas por todos os parceiros de forma a construir algo de novo em cada um dos ciclos, vamos imaginar que numa primeira ideia, ou num primeiro grande tema podíamos abordar a questão da preservação do meio ambiente e então todos os parceiros, juntas de freguesia, empresas municipais, câmara municipal, escolas seriam sensibilizadas dentro de um projecto comum para trabalharem esta dinâmica ou esta área, ou esta temática permitindo que com esta canalizar por uma lado recursos, sinergias, energias e recursos financeiros e recursos humanos para dentro de um dois anos Barcelos a este nível ter uma mais valia, passado dois anos seria outra temática qualquer, ... seria no fundo arranjar temas aglutinadores que pudessem ser trabalhados de uma forma, tornando o resultado mais consistente e se calhar toda a gente a rever-se nessa defesa desse tema ou dessa problemática que alguém pudesse escolher.</p>
Entrevista nº 7	<p>... assim a curto prazo pode-se fazer alguma coisa ... acho que se pode trabalhar sobretudo ao nível dos projectos educativos que as escolas do 1º ciclo e jardins-de-infância e mesmo as escolas do 2º ciclo implementam, portanto tentar que essas, que os projectos educativos de essas instituições se viem muito para a preocupação de educar para a cidadania, educar para o ambiente, para as preocupações ecológicas penso que se pode fazer muito a esse nível, sobretudo a esse nível porque acho que é enquanto jovem, enquanto as pessoas se estão a formar, enquanto muito jovens mesmo, logo nos jardins-de-infância que se poderá trabalhar mesmo a educação para a cidadania.</p>
Entrevista nº 8	<p>Com a adesão ao Movimento das Cidades Educadoras o município manteria as acções que vem efectuando pois a melhoria e o desenvolvimento da qualidade de vida dos Barcelenses tem aumentado significativamente. Porém, e tendo como máxima a afirmação: “Uma cidade será Educadora se oferecer todo o seu potencial (...) deixando-se envolver por todos os seus habitantes e ensinando-os a envolverem-se nela, parece-me ser importantes os seguintes objectivos para a sua concretização:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Garantir as condições para a realização das dinâmicas ou dos projectos socioculturais; - Promover e exigir o cumprimento das mesmas; - Apresentar programas inovadores que despertem o cidadão para a realidade da Cidade Educadora; - Criar um Gabinete de projectos, desenvolvidos e a desenvolver pelo Município, no âmbito do exposto nos princípios estabelecidos na Carta das Cidades Educadoras;

	<ul style="list-style-type: none"> - Realizar campanhas de sensibilização do modo a alterar hábitos socioculturais; - Multiplicar e diversificar acções/projectos de intervenção localizada; - Envolver activamente todos os agentes na acção a desenvolver; - Auscultar, regularmente, os intervenientes dos diferentes serviços de modo a avaliar a acção executada. <p>Todas as acções a desenvolver partiriam da ideia base que deverá sustentar o projecto Cidade Educadora: "A melhoria da qualidade de vida dos habitantes.</p>
Entrevista nº 9	(No contexto de desenvolvimento desta categoria e tendo em consideração que se trata da instituição Câmara Municipal analisa-se essencialmente a subcategoria: Benefícios para a comunidade na perspectiva da instituição com a criação da Cidade Educadora em Barcelos).

Categoria: Principais Áreas de Intervenção Municipal e Benefícios para a Comunidade com a criação da Cidade Educadora Subcategoria: Benefícios para a comunidade na perspectiva da instituição com a criação da Cidade Educadora em Barcelos	
Entrevista	Excertos
Entrevista nº 1	<p>...fui habituado desde miúdo a conhecer Barcelos como uma cidade muito bonita, em termos arquitectónicos, é uma cidade lindíssima, mas muito pobre em termos de nível cultural. Nós fazemos muito poucas intervenções e a Câmara é obvio que tem responsabilidade nesse domínio, mas a câmara também só por si não pode fazer e dentro deste movimento podia-se aproveitar várias entidades que estão ligadas dentro de Barcelos e todas elas fazerem actividades.</p> <p>O Centro de Saúde tem que fazer aquilo que nós estamos a fazer, claro que nos faltam também meios mas se estivéssemos integrados nesse movimento provavelmente aquilo que falávamos das sinergias, isto era uma coisa extraordinária porque... vou-lhe dar um exemplo, nós às vezes temos dificuldade de transporte, mas temos uma parceria com a CMB, que tem a ver com a saúde pública, vamos fazer vistorias e raramente o carro é nosso, a câmara disponibiliza o transporte, o Centro de Saúde os técnicos, há aqui uma sinergia, é um exemplo de como as coisas podem funcionar dependendo de uma rede desse género,</p>
Entrevista nº 2	...sempre que nós façamos, fazemos chegar algum objectivo quer de formação, quer de conhecimento, quer de enraizamento, quer de bem estar, quer de se tornar um cidadão melhor, é uma mais valia. É um objectivo conseguido!
Entrevista nº 3	Seria talvez não só a instituição, mas considerar a instituição comum com a cidade em geral com a comunidade, seria talvez o testemunho das cidades que já fazem parte do movimento, ... Nas aldeias, na periferia da cidade talvez seja fácil realmente haver uma consciencialização maior do que na cidade, a cidade neste momento tenho a impressão que é mais um dormitório, a cidade não tem pólos onde se possam reunir as famílias, ...
Entrevista nº 4	...haveria necessariamente um aumento de participação ou era importante que houvesse um aumento do índice de participação das pessoas directamente nas actividades que fossem desenvolvidas e além disso haveria nomeadamente uma abertura para outras questões que deveriam ser desenvolvidas e integradas nessa cidade educadora.
Entrevista nº 5	... há muito para fazer e nós temos sempre a ideia que vamos mudar o mundo e que conseguimos mudar o mundo ... vamos conseguir, mas

	<i>vamos tentar pelo menos, se não conseguirmos no geral, vamos sempre conseguir mudar alguma coisa e acho que a nível de cidade educadora, Barcelos teria tudo a ganhar com isso porque existem muitas associações, existem muitas entidades no concelho que poderiam, ... dar muito mais ao concelho a nível geral, ... porque não nos juntarmos todos, pode ser por temas, por áreas mas darmos mais, acho que se todos juntos fizéssemos isso daríamos muito mais, isso depois até vem em continuidade com a pergunta seguinte, as acções. ...</i>
Entrevista nº 6	<i>...é sempre importante uma Empresa deste género estar associada a uma estrutura ou a uma organização que potencie uma intervenção e tenha uma visibilidade como tem as cidades educadoras, porque ao sermos considerados integrados ou parceiros de uma estratégia que tem a marca das cidades educadoras, obviamente que a nossa instituição tem uma credibilidade, tem uma imagem pública e se calhar também uma responsabilidade que poderá motivar quem trabalha cá e ao mesmo tempo dar garantias a quem nos procura para prestação de serviços.</i>
Entrevista nº 7	<i>Portanto se Barcelos aderir ... julgo que a comunidade cria cria amplos benefícios, porque considero que de facto ao nível da educação para a cidadania acho que temos que, acho que estamos muito atrasados mesmo, é preciso investir muito nessa área, educação para a cidadania, educação no sentido da prevenção rodoviária, prevenção na segurança para o trabalho para actos de civismo puro, sabermos portarmo-nos como cidadãos, respeitando os outros, acho que os benefícios são imensos em Portugal acho que ao nível de educação cívica há muita coisa para fazer e sobretudo das gerações mais novas porque das gerações mais velhas acho muito difícil conseguirmos os nossos objectivos, ... acho que se pode fazer muito porque de facto Portugal tem um handicap muito grande ao nível da educação para a cidadania.</i>
Entrevista nº 8	<i>Os benefícios a conseguir para a instituição e comunidade em geral são: por um lado, o facto de poder aceder a um conhecimento aprofundado de projectos estruturantes em áreas fundamentais de desenvolvimento, avaliando os aspectos positivos e negativos da sua implementação e concretização, adquirindo, deste modo saberes essenciais para a antecipação e resolução de diversos problemas que são comuns a muitas cidades/municípios; por outro lado, porque a experiência extremamente rica dos municípios integrantes em múltiplas áreas de sua actividade e os respectivos projectos pioneiros que desenvolvem, merecem ampla divulgação e difusão, para que outras cidades/municípios, de qualquer região, país ou continente possam beneficiar com esse conhecimento e, assim, aumentar a qualidade de vida dos seus cidadãos/municípios.</i>
Entrevista nº 9	<i>...acho que estamos em condições para ser uma boa cidade educadora, para permitir que a nossa população, desde as nossas crianças, os jovens, os adultos, os mais velhos, possam realmente ter uma base de conhecimento maior, ter um acesso a um leque muito variado de iniciativas como já existem, ... é proporcionar à sua população um maior enriquecimento a nível dos conhecimentos, a nível cultural, portanto será uma população que poderá ter um background, ... maior e no fundo ter... é exactamente isso que eu disse um enriquecimento, da sua cultura e penso que basicamente anda à volta destes termos, a nível da formação, da educação, dos conhecimentos, por isso será essencialmente um enriquecimento cultural da população... e se calhar não só isto, porque também proporciona uma melhor qualidade de vida das pessoas.</i>

<u>Categoria:</u>	<u>Dinâmicas a desenvolver com a implementação do movimento Cidade Educadora</u>
Subcategoria:	Projectos a promover pela instituição com a implementação da Cidade Educadora em Barcelos
Subcategoria:	Instituições e parceiros referidos pelos entrevistados
Subcategoria:	Principais dificuldades apontadas

Descrição: Nesta categoria pretendo inserir as unidades de sentido que indiquem dinâmicas que poderiam surgir, promovidas pela instituição, com a implementação da Cidade Educadora em Barcelos. Serão inseridas também as unidades de sentido que transmitam o que os inquiridos referiram em termos de entidades e /ou instituições com as quais se poderão estabelecer protocolos, parcerias no âmbito do movimento assim como as unidades de sentido que façam referência às dificuldades, em diferentes domínios, que foram sendo mencionadas pelos entrevistados.

<u>Categoria:</u>	<u>Dinâmicas a desenvolver com a implementação do movimento Cidade Educadora</u>
Subcategoria:	Projectos a promover pela instituição com a implementação da Cidade Educadora em Barcelos

Entrevista	Excertos
Entrevista nº 1	<i>Eu acho que o Centro de Saúde em colaboração com a Câmara deveríamos criar por exemplo um pelouro, uma instituição que facilitasse os exames médicos aos atletas que andam por aí amadores. Anda muita gente a praticar desporto ao nível do atletismo, futebol de salão, futebol 5 fazem esses torneios populares por ai fora e não há qualquer tipo de vigilância médica... Criávamos um gabinete...isto é fácil - eu tenho médicos aqui a trabalhar e eu tenho autonomia para uma vez por semana em vez de estarem a ver os doentes deles durante esse período vão trabalhar por ex. para o Gabinete de Desporto ou Consulta Desportiva! Tinha também uma equipa de enfermeiros que sabiam que naquele dia se dedicariam a isso. ... acho que existe um circuito de manutenção no Parque da Cidade, do meu ponto de vista poderia ser muito melhor, mas que por exemplo é uma das situações que poderia ser aproveitada, o desporto também é cultura. Portanto, podia-se aproveitar, a nossa cidade não tem um circuito de manutenção devidamente estruturado... Nós temos uma coisa lindíssima, temos um rio fabuloso...Eu gostava muito de ver a câmara envolvida nisto em colaboração com o Centro de Saúde, fazermos protocolos.</i>
Entrevista nº 2	<i>...alargar um pouco mais por exemplo as actividades extra-lectivas que ocorrem no 1º ciclo. Eu geralmente entendo que as actividades extra lectivas no 1º ciclo não se devem reduzir ao inglês, à educação física e às artes plásticas, mas deve ir muito mais longe ... porquê que eu não hei-de ter um grupo de módulos, em que tenho desde yoga, desde aeróbica, desde aprender música, desde fazer fantoches, desde artes plásticas, em que o aluno durante 3 ou 4 anos vai passando por estas fazes todas. ... um dos grandes problemas do nosso concelho ... é efectivamente os problemas familiares dos jovens, são estes que me preocupam. ... isto faz com que os miúdos se desenraizem e mais do que isso tenham algumas deformações em termos de conhecimento da própria, da própria cidadania. É preciso fazer um trabalho a esse nível, ao nível das famílias no sentido de as envolver nesta, nesta, nesta luta de ser melhor cidadão.</i>
Entrevista nº 3	<i>Seria mais para o saber estar em família, renovar os laços de família, os laços de amizade, renovar de vizinhança, de amizade, que neste momento</i>

	<i>não só em Barcelos mas tenho a impressão em quase todas as cidades são colmeias humanas</i>
Entrevista nº 4	<i>...sinceramente não sei que projectos, a instituição em si é como eu fui dizendo não tem grande capacidade, ... a instituição Junta de Freguesia e nomeadamente a população poderia ser mais receptora, funcionar mais como receptora para essa situação, porque em termos de capacidade de formação para apresentar algumas actividades não estou a ver essa possibilidade, sinceramente, a não ser tentar um bocado recriar aquela situação que eu já referi, além disso é complicado! ...teria mais um papel em termos de receptora dessa mesma formação e informação e não formadora num papel formador seria mais difícil, num papel receptor de informando isso sim e teria um papel importante.</i>
Entrevista nº 5	<i>Porque não por exemplo as associações de pais, existem associações de pais em quase todas as escolas, ... criar uma rede ou uma união,... Quem diz isso, diz os escuteiros, mas os escuteiros já tem a junta de núcleo mas trabalhar nesse sentido, no desporto, porque não o desporto, também tem muito a dar... poderiam dar mais a nível de formação, ... se trabalhássemos em rede e se juntássemos sinergias não seria tão complicado como às vezes as pessoas fazem, ... organizar aquelas actividades que têm sinergia com as actividades do próprio grupo seja de que área for, acho que isso só teria benefícios a nível concelhio e até que os frutos seriam muitos mais e melhores,... acho que falta um bocadinho essa sensibilidade das pessoas, sobretudo das pessoas que estão à frente das associações e das instituições para se juntarem aos outros, para fazerem mais e melhor, mas pronto, não sei se isso será algo ideal!</i>
Entrevista nº 6	<i>Podemos concorrer para aquilo que eu acho que é um dos vectores essenciais de Barcelos, como pólo de desenvolvimento, quer económico, quer social, quer cultural, que é a promoção do turismo, julgo que Barcelos tem condições, tem muitas potencialidades e hoje em dia o turismo associado ao lazer, à descoberta do meio ambiente, à descoberta do turismo cultural, o turismo digamos assim desportivo, digamos assim também, é cada vez mais procurado. Nós temos um património cultural importante, temos um património arquitectónico e monumental importante e portanto temos um rio dos mais importantes do país, portanto nós podíamos desenvolver actividades dentro daquela lógica de parceria que possam potenciar o turismo e dessa forma atrair e tornar mais atractivo o nosso concelho e a nossa cidade.</i>
Entrevista nº 7	<i>Uma escola tem sempre dificuldades em, uma escola está muito formatada não é? Portanto a estrutura de uma escola, portanto toda a escola está muito pensada em termos de currículo nacional de cumprir os grandes objectivos dos currículos que são determinados pelo Ministério da Educação, portanto há sempre alguma dificuldade em fazer coisas que vão além dos programas e currículos das várias disciplinas mas de qualquer modo pode-se fazer alguma coisa, como já disse atrás, no âmbito da formação cívica, no âmbito da área de projecto do 7º, 8º e 9º anos e também no âmbito da área de projecto agora do 12º, que há agora uma cadeira nos cursos científico - humanísticos que é a área de projecto no 12º que tem uma carga horária até relativamente elevada, 4 horas por semana, também se pode trabalhar aí alguma coisa, pronto fundamentalmente é isto.</i>
Entrevista nº 8	<i>A instituição que represento, certamente, implementaria e promoveria como já o faz, dinâmicas ou projectos sócio-culturais desde que estes sejam instrumentos orientadores daquilo que à instituição concerne, desde o nível da sua planificação estratégica, das suas opções de acção e intervenção, do seu quadro de gestão e organização, até ao contexto da sua</i>

	<p>planificação educativa e formativa.</p> <p>Terão de ser dinâmicas ou projectos que deverão reflectir a vida da comunidade, no seu modo de ser e pensar, espelhando sempre uma identidade e uma cultura fortes. Claro que estas dinâmicas ou projectos serão obras colectivas que exigem mobilização constante de todos os intervenientes da comunidade, exigem profissionalismo e vontade de reforçar a cultura própria de cada sociedade mas, também, exigem reconhecimento e responsabilização.</p>
Entrevista nº 9	<p>...poderemos também incluir no âmbito da rede social não só o combate à pobreza física, concretamente</p> <p>...mas também podemos combater aquelas situações das pessoas que estão isoladas,</p> <p>Portanto, proporcionar um aumento dos seus conhecimentos, um intercâmbio entre as pessoas, até porque não</p> <p>... um contacto entre gerações diferentes, com os idosos, os mais novos, tudo isso também é um combate à exclusão social,...</p> <p>Podemos pensar na rede social como um ponto de partida para estas questões, porque por exemplo no nosso caso, no âmbito da rede social trabalhamos com muita preocupação por exemplo a questão da educação, a questão da alfabetização, portanto todos estes aspectos são fundamentais ... a questão da melhoria da qualidade de vida da população, educar para a cidadania.</p>

Categoria:	Dinâmicas a desenvolver com a implementação do movimento Cidade
Educadora	
Subcategoria:	Instituições e parceiros referidos pelos entrevistados

Entrevista	Excertos
Entrevista nº 1	<p>vou-lhe dar um exemplo, nós às vezes temos dificuldade de transporte, mas temos uma parceria com a CMB, que tem a ver com a saúde pública, vamos fazer vistorias e raramente o carro é nosso, a câmara disponibiliza o transporte, o Centro de Saúde os técnicos, há aqui uma sinergia, é um exemplo de como as coisas podem funcionar dependendo de uma rede desse género,</p> <p>mas a câmara também só por si não pode fazer e dentro deste movimento podia-se aproveitar várias entidades que estão ligadas dentro de Barcelos e todas elas fazerem actividades</p>
Entrevista nº 2	<p>Este trabalho não é só, é preciso um autêntico círculo, mas que ninguém sabe onde acaba, nem onde começa, mas que andamos todos ali à volta. Portanto, isto tem que se fazer muito por ele mas também tem que partir da política local, tem que partir de algumas das instituições, de poderem apelar e trabalhar neste sentido junto das comunidades. Depende de muitas instituições, desde as famílias, os pais. Esta célula família é a pedra angular, de qualquer sociedade,</p> <p>depois uma análise naquilo que é oficialmente responsável pela formação, que são as escolas, os ATL's, que são as universidades, que são as escolas secundárias,</p> <p>E depois, em comunidade, ver aquilo que de facto podemos fazer para reforçar toda essa aprendizagem, todo esse conhecimento.</p>
Entrevista nº 3	<p>...que realmente haja uma uniformidade dentro da cidade, e que essa mesma continue a trabalhar com os outros departamentos não só para a juventude como para a 3ª idade e para o viver da comunidade, que participem todas as instituições e todos os estados, quer sociais, quer</p>

	<i>caritativos, quer educacionais, todos com a mesma preocupação que é a educação, a comunidade.</i>
Entrevista nº 4	<i>..uma visão global, integradora em termos educacionais é importante também que as pessoas estejam preparadas para isso, que estejam receptivas a essa visão global senão estamos depois um bocado a trabalhar para, como infelizmente acontece, para meia dúzia e não é isso que se pretende,.. respeitando a diferença que existe entre elas, mas trabalhando nessa base, com base nessas diferenças e eu acho que a inter-relação é fundamental.</i>
Entrevista nº 5	<p><i>acho que nós todos temos obrigação de formar e de educar independentemente de estarmos envolvidos em associações ou não, não podemos atribuir essa função exclusivamente à escola, todos nós temos que ser educadores, acho que só assim é que as coisas funcionariam e se todas as associações, se todas as instituições ou mesmo que elas não existam, se a nível particular se juntassem em rede em vários tipos de situações, porque não em vários tipos de âmbitos, cultural, desportivo, todos esses âmbitos, todos podem dar um bocadinho contributo para educar mais e melhor, pelo menos é essa a minha opinião, não a podemos só atribuir à escola,</i></p> <p><i>Acho que a nível de cidade educadora Barcelos teria tudo a ganhar com isso, porque existem muitas associações, existem muitas entidades no concelho que poderiam, não quer dizer que não deiam, mas poderiam dar muito mais ao concelho a nível geral,</i></p> <p><i>porque não nos juntarmos todos, pode ser por temas, por áreas mas darmos mais, acho que se todos juntos fizéssemos isso daríamos muito mais...</i></p> <p><i>apostar nos Jardins-de-infância, nas escolas básicas, com projectos específicos e aí teria sempre o apoio e o envolvimento das várias instituições e associações, pedir ajuda às instituições, as próprias instituições fazerem parte e envolverem-se e criar aqui uma certa dinâmica e um ritmo que as pessoas obrigatoriamente já se sentiriam obrigadas entre “”, mas com gosto, a fazer parte dessas actividades...</i></p>
Entrevista nº 6	<i>então todos os parceiros, juntas de freguesia, empresas municipais, câmara municipal, escolas, seriam sensibilizadas dentro de um projecto comum para trabalharem esta dinâmica ou esta área,</i>
Entrevista nº 7	<p><i>lembra-me logo a possibilidade da escola colaborar com este movimento, no sentido de fazer um protocolo de colaboração de no espaço de Formação Cívica, que as turmas de 7º, 8º e 9º anos têm no seu plano curricular, poder desenvolverem-se acções em prol destes grandes objectivos, não é?</i></p> <p><i>... estamos sempre abertos a colaborar com a comunidade e, nomeadamente, com a Câmara Municipal, com as Associações de Pais, nos projectos que a Câmara Municipal desenvolve e isso tudo, nós estamos sempre, abrimos sempre a escola a essa colaboração!</i></p>
Entrevista nº 8	<p><i>Claro que estas dinâmicas ou projectos serão obras colectivas, que exigem mobilização constante de todos os intervenientes da comunidade,</i></p> <p><i>Só com uma envolvência total dos agentes económicos, sociais, culturais, recreativos, desportivos, educativos, políticos, ambientais, urbanísticos, religiosos, etc., é que a realidade e o trabalho em prol da comunidade será profundamente frutífero,...</i></p>
Entrevista nº 9	<i>o objectivo principal da rede social é juntar esforços, entre entidades públicas e privadas sem fins lucrativos, para combater a pobreza e a</i>

	<p><i>exclusão social.</i></p> <p><i>é muito importante que as pessoas tenham a noção de que as parcerias são fundamentais e eu sou muito a favor das parcerias, porque sozinhos não conseguimos fazer tudo e portanto é preciso envolver a comunidade civil, tem que ser responsabilizada, tem que intervir, tem que participar, não podem estar à espera que seja uma entidade pública, única e exclusivamente a fazer o trabalho, porque é fundamental o trabalho em parceria e isso acontece aqui no concelho de Barcelos e muito bem.</i></p> <p><i>também é importante a parceria com a Empresa Municipal de Educação e Cultura, que tem uma parceria fundamental connosco, lá está cultura e educação sempre de mãos dadas.</i></p>
--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Categoria:	<u>Dinâmicas a desenvolver com a implementação do movimento Cidade Educadora</u>
Subcategoria:	Principais dificuldades apontadas

Entrevista	Excertos
Entrevista nº 1	<p><i>...claro que nos faltam também meios mas se estivéssemos integrados nesse movimento provavelmente aquilo que falávamos das sinergias, isto era uma coisa extraordinária porque... vou-lhe dar um exemplo, nós às vezes temos dificuldade de transporte, mas temos uma parceria com a CMB,</i></p> <p><i>...Eu estou aqui há dois anos, nós costumamos fazer as coisas devagarinho... muitas vezes faltam-nos médicos não imagina a carga, a burocracia ...</i></p> <p><i>...é que eu trabalhei em Coimbra antes de vir para aqui e lá quando havia uma sessão científica ia toda a gente, e aqui as pessoas não procuram conhecimento.</i></p>
Entrevista nº 2	<p><i>É um percurso muito, muito longo, mas uma coisa é certa, nós temos sempre esta presença, às vezes não estamos é acompanhados por instituições ou de outras entidades que pensem da mesma maneira.</i></p> <p><i>um dos grandes problemas do nosso concelho, e aqui é um bocadinho mais lata a capacidade, porque o nosso concelho é extremamente rural, são efectivamente os problemas familiares dos jovens, são estes que me preocupam. Há de facto aqui e isto faz com que os miúdos se desenraizem e mais do que isso tenham algumas deformações em termos de conhecimento da própria, da própria cidadania. É preciso fazer um trabalho a esse nível, ao nível das famílias no sentido de as envolver nesta luta de ser melhor cidadão,</i></p> <p><i>Agora vá ver quantos formadores, que era aquilo que eu lhe dizia no início, ou professores ou responsáveis por transmitir algum conhecimento, ou despertar interesse pelo conhecimento, estão preparados para esta nova sociedade. Não estão! Portanto o trabalho é muito muito intenso a esse nível e há muito para fazer,</i></p> <p><i>Agora isto é um trabalho muito exigente, que exige de facto uma ocupação e uma visão de futuro muito, muito grande, isto é muito bonito escrito, há grandes estudos mas isto tem que se lhe diga por muito que qualquer instituição e que todas as instituições façam tem sempre mais a fazer.</i></p>
Entrevista nº 3	<p><i>Nas aldeias, na periferia da cidade, talvez seja fácil realmente haver uma consciencialização maior do que na cidade, a cidade neste momento tenho</i></p>

	<p>a impressão que é mais um dormitório, a cidade não tem pólos onde se possam reunir as famílias, existe o Circulo Católico, mas não tem neste momento a aderência que deveria ter, dentro do Circulo Católico não vejo realmente um público cultural, era preciso chamar as famílias e as pessoas para realmente se juntarem.</p> <p>havia realmente um ideal, hoje a nossa juventude não tem ideal, as nossas famílias não têm ideias. Quer ser melhor que o vizinho, quer ser melhor que o primo, que o tio. Os voluntários que ainda existem nessas instituições são praticamente ignorados,</p> <p>Hoje em dia as nossas instituições de solidariedade social são autênticos armazéns da 3ª idade, os filhos não se incomodam absolutamente nada com o pôr o pai no caixote! Vai visitá-lo se lhe apetece, se não lhe apetece não vai, não importa se o pai ou a mãe sofre, se lhe tiraram o seu cantinho onde ela poderia estar ali sossegadinha!</p>
Entrevista nº 4	<p>... embora seja uma instituição algo limitada em termos de capacidades ...a instituição em si é como eu fui dizendo não tem grande capacidade, primeiro os recursos humanos são extremamente diminutos passam por três membros, as condições materiais, também não há grandes recursos. É assim, além da possibilidade de dar a conhecer um passado e com esse passado tentar perceber o presente eu não estou a ver assim muito mais contributo, que possa ser dado por parte da instituição em si. Não sei, sinceramente não sei que outro tipo de contributo possa dar sinceramente, eu não sei.</p> <p>... a instituição Junta de Freguesia e nomeadamente a população poderia ser mais receptora,</p> <p>porque em termos de capacidade de formação para apresentar algumas actividades não estou a ver essa possibilidade</p>
Entrevista nº 5	<p>trata-se, não nos podemos esquecer, de voluntários e quando se fala em voluntários são pessoas que tem a sua vida, tem os seus afazeres, as suas obrigações e fazem por norma este tipo de acção nos tempos livres ou não, às vezes outros nem por isso, mas é claro também seria muito pedir-lhes ainda mais! Mas se trabalhássemos em rede e se juntássemos sinergias não seria tão complicado como às vezes as pessoas fazem,</p> <p>...no grupo, só sou mais um, mas depois tenho a minha responsabilidade, como sou a chefe no caso, tenho que saber mais a minha posição naturalmente e aí aparece a responsabilidade mas acho que tem que ser assim para que as coisas funcionem, apesar de eu achar que cada vez é mais complicado.</p> <p>eu vejo isso nos miúdos, os nossos lobitos, que são os pequeninos, não têm nada a ver com os nossos lobitos de há 5 anos.</p> <p>Porque é assim, quando nós começamos não havia alternativas os jovens não tinham a liberdade que têm hoje,</p> <p>e depois têm que ser voluntários, estarem disponíveis para, não olharem só para o umbigo e na sociedade que nós estamos acho que cada vez olham mais para o umbigo ... por isso é uma grande batalha que nós neste momento estamos a viver, mas força!</p>
Entrevista nº 6	<p>...assistimos a actividades pontuais desta associação, daquela escola ou daquele clube, interessantes mas depois não concorrem todas para um objectivo central, o que é que acontece perde-se alguma coisa.</p>
Entrevista nº 7	<p>Portanto a estrutura de uma escola, toda a escola está muito pensada em termos de currículo nacional, de cumprir os grandes objectivos dos currículos, que são determinados pelo Ministério da Educação, portanto há sempre alguma dificuldade em fazer coisas que vão além dos programas e currículos das várias disciplinas. Mas, de qualquer modo, pode-se fazer</p>

	<p><i>alguma coisa, como já disse atrás, no âmbito da formação cívica, no âmbito da área de projecto do 7º, 8º e 9º anos e também no âmbito da área de projecto agora do 12º,</i></p> <p><i>...É a cultura ... eu costumo dizer que a cultura é pouco digerível, a cultura não é uma coisa que as pessoas aderem facilmente portanto, por muito que se invista em fazer animação sociocultural, em criar ofertas culturais, pronto não é fácil ter a adesão do meio ou da população de uma forma assim massiva, não é? Aderem sempre algumas dezenas de pessoas, mas não é fácil, não é nada fácil, é muito difícil!... os alunos querem é convívio entre eles, ou festas, a cultura não é fácil, jovens e a população adulta também não aderem assim muito facilmente.</i></p>
Entrevista nº 8	<p><i>Claro que estas dinâmicas ou projectos serão obras colectivas, que exigem mobilização constante de todos os intervenientes da comunidade,</i></p> <p><i>Só com uma envolvimento total dos agentes económicos, sociais, culturais, recreativos, desportivos, educativos, políticos, ambientais, urbanísticos, religiosos, etc., é que a realidade e o trabalho em prol da comunidade será profundamente frutífero,...</i></p>
Entrevista nº 9	<p><i>obviamente que temos que fazer uma divulgação, isto é um trabalho mais técnico, temos que arranjar formas de chegar à população, isso não é fácil, criar um hábito na população, saber onde procurar não é? Não basta saber fazer sair a informação, é preciso saber fazer chegar a informação, mas também é preciso que a população procure,</i></p> <p><i>agora é preciso criar o hábito das pessoas consultarem essa agenda ou seja, os meios estão à disposição,</i></p> <p><i>é preciso agora que as pessoas procurem</i></p> <p><i>tudo isto demora sempre algum tempo a consolidar-se, mas parece-me que as coisas estão a correr bem, é preciso é chegar à população e também contar que a população esteja atenta aquilo que nós fazemos.</i></p>

Categoria: Forma de intervenção e Animação Sociocultural considerada mais correcta

Descrição: Nesta categoria pretendo inserir as unidades de sentido que apresentem a forma de intervenção e animação sociocultural considerada mais correcta pelos inquiridos.

Entrevista	Excertos
Entrevista nº 1	<p>... gosto particularmente do método que lhe falei de aproveitar as coisas típicas do concelho, o folclore, o artesanato, essas coisas, aproveitá-las para chamar as pessoas e depois fazer campanhas informativas junto das pessoas pois assim apanhamos maior número de pessoas.</p> <p>... Aqui as pessoas não procuram conhecimento.</p> <p>... eu penso que muita gente gosta de Artesanato e há muito gente que gosta de Folclore, maior parte das aldeias tem um Rancho que vão e acabam por cativar as pessoas.</p>
Entrevista nº 2	<p>...é sempre aquela que mais contribui para o bem estar da comunidade.</p> <p>Fazer uma actividade quando no final a gente sai de lá e não acrescentou nada à sua expressão, não acrescentou nada à sua maneira de estar, não ajudou a despertar coisa alguma, não evoluiu, esse de certeza absoluta que não é o caminho correcto,</p> <p>Portanto, o caminho correcto passa um bocadinho por aí é entrar para abrir a porta, não para a fechar.</p> <p>...a ASC é mesmo isso é mesmo aquela que tem na sua intervenção, nas pessoas, no sentido de as abrir, à sua expressão e à sua participação activa na comunidade.</p> <p>...os principais problemas são sempre de acompanhamento familiar, pouca participação na vida escolar dos filhos, ...absentismo, escassez de recurso materiais e humanos, deficitária articulação entre estruturas, alunos, famílias, instituições, ...tudo isto que está aqui numa sociedade numa cidade educativa ou num concelho educativo como queira chamar, tudo isto tem que ser visionado, ...que é aqui que ela tem que evoluir, é aqui que ela tem o seu valor. Quando se resolver esta questão, ...a relação entre família, filhos, família, instituições...</p> <p>Agora isto é um trabalho muito exigente, que exige de facto uma ocupação e uma visão de futuro muito muito grande, isto é muito bonito escrito, há grandes estudos mas isto tem que se lhe diga ...</p> <p>...Agora vá ver quantos formadores, ... ou professores ou responsáveis por transmitir algum conhecimento, estão preparados para esta nova sociedade. Não estão! Portanto o trabalho é muito muito intenso ...eu acho que se devia pensar objectivos estratégicos a curto, médio e a longo prazo, ...</p>
Entrevista nº 3	<p>procurar realmente o bem-estar da comunidade.</p> <p>...Para conseguir que a comunidade em si prossiga esse ideal e queira acompanhar efectivamente a mudança estrutural da vida, a humanização.</p>
Entrevista nº 4	<p>...o caminho mais correcto é fazer um trabalho de pequenos grupos, acho que o trabalho de grandes massas que não funciona acaba por se dispersar e acaba por o efeito do trabalho não ser muito conclusivo... primeiro é mais fácil passar a mensagem e é mais fácil pôr essas pessoas a tirar proveito.</p> <p>...Terá que ser um trabalho gradual, quanto a mim não se pode pretender logo obter um resultado logo de imediato terá que ser um trabalho gradual ao longo do tempo e portanto as coisas e então essas alterações culturais são extremamente complexas e difíceis de implementar e não se obtêm resultados a curto prazo.</p>
Entrevista	Acima de tudo ... a proximidade e responsabilidade, ... uma proximidade

nº 5	<i>porquê, ... nós somos todos iguais e acho que se eu estou para ensinar também tenho que estar para aprender ... e a base do escutismo é o próximo, a proximidade, ou seja o chefe não é o que manda o chefe é o irmão mais velho, ... mas tenho a minha responsabilidade ou seja como educadora entre “”, como formadora, mas acima de tudo como amiga, como uma irmã mais velha, acho que essas são as duas bases para em qualquer associação as coisas funcionarem ao nível da intervenção, ... trabalharmos como um todo ... acho que tem que ser assim para que as coisas funcionem, apesar de eu achar que cada vez é mais complicado ... as coisa mudaram radicalmente, eu vejo isso nos miúdos...</i>
Entrevista nº 6	<i>Eu penso que a forma mais correcta é aquilo que à pouco disse que é alguém seja a câmara municipal, seja uma estrutura equivalente promove uma temática e depois dá meios para que todas as pessoas que estiverem interessadas ou todas as associações poderem participar em para atingir esse objectivo ... existem grandes temas e depois há vários projectos, projectos esses que podem ser desenvolvidos individualmente ou através das associações, ou juntas de freguesia ou outras entidades que concorrem para desenvolver essa temática, essas temáticas seriam naturalmente decididas em termos macro pela câmara municipal e depois todas as outras entidades poderiam apresentar projectos que seriam validados pela autarquia para concorrer para essas e assim fazíamos um plano de acção coerente, consistente e diversificado, julgo que é a forma de actuar que de alguma maneira não impõe nada a ninguém, que orienta, que regula, que apoia mas que aproveita também as potencialidades de todos e a criatividade de todos também, no fundo é mobilizar regular apoiando e circunscrevendo a temáticas orientadas, bem definidas e previamente definidas.</i>
Entrevista nº 7	<i>Também temos que ser justos, acho que a câmara tem feito bastante a este nível, depois há sempre o problema que às vezes faz-se coisas que nem sempre tem a adesão que às vezes merece face ao investimento que se faz. É um investimento em recursos humanos e financeiros que se faz nessas coisas, não é? Mas acho que se tem feito alguma coisa bastante mesmo, só que às vezes não há adesão que devia haver por parte da população. .. eu costumo dizer que a cultura é pouco digerível, a cultura não é uma coisa que as pessoas aderem facilmente, portanto por muito que se invista em fazer animação sociocultural, em criar oferta de, ofertas culturais, pronto não é fácil ter a adesão do meio ou da população de uma forma assim massiva, ... acções de formação eu vejo aqui na nossa escola quando a gente faz acções de formação coisa que com um cariz cultural muito forte, não é? Os alunos não aderem, aderem se for festas ou for forçados pela aula, levados em aula, mas se for assim de uma forma espontânea em que se preveja a adesão de uma forma espontânea é muito difícil, ...</i>
Entrevista nº 8	<i>Entendo que é aquela que abarca toda a pessoa e que ao mesmo tempo engloba as instituições existentes na sociedade. Só com uma envolvimento total dos agentes económicos, sociais, culturais, recreativos, desportivos, educativos, políticos, ambientais, urbanísticos, religiosos, etc., é que a realidade e o trabalho em prol da comunidade será profundamente frutífero do qual resultará num aumento participativo e interventivo do indivíduo na problemática da vida sociocultural.</i>
Entrevista nº 9	<i>Em termos de animação cultural a forma como chegamos à população, eu acho que aquilo que temos vindo a desenvolver é a forma correcta, nós criamos vários programas de animação para a população, diversificados, de acordo com os interesses, com as idades, com os gostos de cada um, obviamente que temos que fazer uma divulgação,</i>

	<p><i>temos que arranjar formas de chegar à população, isso não é fácil, criar um hábito na população,</i></p> <p><i>Não basta saber fazer sair a informação, é preciso saber fazer chegar a informação,</i></p> <p><i>penso que realmente nós, este ano, adoptamos um sistema de programa de animação cultural onde incluímos todas as iniciativas que desenvolvemos quer do Pelouro da Juventude, quer do Turismo, quer do Artesanato, Museu de Olaria, da Biblioteca</i></p> <p><i>Portanto, fazendo sair uma agenda cultural</i></p> <p><i>agora é preciso criar o hábito das pessoas consultarem essa agenda</i></p> <p><i>é preciso agora que as pessoas procurem, acho que o nosso trabalho está a ser feito, está a ser bem feito,</i></p> <p><i>tudo isto demora sempre algum tempo a consolidar-se,</i></p> <p><i>é preciso é chegar à população e também contar que a população esteja atenta aquilo que nós fazemos.</i></p>
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Embora não se tenham constituído como categorias, as considerações que se seguem foram aqui referidas por se terem destacado em termos de objectividade acerca das duas principais áreas em estudo.

Considerações acerca da Animação Sociocultural	
Entrevista nº 2	<p><i>para mim a animação sociocultural é mesmo isso, é mesmo aquela que tem na sua intervenção, nas pessoas, no sentido de as abrir, à sua expressão e à sua participação activa na comunidade.</i></p> <p><i>dá a sensação vamos aprender pela brincadeira, hoje usa-se muito e tem um papel muito importante, mas a brincadeira é uma forma de expressão, em que cria uma predisposição para alguma coisa e então ao criar essa predisposição cria uma série de conhecimentos, de tranquilidade, sei lá uma melhoria da sua vida activa. A ASC deve ter essa função.</i></p> <p><i>...drogas, alcoolismo, graves carências económicas, desemprego, falta de condições de habitação e higiene. Tudo isto está aqui numa sociedade, numa cidade educativa ou num concelho educativo como queira chamar, tudo isto tem que ser visionado, tudo isto tem que ser pensado, sem falar na importância da Animação Sociocultural, que é aqui que ela tem que evoluir, é aqui que ela tem o seu valor. Quando se resolver esta questão, quando se trabalhar a pensar nisto, a relação entre família, filhos, família, instituições,</i></p>

Sugestões para um melhor conhecimento e funcionamento do movimento	
Entrevista	Excertos
Entrevista nº 2	<p><i>Esta responsabilização da construção de uma Europa que começa nas suas cidades eu acho muito, muito interessante é pena penso eu que ... esta carta das cidades educativas não tenha sido trabalhada concelho a concelho, eu acho que se devia ter feito um projecto ...</i></p> <p><i>se respeitassem os princípios acima de tudo?! Mas é coisa que não acontece, agora eu acho que se deveria discutir em termos sociais, numa primeira fase podia ser, porque não a Associação Nacional de Municípios, levantar esta questão, perguntar, proporcionar, ajudar ao conhecimento desta carta aos seus associados, no sentido de que eles implementem na sua política local estes princípios e organizem, sobretudo agora que se está a falar da reforma educativa, da reforma cultural, que se está a falar numa reviravolta, porque não pegar nestas linhas orientadoras, são linhas orientadoras que me parecem ser uma coisa extraordinária ...</i></p>

	<p><i>Eu acho que este trabalho nesta questão da família, porque uma das coisas da carta das cidades educativas, acho que devia dar um papel mais importante à família, eu acho que passou um bocadinho ao lado, se calhar porque não está na moda, mas vai ter que estar porque todos os grandes problemas que nós temos neste concelho vêm digamos de dentro da própria família.</i></p>
--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

**4. RELATÓRIO DE ACTIVIDADES DO GABINETE DA JUVENTUDE DA CÂMARA
MUNICIPAL DE BARCELOS, ANO 2006**

**GABINETE DA JUVENTUDE
RELATÓRIO DE ACTIVIDADES - ANO 2006**

GABINETE DA JUVENTUDE – ESPAÇO DE ACÇÃO

O Gabinete da Juventude está em funcionamento desde Setembro de 1999. A criação e dinamização deste espaço surge com o propósito da participação, aproximação e valorização dos jovens barcelenses.

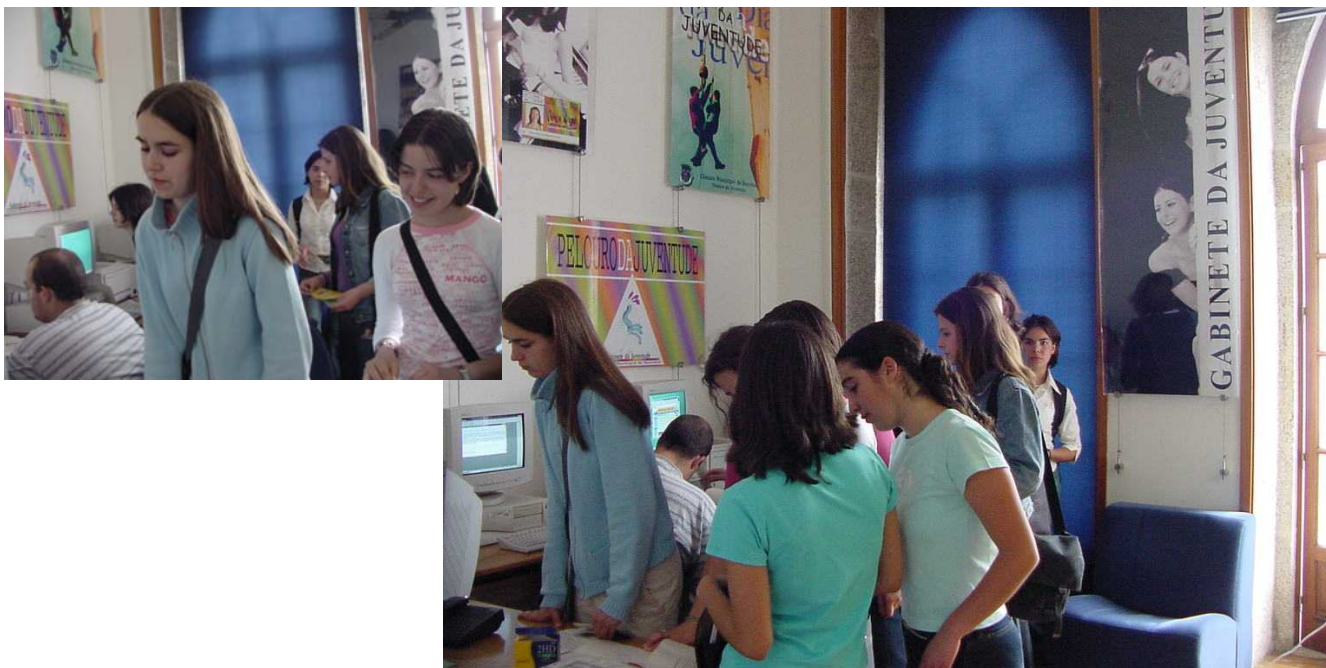
Como objectivos principais destacam-se os seguintes:

- Proporcionar um espaço de acção municipal, especialmente dedicado aos jovens de todo o concelho;
- Criar condições que proporcionem a revelação da juventude;
- Potenciar meios adequados no sentido da valorização dos jovens;
- Facultar o contacto e acesso mais fácil entre os jovens e a autarquia;
- Promover os jovens e as suas potencialidades, através da organização de actividades de diferente índole;
- Proporcionar aos jovens meios actuais de comunicação e informação;
- Desenvolver acções visando corresponder aos gostos e apetências da Juventude.

No sentido de melhor corresponder às necessidades do público-alvo, o Gabinete da Juventude pratica um horário alargado e acessível aos jovens, das 9h00 às 18h00, de Segunda a Sexta-feira.

Neste espaço disponibilizam-se recursos informáticos; Internet; informação de interesse para a juventude, de forma a corresponder às dúvidas e solicitações dos jovens nas diferentes áreas, quer em termos de formação, associativismo, tempos livres, férias, Cartão Barcelos Jovem, etc.

No ano 2006 incrementou-se uma nova forma de gestão dos recursos informáticos disponíveis e do acesso à Internet. Está assim em funcionamento um programa de gestão que permite um maior controlo de utilização dos recursos disponíveis e confere maior celeridade e qualidade do serviço ao Gabinete da Juventude. De referir ainda que este sistema de gestão está em inter-ligação com o Espaço Internet permitindo uma maior harmonia no serviço à comunidade.



CARTÃO BARCELOS JOVEM



CARTÃO BARCELOS JOVEM - NOVA APRESENTAÇÃO

O projecto Cartão Barcelos Jovem foi um dos primeiros projectos do Pelouro da Juventude. Foi lançado em 1999 e constitui um documento colocado à disposição de todos os jovens do concelho, com idades compreendidas entre os 12 e os 25 anos, tendo como principal objectivo facilitar o acesso a descontos em vários equipamentos e serviços e estruturar um veículo privilegiado de informação e divulgação de projectos municipais dirigidos à população jovem.

O ano 2006 foi um ano de referência para este projecto, na medida em que se realizou a actualização do Roteiro de Descontos e se criou um novo Cartão, com impressão directa do lettrring e fotografia, conferindo uma nova apresentação e qualidade ao projecto.

A actualização do Cartão Barcelos Jovem contemplou a confirmação de todas as empresas concessoas de descontos, aderentes ao projecto assim como toda a informação inerente ao projecto, constante do antigo roteiro; o contacto e inscrição de um conjunto de novas empresas e entidades aderentes nas diversas áreas e, com o objectivo de disponibilizar um roteiro de descontos útil e prático aos jovens, criou-se um documento mais atractivo e abrangente.

Deste modo, o Roteiro de Descontos passou a integrar diversa informação, da qual se destacam os seguintes conteúdos: secção de identificação; informação sobre os projectos do Gabinete da Juventude; regulamento do Cartão Barcelos Jovem; como utilizar o Cartão; Guia de Descontos; Moradas e contactos úteis; Pousadas de Juventude; Parques de Campismo; Calendários; Planning Anual; Secção de Notas; Secção Endereços e Contactos; Aniversários, Testes/ Frequências e Exames e Ficha de Sugestões. Criou-se deste modo um roteiro de descontos abrangente, organizado para que o jovem o utilize de forma permanente.

De registar que a actualização que se desenvolveu do Cartão Barcelos Jovem, a criação do novo cartão e roteiro de descontos, além de conferir uma melhor apresentação e qualidade ao projecto tem vindo a constituir um aumento da procura do mesmo.

O lançamento do novo roteiro e cartão realizou-se no âmbito do Programa da Festa da Juventude, a sessão foi presidida pelo Sr. Presidente, Dr. Fernando Reis e pelo Sr. Presidente da Empresa Municipal de Educação e Cultura, Dr. Carlos Alberto Cardoso; aconteceu no dia 20 de Agosto no Parque da Cidade.

No final do ano 2006 registavam-se 9845 jovens inscritos no projecto Cartão Barcelos Jovem.



SESSÃO DE LANÇAMENTO DO NOVO ROTEIRO DE DESCONTOS DO PROJECTO CARTÃO BARCELOS JOVEM



A Campanha Educativa é um projecto que tem vindo a acompanhar a dinâmica do Gabinete da Juventude desde a sua criação, ano 1999, altura em que se deu início a acções no domínio da educação sexual e prevenção das toxicodependências, nomeadamente através das acções de Luta Contra a SIDA e Toxicodependência, desenvolvidas fundamentalmente nos estabelecimentos de ensino do concelho.

A Campanha Educativa caracteriza-se pelo desenvolvimento de sessões, com base em temas de importante valor educativo, para os jovens e população em geral. É uma iniciativa de carácter permanente, uma forma de manter sempre disponível o desenvolvimento dos temas, não só nas escolas, mas também dirigido a outras instituições: Juntas de Freguesia, IPSS, Associações, Grupos de Escuteiros, grupos informais de jovens e demais entidades.

Este projecto contempla as seguintes áreas: Prevenção das Toxicodependências: Álcool, Tabaco e Drogas não Legais; Educação Sexual: Adolescência, Descoberta do Corpo, Desenvolvimento da Sexualidade, Métodos Contraceptivos, Infecções Sexualmente Transmissíveis; SIDA; entre outras abordagens.

Deste modo, as instituições e grupos interessados podem-se inscrever, em data e horário que considerem mais oportuno. É assim possível agendar as sessões de acordo com a disponibilidade da instituição.

No âmbito das sessões realizam-se várias actividades, sendo de referir as seguintes:

- Jogos / dinâmicas de inter-relação, participação activa;
- Exploração do tema;
- Apresentação anónima de questões;
- Resposta e análise conjunta de situações;
- Utilização correcta do preservativo;
- No final de cada sessão são distribuídos elementos informativos, organizados de acordo as idades dos participantes

É também no âmbito do projecto que se realizam outras acções: Dia Mundial de Luta Contra as Drogas (Junho); Dia Mundial de Luta Contra a SIDA (Dezembro); Tour Agarra a Vida (Maio); Jornadas de Educação para a Saúde (Março).

Conscientes da importância e necessidade, cada vez mais visível, de um trabalho conjunto entre as diferentes instituições, de modo a evoluir no sentido de uma mais completa formação e dinamização da comunidade, o projecto tem uma parceria fundamental com o Centro de Saúde de Barcelos/ Barcelinhos.

De destacar ainda que em 2006 foi introduzida uma metodologia de avaliação de todas as sessões, que se realizam no âmbito do projecto, cujo objectivo foi melhorar o projecto mediante a valorização das sessões e nomeadamente da opinião dos participantes. A partir da avaliação desenvolvida ao longo do ano realizou-se a avaliação do projecto, mediante a análise detalhada dos questionários realizados, da qual se passa a apresentar algumas das principais conclusões.



SESSÃO REALIZADA NUMA FREGUESIA COM GRUPO DE JOVENS



SESSÃO REALIZADA NUMA ESCOLA COM A COLABORAÇÃO DO CENTRO DE SAÚDE DE BARCELOS

Festa do estudante

Escola Secundária de Barcelos
24 Março

PAINTBALL ● ● ● ● ● ●

À semelhança dos anos anteriores o Pelouro da Juventude realizou um programa que se destinou a assinalar o Dia do Estudante 2006.

Tendo em consideração que as dinâmicas desportivas são do interesse dos jovens e um meio salutar de ocupação do tempo livre, esta data tem vindo a ser assinalada com acções essencialmente neste domínio, procurando envolver os alunos dos diferentes estabelecimentos de ensino.

Na definição do programa procurou-se ir ao encontro de uma modalidade que permitisse novas experiências e que simultaneamente entusiasme a juventude. Neste sentido, propôs-se um dia dedicado ao Paintball. Esta proposta teve também em consideração as actividades desportivas que habitualmente são propostas pelas escolas, assim como as acções às quais os jovens facilmente têm acesso, tendo-se procurado uma dinâmica que permitisse o contacto com novas práticas desportivas.

O dia 24 de Março correspondeu a um dia lectivo, não tendo sido possível a dispensa de aulas, foi determinado um estabelecimento de ensino, tendo por base o número de alunos, a localização e condições para a realização desta modalidade desportiva.

Deste modo, em 2006, a actividade realizou-se na Escola Secundária de Barcelos, no dia 24 de Março. O programa foi dirigido aos alunos das escolas B2 3, secundárias e profissionais do concelho; aberto a todos os estudantes, mediante a apresentação da autorização da respectiva escola para participar.

A acção decorreu de forma muito organizada, registou-se a participação dos alunos da própria escola, assim como de outros estabelecimentos de ensino, quer de escolas secundárias, quer profissionais. Todos os alunos tiveram oportunidade de participar na sessão de apresentação e visita à exposição de material e equipamentos da modalidade de Paintball, assim como contactar activamente com a dinâmica desta modalidade desportiva através dos Workshops desenvolvidos.



EXPOSIÇÃO E APRESENTAÇÃO DE MATERIAL DE PAINTBALL



EXPERIMENTAÇÃO DOS EQUIPAMENTOS DE PAINTBALL

TOUR AGARRA A VIDA 2006



O Pelouro da Juventude realizou o programa "Tour Agarra a Vida". Trata -se de uma actividade que surge no âmbito da Campanha Educativa 2006 e teve como principal objectivo prevenir, sensibilizar e reduzir os riscos associados ao consumo de drogas. Concretizou-se através da promoção de estilos de vida saudáveis, da prática de desportos radicais e da promoção de um debate sobre prevenção primária das toxicodependências.

O programa foi desenvolvido durante uma semana em 4 estabelecimentos de ensino, envolveu todos os alunos e desenvolveu-se com a seguinte calendarização: Escola EB2, 3 Gonçalo Nunes 9 de Maio; Escola Secundária Alcaides de Faria 10 de Maio, Escola Secundária de Barcelos 11 de Maio e Escola Secundária de Barcelinhos 12 de Maio.



BARCELOS PARA A MÚSICA 2006

O *Barcelos para a Música* é um projecto que visa descobrir e valorizar jovens do Concelho com gosto e talento na área da música.

Com resultados positivos crescentes desde 1999, ano em que iniciou, este projecto tem-se revelado um caso de sucesso, com melhorias visíveis de ano para ano, em termos de quantidade e qualidade das participações e dos níveis de assistência registados, razões pelas quais se tem verificado a sua continuidade anual.

No ano transacto, com o objectivo de tornar esta iniciativa mais completa e correspondente às expectativas dos jovens do concelho, o projecto *Barcelos para a Música* integrou três festivais distintos complementares, designadamente, o Festival Escolar da Canção Infantil, Festival Escolar da Canção Juvenil e o Festival de Grupos Musicais.

No sentido de proporcionar a todos os participantes a possibilidade de aperfeiçoar as suas competências musicais, foram realizados ateliers pedagógicos de composição e de interpretação para todos os participantes.

O Festival Escolar da Canção Juvenil realizou-se no dia 20 de Maio, na Praça Pontevedra, e contou com a actuação de sete finalistas.



O Festival Escolar da Canção Infantil realizou-se no dia 28 de Maio, na Praça Pontevedra, e contou com a actuação de nove finalistas.



O Festival de Grupos Musicais realizou-se no dia 19 de Agosto, no Parque da Cidade de Barcelos, com a actuação de nove grupos finalistas e duas bandas convidadas. Estima-se que cerca de cinco mil pessoas assistiram aos três espectáculos.



PROGRAMA: EM VOZ ALTA...

O desenvolvimento das sociedades actuais transformou a capacidade e a prática da leitura numa necessidade técnica e numa condição de cidadania.

Um leitor, sobretudo jovem, é um actor social num processo contínuo de formação. Por isso, a ausência da leitura, enquanto elemento essencial para o desenhar, em termos culturais, de tendências estruturantes do desenvolvimento pessoal e colectivo, constitui um problema de primeiro plano na nossa sociedade.

Atenta a esta realidade a Câmara Municipal de Barcelos, através do Gabinete da Juventude, levou a afeito um programa muito completo que visava, entre outros objectivos, promover, difundir e incentivar os hábitos de leitura junto da população barcelense, em especial dos jovens.

A acção teve a duração de três meses, durante os quais várias vertentes foram exploradas, nomeadamente, a formação gratuita de 14 jovens seleccionados, para ler e declamar textos de poesia e prosa, a promoção, feita por jovens, de textos, obras e autores barcelenses, e o desenvolvimento de dois recitais um dos quais no âmbito do programa de actividades da Feira do Livro, e outro no âmbito da inauguração da Mostra de Arte Jovem.



A iniciativa envolveu 14 jovens, seleccionados através de um casting, e foi desenvolvida em três momentos fundamentais:

1º Momento - Lançamento do desafio a jovens naturais ou residentes no concelho, com idades compreendidas entre os 16 e os 26 anos, com o gosto por teatro e declamação de poesia ou prosa, no sentido de participarem num casting, onde foram seleccionados vários jovens, tendo-se constituído um grupo de cerca de 14 elementos;

2º Momento - Desenvolvimento de uma acção de formação de oralidade e dicção, para os jovens seleccionados, permitindo-lhes desenvolver apetências de treino e colocação de voz;

3º Momento - Realização de declamações de poesia e prosa em espaços culturais da cidade, onde se levou a efeito a difusão e promoção de autores, livros, poesia, textos, contos, e lendas de Barcelos, com o objectivo de perpetuar o imaginário popular barcelense e, ao mesmo tempo, contribuir para a difusão e promoção de hábitos de leitura.



DIA MUNDIAL DE LUTA CONTRA AS DROGAS 2006

O Pelouro da Juventude assinalou o Dia Mundial de Luta Contra as Drogas, no dia 26 de Junho, no Largo da Porta Nova. Esta iniciativa insere-se no projecto Campanha Educativa 2006, que tem vindo a ser realizada nas diferentes instituições do concelho, nas áreas de: Educação Sexual e Prevenção das Toxicodependências.

Tendo por base a importância e necessidade, cada vez mais visível, de um trabalho conjunto entre as diferentes instituições, em prol da formação e dinamização da comunidade, a Campanha Educativa 2006 conta com a participação activa do Centro de Saúde de Barcelos.

O Programa contemplou a realização de várias acções de sensibilização e informação à população em geral e desenvolveu-se com a seguinte calendarização e actividades:

- Apresentação e distribuição de informação
- Exposição de fotografias e informação das sessões realizadas no concelho, no âmbito da Campanha Educativa e Tour Agarra a Vida
- Expressão Plástica
- Jogos / Dinâmicas sobre o tema
- Atelier de Graffiti

- DJs / Animação Musical (hip-hop)
- Sensibilização à população sobre a Prevenção do Consumo de Drogas: Tabaco, Álcool e drogas não legais, por uma equipa de enfermeiros do Centro de Saúde e pela PSP
- Exposição de Informação da actividade da PSP no âmbito desta temática
- Campanha de Sensibilização para Prevenção do Consumo de Drogas, com a participação da PSP e do Centro de Saúde de Barcelos, realizada em duas entradas da cidade.



APRESENTAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DE INFORMAÇÃO



SENSIBILIZAÇÃO PARA A PREVENÇÃO DO CONSUMO DE DROGAS COM A COLABORAÇÃO DA PSP



EXPOSIÇÃO DE INFORMAÇÃO SOBRE O TEMA E SESSÕES DE PREVENÇÃO REALIZADAS NO CONCELHO



MODA BARCELOS 2006

O Pelouro da Juventude realizou o 3º evento Moda Barcelos, um projecto artístico, que pelas suas características e dinâmica tem vindo a envolver e a despertar a atenção de toda a região.

Barcelos é um concelho com um elevado número de jovens, com grande actividade na área têxtil, onde se verifica uma forte ligação ao estilismo e à moda em geral, constituindo uma realidade que contextualiza a realização deste projecto. Um projecto através do qual se pretende dar continuidade a uma ideia original, que visa contemplar e satisfazer as aspirações dos amantes desta área, envolvendo estilistas e criadores, jovens manequins e as grandes empresas do sector de promoção global da moda. Moda Barcelos Jovem define-se como um projecto global, que integra três importantes momentos:

FORMAÇÃO DE MANEQUINS

É contemplada a vertente da formação, através da realização de uma acção de formação de jovens manequins. Esta acção dirige-se a jovens do concelho, com idades compreendidas entre os 16 e os 25 anos, e tem como objectivo não só proporcionar a participação no espectáculo, mas também valorizar e descobrir novos talentos no mundo da moda. Todos os jovens que preencham os requisitos podem-se inscrever na iniciativa e participar no Casting.

CRIAÇÃO DE COLECÇÕES

Outro momento da iniciativa é a área da criação e do estilismo.

Esta acção destina-se às empresas têxteis, criadores e estilistas do concelho de Barcelos, tendo como objectivo a participação no projecto através da criação e concepção de coordenados originais.

ESPECTÁCULO DE MODA- terceira apresentação da Moda Barcelos.

Este projecto culminou com um grande espectáculo de moda, onde os jovens manequins apresentaram as colecções concebidas pelos criadores, um momento de grande nível, num cenário privilegiado, ao ar livre perante toda a comunidade. O evento aconteceu no Largo da Porta Nova, no dia 15 de Julho.

Em 2006 este projecto afirmou novamente o seu impacto e sucesso junto da comunidade, quer pela elevada adesão de jovens manequins candidatos à formação e de empresas têxteis, estilistas e criadores, quer pelos milhares de pessoas que procuraram assistir à apresentação final, ao espectáculo Moda Barcelos.

Este projecto assume-se, com efeito, como uma iniciativa abrangente, com grandes vantagens para todos os participantes, sendo de destacar a oportunidade de divulgação e promoção, das empresas participantes e do trabalho que realizam, através do recurso aos diferentes meios de comunicação social e aos vários elementos de divulgação, que são disponibilizados pela organização no âmbito da organização e desenvolvimento do projecto.



MODA BARCELOS 2006, LARGO DA PORTA NOVA

FESTA DA JUVENTUDE 2006



O Pelouro da Juventude realizou nos dias 18, 19 e 20 de Agosto a Festa da Juventude 2006, no âmbito do programa comemorativo do Dia Internacional da Juventude. A iniciativa teve lugar no Parque da Cidade, realizou-se na sequência da Mostra de Artesanato e da Feira das Associações. Com este evento pretendeu-se realizar um conjunto de dinâmicas de interesse para a população e nomeadamente para os jovens. Um dos principais objectivos da iniciativa foi envolver o Associativismo e, nomeadamente, as Associações Juvenis, Grupos de Escuteiros e Grupos do concelho de âmbito juvenil, procurando deste modo valorizar o trabalho desenvolvido pelos diferentes grupos e associações ao nível educativo, social, cultural e desportivo. Com este evento procurou-se ainda aproximar, divulgar e sensibilizar a comunidade barcelense e os milhares de visitantes, que nos procuram nesta época do ano, para o trabalho que as diferentes organizações desenvolvem no concelho.

A animação da Festa da Juventude foi fundamentalmente desenvolvida por actuações, representações e actividades propostas por cada um dos Grupos e Associações participantes, potenciando-se assim a divulgação do trabalho que cada organização realiza. Disponibilizou-se a cada grupo e associação participante um Stand, que permitiu promover o historial e actividades. O programa foi muito diversificado e contemplou as seguintes actividades:

- 1ª Mostra do Associativismo Juvenil
- Demonstração de Trial – Bike
- Atelier de Graffiti
- Animação de Rua
- Festival de DJ's
- Ateliers diversos dirigidos a crianças e jovens
- Insuflável Desportivo
- Hóquei de Rua
- Campanha informativa nas áreas de Educação Sexual e Prevenção das Toxicodependências
- Rastreio de diabetes e hipertensão arterial
- Acesso livre à Internet
- Barcelos para a Música - 7º Festival de Grupos Musicais
- Actuação dos MESA
- Jogo de Paintball (Associação Amigos da Montanha)
- Actuação da Fanfarra do Agrupamento de Escuteiros de Vila Cova

- Lançamento do novo Roteiro de Descontos do Projecto Cartão Barcelos Jovem

A avaliação da iniciativa foi bastante positiva, avaliação que se fundamenta no feedback concedido pelas associações participantes e na receptividade e participação da população em geral e nomeadamente da população jovem, salientando-se o facto de se ter desenvolvido uma Festa da Juventude com um programa abrangente e concertado, do qual se destaca a dinamização do Associativismo Juvenil através da sua 1ª Mostra.



JOGO DE PAINTBALL



ANIMAÇÃO DE RUA



1ª MOSTRA DE ASSOCIATIVISMO JUVENIL



FESTIVAL DE DJ'S



MOSTRA DE ARTE JOVEM 2006

O Pelouro da Juventude levou novamente a efeito a Mostra de Arte Jovem de Barcelos, constituindo em 2006 a sua 3ª edição. Esta iniciativa surge no seguimento dos propósitos que baseiam a actividade do Pelouro da Juventude: criar condições que proporcionem a revelação e valorização dos jovens barcelenses.

Trata-se de uma área na qual se tem vindo a verificar um interesse crescente da população jovem do concelho, aspecto confirmado pela adesão de jovens participantes nas 3 mostras de arte realizadas. Afirmar-se assim a continuidade de uma iniciativa, no âmbito da actividade artística, através da qual tem sido possível identificar e promover jovens barcelenses, com gosto e experiências a este nível, assim como levar ao público várias expressões estéticas, constituindo um ponto de encontro entre artistas e comunidade.

A 3ª Mostra foi dedicada às áreas de Pintura, Desenho, Técnica Mista, Escultura, Banda Desenhada e Ilustração, Fotografia, Literatura, Moda e Arquitectura, sob o tema “Patrimónios de Barcelos”, realizou-se na Galeria Municipal de Arte, no período de Setembro/ Outubro.

No âmbito da 3ª Mostra de Arte Jovem de Barcelos foram realizadas várias actividades, nas quais todos os interessados puderam participar, no sentido de adquirir e melhorar métodos e técnicas, em vários domínios artísticos, sendo de salientar as seguintes:

- Exposição das obras / trabalhos seleccionados;
- Sessões de arte;
- Sessões musicais e de declamação, com a colaboração do grupo dos jovens participantes no Programa em Voz Alta;
- Visitas guiadas à Mostra de Arte;
- Workshops de formação, nas áreas de: Pintura, Técnica Mista e Desenho, com a participação do pintor António Cunha e Workshop de Moda, realizado pela estilista Katty Xiomara.

Foi assim desenvolvida uma iniciativa de carácter pedagógico, quer pelas actividades realizadas, quer pelo “encontro” entre artistas e população em geral, voltando a iniciativa para a formação da comunidade, no sentido de se conseguir cada vez mais uma atitude participativa face às actividades artísticas.

Tendo em consideração a dimensão e abrangência da actividade artística, o objectivo é contemplar diferentes áreas, correspondendo aos gostos e apetências dos jovens, sendo objectivo dar continuidade ao projecto com as diversas áreas de expressão.



SESSÃO DE ABERTURA PRESIDIDA PELA DR.ª JOANA GARRIDO FERNANDES, VEREADORA DA JUVENTUDE E PELO DR. CARLOS ALBERTO CARDOSO, PRESIDENTE DA EMEC.



VISITA GUIADA À MOSTRA DE ARTE



SESSÃO DE ARTE



WORKSHOP DE MODA COM A ESTILISTA KATTY XIOMARA

I ENCONTRO INTERNACIONAL DE COROS DE BARCELOS

O Gabinete da Juventude coordenou e apoiou O Coral Magistroi, na organização do I Encontro Internacional de Coros de Barcelos que se realizou nos dias 21 e 22 de Outubro, de forma descentralizada em Grimancelos, Galegos Sta. Maria e no Pavilhão Municipal de Barcelos.

Tratou-se de um evento que envolveu a actuação de cerca de mil vozes, e que obteve a participação de dois grupos corais internacionais, nomeadamente o Chorale Municipale Vierzonaise de Vierzon, França e o Coral Polifonia de Cariño de Coruña, Espanha.

No que se refere ao público estiveram presentes a assistir à iniciativa, no total, cerca de 3000 pessoas.



DIA MUNDIAL DE LUTA CONTRA A SIDA 2006

O Dia Mundial de Luta Contra a SIDA realizou-se no seguimento do trabalho que tem vindo a ser desenvolvido pelo Pelouro da Juventude na área de educação para a saúde e, nomeadamente, no âmbito das campanhas educativas de educação sexual e prevenção das toxicodependências.

Esta data tem sido assinalada em anos anteriores com sessões nas escolas na área da SIDA. Tendo em consideração o feedback concedido pelas escolas, e nomeadamente

no decurso da última campanha realizada, na qual se identificou que grande parte das turmas já haviam participado nas sessões subordinadas ao tema da SIDA, sendo também de salientar que o Pelouro da Juventude tem disponível, no âmbito da Campanha Educativa o tema da SIDA, propôs-se a realização de um programa de sensibilização à comunidade em geral.

A dinâmica de sensibilização realizou-se no dia 30 de Novembro, no Largo da Porta Nova, das 9h00 às 17h00, com a colaboração do Centro de Saúde de Barcelos.

O programa foi dirigido às escolas B2, 3, secundárias e profissionais, ensino superior, IPSS, Associações, essencialmente juvenis e população em geral. A iniciativa contemplou a colocação de uma tenda militar, no Largo da Porta Nova, no qual foram dinamizadas as seguintes acções:

- Sensibilização dos participantes para a temática por uma equipa de técnicos da área de saúde e educação;
- Entrega de informação e materiais relacionados com o tema da SIDA e outros problemas afins;
- Animação do Stand com luz e som;
- Painel de expressão plástica sobre o tema da SIDA;
- “Livro de honra” onde todos os visitantes puderam deixar uma mensagem sobre o tema;
- Atendimento personalizado, por técnicos de saúde, aos participantes interessados.



DISPONIBILIZAÇÃO DE MATERIAL E INFORMAÇÃO SOBRE O TEMA



EXPOSIÇÃO DE INFORMAÇÃO SOBRE O TEMA E SESSÕES DE PREVENÇÃO REALIZADAS

5. GRÁFICO 5. REGISTOS DE ENTRADA NO GABIENTE DA JUVENTUDE DA CÂMARA MUNICIPAL DE BARCELOS

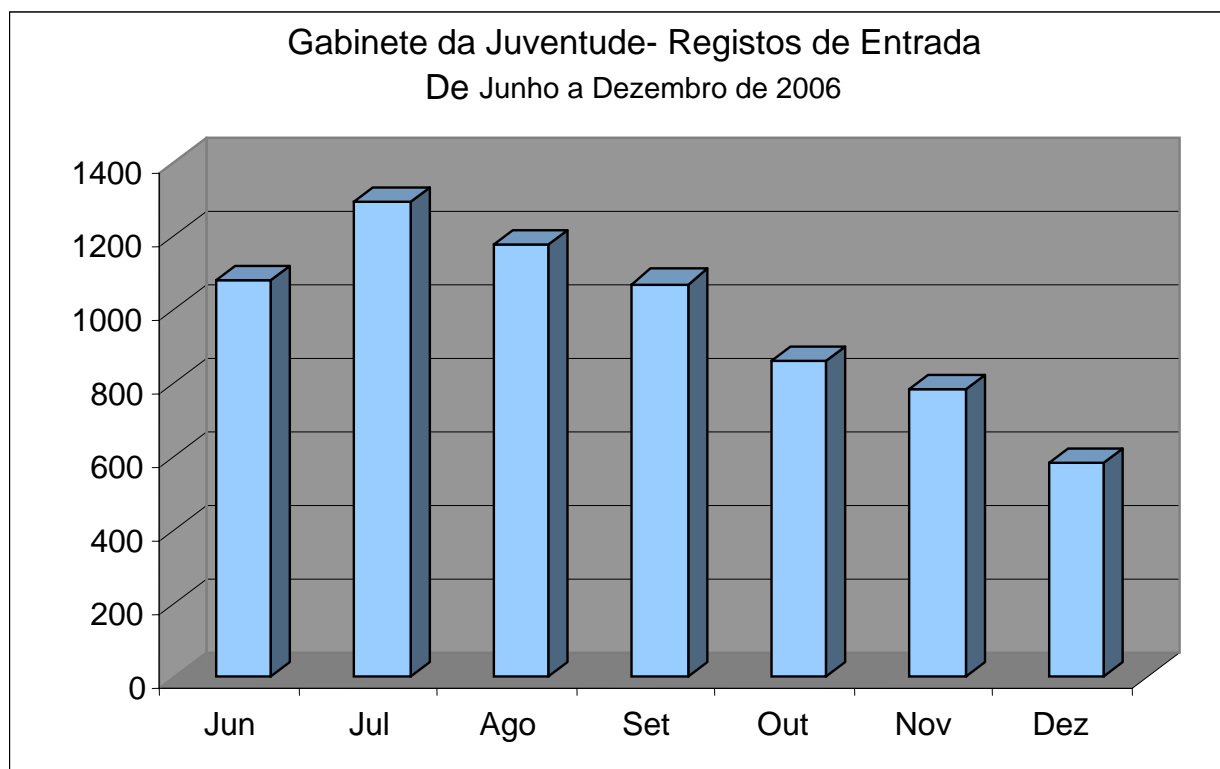


Gráfico 5.

6. QUESTIONÁRIOS

6.1. GUIÃO DO QUESTIONÁRIO

- Residência - indique a freguesia:
- Género: Masculino () Feminino ()
- Idade:
- Grau de Escolaridade:
- Já ouviu falar no Movimento Cidades Educadoras? Sim () Não ()
- Conhece alguma Cidade que faça parte deste movimento?
Sim () Não ()
- Se assinalou Sim (X), por favor indique qual ou quais:
- O que pensa sobre o Movimento Cidade Educadora?

(As Cidades Educadoras iniciaram-se como movimento em 1990, com a realização do 1º Congresso Internacional em Barcelona, no qual participaram diversos representantes de várias cidades, que se reuniram com o objectivo comum de trabalhar em projectos e actividades para melhorar a qualidade de vida dos seus habitantes, a partir da sua implicação activa, cumprindo os princípios que compõem a Carta das Cidades Educadoras.)

- Que princípios consideraria fundamentais para que uma cidade, por exemplo Barcelos, alcançasse o título Cidade Educadora.
- Assinale com (X) as principais actividades educativas e culturais que existem na sua freguesia e/ ou no seu concelho?

	NA FREGUESIA	NO CONCELHO
Desporto	()	()
Modalidade(s):		
Dança	()	()
Teatro	()	()
Música	()	()
Cinema	()	()
Internet	()	()
Campanhas educativas	()	()

(Por exemplo, "Prevenção das Toxicodependências", "Educação Sexual", "Educação Ambiental")

Artes Plásticas	(__)	(__)
Literatura	(__)	(__)
Outra(s)	(__)	(__)

Qual/ Quais?:

- Indique as instituições responsáveis pelas actividades que assinalou na resposta anterior?

INSTITUIÇÕES RESPONSÁVEIS:	NA FREGUESIA	NO CONCELHO
Desporto	_____	_____
Dança	_____	_____
Teatro	_____	_____
Música	_____	_____
Cinema	_____	_____
Internet	_____	_____
Campanhas Educativas	_____	_____
Artes Plásticas	_____	_____
Literatura	_____	_____
Outra(s)	_____	_____

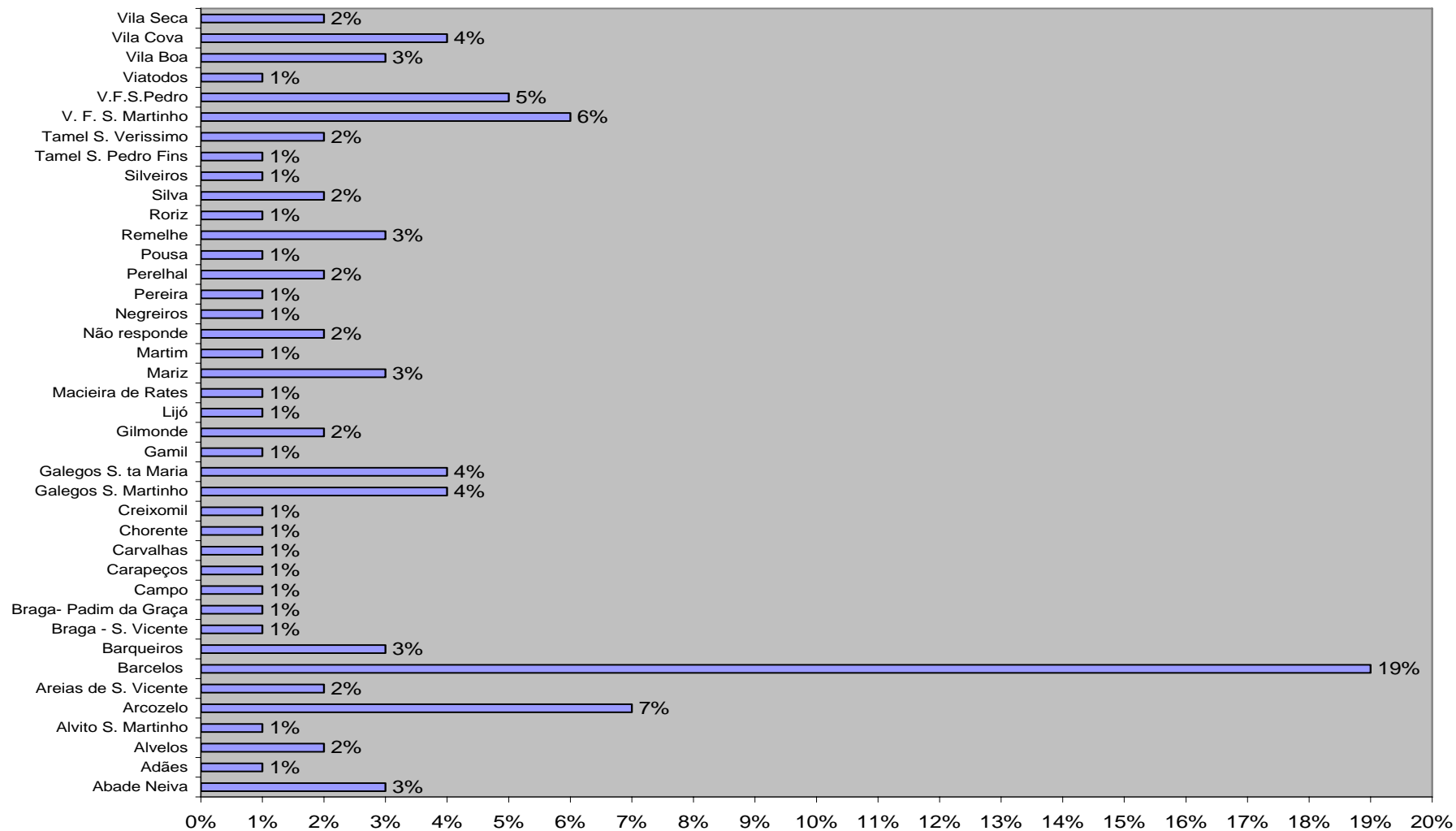
- Indique outras actividades que, na sua opinião, possam permitir o desenvolvimento e melhoria da qualidade de vida da comunidade.

- Considera viável Barcelos instituir-se como Cidade Educadora? Explique, por favor.

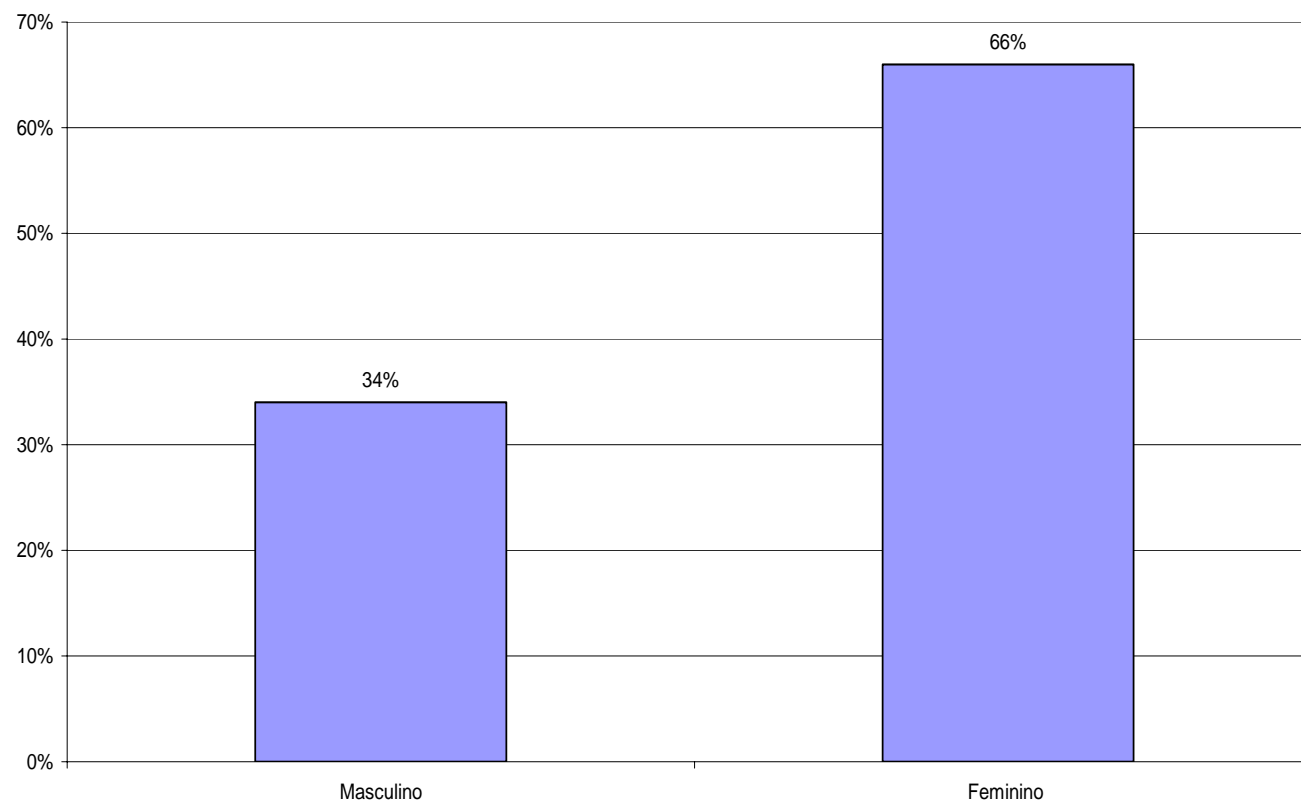
- Na sua opinião o que pode surgir com a, eventual, integração de Barcelos no movimento Cidade Educadora?

6.2. GRÁFICOS DE ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS

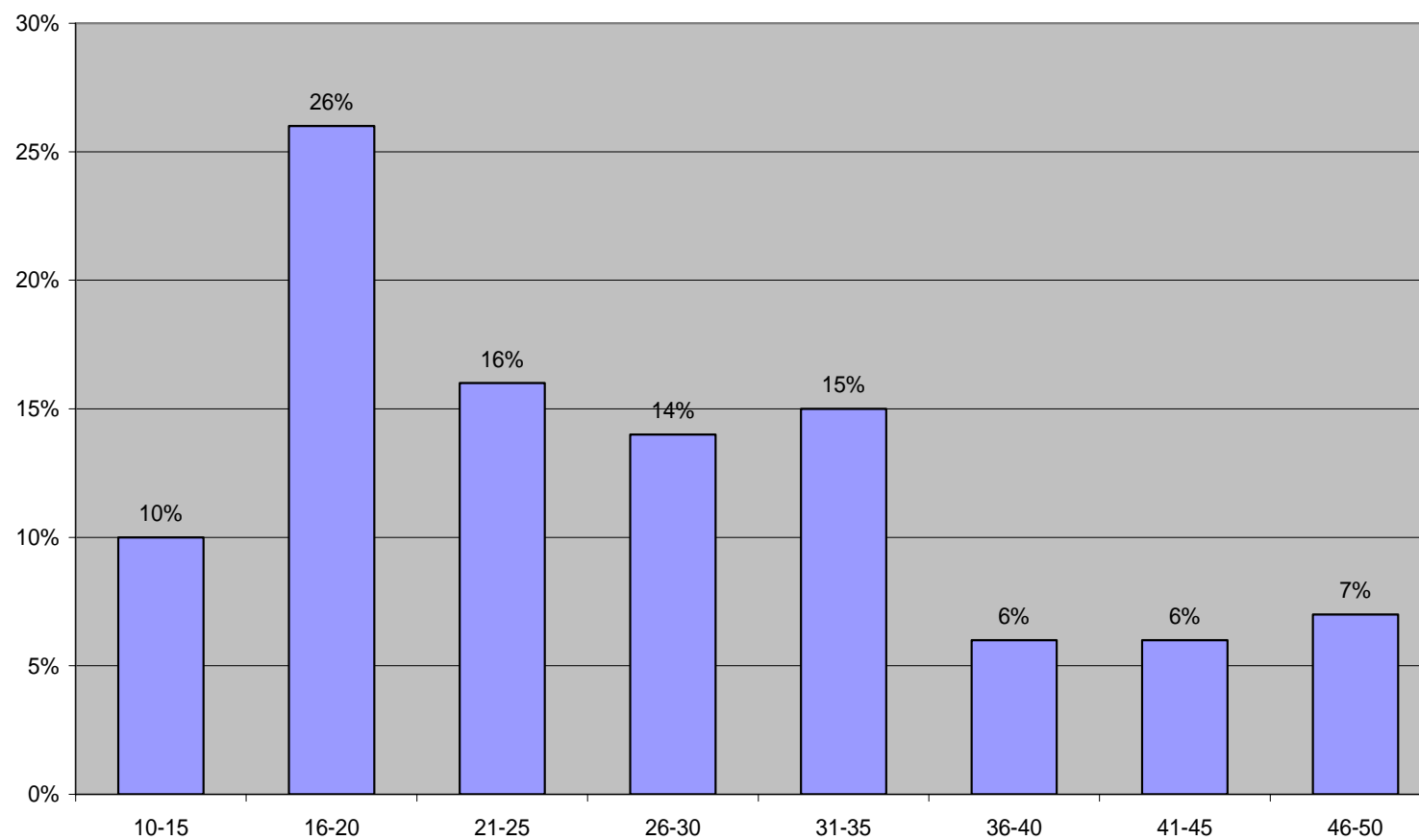
6.2.1. Gráfico 1.1. Identificação da população inquirida: localidade



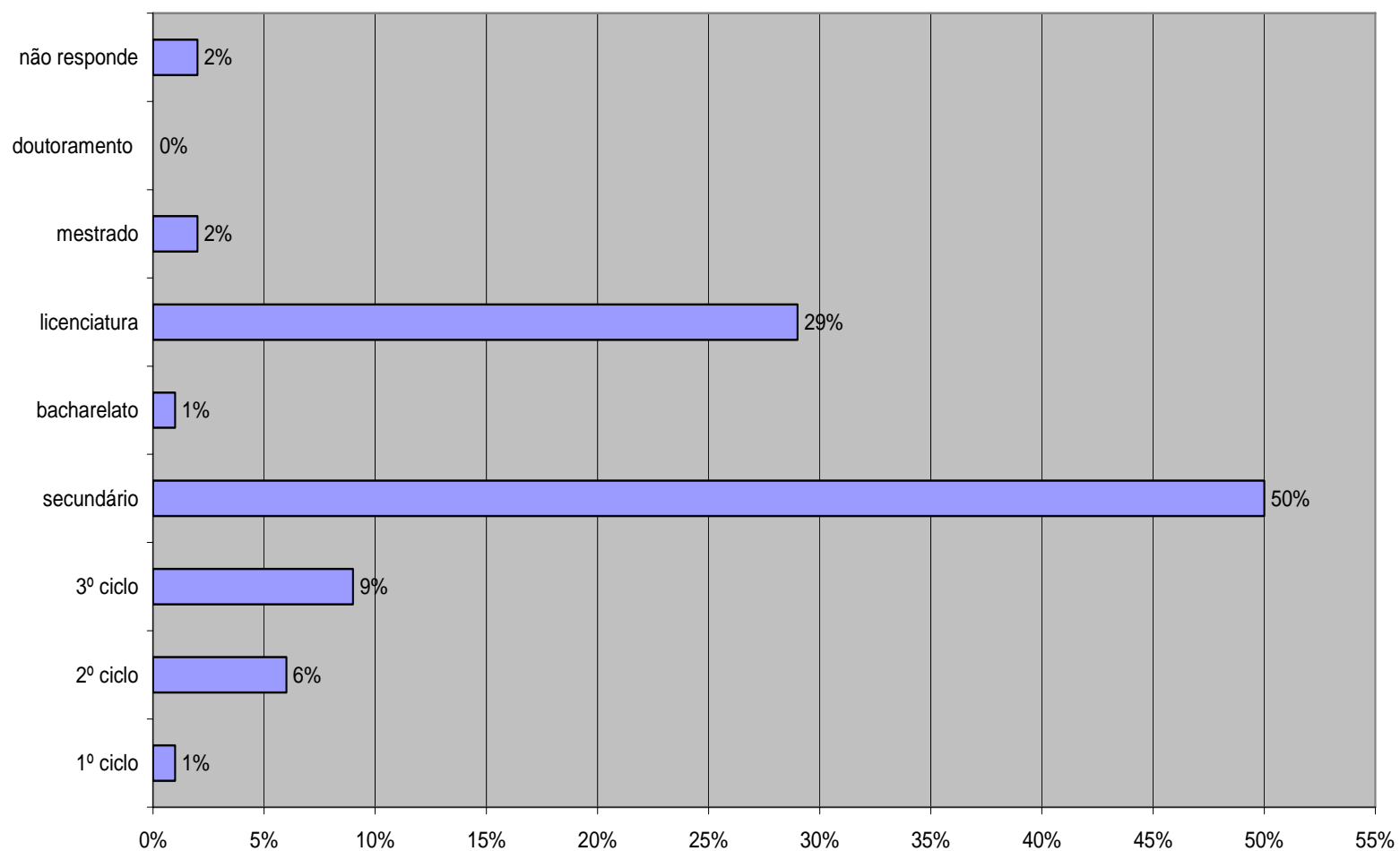
6.2.2. Gráfico 1.2. Identificação da população inquirida: género



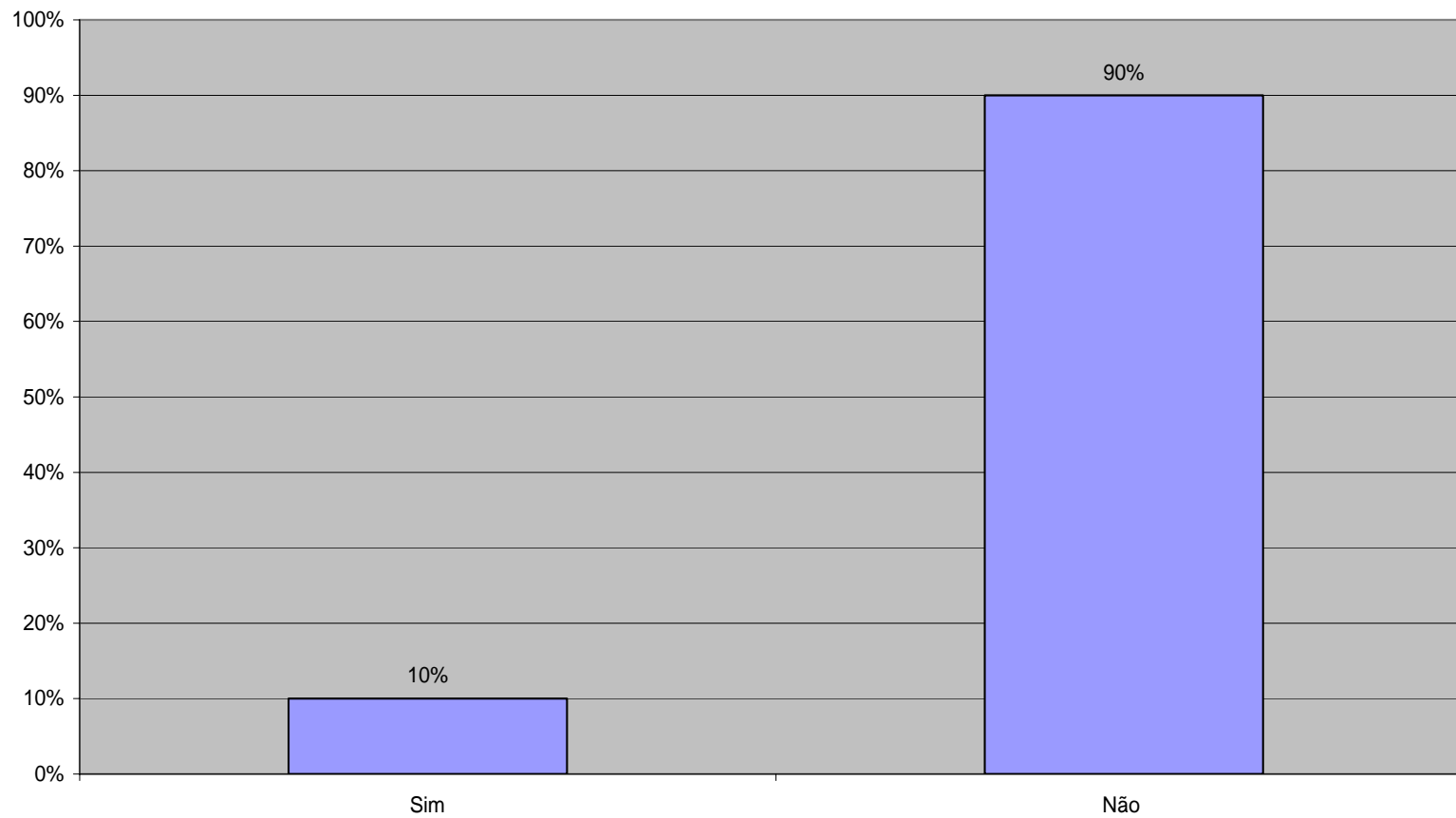
6.2.3. Gráfico 1.3. Identificação da população inquirida: idade/ grupo etário



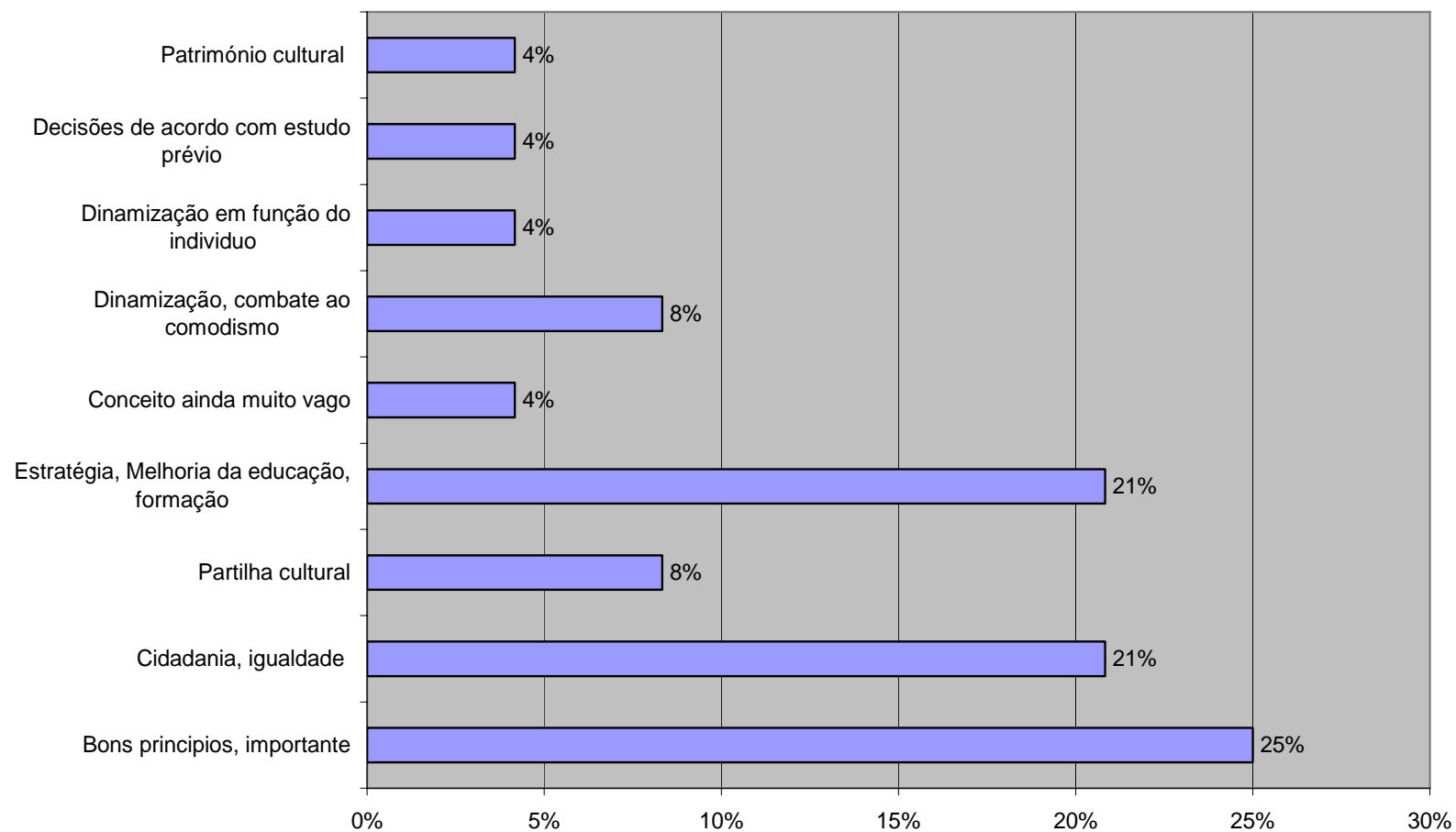
6.2.4. Gráfico 1.4. Identificação da população inquirida: grau de escolaridade



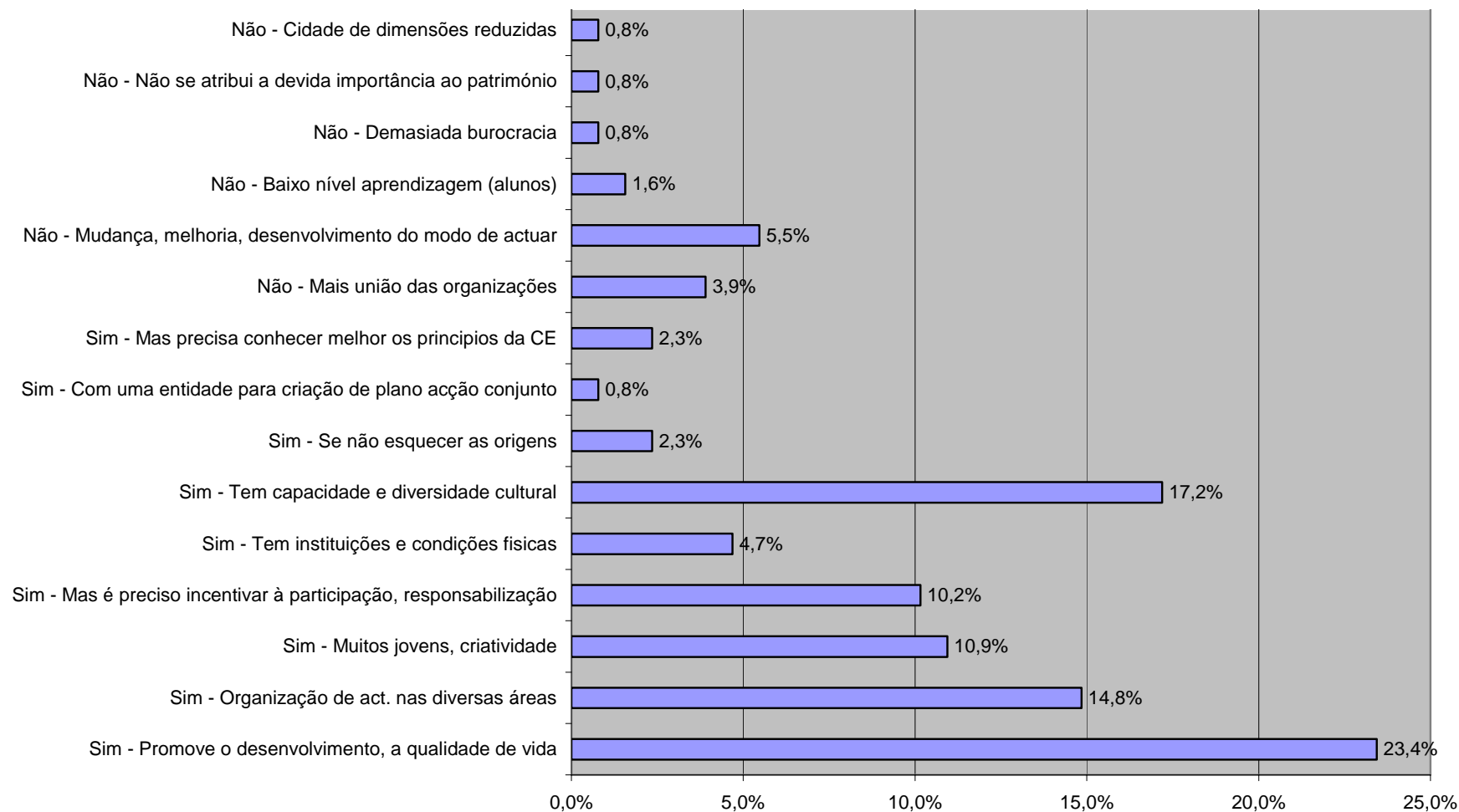
6.2.5. Gráfico 2.1. Conhecimento do Movimento CE: já ouviu falar no Movimento CE?



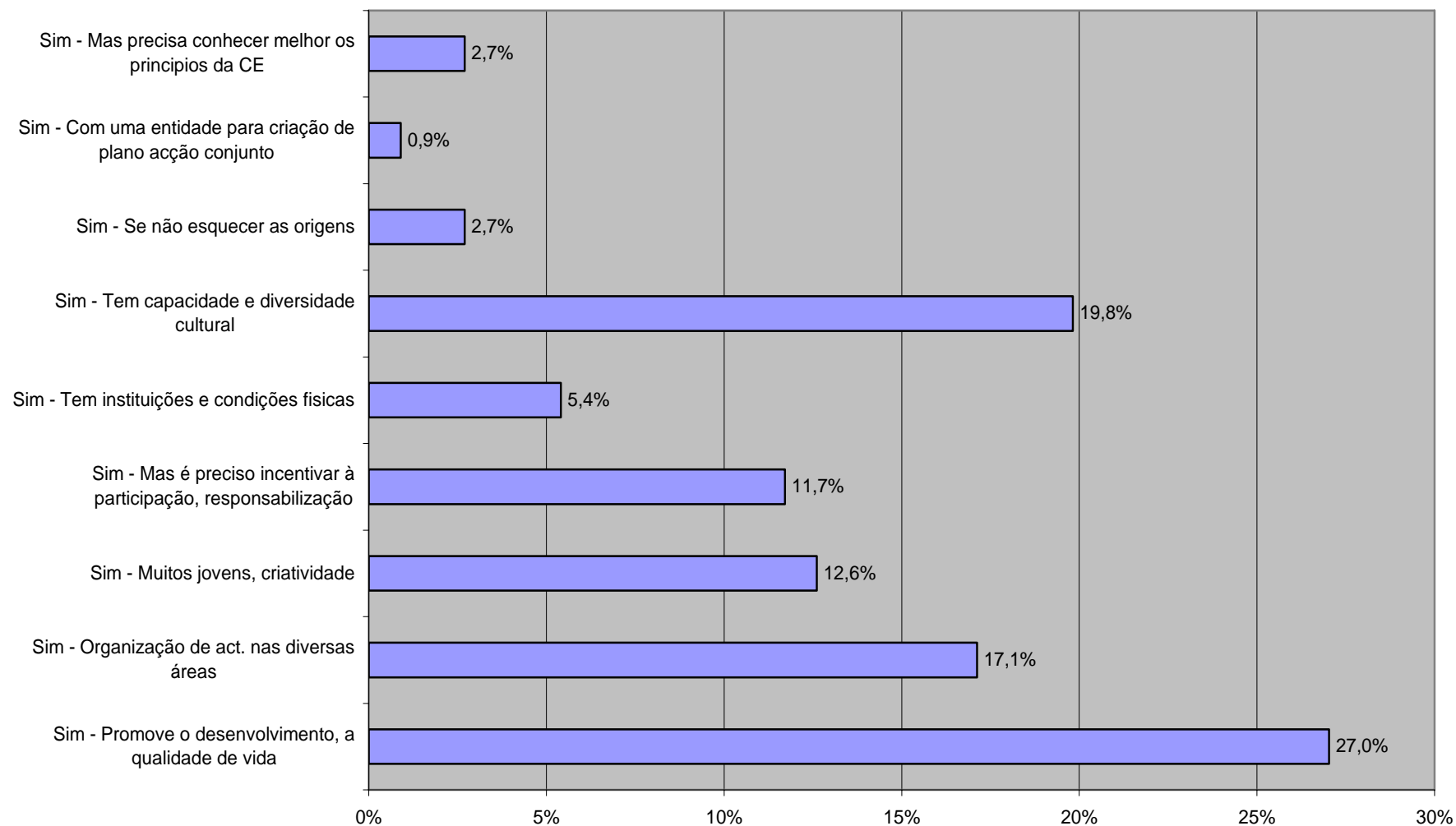
6.2.6. Gráfico 2.3. Conhecimento do Movimento CE: o que consideram ser o Movimento CE



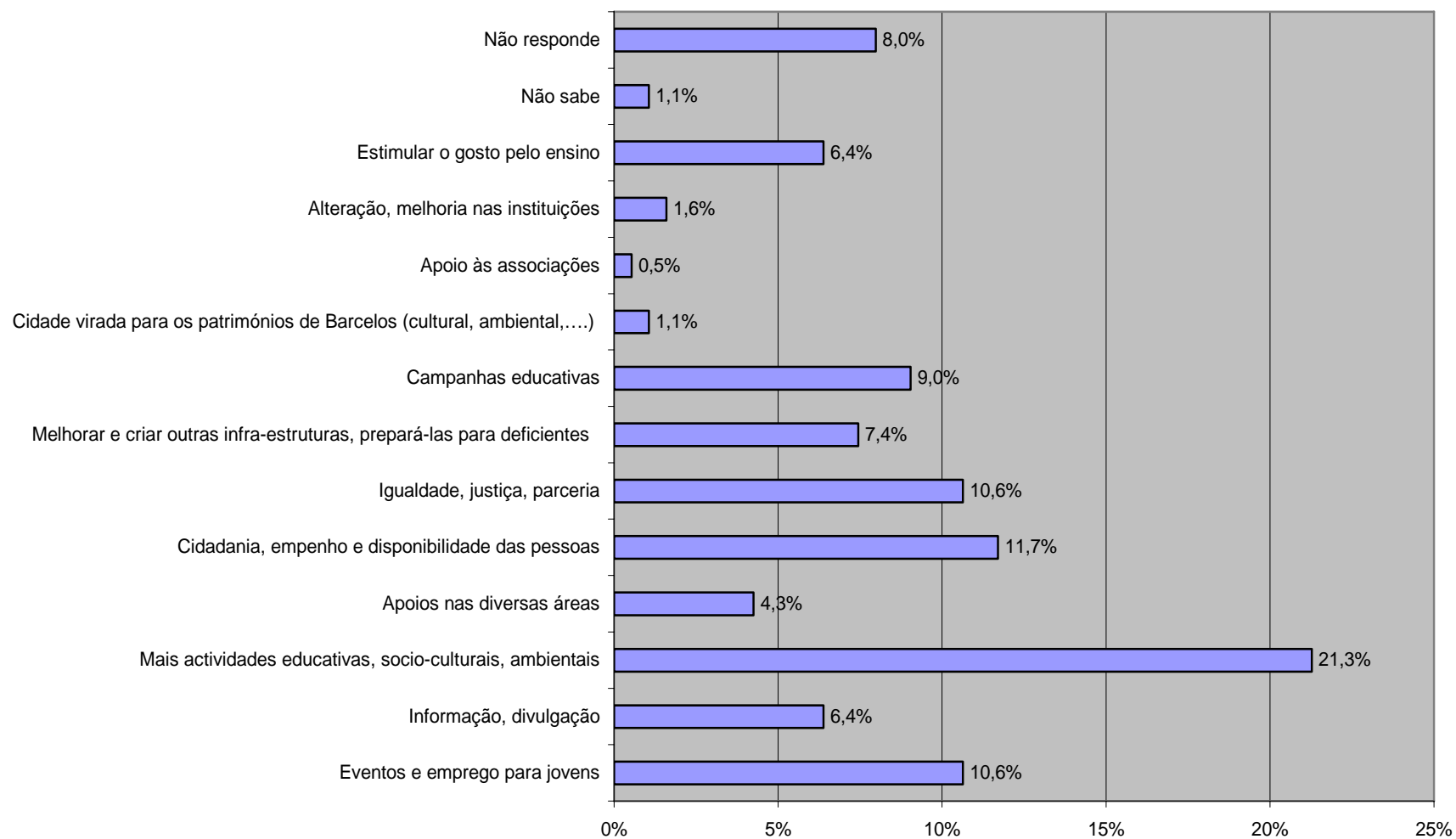
**6.2.7. Gráfico 3.1.a) Considerações sobre a viabilidade da integração de Barcelos no Movimento CE:
motivos apresentados pelos inquiridos**



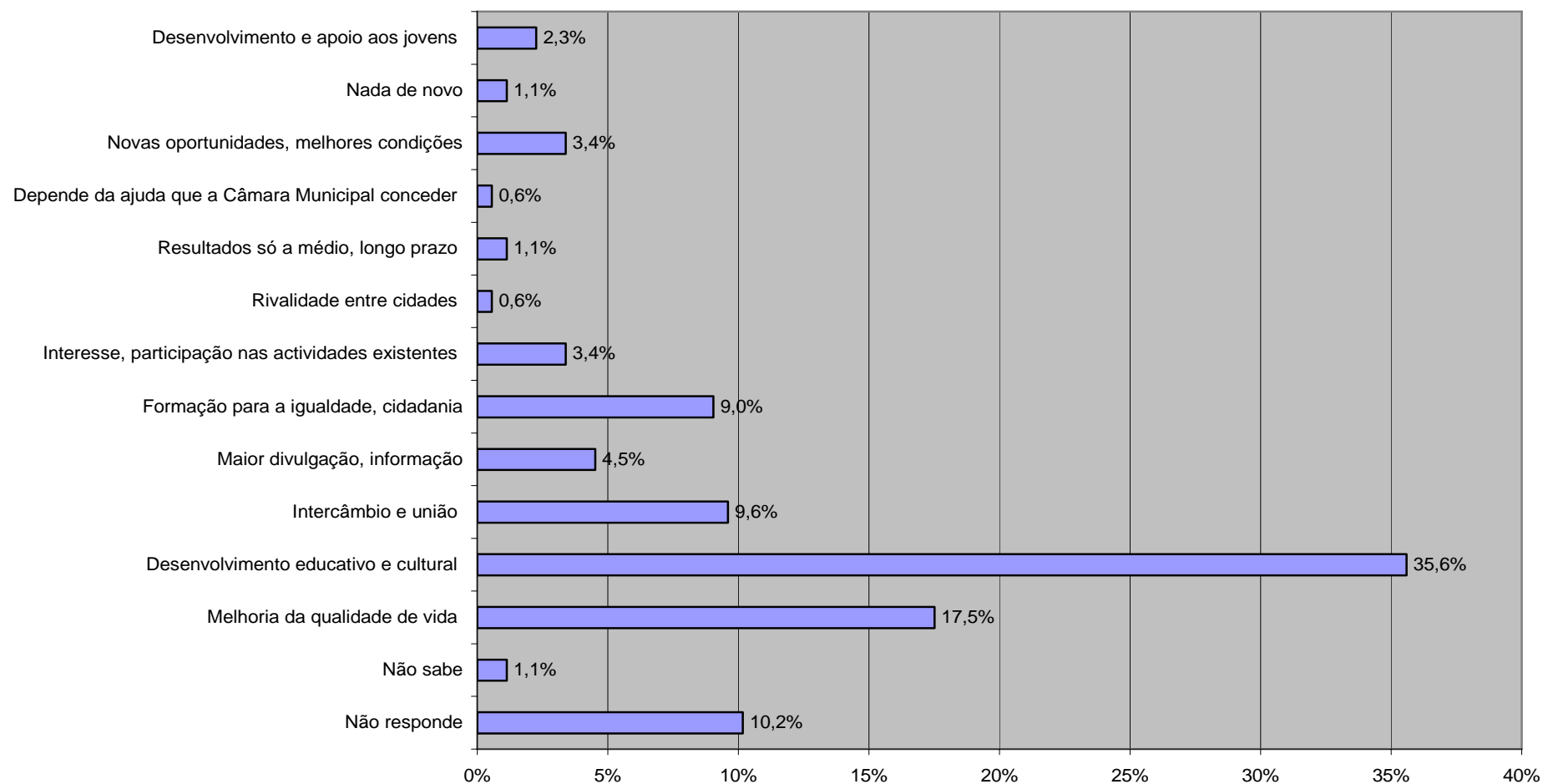
**6.2.8. Gráfico 3.1.b) Considerações sobre a viabilidade da integração de Barcelos no Movimento CE:
motivos apresentados pelos inquiridos que consideram viável a integração de Barcelos**



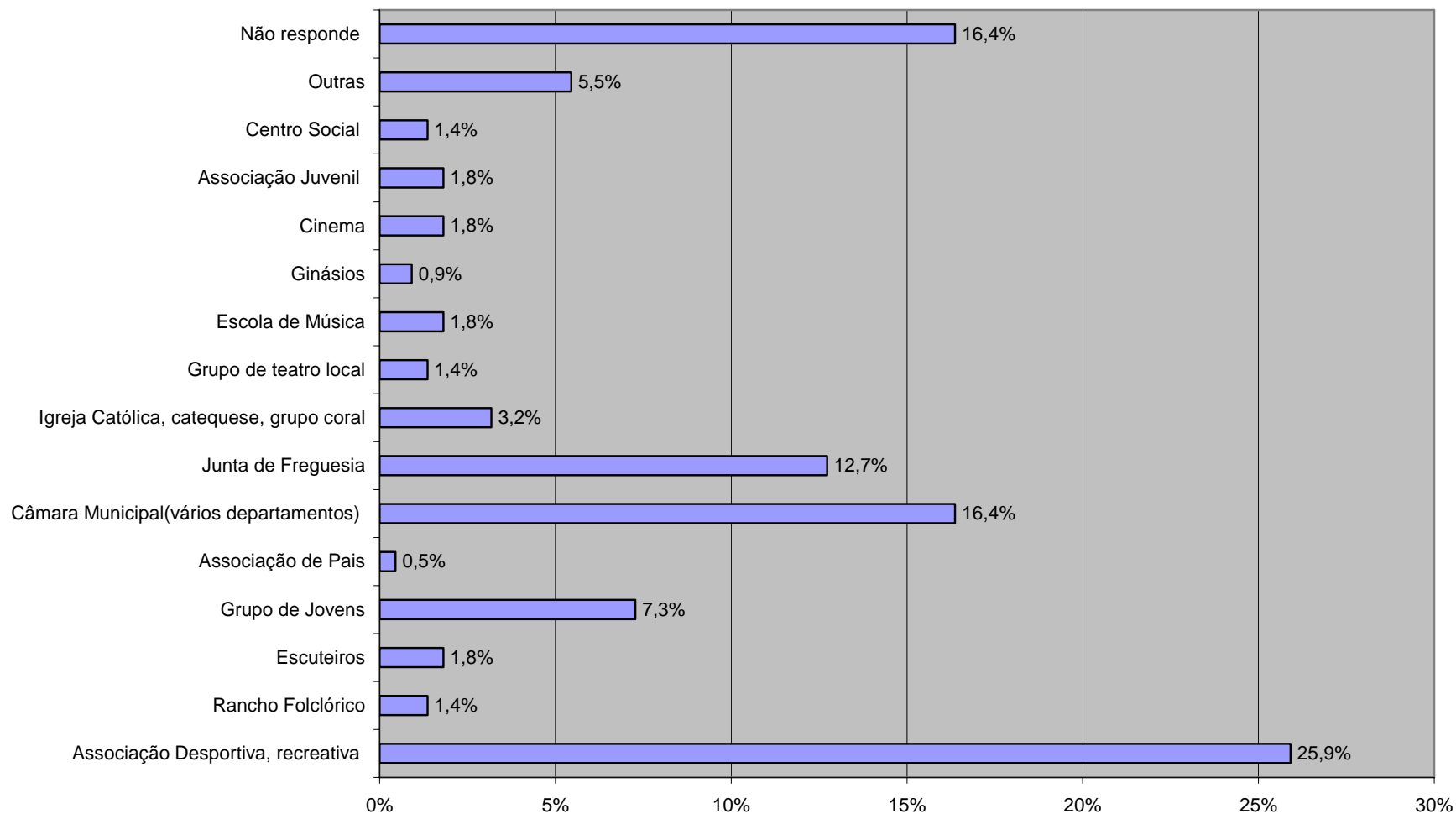
6.2.9. Gráfico 3.2. Considerações sobre a viabilidade da integração de Barcelos no Movimento CE: princípios considerados fundamentais para que Barcelos alcance o título CE



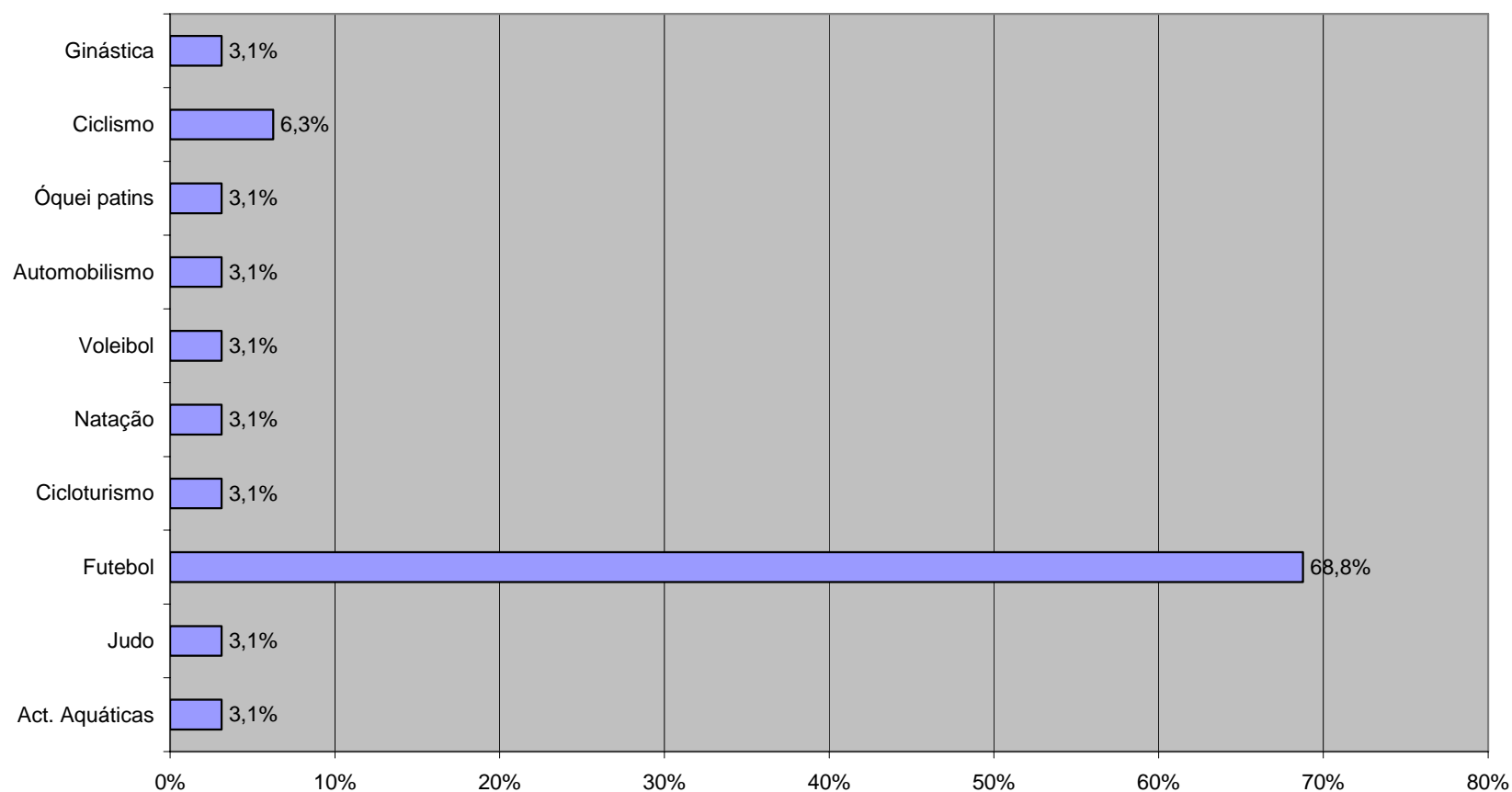
6.2.10. Gráfico 3.3. Considerações sobre a viabilidade da integração de Barcelos no Movimento CE: possíveis resultados com a integração de Barcelos no Movimento CE



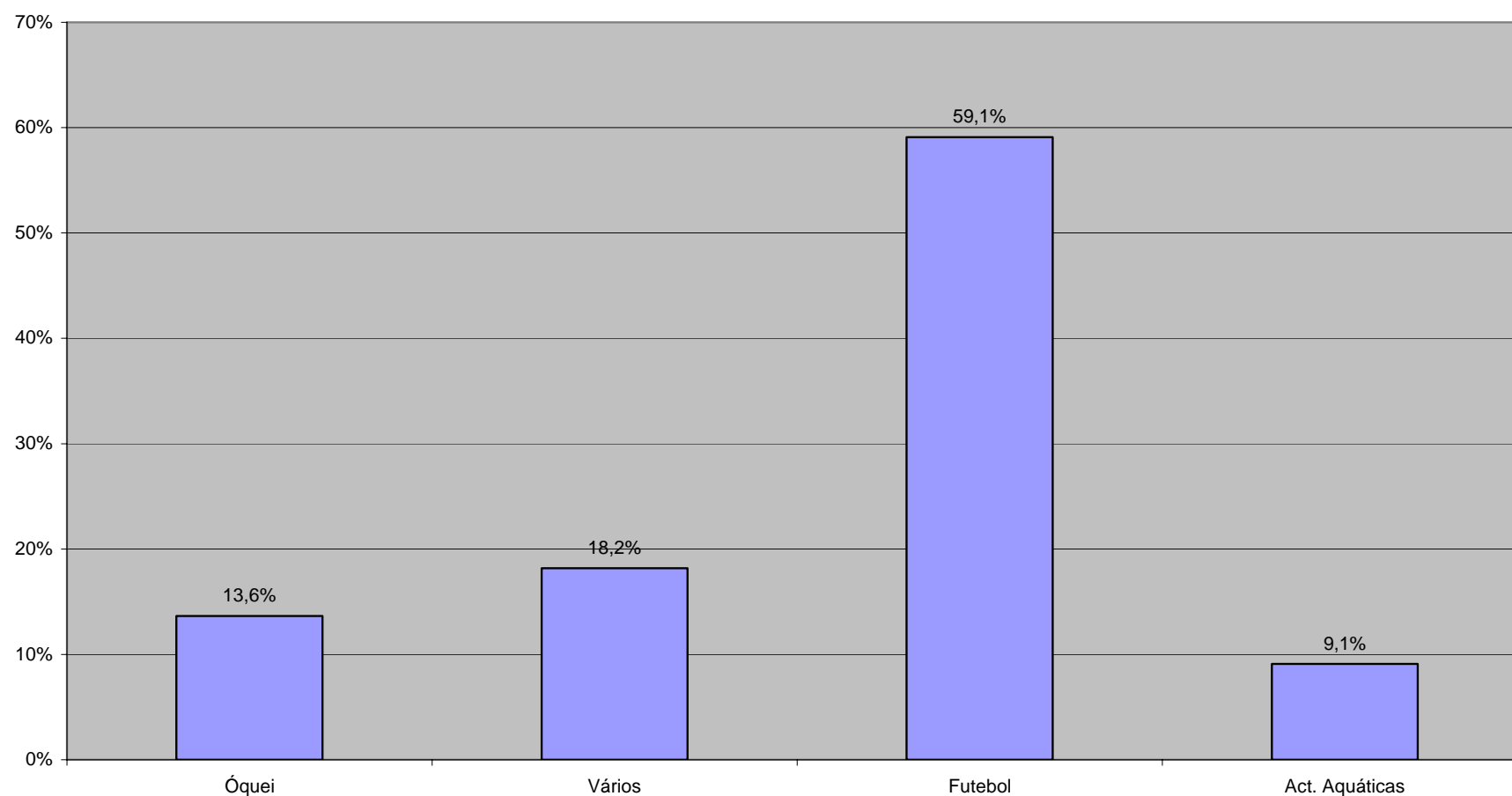
6.2.11. Gráfico 4.1.a) Actividades educativas e socioculturais identificadas na freguesia: instituições responsáveis pelas actividades identificadas



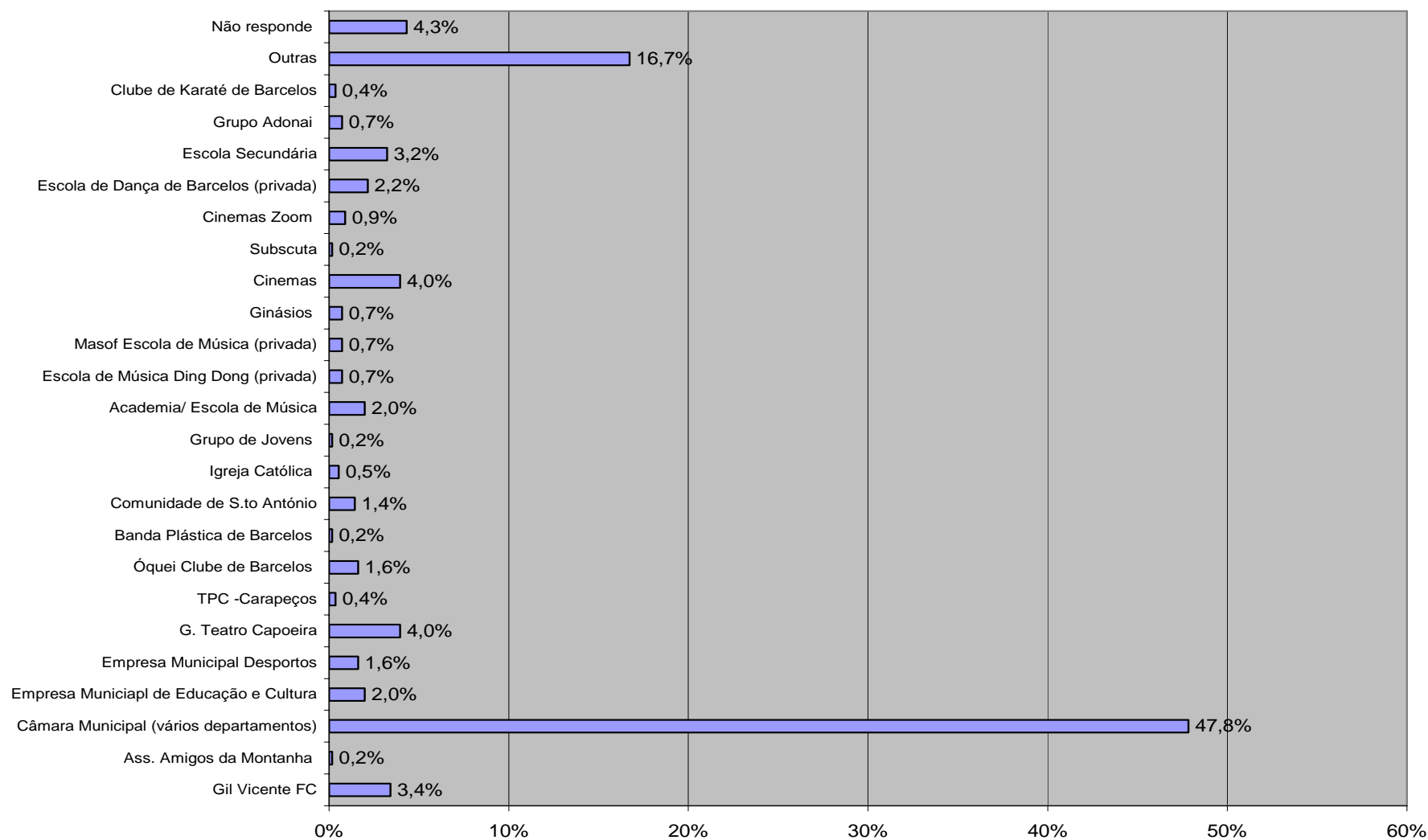
6.2.12. Gráfico 4.1.b) Actividades educativas e socioculturais identificadas na freguesia: actividades desportivas identificadas na freguesia



6.2.13. Gráfico 4.2.b) Actividades educativas e socioculturais identificadas no concelho: actividades desportivas identificadas no concelho



6.2.14. Gráfico 4.2.a) Actividades educativas e socioculturais identificadas no concelho: instituições responsáveis pelas actividades identificadas



6.2.15. Gráfico 4.3. Outras propostas de actividade para o desenvolvimento e melhoria da qualidade de vida da comunidade

